

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

JANE BEZERRA DE SOUSA

**SER E FAZER-SE PROFESSORA NO PIAUÍ NO SÉCULO XX:
A HISTÓRIA DE VIDA DE NEVINHA SANTOS**

UBERLÂNDIA
2009

JANE BEZERRA DE SOUSA

**SER E FAZER-SE PROFESSORA NO PIAUÍ NO SÉCULO XX:
A HISTÓRIA DE VIDA DE NEVINHA SANTOS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Área de Concentração: Educação Escolar
Orientador: Professor Dr. Geraldo Inácio Filho

UBERLÂNDIA
2009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

725s Sousa , Jane Bezerra de, 1973-
 Ser e fazer-se professora no Piauí no século XX : a história
de vida de Nevinha Santos / Jane Bezerra de Sousa. - 2009.
 236 f. : il.

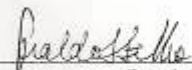
 Orientador: Geraldo Inácio Filho.
 Tese (doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia, Progra-
ma de Pós-Graduação em Educação.
 Inclui bibliografia.

 1. Santos, Maria das Neves Cardoso - Teses. 2. Professores -
Teses. 3. Educação – Piauí – Séc. XX -Teses. I. Inácio Filho, Geraldo. II.
Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em
Educação. III. Título.

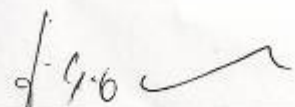
CDU:

371.12

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Geraldo Inácio Filho
Universidade Federal de Uberlândia - UFU




Prof. Dr. Ivan Aparecido Manoel
Universidade Estadual Paulista - UNESP



Profa. Dra. Sônia Maria da Silva Araújo
Universidade Federal do Pará - UFPA



Profa. Dra. Selva Guimarães Fonseca
Universidade Federal de Uberlândia - UFU



Prof. Dr. José Carlos Souza Araújo
Universidade Federal de Uberlândia - UFU

A Deus e aos bons espíritos, por iluminarem meus caminhos e me darem forças para seguir sempre em frente.

Aos meus pais, João e Francisca, pela educação, base da minha vida.

Às minhas filhas, Indira e Olga, pelo apoio muitas vezes silencioso e, mesmo assim, tão forte.

AGRADECIMENTOS

À Professora Nevinha Santos, pela escrita de suas memórias.

Ao professor orientador, Dr. Geraldo Inácio Filho, pela orientação, incentivo, compreensão e amizade.

À professora Dra. Selva Guimarães Fonseca, pelo entusiasmo e admiração relativos ao objeto de estudo desta tese.

Ao James e Gianni, que me atenderam com presteza, sempre resolvendo com ânimo e compreensão as minhas pendências discentes.

Ao Professor Dr. Antonio de Pádua Carvalho Lopes, pelo incentivo, sugestões e acompanhamento constante da minha vida profissional.

A Mauro Sérgio Guimarães Rezende, pela dedicação, amor e carinho, e a sua família, pela calorosa recepção em Uberlândia, MG.

À Universidade Federal do Piauí, pelo meu afastamento para os estudos de doutoramento.

A Conceição Hipólito, Eunice Teixeira, Luzinete Medeiros, Antonilda do Vale, Dionísia Bezerra, Felizarda e Adelian Gomes, que sempre foram amigas/mães para mim.

Ao Dr. Luís Ayrton Santos Júnior, pela inspiração inicial do trabalho e por acreditar incansavelmente na construção deste.

Às amigas Adelina Leal Ramos Batista e Norma Patrycia Lopes Soares, que acreditam no melhor de mim.

Aos amigos da turma de doutorado, em nome de Beatriz Stutz e Wander Pereira, pelo convívio prazeroso.

“Talvez não tenha vivido em mim mesmo, talvez tenha vivido a vida dos outros. Do que deixei escrito nestas páginas se desprenderão sempre - como nos arvoredos de outono e como no tempo das vinhas – as folhas amarelas que vão morrer e as uvas que reviverão no vinho sagrado. Minha vida é uma vida feita de todas as vidas: as vidas do poeta.”

(PABLO NERUDA, 1977)

RESUMO

Esta tese é um estudo em História da Educação cujo objetivo é investigar o ser e o fazer-se professora no Piauí no século XX, por meio da história de vida da professora normalista Nevinha Santos, que escreveu suas memórias em caderno de anotações e as publicou em forma de artigos no Jornal Meio Norte, de Teresina-PI. São quinze textos que abordam temas ligados à educação, à política e à escrita de si mesmo. Outras fontes foram utilizadas e cruzadas com as memórias de Nevinha, como entrevistas de ex-alunos, familiares e contemporâneos, bem como mensagens governamentais e discursos da imprensa, com o intuito de conhecer as possibilidades históricas, sociais e culturais que permitiram compreender o sentido da função de ser professor no Piauí do século XX. Mediante a história de vida da professora Nevinha Santos, foi definido o recorte cronológico e a estrutura da tese, que se constitui em três fases, partindo das seguintes questões: Por que valorizava ser professora primária? Por que, ao final de sua vida, se surpreendia com a maneira de o Estado em tratar os professores? Por que se indignava ao ler notícias de jornais sobre professores com salários atrasados e na luta por melhorá-los? Diante dos questionamentos foram definidos os seguintes momentos: o primeiro, de 1922 a 1928, é o período em que a professora estudou e se formou na Escola Normal de Teresina; o segundo, de 1929 a 1957, diz respeito a sua experiência no magistério como professora e diretora do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, bem como a sua atuação como primeira-dama da cidade de Picos, PI durante o Estado Novo; o terceiro, de 1957 a 1999, é a época final de sua carreira e de dedicação à escrita das memórias. A análise desses períodos possibilitou a compreensão de que, no primeiro momento, ser professor tinha significado associado a missão, vocação, sacerdócio, tendo-se a normalista como símbolo de um profissional competente cuja tarefa primordial era salvar os indivíduos do analfabetismo. No segundo momento, o professor é concebido como representante da disciplina, civismo e amor à pátria, tornando-se disseminador das ideias do Estado novo, período de um governo que se apegava às ideias de abnegação e amor à profissão para manter professores em salas de aulas com condições péssimas de trabalho. Na terceira fase, a proletarização da profissão impulsionou a formação dos sindicatos e a luta pela profissionalização, que garantiria um estatuto respeitoso, melhores rendimentos e autonomia profissional. A análise da pesquisa tem principalmente como referencial teórico-metodológico a Nova História, por esta possibilitar o conhecimento do cotidiano, concentrando atenção nas percepções de história de vida, história oral e memória, tendo como teóricos Halbwachs, Le Goff, Certeau, Perrot, Mignot, Goodson, Nóvoa, Ricoeur, Ansart, Josso, Meihy, dentre outros, possibilitando múltiplos diálogos. Para concepção de experiência abordada no trabalho, também contribuiu teoricamente Kant e Thompson. A tese tem sua relevância para a profissão docente por oportunizar e compartilhar as experiências de uma professora e dessa forma promover reflexões que elevem o grau de importância, competência e respeito ao magistério.

Palavras-chave: História. Memória. Profissão docente.

ABSTRACT

This thesis is a study in History of Education, whose goal is to investigate how to be a teacher in Piauí in the twentieth century, by means the life history of the teacher Nevinha Santos, who wrote her memories in notebooks and published in the form of articles in Meio Norte newspaper, Teresina-PI. Fifteen texts that address issues related to education, politics and writings of her. Other sources were used and combined with the memories of Nevinha, such as interviews former students, family and contemporaries, as well as government messages and speeches of the press, in order to know the possibilities of historical, social and cultural factors that led to understand the meaning of function of being a twentieth century teacher in Piauí. From the life history of the teacher Nevinha Santos was defined the clipping and the chronological structure of the thesis, which consists of three phases, starting with the following questions: Why did she like to be a primary school teacher? Why, in the end of her life, she was surprised by the way the State in dealing with teachers? Why was she so indignant when reading news stories about teachers with wage arrears and the struggle to improve them? Given the questions we defined the following stages: the first from 1922 to 1928, is the period in which the teacher has studied and graduated from the Normal School of Teresina, the second from 1929 to 1957, relates her experience in teaching as professor and director of the School Coelho Rodrigues, and their role as first lady of the city of Picos, PI during the New State and the third from 1957 to 1999, is the final season of her career and dedication to the writing of memories. The analysis of these periods allowed us to understand that, at first, being a teacher had meaning associated with the mission, vocation, priesthood, and she was as a symbol of a competent professional whose primary task was to save the people of illiteracy. In the second, the teacher is seen as representative of the discipline, good citizenship and love the country, becoming a disseminator of ideas of the new period of a government that clings to ideas of sacrifice and love for the profession to keep teachers in classrooms with poor working conditions. In the third phase, the proletarianization of the profession promoted the formation of trade unions and the struggle for professionalism, which would ensure a respectful status, better income and professional autonomy. The analysis of the research is mainly as a theoretical and methodological New History, by enabling this daily knowledge, focusing attention on the perceptions of life history, oral history and memory, with the theoretical Halbwachs, Le Goff, Certeau, Perrot, Mignot, Goodson, Nóvoa, Ricoeur, Ansart, Josso, Meihy, among others, allowing multiple dialogues. To experiment design discussed in the work, also contributed theoretically Kant and Thompson. The thesis has relevance to the teaching profession by creating opportunity and sharing the experiences of a teacher and thus promotes ideas that will increase the degree of importance, competence and respect for teachers.

key words: History. Memory. Teaching profession

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa do Piauí	61
Figura 2 - Baixinha em Porto (PI) e o irmão (Alcides) da professora Maria das Neves Cardoso Santos	66
Figura 3 - Igrejinha de São Francisco, construída no local onde era a Igreja de Nossa Senhora da Conceição.....	67
Figura 4 - Maroquinha e Nevinha	70
Figura 5 - Certificado do exame da Escola Modelo	73
Figura 6 - Escola Normal do Piauí	74
Figura 7 - Exames 2º Ano da Escola Normal	77
Figura 8 - Manuel Sotero Vaz da Silveira Professor da Escola Normal	78
Figura 9 - Hygino Cunha - Professor da Escola Normal	79
Figura 10 - Coronel Francisco Santos	99
Figura 11 - Grupo Escolar Coelho Rodrigues na década de 60	100
Figura 12 - Nevinha Santos, Ricardina Neiva e Alda Neiva.....	102
Figura 13 - Alunos do Grupo Escolar Coelho Rodrigues.....	107
Figura 14 - Termo de Compromisso como diretora	112
Figura 15 - Newton, Ayrton Santos e Wanda Santos (filhos de D. Nevinha Santos)	113
Figura 16 - Adalberto de Moura Santos	115
Figura 17 - Anúncio da empresa Condor.	116
Figura 18 - Praça Félix Pacheco	117
Figura 19 - Excursão interventorial	118
Figura 20 - Casa de Nevinha Santos em Picos – PI (1938).....	120
Figura 21 - Ewerton Santos, filho da Professora Nevinha Santos.....	145
Figura 22 - Ilustração do texto da professora Nevinha (Por: Moisés dos Martírios)	146
Figura 23 - Ilustração do texto da professora Nevinha II. (Por: Moisés dos Martírios).....	146
Figura 24 - Yamara Santos (neta), Maria Carvalho Santos (nora) e Nevinha Santos	156
Figura 25 - Professora Nevinha Santos aos 89 anos.....	166

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABC - Região tradicionalmente industrial do estado de São Paulo.

APEMOP – Associação dos Professores do Ensino Médio Oficial do Piauí

APEP - Associação dos Professores do Estado do Piauí

BIRD – Banco Internacional para Reconstrução e o Desenvolvimento

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

IAPEP – Instituto de Assistência e Previdência do Estado do Piauí

IDORT – Instituto de Organização Racional do Trabalho

INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

LOGOS II – Projeto implantado pelo MEC, para qualificação de professores.

MEC – Ministério da Educação e Cultura

PABAEE – Programa de Assistência Brasileiro-Americano ao Ensino Elementar

PSD – Partido Social Democrata

SOE – Serviço de Orientação Educacional

SEE – Secretaria da Educação Estadual

SINTE – Sindicato dos Trabalhadores em Educação básica

UDN - União Democrática Nacional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	23
CAPÍTULO I	
CAMINHO ESCOLHIDO: OS APORTES TEÓRICOS	35
História de vida.....	39
Concepção de História oral.....	45
Concepção de memória	46
Memória coletiva.....	50
Revedo o conceito de Experiência em Kant e Thompson.....	53
CAPÍTULO II	
SER E FAZER-SE PROFESSORA NO PIAUÍ NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX.....	59
Panorama histórico educacional do Piauí (1757-1910).....	60
Infância da Professora Nevinha Santos	65
Escola Normal em Teresina.....	71
Ser e fazer-se professora primária no Piauí de 1921 a 1928	85
CAPÍTULO III	
NEVINHA SANTOS E SUAS EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORA.....	97
A chegada das normalistas na cidade de Picos, PI	97
Espaço de experiências: Grupo Escolar Coelho Rodrigues.....	103
Sujeitos da experiência: os Alunos.....	106
Nevinha: professora, diretora e primeira-dama.	112
Tempos de ser professora (1929-1951): saberes, ideias, discursos, evidências.	121
CAPÍTULO IV	
MEMÓRIAS DA EXPERIÊNCIA: A ESCRITA DE SI E DOS OUTROS	131
Panorama histórico Educacional do Piauí de 1957 a 1999.....	131
Por que escreveu suas memórias?	144
Escrita de si, escrita dos outros.....	152
Nevinha na voz dos outros	159
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	167
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	175
ANEXOS	
ANEXO A – Fotografias	189
ANEXO B – Textos publicados no Jornal Meio Norte.....	193
ANEXO C – Guia de sepultamento.....	208
ANEXO D – Entrevistas	209

INTRODUÇÃO

Para iniciar a apresentação desta tese, optei de início relatar o meu encontro com as memórias da professora normalista Maria das Neves Cardoso Santos.

Em 2003, com a identificação de um nódulo na mama, consultei o mastologista Dr. Luís Ayrton Santos Júnior, que durante várias conversas no decorrer do tratamento, informou ser neto de uma das primeiras professoras públicas da cidade de Picos. Ao saber que eu era professora e pesquisadora, relatou-me a presença de vários artigos de jornais escritos pela professora Maria das Neves Cardoso Santos. A partir daquele momento, li todos os textos, e a leitura proporcionava-me uma viagem no tempo. A emoção tomou-me conta, por perceber, na sua escrita, os detalhes do cotidiano, do pitoresco, das suas paixões de uma época e de um povo passado.

Como nos lembra Michele Perrot, um misto de temor e curiosidade invadiu-me, porque, naqueles escritos, se ocultavam práticas de memórias, em especial, práticas de memórias femininas, retalhos de vida, tesouros escondidos, mistérios de um tempo, fragmentos de vidas e que foram poupados da destruição. E que, a partir dali, era possível ver o tempo num fluir contínuo.

Os textos ecoavam para mim como se eu escutasse uma voz da escritora, da profissional desbravadora, da mulher que narrou os momentos mais significativos de sua vida, da mãe que guardou as lembranças da infância de seus filhos e que, na sua velhice, numa tarefa incansável, reuniu os pedaços de sua vida.

Comparando ao que mostrou Neves (2002), na apresentação do livro *Baú de Memórias, bastidores de histórias: o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto, Nevinha Santos* pode ser chamada de “mulher-memória” por assumir um papel de guardiã das lembranças, assim como as sacerdotisas de um tempo remoto que desafiavam Chronus e rompiam o silêncio. Ao escrever suas memórias individuais, relacionou-as com as da família e com as outras pessoas da sociedade, estabelecendo elos entre os acontecimentos da esfera privada e do universo público. O que relembrou guardou o seu cotidiano de professora, diretora de grupo, de mulher, mãe e esposa e, assim, realizou a alquimia e soldou, numa identidade comum, as diferenças do grupo humano de que participou, legando um tesouro incalculável aos que sabem olhar e ler cuidadosamente.

A cidade de Picos (PI) não conhece Nevinha Santos, ela ficou como um fio de lembrança de alguns poucos dos seus contemporâneos, e toda uma história da época em que viveu foi esquecida ou adormecida. Na sua história pessoal, estava entrelaçada a história do Coronel Francisco Santos, da Escola Normal Oficial de Teresina, do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, das professoras normalistas em Picos, dos governos Adalberto de Moura Santos em Picos, Leônidas Melo em Teresina e Getúlio Vargas no Brasil, e a sua própria história como escritora memorialista.

Percebi, por meio das leituras, todos esses momentos sem registros, um vácuo no tempo e na lembrança de um povo. Assim, a responsabilidade como historiadora e pesquisadora fez com que despertasse em mim a vontade de reconstituir um momento da história da educação e da sociedade do Piauí, e o início desse caminho dar-se-ia por intermédio das memórias de uma professora normalista. Sabia que era correr riscos propor uma tese acadêmica com base no objeto de estudo que eu havia definido, mas, ao ler e reler os escritos da professora, a motivação tomava conta de mim e percebia que estavam repletos de conteúdo, ou seja, de história. Inspirei-me também em Ginszburg, que se refere a construir um livro a partir de uma nota de diário.

Várias perguntas me consumiram no início do trabalho: Por que um sujeito decide escrever sobre si? Que motivos levaram a professora Nevinha Santos a redigir suas memórias? A professora Nevinha Santos desejava, por meio de sua escrita, sua imortalização? Como fazer uma tese de doutoramento sobre uma professora normalista do sertão nordestino? As fontes seriam suficientes para a tecitura da tese? Como trabalhar a subjetividade presente nas memórias e na história oral?

Era um risco a busca de todas essas respostas. Porque, em estilo Solilóquios de Santo Agostinho, me questionava e obtinha minhas próprias respostas. E assim as questões sucederam. Será que terei competência para visitar toda uma vida, toda uma época e lugares? Mas a minha ousadia e desejo eram maiores que as inseguranças. Visitei familiares, amigos, contemporâneos, ex-alunos, procurei não me envolver com encantamentos e nem com a exaltação à trajetória individual e coletiva que estava em minhas mãos, ou também com o mistério que envolve toda pessoa humana. Procurar interrogar com sensibilidade e, ao mesmo tempo, com inteligência não era uma tarefa simples. Interrogar os documentos, tarefa primordial do historiador, buscar e construir uma bibliografia diversificada e elaborar um mapa para a viagem intelectual que me esperava. Era preciso ter coragem para enfrentar as

magias e os perigos em trabalhar com memórias. Era como se um artesanato e o bordado estivessem por minha conta.

Nevinha Santos, cuja trajetória constitui o sujeito desta tese escreveu não em livros, mas, num caderno de anotações, as memórias de si e da sociedade, e, a partir delas foi possível desvelar a sua história de vida. Suas lembranças tornaram-se privadas. Ficou esquecida, não porque não tenha ocupado uma cena pública, já que fora normalista de um Grupo Escolar, primeira-dama de um município e diretora de Grupo Escolar por sete anos. Outra pergunta que veio durante o trabalho foi: Como foi tecido esse esquecimento? Esta pergunta, considerando que Nevinha nasceu em 1910 e faleceu em 1999, exigiu uma retrospectiva no tempo além dos seus deslocamentos geográficos (Porto, Teresina e Picos). Mas a memória se constitui nos jogos entre lembranças e esquecimentos.

Outra questão que veio: Não seria muito modesta uma tese de doutorado sobre a trajetória de uma professora? Ao longo do trabalho, fiquei convicta de que a experiência de um sujeito não escapa dos seus laços socioculturais. Ela não viveu sozinha e, ao reconstituir sua história, estava recompondo a de um grupo social e lugares que estariam juntos.

Não era ingênuo trabalhar com as memórias de uma professora normalista e alguns depoimentos orais de ex-alunos, familiares e contemporâneos? Apoiei-me na história cultural que valoriza as histórias ouvidas e com base nelas, elabora interpretações, explicações e teorias. Era preciso cruzar dados, construir enredos, descrever um tempo tão distante. O desafio estava posto era necessário juntar pedaços (memórias, depoimentos, fotos, cadernos, jornais antigos) e assim dar-lhes um sentido. E aqui me lembrei de Bourdieu (2001), com a ilusão biográfica que fala da questão utópica da completude. Era impossível reter a totalidade de uma vida com uma ordem cronológico-linear. Mas era possível narrar diversos momentos, abandonando a lógica começo, meio e fim. Assim, a dimensão da vida da professora Normalista se torna multifacetada. Aqueles que lerem esta tese podem estranhar os momentos de sua vida narrados e curiosidades pitorescas da sua vida, das pessoas e dos lugares em que viveu, no entanto a descrição era necessária para a compreensão de sua história de vida.

Essa questão veio à tona por considerá-la uma mulher aparentemente comum, uma professora como tantas. Mereceria uma tese? Esta pergunta foi respondida pelo interesse como pesquisadora e apaixonada por trajetórias docentes, além disso, convenci-me de que Nevinha não foi comum, guardou papéis, escreveu memórias da sua vida pessoal e profissional. Dessa forma, essa mulher mereceria uma pesquisa, pois, ao escrever suas

memórias, talvez mesmo sem saber, estava criando questões para a pesquisa e para a história da educação.

Como reconstituir a história de um sujeito “esquecido”? Percebi que não reconstituía Nevinha, porque há muitos detalhes de sua experiência cotidiana, de vários momentos de sua vida, sobre os quais nada sei, ou porque não é possível saber ou não me contaram. Portanto, a tese não constitui rigorosamente uma biografia, porquanto o foco não é a sua vida, pois se focaliza nas experiências de um sujeito e não pretende a reconstrução de sua vida, mas por meio desta compreender a profissão docente no Piauí no século XX.

Um livro me inspirou muitas respostas sobre questões levantadas, Mozart, a sociologia de um gênio, do autor Norbert Elias, que propõe uma análise da situação social em que Wolfgang Amadeus Mozart viveu e atuou, levando em consideração desde a organização da sociedade do século XVIII até os aspectos relativos à vida familiar e a formação do compositor. O livro foi todo amparado nas cartas de Mozart que a história preservou. A minha intenção na tese apresentada não é mostrar o sujeito Nevinha em conflito com a sua sociedade, como em Mozart, mas, na inspiração de Elias que, ao escrever sobre Mozart, expõe toda uma época e sociedade

No universo de tantos questionamentos e inspirações, relatei, de início, vários motivos que poderiam ter levado a educadora a registrar o seu legado. Era uma forma de depositar sonhos e frustrações na escrita? A consciência do fim? Passar a vida a limpo? Reconstruir um tempo desaparecido? Legar seus projetos aos outros? Testemunhar o seu tempo? Alívio da solidão? Ressentimento pelo fato do não reconhecimento do seu mérito pessoal?

Na intenção de compreender a história de vida de Nevinha e ordenar suas experiências, foi dada uma ênfase especial às questões da educação. E mais perguntas: Quais ingredientes do seu “fazer pedagógico”? Quais ideários educacionais contidos na sua prática? Dessa maneira, percebi que o sujeito Nevinha perpassava por todo um século, o século XX, e identifiquei, na sua escrita, várias formas do que era “ser professor” e, assim, o desejo da busca e da pesquisa me conduziram através da trajetória de vida de Nevinha, a investigar de que forma essa professora foi constituída, como também o seu jeito de ser professora, que não era só dela, mas de outras professoras, de toda uma geração e de toda uma época. E essa constituição advinha de outros elementos que não só a formação na escola normal, mas a família e a classe a que pertenciam; os discursos governamentais; a ideia que a sociedade tinha a respeito do magistério nos períodos históricos abordados na tese. São eles os períodos

históricos com base na história de vida da professora Nevinha Santos: 1-de 1922 a 1928(formação); 2- de 1929 a 1957 (experiência no magistério); 3- 1957 a 1999 (aposentadoria, escritora de memórias).

Esses momentos foram o resultado de questionamentos: Por que valorizava “ser professora primária”? Por que se orgulhava da sua experiência no magistério até 1957? Por que, ao final de sua vida se surpreendia com a maneira do estado lidar com os professores? Por que se indignava ao ler nas notícias de jornais, professores com salários atrasados e na luta por melhorá-los?

Esses questionamentos também levaram à estrutura deste trabalho, centralizando o olhar para a definição do estudo, que partiu da tese: Mediante a história de vida de uma professora primária, é possível perceber os modos de constituição do ser e fazer-se professor numa determinada época e lugar social, considerando as possibilidades históricas, sociais e culturais.

Ao definir a tese, veio o título: Ser e fazer-se professora no Piauí, no século XX: a história de vida de Nevinha Santos. E assim, este estudo se constitui por meio da trajetória da professora Nevinha Santos e seus vários olhares em cada época, que, assim, delineiam de que forma como era compreendido a função de ser professora no estado do Piauí durante o século XX.

Nevinha é uma mulher professora, e a história da mulher no Brasil ganhou musculatura a partir dos anos 1970, atrelada à explosão do feminismo, à história das mentalidades e à história social. Dessa forma, alguns grupos de pesquisa se encorajaram para fazer surgir as mulheres no seio da história. Na atualidade em nível nacional, vários trabalhos são realizados enfatizando a história da mulher, como também valorizando suas memórias: Almeida (1998), Mignot (2003), Perrot (1998), Morais (2003), Mota (2003), dentre outras.

Nos encontros de pesquisas, já são apresentados vários trabalhos que contemplam trajetórias e memórias de mulheres professoras, mas, em nosso estado, o Piauí, o estudo de memórias ou trajetórias de mulheres ainda é muito incipiente, destacando-se os trabalhos: “Mulheres Plurais”, Castelo Branco (2005); “Múltiplas e singulares”, Cardoso (2003); Macêdo (2005) com Memórias de professoras primárias no cotidiano das escolas públicas estaduais das zonas urbana e rural de Teresina (PI): 1960 – 1970. Portanto, necessitando de maiores estudos nesta área.

Dessa maneira, é possível enumerar vários itens na relevância desta tese: a recuperação da trajetória de uma vida, por meio desta iluminar as dimensões do social e

educacional confinado nos bastidores; o ser e fazer-se professora no Piauí no século XX, percebido mediante a história de vida de uma professora normalista; a revelação da prática da memória feminina e o seu espaço de visibilidade e legitimação da uma mulher na história, por meio da análise dessas memórias; o estudo da identidade profissional e da pessoa, considerando a condição social e cultural do seu tempo, o modelo de mulher adotado frente ao magistério, em sua vida, em suas escolhas, ações, mostrando sua trajetória individual no contexto em que viveu; a descrição e análise de suas memórias e sua trajetória de vida significam valorizar o sujeito, o cotidiano escolar, social, de uma vida e de uma sociedade; o entendimento das particularidades das histórias locais, intimistas, de grupos, dos pormenores em um dado momento.

A abordagem da história local é de suma importância para entender as particularidades regionais, como afirma Martins (2002), ao assegurar que a história local é uma história circunstancial, ou seja, uma história dos pormenores, de uma situação em um dado momento, não só de protagonistas como também de coadjuvantes, história intimista dos vizinhos e dos grupos locais. Considero esta tese como história local, por estar ligada a um estado, o Piauí. Portanto, um desafio à pesquisa, por se constituir uma proposta de estudar a trajetória de uma mulher professora no interior do Piauí, tendo como categoria de análise de maior importância suas próprias memórias.

Reconstruir a trajetória individual, analisar as memórias e a produção escrita de Nevinha Santos no recorte histórico de 1910 a 1999, é atravessar todo um século, portanto, de tamanha relevância social, uma vez que a maioria da comunidade desconhece essa história e a memória escrita dessa mulher professora, assim, o papel do historiador se cumpre na sua pesquisa histórica ao revelar o social no tempo presente.

A documentação para elaboração da tese baseou-se, principalmente, nos artigos escritos por Nevinha Santos, que redigiu suas memórias em rascunhos que foram publicados em jornal local. São 15 artigos, que constituem fonte para a revisão do passado. Como afirma Nunes (2003, p.13), “as memórias dizem quem somos. Integram nosso presente ao passado, tanto na perspectiva de que inventamos um passado adequado ao presente, quanto ao contrário”.

As memórias dessa professora, permeadas de paixões, emoções, fracassos, alegrias, perdas, certo saudosismo e valorização do passado, também estão repletas de dados sobre a educação e o contexto social em Picos, Porto e Teresina (PI), fornecendo reflexões, recuperando vestígios de alunos, da sociedade e de mulheres professoras, muitas vezes,

invisíveis para a historiografia, constituindo-os como sujeitos históricos do período descrito. As memórias da professora nos permitem compreender a sociedade, uma vez que a reciprocidade indivíduo e sociedade se faz presente nas memórias, pois os indivíduos se lembram como membros do grupo.

Outro tipo de fonte utilizado são as fotografias, a que recorri como auxílio, ora como ilustração e ora como instrumento de análise, ajudando a compreender o processo histórico que estava sendo registrado, mas sempre as contextualizando, porque as fotografias também transmitem mensagens. Como Burke (2004), a fotografia não é só uma evidência da história, mas também a história é valiosa, porque é a evidência da cultura material do passado. Procurei interrogá-las porque compreendo que elas também podem trazer distorções de um determinado fato ou realidade social, mas que, mesmo assim, não perdem o seu valor, pois são esses fenômenos que também carecem de reflexões do historiador, presentes nas mentalidades, ideologias e identidades, o testemunho das imagens é imprescindível ao historiador, embora, aqui, eu não faça uma interpretação profunda das imagens, ou seja, a iconografia. Mas, sim, como apoio e suplementação à documentação escrita.

Livros de inspeção escolar, livros da Prefeitura, biografias do museu Ozildo Albano, localizados em Picos (PI), havendo ali uma excelente conservação da história local. Decretos, leis, mensagens governamentais, jornais, como O Aviso, Diário Oficial e o Piauí, localizados no Arquivo Público Estadual/Casa Anísio Brito, foram investigações realizadas mesmo não se constituindo necessariamente de cunho educacional. Todavia concebemos a educação como prática social, e a imprensa se constitui como lugar na educação. O estudo, por intermédio de periódicos, permite analisar a história da educação local e regional, entendendo não só o contexto educacional, mas o processo social que o gerou. Dessa maneira, percebemos o estudo da história da educação ligada à imprensa, como analisam Carvalho, Araújo e Gonçalves Neto (2002, p.72) “[...] a imprensa ligada à educação constitui-se em um corpus documental de inúmeras dimensões, pois consolida-se como testemunho de métodos e concepções pedagógicas de um determinado período”. Os discursos da imprensa são muito importantes como mediadores culturais e ideológicos entre o público e o privado “[...] produz e divulga saberes que homogeneízam, modelam e disciplinam seu público-leitor” (BASTOS 2002, p.152). Desse modo procuro realizar uma desmontagem do texto dos jornais pesquisados para perceber, além das falas, as contradições e os significados produzidos pelos leitores.

Os depoimentos orais vêm de ex- alunos, ex- professores, membros da sociedade da época, em Porto, Picos e Teresina, familiares da Professora Nevinha Santos. Utilizei a história oral temática em virtude de esta articular os diálogos com outros documentos. Apresentei perguntas semidirigidas para dar ênfase às questões da pesquisa. Expliquei que serviria como fonte para a presente tese de doutoramento e todos concordaram com o uso que eu pretendia fazer com as informações. Nos amigos, ex-alunos e parentes da professora Nevinha Santos que foram entrevistados, percebi que o fator sentimental interferiu muito no relato, expressando opiniões carregadas de um gostar sincero e de um saudosismo intenso. Realizei 11 entrevistas entre amigos, parentes e ex-alunos. E utilizei três entrevistas da dissertação da professora Norma Patrycia Lopes Soares por revelarem imagens do “ser professor” durante o século XX. Após a coleta das entrevistas que fiz, realizei a transcrição e a textualização, para apreciação posterior e depois analisei-as com outras fontes e o referencial teórico, finalmente efetuei a escrita do texto. Sobre o conceito de história oral, faço uma abordagem mais detalhada no Capítulo I, considerando os aportes teóricos a que me apeguei nas análises.

Foram fontes complementares: livros de memórias locais, matrículas, rendimento escolar, localizados no Arquivo do Instituto Antonino Freire em Teresina (PI); revistas comemorativas da cidade de Picos (PI).

A originalidade da pesquisa relaciona-se ao preenchimento de muitas lacunas, pois, mediante uma história de vida de uma professora no Piauí, é possível compreender o ser e fazer-se professora nesse estado durante todo o século XX, bem como a documentação utilizada na pesquisa, que mantém o ineditismo em relação a estudos acadêmicos.

Dessa forma, estudaremos as categorias principais: memória, história de vida e profissão docente, sendo possível, por meio destas, elaborar as seguintes questões de pesquisa.

- a) Como se estruturou a formação acadêmica de Nevinha Santos?
- b) Que ideários educacionais povoam a formação intelectual de Nevinha Santos?
- c) Qual a trajetória intelectual e de vida da Professora Nevinha Santos?
- d) O que revelam suas memórias sobre o contexto educacional e social da época?
- e) Como se posicionou na condição de ser mulher em seus vários momentos de atuação como professora, primeira-dama, escritora, mãe, mulher e esposa?
- f) Como analisar a escrita de si a partir de seus textos autorreferenciais?

Este trabalho levará voz às memórias produzidas por Nevinha Santos, recuperando o cotidiano educacional e social da época, nos diversos lugares em que viveu, analisando suas

obras e enriquecendo a produção acadêmica do nosso estado no que se referencia a pesquisa voltada para história da educação.

Os objetivos da tese se pautaram no seguinte:

- Revisitar a história de vida da professora Nevinha Santos como pretexto para localizar o fazer-se e o ser professor no Piauí do século XX.

- Investigar os acontecimentos pessoais, as práticas pedagógicas, os ideários educacionais que constituíram a representação de ser professor no Piauí durante o século XX.

- Compreender o indivíduo na rede de relações diversificadas, conhecendo a sociedade e vendo nela a constituição do personagem individual.

- Analisar, nos seus textos, a escrita de si e a escrita dos outros, como também a professora na voz dos outros no sentido do conhecimento da imagem construída no imaginário da memória coletiva.

Diante dos objetivos traçados, escolhi então seguir a linha metodológica centrada na história de vida, como uma alternativa possível e adequada, não como um pedestal, mas articulando-a aos documentos escritos e orais. Dessa maneira serão utilizadas as fontes orais, como um dos caminhos para diversificar os materiais consultados (LEITE FILHO, 1997). As entrevistas e outros materiais serão fontes de informação submetidas a análises, já que, de acordo com Amado (1995, p.125), “pesquisas baseadas em fontes orais publicadas nos últimos anos têm demonstrado a importância das fontes orais para a reconstituição de acontecimentos do passado recente”.

Faz-se necessária, nesta pesquisa, a utilização das fontes orais, porque, em alguns momentos, o estudo das memórias de Nevinha Santos produzirá lacunas, e as entrevistas com seus parentes, ex-alunos, amigos, e outras professoras da época poderão fornecer mais pistas e rastrear mais pegadas. Entendemos que muitas dessas entrevistas, assim como afirma Amado (1995), transmitirão e reelaborarão vivências individuais ou coletivas, e, a partir daí, buscarei realizar, como afirma a autora acima, o trabalho de relacionar as memórias de Nevinha com o seu tempo, com tempos anteriores e com tempos futuros, tencionando associar memória e história.

Esta pesquisa tem como função não apenas relatar fatos, mas promover uma reflexão fundamentada na análise das memórias escritas de Nevinha Santos, que compõem sua história de vida, como também de toda uma sociedade compreendida entre 1910 a 1999. A escolha pelo recorte de tempo (1910 a 1999) justifica-se pelo estudo da trajetória individual da professora normalista Nevinha Santos, constituindo-se a época como chamo “do berço ao

túmulo”, entretanto o recorte cronológico poderá sofrer recuos e avanços no sentido de compreender melhor o objeto de estudo, além disso, mesmo sendo um estudo de história local (Porto, Picos, Teresina), serão realizadas sempre as interconexões necessárias com a história do Piauí e com a história do Brasil.

As análises serão realizadas adotando o referencial teórico-metodológico da nova história, por esta possibilitar o conhecimento do cotidiano, das memórias, dos protagonistas anônimos, o que corresponde ao nosso trabalho. Como declara Vainfas (1993, p. 274):

A história da vida cotidiana e privada é, finalmente, a história dos pequenos prazeres, dos detalhes quase invisíveis, dos dramas abafados, do banal, do insignificante, das coisas deixadas “de lado”. Mas, nesse inventário de aparentes miudezas, reside a complexidade através da qual a história se faz e se reconcilia consigo mesma.

No primeiro capítulo da tese, mostro os aportes teóricos que utilizei, pautados, principalmente nos conceitos e reflexões sobre a história nova, história de vida, história oral, memória e experiência. No decorrer de todo o texto, essas reflexões surgem por vezes como citação e outras na própria interpretação do leitor sobre o que foi escrito. Cada capítulo tem um enfoque maior ou menor sobre os termos abordados, dependendo do tema tratado.

No capítulo II, que se intitula de Ser e fazer-se professora no Piauí nas primeiras décadas do século XX, é delineado um panorama histórico educacional do Piauí desde a sua primeira escola até a fundação da escola normal, a infância da Professora Nevinha em Marruás, o seu processo de alfabetização e ingresso na escola normal. A partir daí, mostro a implementação dessa modalidade de escola no Piauí, suas práticas, professores e alunos, por fim, os discursos educacionais e mensagens governamentais que expressam o sentido de ser professor no Piauí no período apontado.

No Capítulo III, que chamo de Nevinha Santos e suas experiências de professora, abordo o processo de chegada das normalistas em Picos, a implantação e a consolidação do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, os alunos e o período em que Nevinha foi professora, diretora e primeira-dama da cidade de Picos. Fechando o capítulo, trago os tempos de ser professora em que analiso discursos ideias e evidências sobre a profissão docente no Piauí, de 1929 a 1951. Esse recorte em função do período de efetivo exercício de Nevinha Santos no magistério primário.

No IV Capítulo, Memórias da experiência, a escrita de si e dos outros, foi apresentado um panorama histórico educacional de 1957 a 1999 (período do final de carreira

docente da professora Nevinha), em que exponho os possíveis motivos que levaram a professora a escrever suas memórias. No tópico escrita de si e dos outros, avalio os seus textos escritos que foram publicados no Jornal Meio Norte. Fechando o capítulo, no que intitulo Nevinha na voz dos outros, apresento várias falas de seus contemporâneos sobre a história de vida da professora.

Por se tratar de uma tese com abordagem histórica, as citações são mantidas com as grafias de origem. Assim, embora a pesquisa se situe num passado recente, o leitor encontrará em vários textos palavras com acentos diferenciais, inclusive nos depoimentos, em especial nos dos entrevistados. Na medida do possível, manteve-se o que foi dito nas gravações. Entretanto, diante de uma eminente falta de compreensão lógica, determinadas falas podem ter recebido adendos, sempre apresentados com colchetes. Essa mesma forma de sinalização, preenchida por reticências, indica cortes em textos repetitivos.

A tese se inscreve na minha história pessoal e profissional, trazendo as marcas do que sou, fazendo-me refletir sobre a minha formação, meu desenvolvimento profissional, como também compreender os valores sociais atribuídos à profissão docente durante todo o século XX no Piauí, por meio da história de vida de uma professora, a sua prática pessoal e profissional, e o processo da construção da identidade docente e da formação do educador.

CAPÍTULO I

CAMINHO ESCOLHIDO: OS APORTES TEÓRICOS

“Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis”.
(ÍTALO CALVINO, 1990).

Neste capítulo, empreendo um diálogo com autores, procurando mostrar o aporte teórico que utilizei na tese. Considerando as teorias como instrumento de análise da história de vida da professora Nevinha Santos, seu fazer-se professora, suas experiências e das demais de sua época. Dessa maneira, mostro os autores, os principais conceitos, por que foram escolhidos e como os percebo. Inicialmente, faço uma revisita nos estudos históricos concentrando atenção na história nova, referencial teórico de análise escolhido, em seguida, examino as percepções sobre história de vida, história oral, memória e experiência.

Conhecer o passado é passear pelas riquezas construídas pelo homem em cada sociedade, cujas características se relacionam aos determinantes de cada época. Escrever a história é como visitar vitrines de um museu, parando aqui ou ali, experimentando um encontro, revivendo uma aventura. Desse modo, visitar a história requer ir além dos cultos e mitos, procurando respostas para os desafios da busca da identidade de cada um, pois o conhecimento histórico é construído por meio da sensibilidade e da capacidade criadora de quem escreve a história, aliadas ao senso crítico e ao espírito científico.

Cada época e povo têm determinadas perguntas a fazer, pois as sociedades têm necessidade de uma explicação sobre elas mesmas, tomando sempre como foco principal o homem, ser finito, temporal, histórico, que tem consciência de sua historicidade, pois vive em um determinado período de tempo sempre em relação com a natureza e com outros homens. Todavia nem sempre essas perguntas são respondidas, já que a construção do conhecimento dá-se a partir do entendimento do passado não como algo estanque, mas em permanente movimento entre o novo e o antigo, entre o que foi e o que está.

Todas as sociedades humanas, ao longo do tempo, produziram cultura, cabendo seu registro à história ou como permanências ou como modificações. Ao historiador compete,

pois, a tarefa de interpretar os fatos acontecidos, analisando o que foi deixado pelas sociedades, investigando e sistematizando a história, sem se isentar da localização, das mudanças e das transformações em cada sociedade em um dado momento. No entanto o conhecimento histórico não fica preso ao passado e às suas interpretações, que, geralmente, são o resultado de uma época, pois relato histórico algum é descomprometido das teorias escolhidas pelo historiador, o qual se situa em um tempo, possuindo sua concepção de mundo. O que é construído por esse estudioso, portanto, sempre será passível de reavaliações, por isso, é a história uma ciência em contínua construção.

Várias formas podem configurar a escrita da história, sendo que, por muito tempo, predominou a concepção positivista na tarefa historiográfica, com forte ênfase na sucessão dos fatos, na exaltação dos heróis, nos grandes feitos. Estudava-se o que era conveniente para se manter a ordem, crendo-se nos documentos oficiais como uma única forma da história ser construída de forma absoluta. E a eles creditando neutralidade e objetividade, ao mesmo tempo em que desqualificavam as outras fontes, como exemplo, os depoimentos orais.

O marxismo buscou rompimento com a visão providencialista e metafísica da história, colocando o cerne da história no homem e o cerne da ciência na história. A história para Marx e Engels se configura como a ciência dos homens, para eles, o histórico é sociológico e, reciprocamente, o lado humano do social. O modo de produção, como condicionador do desenvolvimento social, político e intelectual, e a luta de classes, como elemento fundamental da análise histórica, movimentam a história de cada sociedade humana através do tempo.

O marxismo combatia as bases ideológicas positivistas, mas se acomodava com seus métodos. Para Le Goff (2005), Marx é um dos mestres de uma história nova por ter se ancorado na longa duração (ao adotar escravidão, feudalismo e capitalismo como periodização) e pretensões globais. Mas a superação da crença na história linear a partir de um só modo de evolução é um desafio para a história oficial marxista.

No século XX, surgiram os *Annales*, baseados nas interpretações de Lucien Febvre e Marc Bloch, que propunham a passagem da história-narração para a história-problema. Interessavam-se pela atividade humana em sua totalidade. Para Le Goff (2005), o termo história nova teve como pioneiro Henri Berr, que o empregou em 1930. A história nova nasceu com os *Annales*, quando Febvre e Bloch publicaram a revista *Annales d'histoire économique et sociale*. Esta revista, para seus fundadores, tinha como objetivo combater a história política, que é uma história narrativa e também uma história de acontecimentos,

factual, de aparências, que mascara o verdadeiro jogo da história. O essencial, para os *Annales*, era quebrar a história pobre, solidificada com aparência de pseudo-história. Fizeram-se críticas à noção de fato histórico. Na primeira metade do século XX, esses historiadores se dedicaram à história das ideias, ampliaram estudos, e surgiram trabalhos com rigor técnico, como o de Ginzburg (1987), ao contar a história de um moleiro perseguido pela inquisição.

A história nova, conhecida também como história cultural, história das mentalidades, dentre outras, enfatiza o total relativismo da história em busca de uma história total. Nesse sentido, a compreensão do cotidiano e do processo que o gerou faz parte das mais novas teorias e discussões, abrindo espaços para vários aprofundamentos.

A história nova tem sofrido diversas críticas, uma pela própria denominação, como mostra Le Goff (2005, p. 8),

para muitos a simples expressão “nova história” seria desdenhosa, pois lançaria a “velha” história nas trevas exteriores. Se é preciso chamar de novo, o que é novo, o que posso fazer? De minha parte, não tenho o menor desprezo pelo que não o seria, mas que representaria por outros caminhos, de outras formas, uma boa contribuição para a história.

Dessa forma, não a considero como a mais correta, única e as outras correntes historiográficas como nulas e inválidas, mas como uma contribuição pelas tarefas que assume, assim como apresenta Le Goff (2005): a) uma nova concepção de documento acompanhada de uma nova crítica; b) um retratamento da noção de tempo, que é a matéria da história, demolindo a ideia de tempo único, homogêneo e linear, considerando os tempos sociais. O aperfeiçoamento de métodos de comparativismo, comparar apenas o que é comparável.

É consenso, atualmente, que a história da humanidade não se desenrola apenas nos campos de batalhas, nas revoluções, nos gabinetes presidenciais, mas também nos quintais, nas ruas, nos subúrbios, nas fábricas e nas escolas, sendo um movimento contínuo sempre a fluir no dia a dia do homem na família, na sexualidade, na alimentação, na educação, enfim, na sua vida cotidiana. Cabe à história informar todos esses movimentos da aventura pessoal da experiência humana em todas as sociedades e em todas as épocas, segundo expõe Certeau (2000, p. 32):

Por esta razão, entendo como história esta prática (uma disciplina) o seu resultado (o discurso) ou a relação de ambos sob a forma de uma produção. Certamente, em seu uso corrente, o termo história conota, sucessivamente, a ciência e o objeto – a explicação que se diz e a realidade que se passou ou se passa.

O que se passou e o que se passa remetem sempre à busca de uma reflexão sobre os valores, práticas políticas, religiosas e econômicas de cada povo e de cada indivíduo, no intuito de se obter uma compreensão da realidade atual, segundo esclarece Le Goff (2003, p. 51):

Sabemos agora que o passado depende parcialmente do presente. Toda história é bem contemporânea, na medida em que o passado é apreendido no presente e responde, portanto, a seus interesses, o que não só é inevitável como legítimo. Pois que a história é duração, o passado é, ao mesmo tempo, passado e presente.

Portanto, a história parte do princípio de que o presente não se explica por si, porque está ligado ao passado. Dessa forma, quem não conhece a história torna-se, muitas vezes escravo do presente, não sendo capaz de entender as teias e as tramas criadas nas sociedades anteriores à atual, sendo que, para a compreensão desse processo, não é adequado o modelo tradicional da historiografia, que reduz o domínio do campo histórico aos gabinetes e palácios, sem nenhuma interação com as estruturas da vida cotidiana. Tem-se, pois, a história cultural como caminho alternativo para a escrita da história, já que permite revelar as manifestações das sociedades e, em especial, das pessoas comuns. Como afirma Vainfas (1993, p. 149), "a nova história cultural revela uma especial afeição pelo informal e, sobretudo, pelo popular".

Concordamos que a nova história cultural possibilita uma síntese melhor da compreensão histórica, cabendo, aqui, o conceito de Chartier (1990, p. 16): "A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler".

Este estudo, portanto, adota como referencial teórico a nova história, ou história cultural, para analisar a história de vida de uma professora o seu fazer-se, suas experiências e suas memórias, numa determinada realidade social, como atesta Gomes (2004, p. 9)

[...] estudos de história da educação estão se beneficiando das transformações mais amplas da área de história e, mais precisamente, de uma história cultural [...] que se tem dedicado a recortar o tema das práticas da leitura e da escrita, bem como dar especial atenção a questão de gênero.

As memórias da professora Nevinha Santos refletem sua história de vida, formação e experiências profissionais, bem como toda sociedade de uma época. Dessa forma, a história

nova, especialmente a do cotidiano, mostra-se adequada como base teórica para uma investigação como a que nos propomos, pois, de acordo com Vainfas (1993, p. 274),

a história da vida cotidiana e privada é, finalmente, a história dos pequenos prazeres, dos detalhes quase invisíveis, dos dramas abafados, do banal, do insignificante, das coisas deixadas ‘de lado’. Mas, nesse inventário de aparentes miudezas, reside a complexidade através da qual a história se faz e se reconcilia consigo mesma.

É partindo desse encontro e da reconciliação da história consigo mesma, realçando, sobretudo, o enfoque do privado, do cotidiano, do cultural e do social, que procuramos revelar a história de vida dessa mulher professora normalista nas miudezas do cotidiano.

A história cultural é adequada, nesse estudo, como referencial para as análises, por abordar a história de vida de uma professora normalista no sertão do Brasil, no Piauí, um estado nordestino economicamente considerado como um dos mais pobres da federação.

História de vida

Como ponto de partida da tese, temos as memórias da professora Nevinha Santos, escritas em seu caderno de anotações, que as publicou em forma de artigos, no *Jornal Meio Norte* de Teresina (PI). Esses artigos abordavam vários assuntos, como educação, política, sociedade e família. Suas memórias, aliadas aos documentos, aos depoimentos de familiares, contemporâneos, ex-alunos, discursos governamentais e também das matérias de jornais ajudaram a compreender sua história de vida, enfocando o seu “fazer-se professora”, o “ser professora primária” e as condições histórico-sociais que permitiram constituí-la de tal modo.

Assim, concebemos história de vida como uma alternativa metodológica, por meio da coleta de experiências e vivências, extraída dos textos da professora Nevinha e depoimentos orais de contemporâneos. Para Souza (2006b), a história de vida, nas pesquisas na área de educação, tem sido utilizada em pesquisas na formação inicial ou continuada de professores ou naquelas centradas nas memórias e autobiografias de professores.

A história de vida, como metodologia de trabalho, data da primeira metade do século XX. Na América Latina, é um fenômeno do pós-guerra, surgido dos campos da Psicologia e da Antropologia, que tornavam o indivíduo como centro de interesse, pois, mediante relatos particulares, era possível o entendimento de outros fenômenos. Neste trabalho não a utilizamos dessa forma, focalizamos o sujeito e o dimensionamos ao contexto mais amplo. Mesmo definindo a história de vida como metodologia, somos conscientes de algumas restrições, por isso, faz-se necessário também o uso da história oral e a análise dos documentos escritos.

A utilização das fontes orais é importante nesta pesquisa, porque, em alguns momentos, tanto a história de vida quanto os discursos de impressos deixariam lacunas. Assim, as entrevistas com os parentes da professora Nevinha, ex-alunos, amigos, e outras professoras da época forneceram mais pistas e rastrearam mais pegadas. Entendo que muitas dessas entrevistas, como afirma Amado (1995), transmitirão e reelaborarão vivências individuais ou coletivas, sendo que, a partir daí, busquei realizar, como orienta a autora acima, o trabalho de relacionar os escritos da professora Nevinha com o seu tempo, com tempos anteriores e com tempos futuros.

Revisitar a história de vida da Professora Nevinha é dar voz ao professor e ao seu desenvolvimento profissional. Concordo com Goodson (1995), que o permitir ouvir a voz dos professores é conhecer suas experiências de vida e o seu ambiente sociocultural, que são ingredientes da pessoa que somos, do nosso sentido do eu. O estilo de vida, dentro e fora da escola, sua identidade e cultura tem impacto sobre a prática educativa.

Portanto, à medida que revisitamos a história de vida da professora Nevinha realizamos estudos referentes à vida de professores que podem ampliar os estudos da história da educação. Como vemos em Goodson (1995, p. 75),

Os estudos referentes às vidas dos professores podem ajudar-nos a ver o indivíduo em relação com a história do seu tempo, permitindo-nos encarar a intersecção da história de vida com a história da sociedade, esclarecendo, assim, as escolhas, contingências e opções que se deparam ao indivíduo. 'Histórias de vida' das escolas, das disciplinas e da profissão docente proporcionariam um contexto fundamental. A incidência inicial sobre a vida de professores reconceptualizaria, por assim dizer, os nossos estudos sobre escolaridade e currículo.

A metodologia adotada permitirá refazer os eixos considerados estratégicos na vida do sujeito investigado, os quais compõem a tese: sua vida antes, durante e depois da escola, a opção pelo magistério, o curso de preparação do magistério, o exercício profissional e a escrita de memórias. É preciso lembrar que contar uma vida é levar em conta que essa está conectada em outras vidas. Não será uma história de vida particular, mas várias histórias entrelaçadas.

Desse modo, trabalhar com metodologias e fontes dessa natureza é lidar com a subjetividade, ou seja, paixões, emoções, frustrações, esquecimentos, não ditos. Portanto, nesse terreno, não cabem análises estatísticas e, sim, uma generalização analítica, como a formação, a profissionalização e a construção identitária da professora Nevinha Santos como mulher e profissional. Isso implica considerar aquilo que o sujeito falou de si e como fez isso,

compreendendo que a análise recai na constituição da subjetividade. Um dos aspectos é ponderar que o universo familiar, a educação doméstica, episódios marcantes, interação com as pessoas estão presentes na história de vida de cada um e são parcialmente responsáveis pela construção de subjetividades, pois cada pessoa, ao se constituir como sujeito, absorve significados culturais de uma determinada época e sociedade.

A partir dos anos 1980, a história de vida de professores têm sido fonte e objeto de estudos de diversos trabalhos sobre a história da educação, configurando-se, ainda, como um campo novo de investigação, sendo que, para Nóvoa (1995), trata-se de uma forma de recolocar os professores no centro dos debates educativos e das problemáticas de pesquisa. Estudar a vida de professores representa a consciência da prática, digna de rigorosa investigação. Para Fontana (2003), no Brasil, também a partir dos anos 1980, ocorreu uma retomada dos estudos da atividade docente, resultado do processo de redemocratização brasileira, da emergência das pedagogias críticas que resgatassem o papel do professor e da escola na sociedade. A reflexão das pedagogias críticas voltou-se para a atividade docente denunciando o processo de desprofissionalização e delineando um professor progressista, que servisse de guia para os processos de formação e atuação dos professores. “A partir da técnica da história de vida, as vivências individuais passaram a ser coletadas e analisadas tendo em vista o conhecimento social” (NÓVOA, 1995, p. 46). Ao trabalharmos com histórias de vidas de professores, é possível observarmos como se sentem professores e como se constituíram, como encararam a profissão e suas diversas etapas, além do conhecimento de todo um percurso que foi mediado pelo universo social por meio das ideias e práticas em circulação.

De acordo com o autor, a essa linha de investigação se dirigem críticas, como exemplo, a frágil consistência da metodologia, ausência de validade científica, esvaziamento das lógicas sociais, excessiva referência aos aspectos individuais, incapacidade de apreender as dinâmicas coletivas de mudança social. Mas, “[...] mesmo com as críticas e ambiguidades, é inegável que as histórias de vida têm dado origem a práticas e reflexões extremamente estimulantes” (NÓVOA, 1995, p. 19).

Partindo nessas críticas apontadas acima, Nóvoa (1995) elabora questões de investigação para a vida de professores, as quais tomamos como norteadoras nesta tese. São elas: fases do ensino, imagens que as pessoas têm de si, domínios da competência pedagógica, melhores anos da docência, momentos de tédio ou crise, acontecimentos da vida privada que repercutem no trabalho escolar e predições do fim da carreira. A essas questões, ao longo da tese, procuramos responder, por meio das memórias da professora normalista Nevinha Santos.

Suas experiências de vida, seu ambiente sociocultural, seu estilo de vida, sua identidade e cultura tiveram impacto sobre a sua prática educativa, desse modo, ajudam a compreender o indivíduo em relação à história do seu tempo e a entender e ampliar nossos conhecimentos sobre o fazer-se e ser professora no Piauí, bem como sobre as transformações da profissão docente no estado ao longo do século XX.

Diante das questões levantadas, optamos pela organização da exposição privilegiando a formação inicial (entrada na escola), processo de formação, percurso profissional e, por fim, o momento em que, já aposentada, Nevinha Santos relembrou fatos da sua carreira. Considerando Fontoura (1995), os professores aposentados rememoram os acontecimentos mais ligados ao início da sua carreira, razão é que tais lembranças são mais acessíveis à memória pelo fato de estarem mais isolados e se integrarem ao contexto de relevância. Estão ligados ao alicerce de sua vida profissional. Os professores aposentados gostam de partilhar as suas conclusões e vivências com outros.

Revisitar a história de vida da Professora Nevinha Santos é recuperar os diferentes sentidos que o sujeito dá a sua experiência e de que modo se construiu. É o ponto de partida para compreender a história da profissão docente no Piauí, tendo como pontos principais a sua experiência, complementada pelas possibilidades sociais, culturais e históricas reveladas nos discursos dos impressos e na história oral dos seus contemporâneos. Observamos, na sua experiência, como encarou a profissão docente nas diversas etapas de sua carreira, o que denominamos de “ser professor” no Piauí, durante o século XX, enfocando as formas de valorização social do professor e como essa foi modificada, culminando na sua perda de autonomia e desqualificação do trabalho docente. Ser professor é um processo histórico que se constitui mediante experiências profissionais singulares e, ao mesmo tempo, múltiplas, considerando as circunstâncias comuns dos percursos que podem ser percebidos por meio da noção distinta de cada um ler o vivido.

A história de vida da professora Nevinha traz, em suas linhas, uma escrita de si mesma. Utilizamos a escrita de si neste trabalho, particularmente, no quarto capítulo, quando realizamos análises dos textos escritos e do que continha neles a respeito do “eu pessoal” expresso e que foi reapropriando de forma singular o universo social.

A escrita de si ganhou maior espaço e integrou, conforme Gomes (2004), um conjunto de modalidades da produção de si que pode ser entendida pela relação do indivíduo moderno com seus documentos. Geralmente, indivíduos comuns passaram a produzir uma memória de si por intermédio de cartas, fotografias, objetos do cotidiano, com o intuito, talvez

até inconsciente, de constituir uma identidade e uma imagem para si por meio de seus documentos, ou seja, uma história em que nos contamos e contamos aos outros (NÓVOA, 2001). À medida que o sujeito narra sua trajetória, ele se revela para si e para os demais, cabendo ao pesquisador a articulação entre memória e conhecimento. A escrita de si representa a negação da vida, ou a reconstrução do vivido, preenchida com palavras e letras que denotam um turbilhão de emoções, de falas que se silenciaram num passado distante e que revelam um tempo que ficou para trás. Ao mesmo tempo, essa escrita possibilita um revisitar-se, numa releitura de si, como uma prestação de contas consigo mesmo, trazendo de volta a liberdade, muitas vezes, almejada e transferida, nos momentos de solidão, para a escrita nas páginas em branco.

Compreendemos a escrita de si, como aborda Josso (2002), “um caminhar para si”, que se articula aos campos de conhecimento e às ações diante das diversas buscas pelo sujeito sobre as narrativas de si. Ao narrar sua vida, o sujeito conta para si suas próprias experiências e aprendizagens, é como se fosse uma autoescuta. É relatar para si mesmo os seus conhecimentos construídos, as suas experiências formadoras como também da prática. São marcas da vida e da profissão em que, pelas quais, foi aprendendo, ensinando, partilhando, somando, crescendo, transformando, que imprimem as reflexões do vivido e a interação entre o eu pessoal e o eu profissional. Como afirma Souza (2006, p16), “o sujeito numa pluralidade sincrônica e diacrônica de sua existência, frente à análise de seus percursos de vida e formação”.

Não há como separar a prática profissional da mulher-professora, suas experiências, expectativas sociais em relação a sua função e ao papel socialmente atribuído à mulher. A atividade profissional não apaga os papéis de mãe, esposa, filha e dona de casa, acrescenta-se a eles, apesar de romper com a relação de continuidade e harmonia existente entre eles. “A mulher-esposa, a mulher-filha e a mulher professora constituíram-se simultânea e reciprocamente” (FONTANA, 2003, p. 88).

A escrita de Nevinha também se configurou como uma escrita de mulheres. O que foi uma conquista para as mulheres, pois tratava-se de uma conquista, uma vez que significava sair da nulidade e das sombras, e os seus escritos colocaram a família como o lugar privilegiado das suas memórias, já que este era o seu espaço de ocupações e de vivências.

A partir do século XIX, deu-se o desenvolvimento e o sucesso da imprensa junto às mulheres, as quais buscavam, nas publicações, conselhos de moda. O gênero biográfico, conforme Perrot (2007, p. 33), entrou em pleno desenvolvimento, com rainhas e santas

fazendo sucesso nesse campo, proporcionando nas mulheres uma vontade de emancipar-se pela educação, saber e trabalho: “é um começo uma brecha nas zonas proibidas”. Assim, nesse período, surgem várias autobiografias, como as de Marguerite Audox, Colette, Nathalie Sarraute e Christa Wolf.

No Brasil, o mais antigo livro de memórias de mulheres foi publicado, também, no século XIX: *Reminiscências de Maria Eugênia Ribeiro de Castro* (1893), embora saibamos que muitos livros, rascunhos e diários foram escritos, mas permaneceram em baús e gavetas, acessíveis apenas aos familiares. Observe-se que a escrita das mulheres no Brasil foi tardia, devido ao seu processo de alfabetização ter ocorrido somente a partir da segunda metade do século XIX.

Segundo Viana (1995), a partir de 1922, algumas escritoras tornaram-se conhecidas, a exemplo de Raquel de Queiroz, Cecília Meireles, Carolina Nabuco, dentre outras. Antes dos anos 1960, os livros de memórias femininas eram esporádicos, mas constituíam uma forma de as mulheres se apropriarem do discurso escrito, o mais das vezes, restritos ao domínio masculino. Ao escrever sobre si, paradoxalmente, elas se refugiavam no eu, onde se protegiam desse mundo opressor, se isolavam dele. Era como colocar no papel o desenho dos seus sentimentos, desejos e emoções, retratos de si, construídos, não raro, numa completa solidão. Em sua forma de expressão, as mulheres se fazem reconhecer ou admitem sua identificação e construção pessoal como filhas, esposas, mães e profissionais.

A publicação de autobiografias de mulheres foi estimulada pelo movimento feminista dos anos de 1960, sendo que, nas três últimas décadas, a escrita autobiográfica feminina se caracteriza como uma inscrição da mulher em si mesma e na sociedade em que atua. Para Viana (1995), a escrita foi uma forma que as mulheres encontraram de se apropriarem do discurso, domínio e campo masculino. Escrever sobre si permite o ler-se, o conhecer-se e o reinscrever-se. A escrita do “eu” não se estrutura em verdades inquestionáveis. Ela é verdadeira ao fruto do olhar de cada um, desse filtro, fazem parte os involuntários esquecimentos, deformações e erros. Nesse contexto, ao redigir suas memórias, a partir dos anos de 1980, a professora Nevinha Santos fala sobre si, sobre outros e sobre sua experiência na área da educação.

Na atualidade, a análise da escrita de si mesmo tem sido fonte e objeto de estudo de diversos trabalhos sobre a história da educação, configurando-se, ainda, como um campo novo de investigação, sendo que, para Nóvoa (1995), trata-se de uma forma de recolocar a vida dos professores no centro dos debates educativos e das problemáticas de pesquisa. Com

base nessa afirmação, colocamos a história de vida da professora Nevinha Santos como ponto de partida para a compreensão do que é ser professor no Piauí no século XX.

Concepção de História oral

Somente os escritos da professora Nevinha Santos não seriam suficientes para revisitarmos sua trajetória e sua experiência no magistério. Concordamos com Meihy (2002, p. 20), que destaca “a necessidade de preenchimentos de espaços capazes de dar sentido a uma cultura explicativa dos atos sociais vistos pelas pessoas que herdaram os dilemas e as benesses da vida no presente”. Assim, a coleta de depoimentos orais ocorreu no sentido da busca das experiências, de maneira a articular a escrita nos documentos, materializando-se a reconstituição da trajetória pessoal e profissional da professora Nevinha Santos.

Outro motivo da escolha da história oral é que abarca a “história vista de baixo” ou de pessoas anônimas, cujas histórias não foram contempladas nos documentos oficiais. Lembramos que muitos dos depoimentos estão permeados de intencionalidades, de subjetividades, nostalgias, romantismo, glorificação, mentiras esquecimentos e deformações, elementos, via de regra, utilizados pelos críticos para afirmar a não-cientificidade da história oral. Nós os temos como produção legítima de saber e conhecimento, sendo que, como procedimento metodológico, preferimos os relatos integrados à discussão documental e historiográfica, por darem mais vida e leveza ao texto, trazendo à compreensão do leitor o registro das experiências e lembranças dos depoentes sobre o tema abordado.

Escolhemos a história oral temática, porque, nesta tese, temos uma temática central: a história de vida da professora Nevinha Santos. Assim, detalhes da história pessoal da narradora só foram considerados à medida que revelassem aspectos significativos da matéria abordada.

Para as etapas da história, seguimos a proposta de Meihy (2002): elaboração do projeto, gravação, confecção do documento escrito e análise. A transcrição foi realizada, inicialmente, de forma literal, sendo que, em seguida, o texto foi enxugado, retirando-se as perguntas do entrevistador, colocando-se as emoções do depoente, cortando-se frases repetidas como também expressões ou palavras chulas.

Ao textualizar as entrevistas, procuramos não incorrer no que se chama, muitas vezes, de ficcionismo (devido ao embelezamento do texto), por considerarmos a poética como inerente à produção cultural. Então, como em Gattaz (1996), assumimos, portanto, que a textualização final da entrevista é de autoria do historiador, sendo o depoente um colaborador

para a fabricação desse novo documento. Após essas intervenções, por questões éticas, o texto foi submetido à apreciação dos entrevistados, para que verificasse se mantinha a fidedignidade de suas ideias, com direito a fazer correções e alterações. Isso porque entendemos a narrativa como uma construção de quem ouve, da expressão do momento, uma reinterpretação, no presente, do que foi vivido, com implicação nas tecituras construídas, que resultam na memória. Assim, o pesquisador tem a tarefa de ressignificar o que foi narrado, compreendendo, como explica Benjamin (1986), a narração como arte artesanal, não pretendendo transmitir o puro relato, mas mergulhar no que foi dito e também no não-dito (POLLAK, 1989), ou seja, aquilo que confessei a mim, mas não coloquei ao externo. E assim reinterpretando, ressignificando, o historiador engendra uma verdadeira tecitura da memória.

Na tese, realizamos 11 entrevistas: duas com ex-alunos, quatro com familiares, uma com professor e dirigente sindical, e quatro contemporâneos (pessoas que, de algum modo conviveram com a professora). Utilizamos quatro entrevistas da dissertação da professora Norma Patrícia Lopes Soares, realizadas com professores. Dessa maneira, somam 15 entrevistas, que foram diluídas no texto conforme a necessidade do assunto, e analisadas em seguida, sempre respeitando o sujeito entrevistado como autor também do trabalho. No final da tese, colocamos em anexo todas as entrevistas *ipsis litteris*, para que o leitor que se interesse possa fazer a leitura total dos depoimentos.

A entrevista dos ex-alunos foi realizada no sentido de buscar as experiências e vivências do cotidiano escolar, das práticas educacionais e da impressão a respeito da professora Nevinha Santos. Os professores que contribuíram com suas entrevistas, foram importantes no sentido de comparar e conhecer as vivências de cada um com o magistério. Os familiares entrevistados nos forneceram detalhes miúdos da história de vida da professora, repassando-nos comportamentos de como a professora aliava os diversos papéis desempenhados de mãe, avó, mulher e professora. E os contemporâneos nos deram uma visão da mulher social, da amiga e da escritora de memórias.

Concepção de memória

“É lá que me encontro a mim mesmo e recordo das ações que fiz o seu tempo, lugar e até nos sentimentos que me dominavam ao praticá-las”.
(SANTO AGOSTINHO, 2006).

Para Chauí (2001), a memória, como chamamento ao passado, cumpre a sua função de guardar o tempo evitando sua perda total. É a primeira experiência que temos com o tempo. É uma forma de percepção interna chamada de introspecção, tendo como objeto as

coisas passadas lembradas, o próprio passado do sujeito e o passado registrado por outros de forma oral ou escrita. Na antiguidade, os gregos consideravam a memória como algo sobrenatural, protegido pela deusa *Mnemosyne*, que tinha poder de conceder a imortalidade. Mas era também auxiliar na arte médica por meio da *anamnese*. Para Aristóteles, a memória era de suma importância na elaboração da experiência, no sentido de alcançar novos saberes e práticas. Os romanos a utilizaram como métodos para melhorar a retórica.

Na memória, possui-se o fenômeno da lembrança, que se manifesta no ato de selecionarmos e escolhermos o que lembramos, que, muitas vezes, ocorre em virtude da percepção, aspectos afetivos, sentimentais, valorativos. O processo de memorização é composto de aspectos objetivos e subjetivos. Os objetivos são: as atividades físico-biológicas e químicas de gravação do cérebro, e as subjetivas, que se configuram no significado emocional ou afetivo do fato para cada um.

Como menciona Ricoeur (2007), lembrar-se é em grande parte não esquecer. Dessa maneira, o esquecimento também faz parte do trabalho da lembrança. O esquecimento está em pé de igualdade com a memória e a história, pois essa dupla dimensão se perde quando há esquecimento.

O esquecimento se dá em virtude do apagamento dos rastros, os rastros, eles estão lá, mas são, muitas vezes, apagados. Para Ricoeur (2007), os rastros são o escrito ou documental, o psíquico relacionado aos fatos marcantes e o cerebral ligado às neurociências. O esquecimento de reserva, aquele que pode ser acionado por meio de um fragmento de lembrança arrancado do passado com a permissão do cérebro. Ricoeur considera esse tipo de esquecimento como positivo, uma vez que se configura como um recurso irredutível e reversível a qualquer balanço de fiabilidade com o passado por meio da história e da memória.

Bergson apud Bosi (1994) dividiu a memória em dois tipos, a memória- hábito e a memória pura. A memória hábito seria aquela ligada à memorização ou repetição de algo. E a memória pura que seria aquela guardada nas lembranças dos fatos que tem significado afetivo ou de valoração para nós. Mas a memória não é o simples ato de lembrar e, sim, a revelação de que existimos em relação ao tempo. E é ela que confere importância ao passado, fazendo parte do presente e na tentativa de compreensão do futuro.

Conceituar memória não é uma tarefa simples, Le Goff (2003), em sua obra *História e Memória*, abordou, inicialmente a dificuldade de encontrar o conceito de memória. E, assim, ele mostrou vários caminhos para se chegar a um conceito; um deles é a propriedade da

memória em conservar certas informações pelas quais o homem pode atualizar informações passadas. Considerando essa primeira abordagem, a memória estaria ligada à psicologia, à psicofisiologia, à neurofisiologia, à biologia. No interior dessas ciências, é possível evocar a memória histórica ou a memória social. Dessa forma, alguns cientistas foram levados a aproximar a memória de fenômenos ligados às ciências humanas e sociais. Assim, o estudo da memória social é um meio fundamental de abordar problemas do tempo e da história.

Bosi (1994) chama-nos a atenção sobre a relação entre o tempo e a memória. Para a autora, há uma sucessão de etapas na memória, que é toda dividida por marcos, pontos onde a significação da vida se concentra, que pode ser uma relação afetiva, uma mudança de moradia, por exemplo, ou seja, existe a divisão social do tempo marcado por pontos de orientação que transcendem a vontade humana. Dessa maneira, o tempo social absorve o tempo individual mais próximo dele. Lembrando que cada grupo, cada indivíduo vive o seu tempo social de maneira diferente, o tempo da família, o tempo da escola, o tempo do trabalho.

Desses exemplos nos fica a ideia de uma apreensão do tempo dependente da ação passada e da presente, diversa em cada pessoa. Um tempo que fosse abstrato e a-social nunca poderia abarcar lembranças e não constituiria a natureza humana. É esse que ouvimos o tempo represado e cheio de conteúdo, que forma a substância da memória (BOSI, 1994 p. 422).

Muito se tem falado em história e memória, mas é preciso que se comentem as distinções entre elas. Compreendemos história como “um campo de produção de conhecimentos que se nutre de teorias explicativas e de fontes, pistas, indícios, vestígios que auxiliam a compreender as ações humanas no tempo e espaço” (BASTOS; STEPHANOU, 2005, 417). Portanto, a memória não é a história, mas um de seus elementos, que o historiador utiliza na interpretação do passado, por meio do que é lembrado e do que é esquecido, a partir do que é evocado no presente. A memória são as vivências, que constituem um vestígio da história. Nesse sentido, apoiamo-nos em Le Goff (2003, p. 471), para quem “a memória na qual cresce a história, que, por sua vez, a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”. A memória legitima-se pela história.

A memória e a história não são sinônimos, e assim, uma opção à outra como mostra Nora (1993, p. 9):

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas vitalizações. A história é reconstrução sempre problemática e incompleta do

que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente, a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam, ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante demandam análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna sempre prosaica.

Nesta tese, a memória é flagrada nos escritos da professora Nevinha Santos e na história oral temática, construindo-se, assim, um estudo na linha da história e memória de mulheres professoras e seus lugares de produção. Trata-se de uma construção histórica mediante a compreensão da vida pessoal da professora, que se entrelaça com sua prática pedagógica, instituição escolar, processos educacionais, currículos e a sociedade inserida nesse processo. Dessa forma, presumimos que este estudo traz contribuições para o estudo da história da educação, a qual percebemos; a maneira de Nóvoa (1995), como ciência da mudança e da diferença, na relativização das ideias e propostas educativas, conhecimento do passado coletivo da profissão professor, formando uma cultura profissional, ampliando a memória e a experiência, permitindo uma visão ampliada da diversidade de ideias educativas e práticas escolares, renovando a ação cotidiana de cada educador. Isso porque consideramos as escolas como celeiros da memória, espaços nos quais se tece parte da memória social. As reminiscências desse espaço são possíveis pela estrutura das suas rotinas e sua continuidade no tempo (NUNES, 2003).

O estudo das memórias também conduz à descoberta de referências históricas que nem sempre são abordadas oficialmente, como ressalta Sousa (2000, p. 54):

Utilizando memórias de alunos e professores, no intuito de apontar caminhos para a pesquisa, queremos esboçar aqui a possibilidade de identificar, por meio delas, certas referências históricas que conduziram à perda de dimensão histórica da experiência docente brasileira, cujos efeitos se fazem sentir, ainda hoje, na diluição da identidade docente e na fragilidade do reconhecimento da irredutibilidade e singularidade da relação pedagógica.

Nevinha Santos, ao escrever suas memórias, utiliza-se da memória seletiva, porque sua narrativa incide sobre fatos, pessoas, situações relevantes, mas se percebe a seleção de informações, quase sempre, para não se lembrar de fatos desagradáveis, que poderiam lhe trazer dores, ou ainda muitas vezes pela vontade de agradar. Lopes (2004) chama isso de “inconfessa biografia”, na qual os seus autores narram alguns aspectos de suas vidas, e não todos.

Memória coletiva

Ao registrar suas memórias, Nevinha Santos escreveu também sobre vários assuntos da época: *A Queda do Estado Novo, Impressões do Coronel Francisco Santos, Lembranças de Marruás, Uma Rua para Maria, Saudade*. Rememorou, também, sua origem familiar, trajetória escolar, trajetória profissional, atividades e práticas docentes, leituras significativas, visões de sala de aula, da escola, da educação e do contexto social de toda a sua caminhada, além de produzir artigos com críticas ao governo de 1997, por pagar uma quantia injusta aos professores. As lembranças de Nevinha revelam um processo vivido dentro de um grupo. Como afirma Nora (1993, p. 09),

A memória é viva, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.

A escrita da professora Nevinha Santos configura-se, pois, como um diálogo entre o individual e o sociocultural, numa pluralidade de memórias de outros mundos de outros tempos sociais. Ao escrever sua história, a narradora encontra-se com os demais do seu tempo, por isso, enfocamos no texto a história de outras professoras suas contemporâneas. Conforme Ferrarotti (1988), os estudos autobiográficos deixam clara a relação entre o “eu pessoal” e o “eu social”.

As memórias de Nevinha estão permeadas de lembranças, ideias e imagens do passado, mas também de esquecimentos, paixões, frustrações, sonhos e alegrias, reconstruindo o sentido de sua vida e de sua atuação profissional. Ela refez sua trajetória e suas vivências, que não são apenas particularmente suas, mas do grupo em que estava inserida, ou seja, configurou “a aventura pessoal da memória, a sucessão dos eventos individuais, da qual resultam mudanças que se produzem em nossas relações com os grupos com os quais estamos misturados e nas relações que se estabelecem entre esses grupos” (HALBWACHS, 1990, p. 14).

As memórias de Nevinha Santos possibilitam revisitar a história de sua vida, reconstruir o seu campo pessoal e profissional e, por que não dizer, o seu “eu”. Tal trajetória do “berço ao túmulo” corresponde aos anos de 1910 a 1999 e, neste trabalho, escolhemos o conceito de trajetória de Bourdieu (2001, p. 189), ou seja, “[...] a noção de trajetória como série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações”.

O sujeito Nevinha Santos não viveu solitariamente, portanto, as transformações do seu tempo estão dentro da rede de relações por ela criada, logo, podemos falar da relação indivíduo e sociedade ao fazermos a recuperação de trajetórias de indivíduos. Por isso que é indispensável reconstruir o contexto, a superfície social em que age o indivíduo (LEVI, 2001, p. 169).

A trajetória individual, intimamente ligada à história social, também é abordada por Pereira (2000, p. 12):

Longe de simplesmente refletir o social, o indivíduo coloca-se como polo ativo face a esse mesmo social, dele se apropriando, filtrando-o, retraduzindo-o e projetando-o em uma outra dimensão que é a de sua própria subjetividade. Cada indivíduo representa a reapropriação singular do universo social e histórico que o circunda.

Recuperar a trajetória de Nevinha Santos não deixa, pois, de ser a recuperação do universo social em que ela viveu inicialmente em Marruás (atualmente, cidade de Porto,PI), depois em Picos,PI e em Teresina,PI (na sua velhice). Como enfatiza Le Goff (2002, p. 26):

O indivíduo não existe a não ser numa rede de relações sociais diversificadas, e essa diversidade lhe permite também desenvolver seu jogo. O conhecimento da sociedade é necessário para ver nela se constituir e nela viver o personagem individual.

Dessa forma, Nevinha inclui todos os domínios (como na obra São Luís, de Le Goff,): econômico, social, político religioso e cultural, mesmo sendo ela uma “protagonista anônima”, termo utilizado por Vainfas (2002). Consideramo-la como anônima, mesmo sabedores de seu entrelaçamento com o poder numa cidade e num estado, mas, assim, a tomamos em virtude do seu nome não estar em evidência na história oficial.

Nevinha, como define Elias (1994, p. 19), “é um indivíduo que parte de um todo maior, que ele forma junto com outros”. Pensar dessa forma é compreender que a época e o meio em que viveu Nevinha Santos são importantes na explicação de sua trajetória, o que conduz o historiador, em sua narrativa, a não somente manter o foco no indivíduo Nevinha Santos, mas também no que estava ocorrendo em todas as esferas em que ela viveu. Como afirma Vainfas (2002, p. 119), “cada ator histórico participa, de maneira próxima ou distante, de processos e, portanto, se inscreve em contextos de dimensões de níveis variados, do mais local ao mais global”.

Pinheiro (2002, p. 11) assevera que “o indivíduo ocupa o centro de interesse de investigações, há um desejo, uma curiosidade sobre a vida dos outros”. Nesse sentido, como,

cada vez mais, o indivíduo vem ocupando o seu papel na sociedade, torna-se relevante que seja compreendido em seu meio social, isto é, nas relações com as pessoas e com os fatos do seu tempo.

Pensando a mulher professora, considerando-a como um indivíduo na sociedade, incita-nos a curiosidade a história dessa mulher. O que imaginava essa jovem entre 16 e 19 anos numa cidade completamente diferente da sua de origem, como também na capital em que estudou durante anos, na solidão legada pela distância do seu lar? Nevinha fazia parte de um conjunto de mulheres em busca de sua profissão, com o diferencial marcante de não desejarem ser apenas mães e esposas, dispostas a pagar um preço, como mostra Muller (2005, p. 8):

O preço da autonomia era a solidão pelo afastamento geográfico dos familiares, solidão pelo espaço social que ela passara a ocupar e a tornava diferente de outras mulheres de sua geração. Sua liberdade era muitas vezes negociada, transigida e limitada pelos preconceitos da época e pelo grupo social a que pertencia. Os sapatos altos, as roupas elegantes enunciavam uma condição econômica de manter. A autonomia e a independência que os estudos e o salário propiciavam não deviam ser proclamadas abertamente. E, ainda por cima, deveria ser o sustentáculo da sua família e dos filhos das demais famílias, seus alunos.

As memórias de Nevinha denotam essa mesma condição, pois ressalta o sentimento de sair do seu espaço geográfico e ir para um local totalmente desconhecido:

[...] saí de casa com saudades, pois deixei tudo [...] tudo o que mais amei na vida. Mas havia terminado os estudos e, com o diploma na mão, com 18 anos, sentia-me realizada e feliz. Naquela época, o meu pai já começava a passar por um período difícil, e eu tive que trabalhar ser independente e fazer o que mais sonhei na vida: ensinar e educar crianças (SANTOS, 1998f, p.3)

A análise dessas memórias impede o desaparecimento dessa mulher professora e suas práticas no poço do esquecimento; sem isso, principalmente, não se conheceria o processo histórico do momento em que viveu e da educação do período. Para Nunes (2003, p. 20), “as autobiografias, as memórias e os diários têm constituído documentos singulares e decisivos para a reconstituição de aspectos dos processos educativos de outras épocas históricas”. A escrita dessa mulher acerca de sua trajetória de vida, segundo Perrot (1989), dá acesso ao mundo mudo e permitido das coisas que as mulheres confiam apenas à sua memória.

Nevinha Santos, ao ser relida e revisitada, conduz ainda a uma reflexão sobre o ressentimento que foi expresso nas suas memórias ligado aos sentimentos de afeto individual e consubstanciado no seu desejo expresso e anunciado do esquecimento que a população de

Picos empreendeu em relação ao seu trabalho como professora, como também das suas companheiras. Aqui, consideramos o ressentimento, pois, como definiu Ansart (2001, p. 15), “É preciso considerar os rancores, as invejas, os desejos de vingança e os fantasmas da morte, pois são exatamente estes os sentimentos e representações designadas pelo termo ressentimento”. Para esse autor, a memória dos ressentimentos pode estimular quatro possíveis atitudes: a tentação do esquecimento, a tentação da repetição, a tentação da revisão e a tentação da reiteração ou a exasperação da memória dos ressentimentos. Neste estudo, concentramo-nos na tentação do esquecimento por julgá-la mais adequada ao objeto investigado. Segundo Ansart (2001), por mais diversos e contraditórios que tenham sido os sofrimentos de cada um, o indivíduo não esquece os fatos dos quais foi ator ou vítima, mas esquece-se ou, ao menos, aferra-se bem menos às lembranças dos ressentimentos. Para o indivíduo, ele considera irracional o ódio do qual foi vítima e sente repugnância em conhecer e explorar os julgamentos dos quais foi vítima. Dessa forma, não entramos na lógica afetiva de nossos antigos adversários. Nevinha, nas suas memórias, reconhecendo o esquecimento e a falta de reconhecimento pelos seus méritos, teve mágoas, mas não adentrou na lógica afetiva do outro para explorar os motivos que levaram ao desencadeamento do esquecimento, dessa forma, apegou-se a lembrança dos fatos e menos às dores, embora elas estivessem latentes.

Mesmo com a presença do ressentimento na sua escrita, tão explícito na frase “fomos as eternas esquecidas” (SANTOS, 1998h, p.3), é possível também o conhecimento de suas opiniões, valores, visão de mundo de uma pessoa real, uma escritora, uma trabalhadora da educação, apaixonada por aquilo em que acreditava, pois se orgulhava de ter sido professora, admirava seus alunos, emocionava-se ao vê-los bem-sucedidos. Mais do que tudo, suas experiências refletem toda uma época e um universo social que são parte da história picoense, piauiense e, inegavelmente, brasileira.

Reverendo o conceito de Experiência em Kant e Thompson

Rever o conceito de experiência na tese foi importantíssimo, por estar presente de forma expressiva na pesquisa. A dúvida surgiu em quais aportes teóricos utilizar no sentido de não ocorrer grandes discrepâncias entre as teorias. Mas consideramos a teoria não como algo compartimentado e estanque. E nos inspiramos em Thompson (1981) em não conceber o objeto de estudo da tese como algo a ser enquadrado num molde teórico, e dessa forma, utilizar a teoria como uma ferramenta que possibilite a leitura do real. Assim, apegamo-nos às ideias de Kant e Thompson. Em Kant, devido ao conceito formado por ele estar presente no

método e na formação da professora Nevinha Santos, como professora praticante da pedagogia moderna. E em Thompson, a experiência formada no processo de suas relações sociais.

Immanuel Kant nasceu numa pequena cidade da Prússia, Königsberg, no dia 22 de abril de 1724. Filho de artesão humilde estudou no colégio Fridericianum e na Universidade de Königsberg, local onde se tornou professor catedrático, depois de alguns anos, como preceptor de famílias ricas. Não casou, não teve filhos e faleceu em 12 de fevereiro de 1804, sem nunca ter saído da cidade em que nasceu. Era um homem metódico, de pequena estatura e físico frágil. Formou-se na escola do racionalismo (Leibniz e Wollf) e da ciência newtoniana. Era impressionado com as obras de Hume e Rousseau. Tímido, submeteu o universo espiritual a uma análise crítica, com duas questões, uma dessas era o conhecimento. Ao analisar, o conhecimento queria investigar suas possibilidades, seus limites e suas esferas de aplicação. A segunda grande questão era a da ação humana, ou seja, o problema da moral de como o homem deve proceder para alcançar a felicidade ou o bem supremo.

Ao estudar o conhecimento, em sua obra a *Crítica a Razão Pura*, ele distinguiu duas formas de conhecimento: o empírico ou *a posteriori*, e o puro ou *a priori*. O conhecimento empírico reduz-se aos dados fornecidos pelas experiências sensíveis. Já o conhecimento puro ou *a priori* não depende de nenhuma experiência sensível.

Para compreender a diferença entre os conhecimentos empírico e puro, segundo Kant, tem que se distinguir entre juízo analítico e juízo sintético. O primeiro está contido no sujeito e o segundo une o conceito expresso ao conceito do sujeito constituindo o juízo que enriquece o conhecimento.

Os juízos podem ser divididos entre: analítico, sintético *a posteriori* e sintético *a priori*. Os analíticos são universais, os sintéticos *a posteriori* são contingente, referindo-se as experiências que se esgotam em si mesmas. Os sintéticos *a priori* são o núcleo da teoria, são, ao mesmo tempo, universais e necessários, enriquecendo e fazendo progredir o conhecimento.

Kant resolveu o problema entre o inatismo e o empirismo, fazendo uma síntese dessas teorias. Para ele, a razão é uma estrutura vazia e inata, não adquirida pela experiência. Do ponto de vista do conhecimento, a razão é anterior à experiência, ou seja, *a priori*, e não depende dela.

Mas os conteúdos da razão dependem da experiência, porque, sem eles, a razão seria sempre vazia. Dessa forma, a experiência fornece a matéria do conhecimento para a razão, e esta, por sua vez, fornece a forma universal e necessária ao conhecimento. A matéria do

conhecimento é fornecida pela experiência. Esses conteúdos são empíricos e podem variar no tempo e no espaço e até se transformarem com novas experiências, ou até mesmo serem falsos, conforme as novas experiências.

A razão realiza a síntese entre a forma inata e o conteúdo empírico, porque ela possui três estruturas: a sensibilidade, o entendimento e a razão, consigo mesmo. A razão tem como maior função regular a atividade do sujeito do conhecimento.

A sensibilidade é o que nos permite ter percepções, porque ela recebe os conteúdos da experiência, e a percepção os organiza conforme o espaço e o tempo. O entendimento organiza as percepções. Esse conteúdo é oferecido novamente à experiência, considerando o espaço e o tempo e a razão, que, com o entendimento, organiza os conteúdos empíricos. Essa organização transforma as percepções em conceitos, que são formulados pelo sujeito do conhecimento que utiliza os conteúdos empíricos chamados de categorias *a priori*.

Essas categorias organizam os dados da experiência. Ou seja, Para Chauí (2001, nossa razão possui uma estrutura universal necessária e *a priori* que organiza, necessariamente, a realidade em termos das formas da sensibilidade e dos conceitos e categorias do entendimento.

Podemos perceber, com essa explicação da teoria do conhecimento de Kant, que a noção de experiência é fundamental na sua teoria. Para ele, a experiência é imprescindível para o conhecimento e não que este prescinda da experiência.

Kant concilia empiristas e racionalistas, o sujeito traz o espaço, tempo, categorias, mas esses, sem a experiência, não têm sentido. Os conhecimentos se atêm à experiência que só ocorre com as impressões ordenadas pelo sujeito através do espaço e do tempo. Esta ordenação é comum a toda experiência e, por isso, todo conhecimento, dessa forma, tem um caráter universal e necessário.

Kant e suas ideias contribuíram para a chamada pedagogia moderna, que abordamos ao longo do texto, adotada na formação da escola normal no Piauí no início do século XX. Sua formação pedagógica deu-se por meio de Rousseau e Basedow. Tal pedagogia concebe o homem como autor de suas ideias e de seus atos; o homem é sujeito do conhecimento e sujeito da moral. Para essa concepção pedagógica, há uma natureza humana que possibilita à criança tornar-se um adulto consciente de suas ideias e senhor de sua vontade. A luz natural, a razão, inscrita na natureza do homem, garantiria o exercício da autonomia. Diverge de Rousseau, ao considerar a moralidade como um fim específico da educação. Kant defende uma educação que leve em conta o cuidado com a infância, a disciplina, a formação, ou

melhor, um discípulo guiado por um mestre. Este mestre deve garantir que o seu discípulo escolha o melhor caminho, daí por que ele defende a educação guiada. Ele também acredita que a educação, progressivamente, é que pode manter o desenvolvimento da humanidade cada vez mais alto. Ou seja, a educação como progresso para a vida humana. Desde que essa educação seja pautada na razão.

Para ele, a educação deve ser a orientadora para o futuro da espécie humana, na busca de uma sociedade melhor, pois a educação cria um espírito coletivo nem que, para isso, entrem em sacrifício os desejos individuais. No seu livro sobre a pedagogia, enfatiza a importância da educação física para o exercício das forças da índole, por meio do jogo e da ginástica, pelas quais podem ser desenvolvidas habilidades e sentidos. Conforme Cambi (1999), Kant propõe a educação em quatro componentes ideais: a disciplina, a cultura, a educação (boas maneiras e cortesia) e a moralidade. Era defensor das escolas públicas em substituição às domésticas.

Edward Palmer Thompson nasceu em três de fevereiro de 1924, em Oxford, e faleceu a 28 de agosto de 1993, em Worcester. Foi um historiador britânico da concepção teórica marxista, militou, durante muito tempo, no PCI (Partido Comunista Inglês). Trabalhou como educador em escolas da periferia, junto aos operários. Boa parte de sua obra foi vinculada a questões e discussões dos trabalhadores. Thompson mostrou que essa classe não é construída somente em termos econômicos, pois se baseia na construção histórica de experiência. Quando se faz uma releitura do passado, busca-se a multiplicidade de experiência, tenta-se revalorizar as perdas e os ganhos desses subalternos, que tiveram uma grande importância histórica, pois, só assim, compreendem-se os conflitos e os processos de transformação.

Produziu várias obras, é considerada a principal, a Formação da Classe Operária Inglesa. Nesta tese, foi utilizada com mais ênfase a Miséria da teoria ou um palentário de erros. É nesse livro que Thompson se refere à teoria como uma ferramenta, um instrumento pelo qual é possível fazer uma análise da realidade.

Sobre o conceito de experiência, Thompson faz uso diferenciado de Kant (que se refere ao imediatamente percebido) e também difere de Hegel, que concebe a dialética da experiência como negação dos erros prévios. Para Thompson, a experiência é uma forma histórica de entendimento, ou seja, mais do que algo imediato, é pela experiência que podemos conhecer o que medeia o conceito e o particular concreto.

Thompson vê a experiência como solução prática para analisar comportamentos, condutas e costumes na sua relação com a cultura, com conteúdos de classe, histórica e

geograficamente datados. É esse pressuposto que norteia seu trabalho de investigação, quando busca analisar a experiência de formação da classe operária inglesa. Para o autor, as regularidades nas relações e ideias de homens e mulheres, operando durante um expressivo período histórico e unificando acontecimentos desconectos, são a expressão da experiência de classe como fenômeno histórico, que é determinada em grande medida pelas relações de produção.

Para Thompson, a experiência é gerada na vida material e estruturada em termos de classe. Nessa concepção, homens e mulheres atuam como sujeitos, não exatamente como sujeitos autônomos, mas

[...] como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida ‘tratam’ essa experiência em sua consciência e sua cultura (as duas outras expressões excluídas pela prática teórica) das mais complexas maneiras (sim, ‘relativamente autônomas’) e em seguida (muitas vezes, mas nem sempre, através das estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada (THOMPSON, 1981, p. 182).

Considerou importante a experiência dos sujeitos que aprendem, vivenciam e elaboram essas experiências nas suas consciências. Por isso, é contra as generalizações, porque nelas se inclui uma grande massa indiferenciada, não havendo espaço para os conflitos e as contradições. Criticou Althusser e seus seguidores por terem expulsado do clube do pensamento a experiência humana, igualando o termo ao “empirismo”. Voltar ao termo experiência é realizar uma exploração aberta do mundo e de nós mesmos, embora isso exija rigor teórico num diálogo entre os conceitos e a confrontação empírica. É a experiência que pode analisar o reexame dos sistemas densos, complexos, elaborados pela vida em família e em sociedade, e foge a qualquer definição determinação porque:

[...] gerada na ‘vida material’, foi estruturada em termos de classe, e, conseqüentemente o ‘ser social’ determinou a ‘consciência social’. [...] As maneiras pelas quais qualquer geração viva, em qualquer ‘agora’, ‘manipula’ a experiência desafia a previsão e foge a qualquer definição estreita de determinação (THOMPSON, 1981, p. 189).

Isso ocorre porque, para Thompson (1981), as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como ideias, mas também como sentimentos que se dá nas normas, valores, artes, relações de parentesco e convicções religiosas. Elas possuem uma metade da cultura que é chamada de consciência afetiva e moral, e esta, de algum modo, é construída de

uma racionalidade. Os valores e a maneira de viver, em primeiro lugar, são apreendidos na família, no trabalho e na comunidade imediata.

O conceito de experiência, em Thompson, é importante nesta tese para a análise das vivências da Professora Nevinha Santos nas suas relações com a família, com o trabalho e a comunidade em que viveu. Esses valores influenciaram na constituição da sua consciência afetiva e moral construída nas suas relações sociais. Consciência esta situada com base em suas necessidades, de seus interesses advindos da vida familiar e social, que encontra realização e expressão no “parentesco, costumes, nas regras visíveis e invisíveis da regulação social, hegemonia e deferência, formas simbólicas de dominação e resistência, fé religiosa, impulsos milenaristas, maneiras, leis, instruções e ideologia” (THOMPSON, 1981, p189).

Considerar o pensamento de Thompson é fundamental para discutir “o ser e o constituir-se professor” a partir das experiências, consubstanciado no que se pensa, como viveu, no que teve para contar, que metodologia desenvolveu, além da relação entre a teoria e a prática profissional do seu cotidiano. Por meio das interpretações de Thompson, é possível compreender o cotidiano como espaço de experiências e de construção histórica.

As contribuições de Thompson estão mais presentes na Tese no segundo capítulo, “Ser e fazer-se professora no Piauí nas primeiras décadas do século XX”, em que houve maior destaque ao processo de formação da professora Nevinha Santos, porque entendemos esse momento em seu todo e não apenas como formação profissional, acreditamos que as suas experiências e vivências foram fundamentais para o seu “fazer-se professora”.

CAPÍTULO II

SER E FAZER-SE PROFESSORA NO PIAUÍ NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

“A vida é o lugar da educação e a história de vida o terreno no qual se constrói a formação”. (PIERRE DOMINICÉ apud NÓVOA, 1995.).

Este capítulo tem como objetivo mostrar os espaços, os tempos, o sujeito e o processo de formação, que chamo de “ser” e “fazer-se professora” no Piauí, tendo como ponto de partida a professora Maria das Neves Cardoso Rodrigues.

Inicialmente, elaboramos um panorama histórico, político, cultural, educacional e econômico do Estado do Piauí, focalizando a cidade de Porto (PI), Teresina (PI) como também a cidade de Brejo (MA), locais onde a professora morou no período de sua formação. Convidamos, dessa forma, os leitores deste trabalho para uma viagem aos locais em que Nevinha desenvolveu ações e, simultaneamente, se constituiu.

Em seguida, trago a cena a Escola Normal Oficial do Piauí, mostrando o seu processo de desenvolvimento e consolidação. Nesse momento, com base na história de vida da Professora Nevinha, nos discursos da imprensa piauiense e nos depoimentos de ex-normalistas, abordamos o significado do “ser e fazer-se professora primária” no Piauí, no período de 1922 a 1928. O recorte cronológico adotado foi em função do período em que a Professora Nevinha estudou na Escola Normal.

Num terceiro momento, mostramos os pensamentos educacionais e os discursos encontrados em materiais impressos que tratam de conceitos e ideias do que é ser professor em cada época consultada. Percebemos que a imagem perpassada pelos discursos nem sempre é a realidade, mas se cria uma ideia do real, e que essas representações forjadas no passado definem e redefinem a profissão docente, a sua conscientização de classe e de cidadania. (BASTOS, 2002, p. 170). Vários trabalhos no campo educacional têm como objeto de estudo a imprensa, que tem dado uma grande contribuição “tanto em termos de percepção da realidade quanto de demonstração metodológica de novas formas de se compreender a educação, coma utilização de outras fontes de informação” (CARVALHO, 2007, p. 141).

Os discursos da imprensa se concentraram mais na questão dos significados de “ser professor”, que estavam configurados nos ideais principalmente do estado e que, de alguma maneira, produziram uma forma de pensar o professor e seus valores, e, ao mesmo tempo, legitimar uma ideia acerca da profissão docente, que nem sempre foram com o objetivo da libertação e da valorização profissional.

Panorama histórico educacional do Piauí (1757-1910)

Procurando situar o leitor quanto ao lugar social de onde parte a pesquisa é que faremos uma breve apresentação do estado do Piauí. Chamamos de lugar social, adotando Certeau (2000, p.18), para quem “Toda pesquisa historiográfica é articulada a partir de um lugar de produção sócioeconômico, político e cultural”. O Piauí, assim como outros lugares sociais, tem suas determinações próprias, encontrando-se submetido a suas particularidades. Para Certeau (1988), a pesquisa que não fala de seu corpo social não seria capaz de articular uma prática, portanto, deixa de ser científica. Essa é uma questão central para o historiador, a relação com o corpo social, precisamente o objeto da história. É impossível analisar um discurso historiográfico sem que haja o conhecimento do lugar onde foi produzido. Ainda para esse mesmo autor, o lugar tem dupla função numa pesquisa, que é tornar possível as conjunturas e as problemáticas comuns. Apesar de tornar outras impossíveis, como excluir do discurso o que é sua condição de um dado momento e desempenhar o papel de uma censura com relação aos aspectos sociais, econômicos e políticos, da análise. Diante desses dois lados do possível e impossível, é a pesquisa circunscrita pelo lugar que definirá essa conexão

A articulação da história sobre um lugar é para análise da sociedade, sua condição de possibilidade. [...] tomar a sério seu lugar ainda não é explicar a história. Nada do que se produz ainda foi dito. Mas é a condição para que qualquer coisa, que não seja nem lendária (ou edificante) nem atópica (sem pertinência), possa ser dita. Sendo a negação da particularidade do lugar o próprio princípio da ideologia, ela exclui toda teoria. Além disso, instalando o discurso num não lugar, proíbe a história de falar da sociedade e da morte, ou seja, de ser história. (CERTEAU, 1988, p.27)

Esta pesquisa tem como lugar social o Piauí, unidade federativa do Brasil, situado entre 2° 44' e 45°59' de longitude ocidental, abrangendo área de 255.529,186 Km². Correspondendo a 16,16% da região nordeste e 2,95% da área do Brasil, não estando inclusa nesta contagem a área de litígio entre o Piauí e Ceará. No estado, predominam elevadas temperaturas (entre 20°C mínima e máxima de 38°). A vegetação é composta de cerrado, caatinga, vegetação de palmeiras. Vegetação litorânea além das áreas de transição. A faixa do

litoral piauiense é de apenas 66 km. A economia é baseada na pecuária, agricultura, extrativismo, comércio e a indústria (muito incipiente).



Figura 1 - Mapa do Piauí

Fonte: <<http://webcarta.net/carta/mapa.php?id=248&lg=pt>> Acesso em 03 de setembro de 2008.

O Piauí tem como cidades principais: Teresina (capital do estado e maior centro populacional, nasceu com função administrativa); Parnaíba (é a segunda cidade em termos de desenvolvimento, destaca-se pela atividade turística); Picos (maior entroncamento rodoviário do nordeste, famosa pela feira livre onde se comercializam produtos das cidades circunvizinhas); Piri-piri (passam as rodovias que dão acesso ao litoral piauiense); Floriano (grande centro comercial da região, bastante desenvolvida nos seus aspectos culturais); Campo Maior (destaque pelo comércio de gado e a extração e comercialização da cera de carnaúba); Oeiras (antiga capital se destaca como cidade histórica); São Raimundo Nonato (maior produtor de caprinos, desperta o turismo ecológico em função do Parque nacional da Serra da Capivara).

No Piauí, segundo Rodrigues (2004), foram encontrados pinturas rupestres datadas de mais de 20 mil anos, pedras lascadas e fogueiras de grupos primitivos com, aproximadamente, 60 mil anos. Esses vestígios arqueológicos estão no Parque nacional da serra da Capivara. A comunidade científica internacional considera esses vestígios com reservas, pois, junto a eles, ainda não foram encontrados restos de ossos humanos.

No período da colônia, o sertão piauiense era povoado por várias tribos indígenas guerreiras, que disputavam as melhores áreas de caça e pesca. Antes de serem colonizadas, passaram nessas terras padres em missões de catequese aos índios, como também bandeirantes à caça de índios. Inicialmente, recebeu o nome de Piagui (nome dado pelos indígenas), mais tarde, foi chamado de Piagoi. A grafia Piauhy só ficou conhecida após a independência do Brasil. A palavra é de origem Tupi, com significado ligado ao rio dos pias. Piau é um peixe muito comum nos rios e açudes piauienses. (RODRIGUES, 2004, p. 123).

A colonização da capitania do Piauí começou na segunda metade do século XVII, em 1674, com o português Domingos Afonso Mafrense. A ocupação das terras deu-se pela concessão de sesmarias e foi realizada do interior para o litoral, dando origem aos núcleos de povoamento, às vilas e às fazendas de gado. O primeiro núcleo populacional do Piauí originou-se de uma fazenda que foi elevada à categoria de freguesia em 1696, sob a invocação de Nossa Senhora da Vitória, transformada em categoria de vila em 1712, com a denominação de Mocha, mas ainda pertencente à capitania do Maranhão.

Até esse período, não havia escolas no Piauí, devido à desatenção do governo com a população, em função do número de habitantes pequeno e diverso nas fazendas. Em 1718, criou-se a capitania do Piauí, instalada apenas em 1758, essa vila recebeu o nome de Oeiras em homenagem a Sebastião José de Carvalho e Melo, conde de Oeiras, e conhecido, posteriormente, como Marquês de Pombal. A capitania era chamada de São José do Piauí em honra a D. José I, rei de Portugal. Pereira Caldas foi o primeiro governador, e a capital do Piauí foi sediada em Oeiras até 1852, quando ocorreu a transferência da sede do governo para a Vila Nova do Poti, situada na chapada do corisco, hoje, Teresina, em homenagem a Teresa Cristina, mulher de D. Pedro II, monarca da época.

A primeira escola foi criada pela coroa em 1757¹, sendo uma para meninos (ler, escrever, contar e a doutrina cristã) e outra para meninas (coser, fiar e fazer rendas), porém teve curta duração. Segundo Rodrigues (2004), em 1815, foram instaladas escolas com vagas

¹ Ocorreram outras tentativas de criação de escolas no Piauí, por parte dos Jesuítas, antes de 1757, que fracassaram.

parcialmente preenchidas em Oeiras, Parnaguá, Jerumenha, Marvão, Campo Maior e Parnaíba. A lei de nº 198, de 04 de outubro de 1845, criou o liceu Piauiense (suas aulas funcionaram apenas em 1848). Nessa época, o Piauí já possuía 16 (dezesesseis) escolas públicas de ensino primário para o sexo masculino, com 340 (trezentos e quarenta) alunos, e três para o sexo feminino, com 41 estudantes.

No povoado Boa esperança, em 1846, foi criado um internato masculino pelo Padre marcos Araújo Costa.

Este colégio teve funcionamento efetivo e ininterrupto por trinta anos, pois só fechou com a morte do seu idealizador e proprietário em 1850. Pode, portanto, ser considerado como a primeira escola existir de fato e o padre é considerado por muitos dos seus coestaduanos como o primeiro mestre escola do Piauí (FERRO, 1996, p.63).

Em 1847, o estabelecimento de educandos artífices, foi fundado em Oeiras. Em 1873 um colégio rural na colônia de São Pedro de Alcântara (hoje Floriano). Em 1866 foi criada também a Escola Normal no Piauí, que passou por sucessivas extinções até 1910. Uma escola noturna em Teresina, sob a direção do professor Juvêncio Tavares Sarmento e Silva. Em 1880, o Instituto Karnak, em Teresina só para rapazes, em que o ensino era de caráter secundário. Outras escolas surgiram no final do império e início da república, mas numa situação muito preocupante

As primeiras ideias republicanas no Piauí datam de 1822, contudo os seus simpatizantes não assumiram suas convicções. Somente após a Guerra do Paraguai romperiam novos movimentos republicanos. Figura de destaque foi o jornalista David Moreira Caldas, que iniciou uma entusiasta campanha na imprensa com o jornal “oitenta e nove”, que circulou em 1873. O nome do jornal preconizava a proclamação da república no ano de 1889, como de fato ocorreu.

No Piauí, segundo Ferro (1996), a mudança de Império para República aconteceu sem preparação e de forma apressada e improvisada. Devido ao distanciamento geográfico e com as dificuldades de comunicação da época, o povo saiu às ruas sem entender muito bem o que havia acontecido. Após a proclamação da república, é possível percebermos a situação caótica em que se encontrava a instrução pública do estado, por meio da mensagem (PIAUHY, 1899), o ensino primário carecia de uma reforma radical, em que houvesse aperfeiçoamentos, portanto, a necessidade de um curso normal que não fosse tão “aparatoso”. Além da reforma no ensino, era imperioso um aumento para os professores, uma melhor

fiscalização dos inspetores, concursos, fechamento de toda escola em que não houvesse professores diplomados, e melhoria dos prédios escolares.

Em 1906, foram criados, o Colégio Diocesano (educação masculina) e o Colégio Sagrado Coração de Jesus (educação feminina), ambos faziam parte do projeto de renovação católica no Piauí. Nesse momento, nasceu um intenso debate contrapondo a educação laica e a educação religiosa no estado, principalmente por intermédio da imprensa. O jornal O Apóstolo veiculava mensagens a favor da igreja, e os jornais O comércio, O monitor e O Piauí, considerados anticlericais, que defendiam a educação laica.

Para Pinheiro (2001), o ensino público laico era criticado, pois, por ser um ensino sem Deus, não havia como regenerar os homens, sendo o estado incentivado pela maçonaria e pelos livres pensadores, os culpados pela exclusão da religião católica na vida da sociedade piauiense. Por outro lado, o estado, na época precisamente em 1909, publicou uma portaria proibindo o ensino religioso nas escolas. Dessa maneira, os católicos conclamavam o povo a um verdadeiro embate, e várias proibições foram estabelecidas como: ler o jornal O Apóstolo; as edições protestantes da bíblia; ler Voltaire, Zola, Victor Hugo, Ernest Renan; o livro História das religiões no Piauí de Higino Cunha; o jornal O monitor e Um Manicaca de Abdias Neves. Com isso, a igreja assumia a “missão pedagógica” de instruir os leitores contra as ideias modernas que colocavam em julgamento a moral e os dogmas cristãos.

Para Brito (1996), só a partir de 1910 foi que se delineou a estrutura do ensino oficial com uma rede de escolas primárias ainda modestas, mas já definitivamente instalada, com o ensino normal funcionando ainda de maneira incipiente. Essa estrutura adveio da reforma de ensino de 1910, instituída pelo governador Antonino Freire. O ensino primário era ministrado em dois níveis: o elementar, compreendendo os três primeiros anos do curso, e o complementar, correspondendo ao 4º ano do curso.

Os grupos escolares ministrariam o curso primário completo de quatro anos, incluindo os dois níveis de ensino. Entre a escola isolada e o grupo escolar poderia funcionar um tipo intermediário de escola primária: as escolas reunidas que, constituídas do agrupamento de três a mais escolas, funcionavam sob uma única direção (BRITO 1996, p.50).

Nessa reforma, também foi determinada a estrutura curricular do ensino primário, e a implantação da estrutura legal levou as reivindicações pela expansão física da rede de ensino, principalmente dos grupos escolares pelo interior do estado. Assim, mesmo com muitas dificuldades, o governo passou a se preocupar com a qualidade do ensino ministrado e com outros problemas, como a falta de livros didáticos, a educação moral e cívica, a educação

física, o atendimento a crianças excepcionais e, também, quanto ao método de ensino (na época, havia discussões entre o método sintético² e o método analítico).

Infância da Professora Nevinha Santos

Coincidentemente ao ano da reforma de Ensino de 1910, em que oficializava a Escola Normal e regulamentava a criação de grupos escolares nasceu Maria das Neves Cardoso Rodrigues, em 12 de março desse mesmo ano, na localidade Marruás³, pertencente na época ao município de Barras, PI, sendo filha do Coronel José Olímpio Rodrigues, político e comerciante⁴, e de Lina Cardoso Rodrigues.

O seu nascimento, quatro anos anteriores à eclosão da primeira guerra mundial, nos remete a considerá-la como um sujeito, mulher e professora do breve século XX. Os impasses criados pelos interesses capitalistas no final do século XIX motivaram o imperialismo, o nacionalismo e conduziram o mundo a primeira guerra mundial (1914-1918). Hobsbawm (1995, p.30) adota, como início do século XX, a primeira guerra mundial, “não há como compreender o breve século XX sem ela. Ele foi marcado pela guerra”. Assim o chama, pela corrida entusiasmada pelo progresso humano e pela felicidade na terra. O Piauí também teve suas transformações vertiginosas.

Para Tavares (2003), esse estado entrou o século XX sob a tranquilidade da política pacificada, institucionalmente consolidado, economicamente próspero, em virtude do ciclo da maniçoba, do couro, da cera de carnaúba e do algodão. Os republicanos dominavam a política, sendo o primeiro governador eleito Arlindo Nogueira que tomou posse em 16 de julho de 1900. O estado possuía treze cidades e vinte vilas. Setenta e uma escolas, com média de trinta e dois alunos em cada. Nas cidades, as pessoas conviviam normalmente com animais, poeira, lama, riachos, casas de palha e epidemias. As festas religiosas eram o maior divertimento popular. As conversas nas calçadas eram uma cena comum. Uma população de trezentas e trinta e quatro mil pessoas, uma dieta alimentar a base de carne de gado e farinha

² Método tradicional bastante utilizado na alfabetização prevalece nele o ensino da leitura e da escrita, inicia o aluno no conhecimento da letra, depois, para sílaba e, em seguida para a palavra.

³ Atualmente, cidade de Porto (PI), originada da antiga Vila de Imaculada Conceição, teve como denominação inicial Marruás, sendo, então, uma simples fazenda de gado pertencente ao município de Barras. O nome Marruás surgiu devido à morte de dois marruás (novilho reprodutor), que lutaram por dois dias e duas noites até a morte. A luta iniciou na beira rio e terminou entre o morro da baiana e a lagoa grande. O município localiza-se às margens do rio Parnaíba, onde a intensa navegação de barcos a vapor que atracavam no cais atraía muitos comerciantes da região, o que contribuiu para o progresso do atual município de Porto (que passou a ter essa denominação em 1/01/1944).

⁴ Comerciante de uma loja de tecidos e outros mantimentos. Não recebeu patente oficial de coronel, mas, naquela época, no estado do Piauí, os homens mais ricos de uma cidade eram chamados de coronéis.

de mandioca. O Piauí era rural, em função de as oligarquias detentoras do poder esforçarem-se para manter a mão de obra no campo, baseada nas relações do caboclo e coronéis. A vida lenta, sem estradas, sem contato com regiões mais desenvolvidas, sem energia elétrica, água encanada e telefone. “Era assim, em estado praticamente bruto, que o Piauí adentrava no novo século, que o aguardava cheio de desafios, muitos deles vencidos e muitos deles resistindo ao tempo” (TAVARES, 2003, p.22).

No início do século XX, Marruás era ainda um núcleo populacional, vinculado ao município de Barras. Nos textos da professora Nevinha Santos, Marruás sempre foi muito referenciado por meio de sentimentos de saudades do seu lugar de origem. Ela descreve em detalhes toda uma região, a começar pela loja de seu pai, que ficava no início da Rua Grande (hoje Avenida Presidente Vargas), onde moravam as famílias de maior poder aquisitivo.

Em frente à loja do meu pai, havia um cajueiro alto, frondoso, imponente, com os cajus bem pequeninos. A impressão era de um pai orgulhoso guardando seus filhinhos com medo da chuva e do vento. Mais à frente ficava a casa do Coronel Manoel da costa, pai de Maria Ester, uma das minhas amigas de infância. Descendo um pouco mais, havia a Igrejinha de Nossa padroeira, a Virgem da Conceição⁵. Mais adiante a “baixinha”. Quando o rio Parnaíba enchia, a baixinha ficava totalmente alagada e tomava toda quadra da igreja. Era linda, a meninada fazia a festa. Parecia um mar de águas vermelhas, levando tudo de roldão (SANTOS, 1997c, p.3).



Figura 2 - Baixinha em Porto (PI) e o irmão (Alcides) da professora Maria das Neves Cardoso Santos
Fonte: Pesquisadora Jane Bezerra de Sousa.

⁵ A Igrejinha foi destruída pelas enchentes do rio Parnaíba, e no local foi construída outra com o nome de Igreja de São Francisco. A Igreja da padroeira Nossa Senhora da Conceição foi construída no início da Av. Presidente Vargas.



Figura 3 - Igrejinha de São Francisco, construída no local onde era a Igreja de Nossa Senhora da Conceição

Fonte: Pesquisadora: Jane Bezerra de Sousa.

Maria das Neves Cardoso Rodrigues foi uma das primeiras meninas que saiu para estudar fora e a primeira professora diplomada de Porto (PI). Fez o curso primário na cidade de Brejo (MA)⁶, local onde morava sua avó. Para ali chegar, atravessava-se o rio Parnaíba de canoa e, do outro lado, no município de Repartição, seguia-se a pé ou a cavalo (11 km) até chegar a Brejo. A escola pertencia a Dona Belinha Bacelar, ou seja, era uma escola particular, sendo exclusiva para meninas. Nas palavras de Nevinha, “Lá fiz todo o meu curso primário. E com ela aprendi também a maneira de ensinar crianças” (SANTOS, 1998f, p.3).

Desde meados do século XIX, algumas mulheres começaram a se dedicar ao ensino de primeiras letras e de trabalhos manuais às alunas. Segundo Castelo Branco (2005) é possível encontrar, em vários jornais, anúncios dessas aulas particulares, sendo que a maioria dessas mulheres que ministravam aulas em casa não tinha uma formação mais apurada e ensinavam as alunas a ler, escrever, conhecer números e fazer contas com as quatro operações fundamentais de aritmética. Também orientavam sobre princípios de moral e religião, além de instruir sobre trabalhos de agulha. Geralmente, eram professoras solteiras em busca de alguma ocupação ou de complemento de renda para a família.

Quando foi inaugurada a primeira sede da prefeitura de Marruás (que ainda lutava por sua emancipação política), Maria das Neves Cardoso Rodrigues tinha dez anos, e a sua

⁶ Localizada a 349 km da capital São Luís.

professora da época preparou-lhe um discurso para decorar e dizer no dia da festa, oportunidade em que foi aclamada com muitas palmas e vivas.

Os primeiros a me abraçarem, depois do meu pai, foram os coronéis Manoel da Costa, Edson Rêgo e Anfrísio Bastos. Lembro-me com carinho de todos. A alegria do meu pai era sentida no seu rosto. A festa foi grandiosa. Vieram as bandas de música de Barras e Miguel Alves. Vieram também muitos políticos e correligionários, familiares e amigos das cidades vizinhas. Houve muitas cervejas, muitos foguetes foi uma animação como diziam eles. Hoje estou lembrando esse passado que vai longe demais [...] tão longe [...] e me vejo pequena, esperando o meu pai chegar de Parnaíba num dos vapores “Manoel Tomaz”, Piauí ou Igarassu, trazendo mercadorias para sua loja, e eu tinha certeza que trazia bonecas de louça inglesa para mim (SANTOS, 1997c, p.3).

Esse ano em que a professora se remeteu ao seu discurso foi o de 1920, época em que Marruás “passou de povoado à categoria de vila mediante lei estadual nº 970, de 25 de junho de 1920” (BEZERRA, 2005, p.8). A sua instalação (época do discurso proferido por ela ainda menina) foi em 1º de dezembro de 1920, e a partir desse momento, passou a ser chamada de Vila da Imaculada Conceição. Em 1933, de João Pessoa e, em 1944, de Porto, nome escolhido pela população local por meio de plebiscito, em função do porto no cais do rio Parnaíba, onde atracavam os barcos que navegavam num intenso movimento.

Percebemos que a infância da professora Nevinha foi rememorada com muito saudosismo, destacando-se as brincadeiras, as amigas, os lugares, os passeios, os vizinhos, os costumes locais e a natureza. Para Viana (1995), inspirada em Freud, afirma que as lembranças da infância não são marcas de acontecimentos reais, mas elaborações posteriores trabalhadas sob a influência de diferentes forças psíquicas.

Em suas memórias, ela relata as visitas à fazenda do seu tio Zé Teixeira, localizada no município de Miguel Alves (PI), em período de férias. Para chegar até essa fazenda, todos saíam muito cedo de Marruás, a cavalo: “O meu pai com seu cavalo de sela comigo na garupa amarrada, para eu não cair. Deveria ter apenas oito anos, mas lembro de tudo”. Essas viagens eram realizadas no período das “desobrigas” (SANTOS, 1998e, p.3).

Nessas ocasiões, as pessoas da localidade esperavam pelo padre, faziam fila para beijar-lhe a mão e, na casa onde era hospedado, o religioso ganhava o melhor aposento. Na frente da casa da fazenda do tio de Nevinha, havia uma latada (uma imensa casa de palha), onde era preparado um altar para os ofícios religiosos, sendo que as pessoas de outros lugarejos se deslocavam para ali assistir à programação religiosa. Depois disso, iam tomar banho no riacho. Lembranças era o nome da fazenda, onde havia uma casa no alto, podendo-

se dali admirar a verde mata, os currais, as vacas de leite, as cabras, as ovelhas, um quintal cheio de frutas, galinhas, leitões e muitas pessoas trabalhando. “Ainda hoje sinto saudades da minha vida de menina. Foi o tempo da minha maior felicidade” (SANTOS, 1998e, p.3).

O rio Parnaíba⁷ também despertou fortes sentimentos na professora Nevinha, isso porque a sua cidade era toda cortada pelo rio. Ela sempre o descrevia, bem como as barcas cobertas de palhas (parecendo casinhas flutuantes), os homens trabalhando nas margens dos portos das cidades do Piauí e do Maranhão. Também são lembradas as lagoas com os jacarés, os igarapés, os passeios pelas várzeas, na lagoa da Rita ou a cavalo, com seu pai. Todas essas lembranças de Porto a motivaram a compor esta poesia em homenagem à cidade.

LEMBRANDO

Esta lembrança que vive em mim
Da cidade pequena onde nasci
Lembra o perfume dos campos e do rio
E a vida feliz que lá vivi...

Sinto saudades daquele rio correndo
E eu pequena correndo a sua margem
Parava para ver a minha imagem
Mas o rio teimoso não parava

Pensava na travessura que fizera
Voltava assustada para casa
E ajoelhada com medo eu rezava
Oh! Deus! Não me deixes morrer sem ver meu rio
Nem minha terra querida onde nasci
Nem minha casa que com meus pais vivi. (SANTOS, 1997c, p.3).

Na cidade de Brejo (MA), Nevinha morava na Rua Santana, onde também se localizava sua escola, à qual se dirigia pela manhã, o que lhe proporcionava um belo passeio, como ela mesma define:

O meu colégio era na mesma rua, mas longe, porque a rua era muito comprida. Ela terminava numa praça, onde havia a bela matriz de Nossa Senhora dos Remédios, onde fiz a primeira comunhão, num lindo domingo de festa, com todas as alunas do colégio. Esse tempo foi o mais feliz da minha vida [...] Quando saía de manhã para o colégio, ia me juntando com outras meninas e quando chegávamos éramos seis. Para mim era um belo

⁷ Com 1485 km de extensão, é a fronteira natural entre o Piauí e o Maranhão. Nasce nas chapadas das Mangabeiras na confluência dos Estados da Bahia, Maranhão, Piauí e Tocantins, a 709 metros de altitude. Recebe sete grandes afluentes do lado piauiense e um do lado maranhense formando a quarta bacia isolada do Brasil, depois do Amazonas, Paraná e São Francisco. É um rio sinuoso em quase todo o seu percurso. Na época das cheias, atinge uma profundidade de 2 a 6 metros. Em período de estiagem, sua profundidade vai de 2 metros até 0,70. Tradicionalmente, é dividido em Alto, médio e Baixo Parnaíba. (TAVARES, 2003)

passeio. Andar pela Rua Sant'Anna era um sonho, na rua havia pontesinhas, pois por ela passavam os riachos que cortavam a cidade. Achava aquilo maravilhoso e mais os sobrados que havia na rua, casas lindas, com jardins, grandes lojas, as palmeiras imperiais e fogueiras enfeitando a cidade. Para mim tudo aquilo era maravilhoso, adorei morar lá (SANTOS, 1998f,p.3).

Quando chegava do colégio, ia para o riacho tomar banho, subia nas árvores, tirava ninho dos pássaros, acompanhada sempre da Zezé⁸. Depois voltava para casa, almoçava e ia aprender a lição com Bibi, sua prima. Nessa época, o pai sempre a visitava, levando-a para as lojas com o fim de comprar o que ela necessitasse.

Depois de terminar o curso primário, em 1922, Nevinha mudou-se para Teresina, viajando no vapor Manoel Tomaz. Segundo ela, “O vapor era grande e confortável. Foi uma viagem encantadora. Era uma linda noite de luar. As águas ficavam prateadas à noite com a lua e o céu estrelado” (SANTOS, 1998f, p.3). Para Tavares (2003), a navegação do Rio Parnaíba foi liberada pela capitania dos Portos em 1903, porque era intensa a navegabilidade entre Paranaíba e Uruçuí. Era importante veículo de comércio, as embarcações cruzavam o rio conduzindo chapas de ferro ou barcaças de madeira. A navegação foi intensa até os anos de 1940, transportando passageiros e produtos do fundo do delta, como também produtos de outros estados e do exterior. Destacaram-se as Companhias do Alto do Parnaíba, Companhia de Vapores e Empresa fluvial. Sobre o vapor, Nevinha ainda lembrou: “Ficava olhando o vapor subindo o rio, cortando águas, puxando aquelas barcas cobertas de palhas, que pareciam verdadeiras casinhas flutuantes, carregadas de homens trabalhando e riquezas, deixando-as as margens dos portos de cidade do Piauí e Maranhão” (SANTOS, 1998f, p.3).

Quando chegou a Teresina, morou com Dona Mariazinha Alencar e suas filhas Júlia e Marocas⁹. Foi com elas que aperfeiçoou as boas maneiras, bons hábitos e aprendeu novas lições.

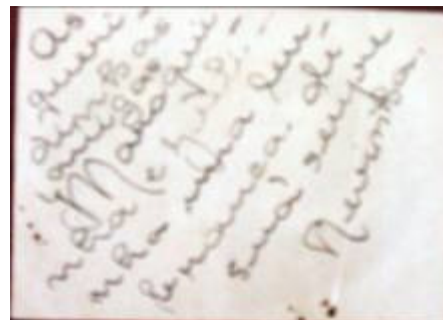


Figura 4 - Maroquinha e Nevinha

Fonte: Arquivo Pessoal Wanda Cardoso Santos

⁸ Refere-se a uma menina vizinha de sua casa

⁹ Filhas de D. Mariazinha Alencar que a acolheu na cidade de Teresina para seus estudos na Escola Normal. A família Alencar, Adolfo Alencar e sua esposa, sempre foi referenciada nos textos da professora Nevinha, e com palavras de agradecimento e amizade.

Escola Normal em Teresina

“Seja o vosso lábaro o último mandamento de Cristo aos seus apóstolos: *Ite docete emmes gentes. Ide, ensinai a todas as gentes*” (HIGINO CUNHA, 1923)

A escola Normal no Piauí foi criada pela resolução 565, publicada a 05 de agosto de 1864, e inaugurada em 03 de fevereiro de 1865. Na época, o presidente da província era Franklin Américo Meneses Dória, para Lopes (2008, p.107), esse presidente da província promoveu uma reforma no ensino e tinha “uma visão otimista do papel da educação na formação dos indivíduos e na produção de uma sociedade na qual o progresso seria a meta, mas acima de tudo, no papel disciplinador da educação para a população”. A escola Normal surgiu como o desejo de superar a concepção de um professorado sem formação, “era o que reclamava o presidente Franklin Dória para a constituição de seu projeto de ilustração da sociedade rural e de base latifundiária” (LOPES, 2008, p.107).

O curso tinha uma duração de dois anos, e as disciplinas ministradas eram: instrução moral e religiosa, leitura e escrita, elementos da gramática nacional, cálculo, sistema de pesos e medidas, ciências das escolas, elementos de história e geografia, prendas domésticas (para as senhoras). Constituíam a equipe inicial de professores: Constantino Luiz da Silva Moura (médico e diretor da escola), Newton César Burlamaque, bacharel em matemática e o Capitão Joaquim de Lima e Castro, professor público de aritmética e geometria. O número inicial de alunos era de 23, e destes sete desistiram.

A escola normal foi extinta em 1867, pela resolução nº 599, de 09 de outubro desse mesmo ano. Essa mesma resolução criava, anexo ao curso propedêutico, um curso especial de dois anos para os que pretendessem praticar o magistério, essa experiência permaneceu até o ano de 1874.

Segundo Soares (2008), de 1874 a 1882, não se tem notícias sobre o ensino normal no Piauí. Mas, em 1882, com a resolução nº1062 de 15 de julho, daquele ano, foi instalada a Escola Normal, no mesmo prédio do liceu, porém autônoma, com professores destinados exclusivamente à formação docente. Essa experiência durou até o ano de 1888 e foi extinta sob fortes alegações de falta de dinheiro da província em mantê-la. Após esse momento, a escola normal ficou quase vinte anos ausente da instrução pública piauiense.

Em 1908, foi criada uma sociedade auxiliadora da instrução pública, que instituiu em 1909, a Escola Normal livre, oficializada em 1910. A escola surgiu como uma necessidade de

formar professores para superar o professorado despreparado existente e trabalhar num novo tipo de escola primária, conforme Lopes (2008, p.115):

O discurso oficial sobre o trabalho dos docentes continuava taxando-os [sic] de incompetentes, preguiçosos, fraudadores e fracassados; sua existência era tida como uma das principais razões para o fracasso de qualquer política modernizadora da ação escolar piauiense. Os docentes resultavam do que a fala oficial denominava de ‘patronato político’.

Esse novo professorado deveria ser “normalista, laico e feminino”. Em torno da criação da escola normal estaria a ideia de que seus mentores seriam os “propulsores do progresso”. Dessa forma, constituir-se-ia, no Piauí, a modernidade, e o caminho seria alcançado por meio da tríade “escola normal, professora normalista e grupo escolar” (LOPES, 2008, p.116).

A Escola Modelo foi criada anexa à Escola Normal, mediante o decreto nº 434, de 1910, destinando-se a promover a prática das normalistas, treinando-as para o ensino primário. No entanto a escola só foi instalada em 1912 e funcionou até 1955 com o nome de Artur Pedreira. Em 19 de novembro de 1922, Maria das Neves Cardoso Rodrigues prestou exames na Escola Modelo, obtendo aprovação, como mostra o documento assinado pelo diretor Anísio Brito e pela professora Alzira Freitas (figura 5).

Esse exame isentava a aluna de prestar novos exames de admissão na Escola Normal, em que o ingresso se dava com essa forma de avaliação. Outra forma de ali ingressar era ser o aluno ou aluna portador (a) de diploma de estudos primários realizados na Escola Modelo, na escola complementar Antonino Freire, no Colégio sagrado Coração de Jesus, no Externato Areolino de Abreu, no Ginásio Paes de Carvalho, ou ainda, ser transferido do Liceu Piauiense. Segundo Lopes (2001, p.42),

O destaque, contudo, era da Escola Modelo, escola pública estreitamente vinculada à Escola Normal, destaque este dado por sua importância no sistema educacional e pelo fato de seu diploma de 4º ano primário ser reconhecido para efeito de matrícula na Escola Normal.

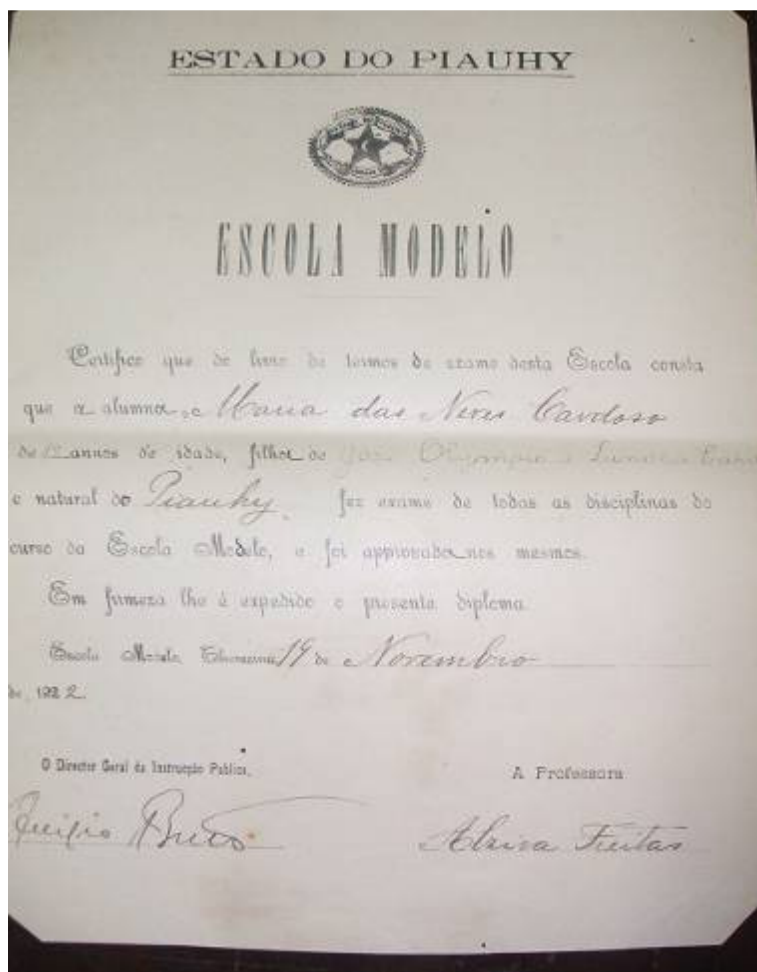


Figura 5 - Certificado do exame da Escola Modelo

Fonte: Arquivo do Instituto Superior de Educação Antonino Freire.

No ano de 1923, a Escola Normal Oficial de Teresina já se consolidara. Fundada desde 1909 e oficializada em 1910, exercia forte influência sobre a cidade e também sobre a educação. A oficialização da Escola Normal fez parte da implantação da Lei nº 548, de 30 de março de 1910, que determinava:

- O estabelecimento do ensino de forma livre, leiga e gratuita, dividido em primário, normal e profissional;
- A criação da escola Normal destinada exclusivamente ao sexo feminino para o preparo das candidatas ao magistério público primário;
- A nomeação, preferencialmente de professoras normalistas;
- A permissão para professoras interinas frequentarem a Escola Normal Oficial com o fim de se efetivarem.

Segundo Soares (2008), desde sua criação, a Escola Normal Oficial funcionava apenas em horário diurno, sendo que o aluno deveria obter, no mínimo, seis pontos nos dois tipos de exame: o de promoção, que possibilitava matrícula no ano seguinte, e o final, que

conferia a habilitação para exercer o magistério, além da frequência obrigatória nas atividades do curso. O ano letivo se estendia de 15 de abril a 15 de dezembro, e as aulas tinham duração de sessenta minutos. A metodologia se caracterizava por aulas teóricas, currículo que se aproximava do ensino propedêutico.

Ocorreu grande procura por candidatas que a buscavam apenas para aquisição de saber, sem a intenção de exercerem o magistério. Esta situação reverteu-se a partir da criação da Escola Modelo, espécie de Escola primária, destinada à prática pedagógica das normalistas (o tirocínio): da inclusão progressiva das cadeiras de didática, metodologia específica, psicologia e história da educação e da fundação da escola de adaptação, na qual os estudantes aprofundavam os conhecimentos básicos adquiridos na escola primária e eram submetidos a testes de sondagem para serem encaminhados à Escola Normal apenas os vocacionados para o magistério. Foram estas as medidas utilizadas para garantir o perfil profissionalizante do curso normal (SOARES, 2008, p. 78).



Figura 6 - Escola Normal do Piauí¹⁰

Fonte: Guilherme Muller

No ano em que a aluna Maria das Neves Cardoso Rodrigues ingressou na Escola Normal Oficial, predominava a seguinte grade curricular, conforme Lei nº 1027, de 03/07/1922: 1ª série – Português, Francês, Aritmética, Geografia e Cosmografia, Desenho e Caligrafia, Trabalhos Manuais e Ginástica; 2ª série – Português, Francês, Aritmética e Noções

¹⁰ A construção desse prédio começou no governo de Eurípedes Aguiar (1916-1920) e foi concluída no governo de João Luís Ferreira (1920-1924). Inaugurada por Matias Olimpio em 1924. Foi tombada como patrimônio Histórico Nacional em 1981, e desde 1986, abriga a sede da Prefeitura de Teresina com a denominação de Palácio da Cidade.

de Álgebra, Corografia Específica do Brasil, Desenho e Caligrafia, Trabalhos Manuais, Ginástica e Pedagogia Teórica; 3ª série – Português, Francês, Física e Metodologia, História do Brasil, Desenho e Caligrafia, Trabalhos Manuais e Cartografia, Música Vocal, Pedagogia e Psicologia; 4ª série – Literatura, História Natural e Higiene, Química, História Universal, Desenho, Música Vocal e Pedagogia Prática;

Conforme Soares (2008), de 1920 a 1929, ocorreu um aumento de matrícula na mesma proporção da década anterior. Isso aconteceu, segundo a autora, devido à vinculação da nomeação efetiva do (a) professor (a) primário (a) ao diploma de normalista, o que contribuiu, em seguida, para a fundação de outras escolas normais: em Parnaíba, no ano de 1928, e, em Floriano, no ano de 1930.

Num quadro em que o analfabetismo e o descaso com a instrução eram preocupantes no Brasil, no Piauí, não era diferente, o baixo índice de escolaridade na primeira república preocupava os governantes. No recenseamento de 1920, realizado pelo IBGE, o estado possuía 86% da sua população de analfabetos, perdendo apenas para Paraíba.

Esse processo resultou na formação do Congresso das municipalidades¹¹, no Piauí, que, por meio da Lei nº 18, de 06 de setembro de 1921, apresentava, no artigo I - Instrução primária profissional, mormente agrícola e pecuária. Além do Congresso das municipalidades, o estado também fazia parte da Liga Brasileira contra o Analfabetismo, cujo papel era denunciar o analfabetismo e lutar pela sua erradicação no país (CONSELHO MUNICIPAL..., 1921). Segue reivindicação publicada no jornal O aviso, de 15 de outubro de 1921:

Nas vésperas do centenário da sua independência política, o Brazil conta ainda com 80% de analfabetos. Isto é uma triste vergonha que não pode continuar! Sois brasileiros certamente amais a nossa pátria. Vinde, pois, em seu socorro. Ajudae a libertá-la da grande macula que entorpece o seu progresso. Em nome do Brasil, pedimos o vosso apoio em favor do nosso grande ideal. Rio de Janeiro, 11 de junho de 1921. Pela Liga Brasileira contra o analfabetismo. (SANTOS, 1921, p.3).

Um dos recursos para a superação do quadro de analfabetismo existente era a formação de um quadro de professores especializados na substituição de mestres poucos instruídos. Para Lopes (2008), a escola normal no Piauí surgiu como desejo de superação do

¹¹ O Congresso das municipalidades tinha sua sede em Teresina e, durante os anos de 1920, seus componentes requisitavam além da instrução primária, o saneamento agrícola e rural, estradas carroçáveis, regime tributário, limites intermunicipais. Cada município possuía um conselheiro que firmava acordo com o estado ou outros municípios. A cada reunião com os representantes municipais, as decisões eram submetidas à votação.

caráter pouco profissional e pouco competente dos professores na época, pelo menos isso na ideia dos governantes da província.

A ausência de um corpo professoral vocacionado e treinado era o que reclamava o Presidente Franklin Dória para a constituição do seu projeto de ilustração da sociedade rural e de base latifundiária, dispersa e regida por códigos econômicos e políticos oligárquicos, os quais não passavam necessariamente pelo domínio daquilo que a escola tinha a oferecer e sobre a qual exerciam o controle em sua base municipal (LOPES, 2008, p.107).

Em Teresina, Nevinha ingressou na Escola Normal Oficial no ano de 1923, tendo apresentado, no ato da matrícula, por meio de sua mãe, Lina Cardoso Rodrigues, requerimento acompanhado de certidão de idade, atestados de vacina e de que não era portadora de moléstia contagiosa.

Em 29 de março de 1924, seu pai requereu sua matrícula no 2º ano da Escola Normal Oficial, tendo Nevinha perdido algumas disciplinas, sendo que, em 1925, fez nova matrícula no 2º ano. Em 1926, prestou exames das disciplinas Português, Francês, Aritmética, Geografia, Pedagogia, Desenho, Música e Trabalhos, e, sendo aprovada em todas, ingressou no 3º ano. Durante os anos de 1926 e 1927, cursou o 3º ano, submetendo-se, também, a provas de disciplinas perdidas, como Física, História Natural, Música, Desenho, Geometria, Pedagogia e História do Brasil.

Guia de Transferencia

Certifico que o Sr. *Maria das Neves Cardoso Rodrigues*
 filha de *José Olympio Rodrigues* natural de *o Estado*
 prestou todos os exames constantes do 2º ano do curso
 da Escola Normal e foi aprovada em todas as matérias; pelo que está habilitada a
 frequentar as aulas do 3º ano.

Grãos de aprovação

Portuguez	6
Francez	9
Arithmetica	5
Physica	—
Chimica	—
H. Natural	—
Geographia	8
H. do Brasil	—
H. Universal	—
Pedagogia	4
Desenho	6
Musica	9
Trabalhos	6

Secretaria Geral da Instrução Publica em Theresina.
 de 1928

O SECRE
Julio

Figura 7 - Exames 2º Ano da Escola Normal

Fonte: Arquivo do Instituto de Educação Superior Antonino Freire.

Em 31 de março de 1928, Nevinha requereu matrícula no 4º ano do curso, sendo que, em novembro do mesmo ano, tornou-se normalista, junto com a seguinte turma:

Alba Serra e Silva, Alcides Siqueira Paz, Amaryllis Leal de Carvalho, Anita da Silva Martins, Antonia de Area Leão, Cristina Neves de Sousa, Delmira Coelho Machado, Durvalina Freire de Andrade, Elza Oliveira, Eva das Neves Feitosa, Francisca Romana de Sá Martins, Gersila de Figüredo, Hersychia Borges de Sousa, Idalina Ferreira da Silva, Isabel Borges de Sousa, Julia Gomes Ferreira, Maria Amélia Ferreira, Maria das Neves Cardoso Rodrigues, Maria José Sousa Martins, Maria Romana Rosa Ribeiro, Nydia Carvalho, Otília de Carvalho e Silva, Raimunda Fontes Baptista e Raimunda Gonçalves Ribeiro

Como professores, Nevinha Santos teve Adelaide Fontenelle¹², Lélia Avelino¹³, Anísio Brito¹⁴, Sotero Vaz¹⁵, Higino Cunha¹⁶ e Firmina Sobreira Cardoso¹⁷, sobre os quais observou:

O professor era respeitado tanto pela sociedade, quanto pelo governo, que, além de pagar bem, não deixava atrasar o salário [...] tinham ótima educação e procuravam passá-la para seus alunos. Nos ensinavam boas maneiras e um português correto. Não havia gírias e poucas pessoas falavam errado. Criticava-se quem não falava corretamente (SANTOS apud CARDOSO, 1997, p.3).



Figura 8 - Manuel Sotero Vaz da Silveira Professor da Escola Normal
Fonte: DR. VAZ... (1938, p.3)

¹² Adelaide Fontenele foi aluna da Escola Normal, diplomada em 1918. Estes versos foram publicados para ela na revista da Academia Piauiense de Letras em 1919: Desta casa nenhuma, até agora, lhe excedera no brilho das lições; por isso, a nívea fronte hoje lhe enflora a grinalda de muitas distinções; Em breve deixa a escola e vai-se embora, das colegas levando os corações, dos mestres poderá dizer lá fora, as mais belas e sábias preleções; é da terra da luz! Foi na viçosa que nasceu esta meiga senhorita, de espírito brilhante e alma radiosa; de bondade, Ella aqui foi um exemplo, na escola deu a prova mais bonita do quanto se aproveita neste templo (ESCOLA, 1919, p.1).

¹³ Nasceu em Teresina em 04 de maio de 1893. Filha de Benjamim Eliseu de Moraes e Dona Honorina Constança de Moraes. Faleceu em 15 de maio de 1982. Ganhou prêmio de melhor normalista em 1914. Foi nomeada, nesse mesmo ano, como professora da Escola Modelo, em função de ter obtido as melhores notas. Em 1918, concorreu a vaga efetiva na Escola Normal para a cadeira de Pedagogia. Fez licenciatura em Psicologia e Filosofia pela faculdade do Rio de Janeiro. Foi também artista plástica, pintou várias telas, trabalhou a grafologia, mas se dedicou à pintura. Em 1971, foi inaugurada uma escola em Teresina que, em sua homenagem, recebeu o seu nome.

¹⁴ Anísio de Brito Melo (1886-1946). Educador, historiador e cirurgião dentista. Foi diretor do Liceu Piauiense e da Instrução Pública.

¹⁵ Sotero Vaz da Silveira (1886-1949). Médico, político, diretor do departamento de saúde pública, diretor da instrução pública. Professor do Liceu. Conselheiro e presidente do conselho administrativo do Estado, foi interventor federal interino em 1946.

¹⁶ Higino Cunha (1858-1943). Professor, jornalista, magistrado e escritor. Bacharel em direito. Ensinou no Liceu Piauiense e na Escola Normal. Propagandista da abolição e república. Colaborou com todos os jornais da época.

¹⁷ Organizou e dirigiu a Escola Modelo, tendo introduzido novos métodos, programas e orientação pedagógica, bem como humanizado o ensino Normal. Foi a primeira professora de Pedagogia da Escola Normal Oficial e, posteriormente sua diretora. Compôs a música do Hino do Piauí, em parceria com o cônego Leal Damasceno (SOARES, 2008). Considerada pioneira da educação na escola normal. Por introduzir métodos novos (como o método intuitivo), serviu como exemplo para as normalistas.

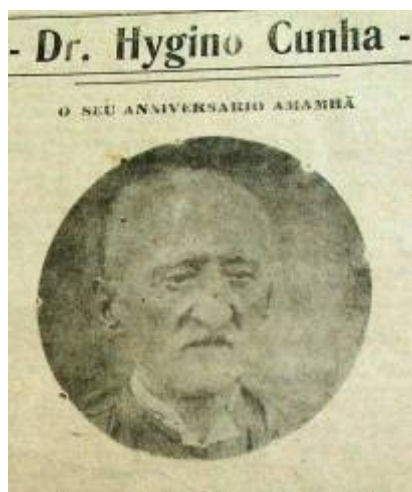


Figura 9 - Hygino Cunha - Professor da Escola Normal
 Fonte: O Seu aniversário... (1938, p.1)

O professor, nas memórias de Nevinha, aparece como um modelo, construído por ela mesma, a ser seguido na sua trajetória profissional, mesmo revelando o rigor, a disciplina excessiva, ela apontou a competência, o alto nível de conhecimento, a postura pedagógica e a efetiva participação social desses mestres. As maiorias dos professores da Escola Normal exerciam outras profissões, advogado, cirurgião dentista, médico, entre outras. Ocupavam cargos importantes no governo do estado como a Diretoria da Instrução Pública como exemplos: Martins Napoleão, Anísio Brito e Sotero Vaz.

O sentimento de afetividade e admiração pelo professor não desapareciam diante do rigor e a exigência que estes impunham às normalistas. Segundo Brito (2003):

Um fato que me marcou, foi que o diretor e professor de Português mandaram avisar a sala que a aula dele seria às 12h, pois ia participar de uma reunião. Eu fiquei na sala estudando outra matéria. Quando a criatura entrou, fechou o meu livro e foi falando: _ A senhora estudando outra matéria no meu horário. Eu já lhe reprovei uma vez e pode ser mais._ Ai eu tomei aquele susto abaixei na carteira e já fui chorando.

Os professores eram nomeados pela Diretoria da Instrução Pública ou através de concursos, eram homenageados em todas as formaturas da escola desempenhando em sua maioria o papel de paraninfo. É importante observarmos que nos cargos de diretor da Escola Normal, postos de inspetores de ensino e direção geral da instrução pública, havia uma exclusividade masculina. Enquanto as professoras ficavam na escola até a aposentadoria.

O corpo docente da Escola Normal conforme, (PIAUHY, 1928), era constituído da seguinte forma:

Portuguez – Professor Martins Napoleão e Firmina Sobreira que substituía o lente efectivo professor Leopoldo Cunha.
Francez – Doutores Christino Castelo Branco e Audemaro Motta
Arithmetica e Algebra – Doutores Area Leão e Luís Mendes Ribeiro Gonçalves
Geometria – Doutor A.C. Vieira da Cunha
Desenho- Alvaro Freire
Geografia – Doutor A. Celestino Franco de Sá
História Universal e do Brasil – Doutor Anísio de Brito Mello
História Natural – Doutor M. Sotero Vaz da Silveira
Pedagogia – Lélia de Moraes Avelino
Música – Dona Firmina Sobreira Cardoso
Trabalhos de Agulha – Dona Maria de Lourdes Martins Rêgo

Em suas recordações, a educadora destaca ainda suas amigas da época: Nydia Carvalho, Erina, Dagmar Miranda, Hilda, Aldenora e Angélica Martins, amigas que, nas horas de lazer, recitavam poemas de Olavo Bilac, liam Machado de Assis, cantavam, balançavam nas redes, recitavam sonetos de poetas piauienses, faziam festinhas de aniversário para as professoras e também realizavam as atividades da Escola Normal. Segundo Freitas (2003, p. 39), “[...] estas jovens mulheres viveram, enquanto normalistas, a experiência de um curso normal na mesma instituição. Partilharam valores, normas, regras e conteúdos no processo de formação”. E que podem ser pensadas por meio do que experimentaram a partir de suas necessidades e consciência (THOMPSON, 1981). A formação profissional dessas normalistas era permeada por reciprocidades, e, apesar de cada uma ter vivido experiências particulares, todas elas conviveram com os mesmos professores e colegas, dessa maneira, as suas vivências foram construídas no espaço escolar e revelam o seu cotidiano.

Todas elas eram adolescentes, entre 12 e 15 anos, ao ingressarem na escola normal, um curso que variava de três a cinco anos, e, nesse ínterim, amadureciam juntas no convívio social, afetivo, cultural, físico. Amadureciam a partir de um grupo e de suas experiências. Para Thompson (1981), valores e maneira de viver apreendidos também na comunidade imediata, no convívio com as vivências e experiências que o grupo de normalistas teve em comum.

A formação na escola Normal incentivava a poesia e os contos. Olavo Bilac era o seu poeta predileto, abaixo uma das poesias mais mencionadas durante as festas das normalistas.

Pátria

Pátria, latejo em ti, no teu lenho, por onde
 Circulo! e sou perfume, e sombra, e sol, e orvalho!
 E, em seiva, ao teu clamor a minha voz responde,
 E subo do teu cerne ao céu de galho em galho!

Dos teus liquens, dos teus cipós, da tua fronde,
 Do ninho que gorjeia em teu doce agasalho,
 Do fruto a amadurar que em teu seio se esconde,
 De ti, - rebento em luz e em cânticos me espalho!

Vivo, choro em teu pranto; e, em teus dias felizes,
 No alto, como uma flor, em ti, pompeio e exulto!
 E eu, morto, - sendo tu cheia de cicatrizes,

Tu golpeada e insultada, - eu tremerei sepulto:
 E os meus ossos no chão, como as tuas raízes,
 Se estorcerão de dor, sofrendo o golpe e o insulto! (BILAC,1964, p.261)

Sobre as festas no dia 15 de maio, para comemorar os aniversários da fundação da Escola Normal, relata a professora Nevinha:

Era tudo muito bonito, muito animado, as pessoas faziam discursos, algumas alunas recitavam poemas. Tinha o desfile também. Guardo muita coisa boa desse tempo. As brincadeiras, as conversas com minhas amigas. Me entristece saber que a grande maioria delas já morreu, mas lembro de todas com saudade. Recebi meu diploma em 1928 aos 18 anos de idade. No ano seguinte, fui dar aulas em Picos e morei lá por muito tempo. Já nessa época comecei a perder contato com as minhas colegas. Não existiam correios, então ficava difícil manter correspondência. (SANTOS apud MARANHÃO, 1998, p.2)

A escola normal se fez presente em desfiles cívicos, programas de rádio, promoção de festas, com a participação ativa das normalistas. Uma das festas de que as normalistas participaram ativamente, ainda na época em que a Professora Nevinha estudava na Escola Normal, foi o primeiro centenário do ensino primário no Brasil. Essa festa foi grandiosa e motivo de matéria no jornal A Imprensa, de 15 de outubro de 1927. O programa da festa foi organizado pelo diretor da instrução pública, na ocasião, Christino Castello Branco. Houve uma concentração de todas as escolas estaduais, municipais e particulares da capital no Grupo Escolar Demóstenes Avelino de onde seguiram em desfile até a Praça Marechal Deodoro da Fonseca. Em frente à Escola Normal, ocorreu uma apresentação de Ginástica sueca e foi cantado pelos alunos o hino do primeiro centenário do ensino primário. Na escola modelo,

foram distribuídos bombons, em seguida, houve a celebração de missa. À tarde, uma sessão cívica no salão nobre da Escola Normal com os discursos das professoras Firmina Sobreira, Lélia Avelino e Dina Soares. Visitaram o cinema para vespéral infantil e à noite um chá dançante na Escola Normal. Essas festas eram cercadas de uma organização impecável e com a participação efetiva das normalistas. Toda a programação da festa foi publicada na imprensa, assim como todas as festas cívicas realizadas faziam parte nas notícias constantes dos jornais.

Para Bencostta (2006), a imprensa forneceu elementos retóricos, que fortaleciam os fundamentos cívicos doutrinários que tinham como objetivo mostrar os desfiles, como manifestações de patriotismo. Se, por um lado, a imprensa tinha um profundo envolvimento na construção de mitos de nacionalidade, por outros, atendia aos propósitos das autoridades de ensino.

Muitas das amigas da Escola Normal fizeram visitas a Nevinha, que, na escrita de suas memórias, sempre as registrava. A amiga Erina, por exemplo, visitava-a em companhia da irmã Angélica. Eram encontros marcados por conversas cheias de recordações e lembranças da Escola Normal. Dos domingos, nas residências das amigas. Lembavam também de outras colegas, como Dagmar: “éramos tão amigas que fazíamos vestidos iguais” (SANTOS,1999?). Durante esses encontros, fotografias eram trocadas, como a própria Nevinha relata: “A Erina me trouxe um quadrozinho onde todas nós, normalistas da época e alunas da professora Adelaide Fontenele, felicitávamos pelo seu aniversário” (SANTOS, 1999?). E ainda sobre a Escola Normal lembrou com sentimentos de muita saudade:

Esse tempo de Escola Normal foi o tempo da alegria, da felicidade, das festinhas, juntas todas nós. Que saudade e suaves recordações de um passado que já vai muito longe [...] passado que não se pode esquecer [...] nunca, jamais [...] Assim é a vida. Cheia de amarguras e decepções, mas também repleta de momentos inesquecíveis (SANTOS, 1999?).

A Escola Normal, em seus primeiros anos, recebeu alunas provindas não só de Teresina, mas também de vários outros locais, as quais, ao terminarem o curso, voltavam para suas cidades, para ocupar cargos de professoras públicas e assim revolucionar a prática pedagógica além de substituírem os antigos mestres-escola. Tinham como função livrar seus alunos da ignorância e formar bons cidadãos.

Nevinha morou em Teresina (PI) de 1922 a 1928, ou seja, os seis anos necessários para a conclusão de seus estudos de normalista. E, como os lugares e pessoas exerciam forte influência na professora, em seus escritos, ela procurou descrever Teresina minuciosamente.

O seu pensamento fazia uma viagem no tempo com precisão de detalhes e sobre a cidade assim se manifestou:

Tu sempre foste linda na simplicidade dos teus anos passados, com tuas ruas compridas, todas nascendo da margem do teu rio suntuoso e lindo. Tuas praças e avenidas arborizadas pelos belos e velhos oitizeiros onde as crianças pobres brincavam com as crianças ricas, todas despreocupadas, sem medo, sem falsidades e quase inocentes, desconhecendo as drogas, furtos e assaltos. As diversões eram poucas. A Praça Rio Branco era o centro de tudo. O melhor comércio, bares, cinemas estavam concentrados ali. O que havia de melhor era naquele local. A Casa Carvalho, em frente à coluna da hora com suas vitrines luxuosas era o melhor magazine da cidade, onde se vendiam jóias e artigos importantes de primeira qualidade. O Bar Carvalho, que muita gente chamava “O bar do Zecão”, em sinal de amizade e consideração ao seu dono, era uma das melhores diversões. O Zecão era educado, gentil, cordial e todos os estudantes e freqüentadores o cercavam de imenso carinho. Lá havia o melhor sorvete e chocolate da cidade, além do famoso hidrolitol, que era a novidade da época (SANTOS,1998b, p.2).

Sua descrição de Teresina, no final dos anos 1930, traz à tona pessoas comuns de uma época, como o dono do Bar Zecão e também o Sr. Budaque, dono do cinema, espaço que se enchia dos alunos da escola Normal e do Liceu, às tardinhas. Para Castelo Branco (2001), o cinema em Teresina revolucionou os comportamentos sociais, mudando a forma de namoro, os modelos do vestuário. Essas mudanças também trouxeram discussões de novos temas como: a emancipação feminina e a abertura das mulheres ao espaço de trabalho.

O cinema era considerado a melhor diversão, mas havia outras, como as quermesses da Igreja do Amparo, as quais eram realizadas por senhoras da sociedade e mocinhas que as ajudavam. Estas se vestiam de floristas e saíam vendendo flores coloridas, ou então, fantasiadas de carteiro, entregavam cartas de amor enviadas pelos rapazes às mocinhas em idade de namoro.

Nessa época, em Teresina, não havia clubes, sendo que os bailes se realizavam nas casas de família, como a de Matias Olímpio, a de Sotero Vaz ou a de Tote Carvalho. Os grandes bailes, que eram festas suntuosas, ocorriam no palácio do governo.

Pela manhã, as normalistas, vestidas de azul e branco e chapéus de abas largas, enfeitavam as ruas com sua boa aparência, vendo-se também os meninos do Liceu, fardados, com seus livros debaixo do braço, todos caminhando apressadamente para chegarem na hora certa. Naquele tempo, não havia carros, mas tudo era perto.

Nevinha foi a primeira mulher de Porto,PI a concluir os estudos e a se tornar professora, o que ocorreu em dezembro de 1928. Ser professora era umas das primeiras profissões respeitáveis para as mulheres oriundas da elite, e, no caso dela, não era diferente,

pois pertencia a uma família de comerciantes do interior do Piauí, embora, anos depois, o seu pai ficasse pobre. Desse modo, o ofício de ensinar também tinha como objetivo a sua manutenção pessoal.

Em Teresina, conforme Castelo Branco (2005), as primeiras moças a ocupar o magistério é fato que se deu nos anos de 1960. Elas trabalhavam como professoras particulares de primeiras letras, requisito mínimo para obterem autorização dos pais, mas essas mulheres ainda não tinham uma formação mais apurada.

Em 1910, com a criação da Escola Normal, a clientela escolhida foi a feminina, sustentada nas justificativas como sacerdócio, ternura e missão para mulher. Em 1920, com os investimentos em educação e o aumento de número de vagas nas escolas públicas, abriram-se novas vagas para as professoras formadas na Escola Normal. O ensino primário tornava-se um campo de trabalho das mulheres, configurando-se como uma profissão digna e aberta ao talento feminino. Mesmo com os salários baixos, era uma forma de ocupar funções em repartições públicas.

O diploma da Escola Normal conferia privilégios, e, com ele nas mãos, já se poderia falar de carreira, sendo que a maioria das professoras passavam a ocupar um lugar social e a ser admiradas pela profissão. Muitas ingressavam no magistério porque precisavam do salário, como foi o caso da professora Nevinha. Mesmo considerando que no período em que a professora estudou na Escola Normal, o acesso era de moças oriundas da camada mais rica da sociedade, filhas de coronéis, em virtude da profissão representar um valor social, pois, numa sociedade em que o analfabetismo era grande, uma mulher que possuía escolarização era digna de prestígio social. Com isso, podemos afirmar que havia dois tipos de clientela na escola normal, as filhas que buscavam prestígio social e as que, mesmo oriundas da classe média alta, buscavam sua independência social e econômica dentro de padrões permitidos. Ter uma professora na família era uma saída para as famílias, que, por algum motivo, tiveram uma baixa no seu poder aquisitivo.

Para Freitas (2003), a Escola Normal era um espaço social aceito, responsável pela formação das mulheres. Uma possibilidade de exercer uma profissão socialmente permitida, uma oportunidade de transcender o âmbito doméstico na busca da realização e independência social e econômica.

As escolas normais eram bem aceitas pela boa reputação da instituição, os professores catedráticos e o desejo de ser professor. O ingresso, geralmente, era uma decisão familiar. As condições materiais, a sobrevivência e a garantia de um emprego eram elaboradas

e, ao mesmo tempo, necessidade da família. Para Thompson (1981) a vida familiar é fundamental na constituição da consciência social. Desse modo o magistério era socialmente valorizado e incentivado pela família, especialmente, pela garantia de um espaço no mercado de trabalho.

Ser e fazer-se professora primária no Piauí de 1921 a 1928

Por meio dos discursos da imprensa, é possível melhor entender a constituição do professor primário no Piauí, os ideais que impulsionaram a formação destes, bem como sua constituição. Para Carvalho (2007, p. 48),

[...] a imprensa constitui-se num importante espaço de observação das relações sociais, possibilitando acompanhar a trajetória dos vários discursos educacionais, demonstrando o desenrolar dos processos históricos, que culminaram em “vitória” ou “derrota” de tais discursos.

É possível compreender aspectos da história da educação por meio dos jornais e dos discursos e, dessa maneira, preencher lacunas produzidas pela história oficial, além de trazer à cena, agentes sociais antes desconhecidos. “Trata-se, portanto, de buscar interpretações que valorizam as experiências da atividade humana nos seus aspectos particulares”. (CARVALHO, 2007, p.49). Percebemos que a vida da professora Nevinha, durante os anos da Escola Normal (1922 a 1928) é paralela as páginas dos jornais e revistas que descortinam um cenário de um tempo e promovem um mergulho na memória, nos fatos que determinaram esse universo de fazer-se professora, imerso nos discursos em circulação, mensagens, leis, currículos que ajudaram a constituí-la como professora, bem como toda a sua geração.

Escolhemos, aqui, o recorte de 1922 a 1928, considerando o período que a professora Nevinha estudou na Escola Normal do Piauí, mas fazemos um recuo de análise do pensamento educacional, discursos, mensagens e leis, a partir do início do século XX, uma vez que, por meio destes, se torna mais fácil entender o que gerou o pensamento educacional que contribuiu no processo de formação das professoras primárias piauienses.

O início do século XX foi marcado, na educação do Piauí, pelas ideias disseminadas após a proclamação da república. A mensagem do governador Raimundo Artur de Vasconcelos deixou bem claro o conceito e os objetivos de educação do período:

De quantos problemas subordinados à responsabilidade moral dos governos, e certamente a educação popular aquelle que exige, por sua complexidade e importância, a maior solicitude e devotamento. Della deriva a essência da vida, toda a aspiração do futuro, o culto do dever e do patriotismo, o espírito da civilização, a grandeza da nacionalidade. È Também a força dos governos democráticos cuja base indestructível, pela pureza de sua soberania compreende o próprio povo, que será tanto mais digno e respeitável quanto mais perfeito for o seu desenvolvimento mental com a nítida intuição de seus deveres cívicos. (PIAHUY, 1899, p.2)

A mensagem de 1899 indicou o rumo que norteou a educação da primeira república no Piauí, voltado para o dever e o patriotismo, o espírito de civilização e a grandeza de nacionalidade. Os deveres cívicos, a ênfase na “sciencia positiva” e a “estrada do progresso” são mencionados na mensagem, o que denota os ideais positivistas que moveram os republicanos. Para Carvalho (2007), no processo de implantação da República, foram envidados esforços para organizar o aparelho estatal conforme o modelo da Constituição dos Estados Unidos da América do Norte. Dessa maneira, foram colocadas em prática as formas presidencialista e federalista de governo, com um texto constitucional de 1891, pregando a prioridade dos interesses do povo. A educação, nesse processo, surgiu como um meio de civilizar, “[...] daí o estímulo ao ensino primário, secundário e superior, bem como a laicização do ensino, numa tentativa de alterar a direção e o desenvolvimento da educação no país” (CARVALHO, 2007, p.32). Embora, do início da República até 1915, o comportamento dos homens públicos referente à educação tenha sido desalentador, resultado das heranças do Império.

O Jornal O Apóstolo¹⁸, de orientação católica, publicou várias matérias relativas ao ensino e ao magistério no início do século XX, que criticaram o método mnemônico, valorizavam a ciência, desde que fosse dirigida pela religião fonte de toda moralidade, percebiam a dedicação dos professores como elemento de mudança e desenvolvimento do ensino.

Quando em todos os centros civilizados e em todos os recantos do mundo existirem mestres que se dediquem com afinco, visando só o interesse das letras, o aperfeiçoamento do método prático de ensino, então a sciencia será o patrimônio da quase totalidade dos homens (O MAGISTÉRIO...,1907, p.2).

¹⁸ O jornal pertencia a Igreja Católica, órgão em que eram publicadas diversas matérias contra a maçonaria. Para Tavares (2003), essa luta entre os maçons e a igreja se arrastou no Piauí por mais de dez anos, e se agravou em 1909, com a transferência do bispo Dom Joaquim de Almeida para a Diocese de Natal. Em 1911, a igreja mobilizou homens armados contra o poder civil, em função da eleição dos mais radicais dos maçons Miguel Rosa, como reação a isso, o novo governador ordenou que o jornal o Apóstolo fosse empastelado, o que arrefeceu essa luta.

A função de ser professor, que o jornal disseminou em seus artigos, era de um pintor que riscava cuidadosamente uma tela. O papel do professor era de um verdadeiro lavrador, que de um campo estéril deveria transformá-lo em fértil, não esperando que as sementes atiradas ao campo crescessem por si sós, mas que cuidassem destas evitando as ervas daninhas, irrigando e adubando a terra. Essa comparação da semente com a criança que o jornal apresentava como se fosse feita pelo professor, que deveria moldar a sua inteligência e o seu saber é uma ideia bem parecida com a de John Locke (1632 a 1704), para quem a mente humana é uma tabula rasa, “uma pequena tábua lisa em que nada está escrito”. Muito dentro do método indutivo defendido pelos empiristas.

O professor, para igreja católica, era um prolongamento da família do pai e da mãe, um jardineiro desvelado que educava pela palavra e pelo exemplo

A maior preocupação da igreja, nesse período, era combater nas escolas as ideias iluministas, por isso, a proibição de todas as obras desse movimento. A escola leiga foi duramente atacada pelo jornal, que a considerava fora dos preceitos morais e uma guerra aos católicos. A obrigatoriedade do ensino e o não ensino do catecismo nas escolas públicas foram considerados, pela igreja católica, um verdadeiro ataque aos seus preceitos, ataques estes desferidos pelo diretor da instrução pública Miguel de Paiva Rosa, com o apoio do governo Anísio de Abreu, ambos balizados pela constituição brasileira, que assegurava que o Estado não deveria ministrar o ensino religioso, e se algum professor assim o fizesse e quisesse ministrar o catecismo, que não prejudicasse o seu horário de trabalho. A igreja católica reagiu duramente, chamando-os de inimigos da família, disseminadores do ódio e da injustiça.

A educação da infância e da mocidade era uma preocupação para igreja, porque deles dependiam a prosperidade do estado, a paz das famílias e a felicidade geral, e clara a disseminação e dominação da igreja católica no Piauí. Daí, a luta da igreja católica, a partir de 1910, por uma escola normal católica, porque, na concepção deles, na escola leiga:

Esse monstro é o professor leigo da escola neutra. Mal se tem feito ideia até hoje da alavanca poderosa que maneja esse simples funcionário. Não foi estudado com a devida atenção o papel que lhe cabe na formação das gerações vindouras. Agora revela-se o que é: instrumento dócil das sociedades tenebrosas, vil escravo, bestialmente unguado ao carro do governo. Esse educador *art nouveau*, não edifica destroe. Destroe o belíssimo templo levantado por um pae extremoso, uma mãe delicada e carinhosa, a custa de esforços e fadigas sem conta. O anjo tutelar das crianças torna-se seu algoz (EM PRATOS LIMPOS..., 1910, p.1).

A denominação utilizada pela igreja católica aos professores das escolas leigas era “pedagogos iluminados”, e a imagem criada pelo periódico era do professor como o representante encarregado de matar as almas cristãs, incentivador das utopias de sonhos treloucados, e as alcunhas ainda foram longe, como exemplos: “mercadores da ciência”, “pedantes perversos” e “lobo voraz”.

Não poupavam ainda a reforma de 1910, que previa, em seu texto, a criação dos grupos escolares, locais onde atuariam as futuras normalistas. Acusavam a escola normal de fazer com que as mulheres perdessem o perfume das virtudes cristãs substituído pela atmosfera viciada do modernismo. As normalistas eram chamadas de “bando descuidoso”, que alisava os bancos das escolas normais e que pensava em ter trabalho no interior do estado, mas que não havia colocação para uma meia dúzia e seriam apenas um “acúmulo de diplomadas”. “Será um verdadeiro fracasso”, assim preconizavam os grupos escolares e as normalistas. As normalistas eram consideradas como as espalhadoras dos germes que matavam a alma.

Na realidade, essas matérias e textos publicados no jornal O Apóstolo, mantido pela Igreja Católica, faziam parte de discursos e ideias que possibilitaram amplos debates em todo o território brasileiro no campo da educação, marcado por um verdadeiro conflito ideológico.

Para Cury (1988), esse conflito antecedeu a revolução de trinta e só ganhou contornos nítidos na elaboração da constituição de 1934. Os debates foram bipolarizados pelos educadores profissionais, identificados como pioneiros da escola nova, e os líderes intelectuais católicos juntamente com os membros da hierarquia católica. De um lado, a defesa da democratização do ensino, a escola do trabalho, a psicologização e administração pedagógica dentro da própria escola. Do outro, a igreja apontando o mundo em crise, a crise do intelecto considerando a maçonaria a maior propulsora disso. Os católicos defendiam a formação do corpo e da alma, que o método pedagógico devia aceitar as contribuições das ciências experimentais, desde que subordinadas a uma ética da teologia. Ou seja, “a natureza espiritual do homem iluminada pela graça faz com que a racionalidade descubra o ordenador de tudo, que é Deus, fonte do ser e da vida” (CURY, 1988, p.56). A missão de educar não era só da igreja, mas também dos pais. E a filosofia pedagógica, que dá a última palavra da razão humana sobre a educação, deveria basear-se na doutrina católica.

Em contraposição a essas ideias, segundo Queiroz (2008), havia outra vertente pedagógica representada por Abdias Neves, Matias Olímpio, Luís Correia e Anísio Brito, que publicaram diversos artigos em jornais entre 1913 e 1914. Essas matérias traziam constantes

discussões, principalmente sobre a questão dos métodos, que ganhavam denominações diferentes. Mas se centravam, notadamente, entre o método sintético e o método analítico.

O método sintético, que era o adotado na Escola Normal, recebeu várias críticas, e como substituto deveria ser adotado o método progressivo. Esses textos também colocavam a criança como preocupação central da educação, daí a ênfase dada à disciplina psicologia infantil ao meio escolar. Em síntese, esse grupo defendia uma educação como veículo integrador das gerações nas novas condições de um mundo em mudança, o ensino centrado na criança por meio dos métodos ativos.

No Jornal Diário do Piauí, de 26 de novembro de 1913, um artigo, intitulado *O ensino primário*, mostrou um pouco dessa visão antagônica à igreja católica, como também o papel de ser professor nesse período, conforme a visão do estado. Defendia, como papel do mestre, o de ensinar as letras do alfabeto por meio de um método mais humano e mais racional, ao contrário dos que ainda usavam castigos e palmatória, sendo estes, na visão do jornal, pseudo-preceptores. O professor, mediante um método ativo, deve chamar a atenção da criança, para despertar nele o desejo de saber. Dessa maneira, esse jornal via o professor, como um moderno preceptor, de cujo esforço resultaria o maior trabalho mental dos pequeninos escolares. No desempenho da sua nobilíssima missão, deveria empregar trabalho, amor, dedicação e carinho (O ENSINO PRIMÁRIO..., 1913).

Essa ideia de modernidade e de professor moderno foi muito defendida no início do século XX no Piauí, é possível perceber isso pela revista Litericultura, no discurso de Antonino Freire, na colação de grau das primeiras normalistas, no dia 24 de janeiro de 1913, intitulado de *A mulher na escola primária*, que considerava uma sociedade moderna aquela que tem a mulher como preceptora, ou seja, professora de ação moralizadora e santificadora da mulher (FREIRE, 1913). Uma professora da escola moderna, essencialmente progressista e científica, em que os métodos de ensino obedecerão ao espírito humano e à busca de novos conhecimentos. Assim, ser professor, nesse momento, era designado como o “agente da novidade”.

O ser professor, para Freire (1913, p.198), “Foi o que fez Picard exclamar: _ Que fique admitido, de uma vez por todas que o verdadeiro educador não é o agente da tradição, mas o da novidade; que ele não tema para palavras de ordem: _ Passado! Imobilidade! Mas ao contrário: Porvir! Progresso!”. Dessa maneira, os ideais de progresso e desenvolvimento da proclamação da república definiam como seria o trabalho desse mestre de agora por diante. Essa professora moderna deveria abandonar o método mnemônico e voltar-se para o

experimental, tendo Kant como inspiração. “Quando uma criança, diz Kant, não põe em prática nenhuma regra de gramática, pouco importa que ela a recite; ela não a sabe. Aquele outro que aplica, sabe-a infalivelmente, pouco importa que não a recite”. (FREIRE, 1913, p.197). Esse pensamento reforça a ideia do professor voltado para a prática e para a experiência, “o educador deve, por outro lado, ter em conta as necessidades da vida prática, ter em vista as necessidades de sua época, os costumes daqueles que o cercam.” (FREIRE, 1913, p.198). O pensamento Kantiano, no que se refere às ideias: do homem como sujeito do conhecimento, da criança tornar-se um adulto consciente, a experiência como imprescindível para o conhecimento e o discípulo a ser guiado pelo mestre, nortearam a concepção de pedagogia moderna no Piauí, explicitada, especialmente, no discurso mencionado acima.

A escola, nessa ideia, deveria acompanhar o progresso educando o homem para a vida e espiritualmente para o mundo, o que ia de encontro aos católicos no Piauí. E estavam muito dentro da reforma na educação de 1910 e que tinha a Escola Normal como base dessa reforma, uma vez que lá era uma escola de formação de professoras que iriam disseminar essas ideias por todo o estado, como se fosse uma semente. Embora com esse pensamento progressista ainda continuassem presentes os ideais de abnegação, sacrifício e salvação dentro da profissão professor, como mostra Freire (1913, p. 201).

Não esqueçaes, nunca que a escola é o vosso segundo lar e que tendes como principal dever, torná-lo para as creanças que passarem aos vossos encargos, cheio de alegrias, de benefícios e de amor. È largo o caminho que se abre as vossas vistas. Trilhae-o com segurança e firmeza, bem convencidas da missão nobilíssima do ensino, do papel decisivo que representaes na solução desse problema máximo que é a grande preocupação de todos os povos cultos.

O ano de 1914 continuou a disseminar a visão de que a criança deveria ser o centro do ensino. Na mensagem do governador Miguel Rosa, de quatro de junho de 1914 ele reafirmou isto: “O melhor professor não é precisamente o que mais conhecimentos possui, é incontestavelmente aquele que melhor sabe transmitir aos discípulos os conhecimentos que possui” (PIAUHY,1914,p.2). A arte de ensinar é vista como produto da Escola Normal, e ao ser professor caberia ensinar aos alunos os conhecimentos aprendidos pelo mestre, e a mulher ainda era vista como a missionária do ensino primário, por sua paciência, devendo trabalhar mais com carinho do que com rigor.

Esse pensamento iria direcionar toda ação educativa das primeiras décadas do século XX no Piauí e era ele que, de início, iria permear a formação da professora Nevinha. A dimensão missionária exaltava a condição de ser normalista, e assim era percebida, como

lição e exemplo a ser seguido. O amor a profissão também exigia sacrifícios, uma vez que, ao ser exaltada, era digna de louvor e, para isso, deveria fazer do magistério um verdadeiro sacerdócio, ou seja, ao entrar na escola, esquecer todo o restante da sua vida e abraçar a carreira que escolhera por vocação. Assim iria completar o ideal da sociedade de uma esposa modelo, mãe exemplar e uma mestra dedicada.

O ideal de educação, já no início dos anos 1920, consolidara muitas ideias dos anticlericais e, mesmo sem ter ocorrido ainda o manifesto dos pioneiros da escola nova, o conceito de educação já estava bem dentro do que eles defendiam. Isso porque, já a partir de 1915, se iniciava a fase do entusiasmo pela educação que tinha como pensamento básico: “[...] todos os males estavam na ignorância reinante; a educação apresentava-se então como o problema principal do país, e a solução de todos os problemas sociais, políticos e econômicos estaria na disseminação da instrução” (CARVALHO, 2007, p. 34).

É possível afirmarmos isso com base na conferência de Simplício Mendes na Escola Normal, no final do ano de 1921, quando ratificou, várias vezes o sentido da educação:

É ainda disciplinar os moços na escola do desprendimento pessoal e da despreocupação do eu, diante deste motivo superior que se traduz no interesse e na felicidade coletiva [...] um homem feito aparelhado e capaz para guiar-se na vida sem outro amparo que o de si próprio (MENDES, 1921, p.1).

Contudo, ainda nesse ano, a educação piauiense mostrava várias deficiências, como descreveu Brito (1996): a falta de preparo técnico dos professores, em sua maioria, leigos; o funcionamento irregular de muitas escolas, especialmente no interior do estado; a falta de instalações físicas, material didático e a intromissão de interesses estranhos à educação.

A contratação e demissão dos professores, nessa época, eram realizadas segundo a vontade do governador. Isso também era reflexo da política educacional nacional que, conforme Frigotto (2005), se baseava, desde 1891, no desenvolvimentismo conservador, que, nos anos 1930, era dominado pelas forças da república velha, cujo poder centralizava-se nas oligarquias agrárias, a educação era um privilégio de poucos, sendo as classes populares as maiores prejudicadas, relegadas ao analfabetismo ou, para alguns poucos, o ensino primário. Ao longo dos anos 1920, a burguesia industrial se interessava em diminuir o analfabetismo, mas a expansão da oferta de ensino primário foi muito lenta.

O ano de 1922, período em que a Professora Nevinha ingressou na escola normal, ser professor primário no Piauí era uma tarefa que deveria ser desempenhada pela professora normalista, pensamento já consolidado, como vimos nos discursos anteriores. Nesse ano, o

Governador João Luís Ferreira por meio do decreto 771 de setembro de 1921, aumentou a verba para o material escolar, restabeleceu os lugares de inspetores escolares, remodelou o conselho superior de instrução pública, proibiu a residência da professora no edifício da escola, incluiu, nos programas oficiais, estudo sobre a história piauiense e preferiu as normalistas solteiras (PIAUHY, 1922).

A escola modelo era considerada o melhor estabelecimento de instrução primária dirigido pela professora Firmina Sobreira. O governador João Luís Ferreira (1920-1924), em seus discursos apontou o magistério primário como o verdadeiro lugar para a mulher, porque esta era a maior responsável pela infância, e esse foi um pensamento que permeou toda a política educacional do seu governo, ou seja, o magistério primário como locação de trabalho para as normalistas.

Esse período era o momento áureo das normalistas, primeiro, por seu espaço profissional consolidado, e, segundo, com a construção dos grupos escolares, que começaram a se espalhar pelo Piauí inteiro. A profissão tinha um status social, tanto que todas as festas, exames, notas, refeições de grau eram motivos de destaques na imprensa local. Até um prédio majestoso foi construído para abrigar a Escola Normal e, ao mesmo tempo, demonstrar a sua importância perante a sociedade piauiense. Essas mudanças representavam o pensamento novo, pelo qual o investimento na educação popular e a erradicação do analfabetismo, projetos dos republicanos, salvariam o país da ignorância, e os missionários desse pensamento seriam as professoras normalistas.

Com todas as atenções dos governantes e da sociedade voltadas para a Escola Normal, o discurso do Professor Higino Cunha como paraninfo da turma de 1922, publicado em 1923, intitulado *O Ensino Normal no Piauí*, fez uma retrospectiva da fundação da instituição e da luta pela implantação do ensino normal no Piauí. Mostrou ainda que o combate ao analfabetismo estava na sua fase definitiva devido à ação eficaz e permanente da união, dos estados, dos municípios e dos particulares.

Para Cunha (1923), o método intuitivo era o melhor a ser aplicado, porque fazia parte da pedagogia moderna, apesar de, na escola normal, esse método ainda estar longe de ser aplicado. Criticou a escola por não ter um lugar adequado para a prática das lições de coisas e nem um horário adequado e exclusivo para isso, e que o objetivo de atingir um ensino mais voltado à prática estava distante de ocorrer. Denunciou inclusive a má remuneração dos professores da escola normal. Para Carvalho (2007), no que tange à remuneração salarial

nesse período, já era baixa, talvez, daí gerar as justificativas da profissão docente ser exercida de forma complementar, como também a busca pela valorização do magistério.

As normalistas, por sua vez, se confinavam na capital em virtude das péssimas condições de trabalho em longínquas regiões, por isso, Higino Cunha as comparou aos apóstolos, no sentido de disseminarem o conhecimento e acabarem com o analfabetismo, justificando o conselho. *Ite, docete omnes gentes*. Ide, ensinai a todas as gentes.

O discurso do professor Higino Cunha é um dos poucos que mostrou que a profissão docente, mesmo com reconhecimento social, era mal remunerada e mal assistida pelos governos em razão da baixa remuneração, falta de valorização, falta da qualidade do ensino, de instalações e equipamentos adequados. Essa fala representou uma defesa às professoras que, muitas vezes, se silenciavam por não conseguirem o enfrentamento com o poder hegemônico, já que o ingresso na carreira e as promoções de então eram efetivados como mecanismos de controle.

O reforço nos discursos oficiais das dimensões de missionária e vocacionadas incentivou as professoras a não reagir diante das situações de injustiça contra a profissão e se conformarem com o manto de glória que cobria a profissão, mesmo com os baixos salários e as péssimas condições de trabalho. Essas conclusões podem ser afirmadas pelo discurso da normalista Elisa Gonçalves, como oradora da turma em 1922:

Façamos unidas, nesta hora o juramento sincero de nos dedicarmos devotadamente ao ensino; durante as horas de trabalho escolar, vivamos tão somente para as creancinhas que ao nosso preparo e cuidado forem confiados, façamos da paciência a melhor virtude que possamos ter, se fomos consciente e leaes, para que de frente erguida possamos merecer o nome e ao mesmo elevado de preceptoras (GONÇALVES, 1922, p.5).

Conceber a profissão como extensão do lar e da maternidade fazia parte dos discursos das normalistas que, em nome do melhor para todos e na realização pessoal de serem professoras, silenciaram a luta por melhores condições de trabalho e se envolveram nas redes do poder evitando dessa forma, as perseguições políticas. O discurso da normalista Jandira Campelo, em 1925, deixou bem clara a sua concepção e das demais, sobre o que representava ser professora normalista, naquele ano:

Sem o concurso feminino não seria possível fazer a aula o prolongamento do lar, porquanto o papel de mãe só podia ser assumido por uma outra mulher, em que o ente frágil que lhe era confiado despertasse a mesma simpatia afetuosa que ela já estava habituada a dispensar pelo menos ao irmãozinho cuja recordação a outra criança lhe desperta [...] Minhas colegas: devemos nos tornar dignas da expectativa que nos olha a sociedade piauiense. 'A nossa divisa deve ser tudo pela instrução'.

Alheimo-nos de nós próprias não encarecemos sacrifícios cultivemos a virtude da abnegação, a fim de sermos qual missionários de nova cruzada, difundir o ensino onde quer que a nossa ação seja reclamada a mais eficiente se torne (CAMPELO, 1925, p.4).

Todo esse direcionamento influenciou na formação de uma geração de professoras normalistas, fato evidenciado nas memórias de Nevinha, quando revela: “Sentia-me como mãe, pois professora é quase ser mãe! Amei ensinar. Adorei a minha profissão e me sentia muito feliz naquela sala de aula” (SANTOS, 1997b, p.2).

No discurso do diretor da instrução pública no Piauí, Christino Castelo Branco, como paraninfo na colação de grau, que ocorreu no dia 14 de janeiro de 1928, é possível perceber os objetivos da formação da normalista:

[...] aprendestes na aula de pedagogia que o professor primário de hoje não é o mais de alguns annos atrás, que ensinava apenas a ler, escrever e contar a luz da palmatória e de castigos grotescos, numa verdadeira degradação moral e que nos aviltava e nos deprimia aos olhos da cultura humana. [...] o carinho amor, a dedicação, a bondade, a intelligencia, o preparo, o civismo da professora substituíram a athmosphera de terra que dominava nos antigos estabelecimentos de ensino. Os alumnos não são mais autômatos, instrumentos passivos sem brio, sem alma, sem dignidade, nas mãos do mestre, cada um delles é uma individualidade que se procura despertar, é um caráter em via de formação, é um cidadão cuja intelligencia e cujo civismo se vão carinhosamente cultivar. Dáhi não haver profissão que exija maior devotamento maior dedicação que o magistério. [...] A escola primaria na sua concepção hodierna, baseada no metodo intuitivo, racional concretizando o mais possível o ensino para aproveitar a curiosidade natural da infancia é uma das coisas mais suggestivas e mais fulgurantes que conheço. Por mais completa por mais perfeita, porém que seja a sua organização por melhor e mais admirável que se já o methodo adoptado, ella a escola nenhum provento, nenhum resultado dará si o mestre intelligente e culto não estiver a altura da sua missão não for apaixonado pelo seu officio não fizer sua cathedra um sacerdocio [...] a mulher política, a mulher eleitora, a mulher deputado como a querem fazer actualmente é a mulher fora de sua finalidade. A mulher nasceu para ser mãe e professora (CASTELO BRANCO, 1928, p.148).

É perceptível, no discurso do diretor, a concepção acerca dos objetivos educacionais, métodos, conteúdos, do aluno e do professor presentes na formação da normalista à época em que a professora Nevinha concluiu seus estudos. O método intuitivo era apontado como o apropriado, alunos e professores com formação cívica e a mulher com papéis sociais definidos, de ser mãe e professora. Para Tambara (2002), essa visão de que “a mulher nasceu para ser mãe e professora” servia de reforço para uma estrutura, que acreditava que a mulher poderia conciliar os “deveres de casa” com a profissão. Tal visão levou a mulher assumir uma

dupla jornada de trabalho, vinculada à aceitação do exercício de uma profissão sem reconhecimento financeiro, o que acabou por desvalorizar o trabalho docente.

A palmatória era considerada algo atrasado, por isso elogiava-se o método de ensino intuitivo, caminho metódico para a educação dos sentidos e para educação pelas coisas e pela experiência. Esse método de ensino popularizou-se sob a denominação de lições de coisas e método objetivo. Para Valdemarin (2004), o método centra-se na proposição de exercícios para aprimorar a criação de ideias claras e exatas, atividades aliadas à recreação e ao prazer como estratégias para despertar e manter a atenção. Cultiva-se o hábito da observação e da percepção de semelhanças e diferenças, que deveriam estar no centro do conhecimento:

As lições de coisas têm por objetivo educar os sentidos para a obtenção do conhecimento, de modo que passe da intuição dos sentidos para a intuição intelectual fazendo uso de objetos comuns, conhecidos pelas crianças que freqüentam a escola, a fim de levá-las a ter deles uma compreensão formal, lançando mão também de outros objetos criados especificamente para o ensino, os objetos didáticos (VALDEMARIN, 2004, p.173).

Esse método, de inspiração europeia, era considerado algo novo, servindo de apoio às relações hegemônicas da sociedade, pois fazia parte das inovações educacionais pretendidas pelos liberais republicanos, a educação como redentora de todos os males.

Para a consecução desses objetivos, era crucial o trabalho do magistério, única carreira aberta ao sexo feminino, sendo a profissão docente concebida como sacerdócio, cuja vocação era afeita à mulher, mais bem preparada para desempenhá-la. Assim, o magistério ganhou o caráter de missão e vocação, configurando-se como continuidade do trabalho do lar. Nesse processo, a mulher deveria viver em sociedade e ser agradável ao homem, mas não concorrer com ele profissionalmente, pois isso ultrapassaria os limites da segurança social. A ela caberia regenerar a sociedade e, para isso, precisava ser instruída, sendo que essa instrução não poderia prejudicar sua dedicação ao lar e aos filhos, além de seus rendimentos serem revertidos em benefício da família e da pátria (ALMEIDA, 2004).

Para Queiroz (2008), no período de 1880 a 1930, as mudanças em relação à educação foram: a incorporação das normalistas na rede oficial de ensino na capital e no interior, substituindo os professores interinos e leigos; a construção de prédios escolares e a feminização do magistério.

Fato interessante é que a fase do otimismo pedagógico foi acentuada principalmente a partir de 1927, quando se pretendia substituir um modelo de escola por outro, fundamentado na crença em novos modelos educacionais e que foi definida pelos movimentos reformistas na

década de 30, em todo o Brasil. Como exemplo: a reforma Lourenço Filho, no Ceará; a reforma Anísio Teixeira na Bahia, em 1925; a reforma Francisco Campos, em Minas Gerais, em 1927; a reforma em Pernambuco, por Carneiro Leão, em 1928, que não influenciaram de imediato o Piauí, que se manteve alheio a essas mudanças, especialmente na questão da nacionalização do ensino e no fortalecimento de uma escola autenticamente brasileira. Para Brito (1996), isso ocorreu porque o estado sempre teve uma população estrangeira inexpressiva e que não comprometia a segurança nacional. Isso também fez com que o estado recebesse menos subvenções do governo federal e, como resultado, teve crescimento reduzido na rede escolar durante essa década.

Como vimos até aqui, os discursos da imprensa podem ajudar a entender como era percebido o “ser professora primária no Piauí” no início da república, ainda uma profissão muito desvalorizada, mas os projetos republicanos de progresso, por meio da educação popular, modificaram esse quadro. A abertura das escolas normais gerou debates de ideais educacionais entre católicos e anticlericais; estes últimos defendiam um pensamento mais próximo do escolanovismo. Após esses debates, foi possível percebermos a institucionalização da profissão professora normalista como missionária, mãe e salvadora da pátria, além de estar coberta de reconhecimento social e uma áurea gloriosa, o que escondia por vezes, a falta de reconhecimento econômico e as péssimas condições de trabalho assumidas, sobretudo, dentro do interior do estado.

A professora Nevinha ingressou na escola normal, em 1922, no período em que estava consolidado o papel da mulher dentro do magistério primário, e as normalistas representavam motivo de orgulho do estado e da sociedade, por serem como apóstolos, no sentido de difundir a instrução onde quer que fosse, nem que, para isso, houvesse sacrifício pessoal. Ao término de sua formação em 1928, o método intuitivo já era o escolhido como o melhor para educação das crianças piauienses, essas como centro do ensino e a professora como desempenhadora também de outros papéis, de mulher e de mãe. Pensamentos e ideias que foram a base de toda uma prática nos grupos escolares piauienses, como veremos no capítulo seguinte.

CAPÍTULO III

NEVINHA SANTOS E SUAS EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORA

Neste capítulo, mostramos a chegada das normalistas em Picos (PI) e o impacto deste acontecimento no modo de viver e nas transformações educacionais da cidade. Abordamos a implantação e a consolidação do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, nominando-o de espaço de experiências, por considerarmos que foi nesse local que a professora e suas demais colegas de profissão viveram suas experiências do magistério. Em seguida, trazemos Nevinha como diretora e primeira-dama da cidade de Picos, PI. Por último, os discursos educacionais que consideramos como caixa de ressonância social dos significados da profissão docente, no período de 1928 a 1951, tempo efetivo em sala de aula da professora Nevinha.

A chegada das normalistas na cidade de Picos, PI

Aos 18 anos, a jovem normalista recém-formada Maria das Neves Cardoso Rodrigues recebeu um convite do Coronel Francisco Santos¹⁹ (figura 10) para trabalhar, na cidade de Picos (PI), cidade localizada a 306 km da capital do estado, hoje, o principal entroncamento rodoviário do nordeste. Seu desbravamento foi iniciado a partir do século XVIII, com princípio no atual município de Bocaina, PI, em que Antonio Borges Marinho edificou, em 1754, uma capela, a qual ainda existe. Em 1851, erigiu-se a freguesia no Povoado sob a invocação de Nossa Senhora dos Remédios. Em 20 de dezembro de 1855, foi elevada à categoria de vila, sendo desmembrada de Oeiras e ficando na ordem judiciária de Jaicós. Em 1859, a cidade de Picos foi edificada no local onde ficava localizada a fazenda de gado da família de Félix Borges Leal, português vindo da Bahia, que instalou a fazenda

¹⁹ O prestígio do coronel era imenso na estrutura de poder local, representando, muitas vezes, o bem e o mal na política local. Os coronéis intermediavam os favores pessoais daqueles que, de algum modo, dependiam das autoridades estaduais. O coronel Francisco Santos nasceu na fazenda Jenipapeiro (atual município de Francisco Santos), em 20 de outubro de 1882, sendo filho do coronel Simplício Pereira dos Santos e de Antonia Maria da Encarnação. Conhecido como Chico Fartura, Francisco Santos aprendeu a ler, escrever e contar com mestres ambulantes. Assumiu o governo de Picos em 1918, e, durante seu mandato, construiu o mercado público, conteve a Coluna Prestes no município e instalou luz elétrica. É visto pelo imaginário popular como o fundador do Grupo Escolar em Picos.

Curralinho às margens do rio Guaribas. Como a maioria das cidades do Piauí, Picos surgiu da combinação fazenda, curral e capela. Em 12 de dezembro de 1890, foi elevada à categoria de cidade. Ganhou esse nome por ser rodeada de montes picosos.

No período do povoamento, a cidade era constituída por vaqueiros, e a educação se restringiu ao cotidiano, a lida com o gado e a agricultura de subsistência. Conforme Vieira (2005), em 1851, foi nomeado o professor da cadeira de primeiras letras Joaquim Jusselino Viriato Formiga. Em 1854, já havia uma escola de primeiras letras para o sexo masculino, a qual contava com 17 alunos, enquanto as mulheres do povoado não dispunham de professoras públicas, dedicando-se apenas aos afazeres do lar, à criação dos filhos e aos cuidados do marido. Somente em 1867, foi criada, pela Assembleia Legislativa Provincial, uma escola de primeiras letras para o sexo feminino, tendo como professora Mariana Joaquina de Almeida Brito.

Segundo Sousa (2005), outros professores desse período foram os mestres-escolas ambulantes, que se embrenhavam sertão adentro, ministrando as primeiras letras. Eles eram membros da comunidade que mais sabiam ler, escrever, contar, dedicando-se ao ensino desses conhecimentos. As aulas funcionavam em casas alugadas ou na casa dos alunos, sem livros, com móveis disponibilizados pelos próprios alunos, tendo, muitas vezes, o chão como quadro de escrever ou as pequenas lousinhas de ardósia que carregavam debaixo do braço.

A situação da instrução picoense, descrita no documento elaborado por ocasião da comemoração do centenário da independência do Piauí (1823-1923), apresentava-se da seguinte forma, segundo Leitão (1923, p.140):

Infelizmente, em matéria de instrução, o atraso é demasiadíssimo contristador [...] A instrução primária é ministrada em 04 escolas estaduais, sendo 2 na cidade (uma para cada sexo) e 2 mixtas nos povoados Genipapo e Riachão. Embora não organizada de acordo com as prescripções legais, tem na cidade, uma escola mixta de ensino particular, com regular freqüência. E só.

Até a implantação do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, em 1929, ocorreu a ampliação do número de escolas particulares, que ensinavam as primeiras letras, amenizando a condição de inúmeros analfabetos. Dessa forma, existiram diversas escolas particulares, anteriores à fundação do Grupo Escolar, como a organizada por Francisco Prota, em 1913. Outras escolas particulares do período foram o Instituto Coelho Rodrigues, de propriedade de Mário Martins (aluno de Francisco Prota), fundado em 1921, que funcionou sob regime de internato para jovens do sexo masculino, e o Colégio Felisberto de Carvalho, do professor

Miguel Lidiano, que era uma escola mista. Havia, ainda, a escola de Quirino Pereira Nunes, a de Zezé Eulálio e a de Ulisses Rocha, que ensinavam a ler, escrever e contar. Essa situação perdurou até a fundação do Grupo Escolar, que acreditamos ter contribuído para ocasionar o desaparecimento gradativo daquelas escolas.

Na época da fundação do Grupo Escolar Coelho Rodrigues²⁰, toda relação com o poder público da cidade dependia da tutela do coronel, como explica Leal (1997, p. 65):

Os próprios funcionários estaduais, que servem no lugar, são escolhidos por sua indicação. Professoras primárias, coletor, funcionários da coletoria, serventuários da justiça, promotor público, inspetores de ensino primário, servidores da saúde pública etc., para tantos cargos a indicação da aprovação do chefe local costuma ser de praxe.

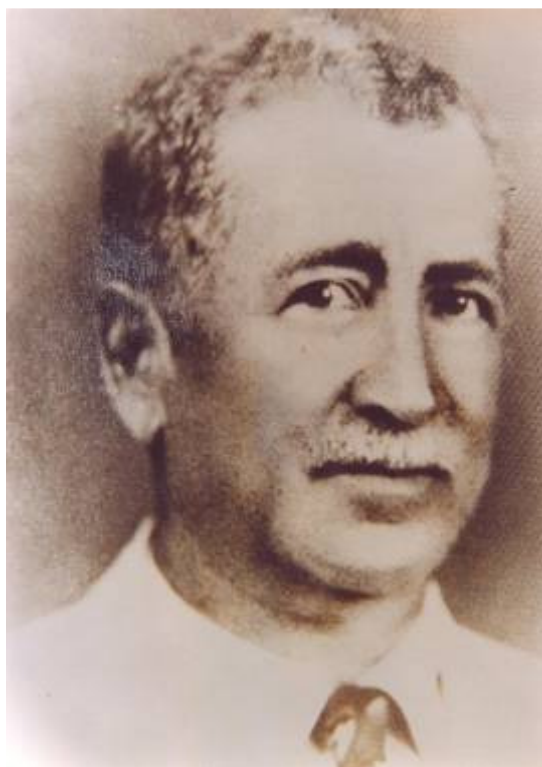


Figura 10 - Coronel Francisco Santos

Fonte: Museu Ozildo Albano.

²⁰Recebeu esse nome em homenagem a Antonio Coelho Rodrigues, nascido em 04 de abril de 1846, na fazenda Boqueirão. Coelho Rodrigues formou-se em Direito em 1867 e, em 1870, fez sua defesa de tese, recebendo, com distinção, o título de doutor em Direito. Foi o primeiro doutor em borla e capelo no Brasil. Tornou-se autor do Projeto do Código Civil Brasileiro, recusado por questões partidárias. (ALBANO, s.d., mimeo.).



Figura 11 - Grupo Escolar Coelho Rodrigues na década de 60
 Fonte: Museu Ozildo Albano

Para lecionar no Grupo Escolar Coelho Rodrigues, as normalistas se deslocaram de Teresina, sob os auspícios do coronel da cidade. Nevinha relatou o momento da viagem em suas memórias:

Picos, 1929. As professoras. Era como éramos chamadas pela população da cidade de Picos, onde fomos inaugurar o Grupo Escolar Coelho Rodrigues construído aquela época pelo Governo do Estado. Éramos três meninas moças recém-diplomadas pela escola normal 'Antonino Freire'²¹. Ricardina, Alda e Nevinha, que íamos assumir esta enorme responsabilidade. Foi no dia 29 de janeiro de 1929 que acompanhada pelo poderoso chefe político do município, coronel Francisco Santos, um senhor austero, educado, simpático, que nos veio buscar em Teresina e assumir com nossas famílias de nos levar e ter conosco certas responsabilidades. Realmente ele e sua família nos acolheram com carinho e logo cuidaram de nos instalar na residência do coronel Raimundo leal, seu primo e amigo, cuja família dedicada e digna se tornou a nossa própria família. Éramos três jovens, que com muita garra e muitos ideais, nos aventuramos a procura das nossas profissões e da nossa independência. Àquela época tínhamos o direito de escolher a cidade. Escolhemos Picos, uma das mais distantes e de difícil acesso: o sertão. É que os nossos pés nos levam aos nossos destinos. Todas nós fomos felizes. Viajamos numa manhã chuvosa, e isso nos deixava tristes, pois ficavam para trás famílias, amigos, saudades. Um carro bem novinho, um Ford modelo 1929 um motorista competente e responsável, mas isso não nos tirava o medo quando atravessávamos riachos com fortes correntezas que nos assustávamos e nos abraçávamos. Na frente, o Coronel, que sempre se voltava para trás para nos tranquilizar. O carro subia e descia ladeiras incríveis, entrava em águas que pareciam verdadeiras lagoas e lamaçais assustadores. Foi uma viagem longa, louca, mas muito divertida. Às vezes

²¹ Nome da Escola Normal em 1997, hoje Instituto Superior de Educação Antonino Freire e antiga Escola Normal Oficial de Teresina (PI).

dormíamos em taperas, até que com seis dias chegamos a Picos, debaixo de muita chuva, mas alegres por estarmos vivas. A cidade era pequena, limpa, bonitinha cercada por morros muito verdes e um riozinho correndo por trás da imponente Matriz de Nossa senhora dos Remédios apresentando um belo cenário (SANTOS, 1997b, p.2).

O preço da autonomia dessas jovens professoras era a solidão resultada do afastamento geográfico de seus familiares. O espaço social que ocupariam dali por diante era diferente de outras mulheres de sua geração. Os sapatos altos e as roupas elegantes enunciavam certa condição econômica, difícil de manter. Como “moças diferentes na cidade”, pela renda que possuíam e pelos novos conceitos, atraíam a atenção de toda uma população, recebendo também propostas de casamento com rapazes de famílias ricas, iniciando, a partir de então, o seu entrelaçamento com o poder.

O casamento foi uma forma de elas se fixarem na cidade, uma vez que a dificuldade das normalistas se manterem trabalhando no interior era enorme, principalmente devido à distância da família e os baixos salários.

Outro fator a ser observado é que as professoras normalistas, ao chegarem à cidade, instruídas, trabalhando fora do lar e ganhando o seu próprio sustento, contrapunham-se às mulheres picoenses da época, submissas, dependentes da família e do cônjuge. Mesmo assim, a autonomia das normalistas em relação às outras mulheres era relativa, pois, mesmo possuindo um lugar no espaço público, tiveram que se submeter a outros tipos de pressões culturais e manter a assiduidade ao trabalho, conciliando-o com filhos, marido e tarefas domésticas. Contudo não deixaram de ser mulheres independentes enfrentando o cotidiano. Sozinhas e longe de suas famílias, serem professoras era uma forma de ampliarem o seu espaço na sociedade, sua rede de relações e conhecimentos.

Um ex-aluno do Grupo Escolar Coelho Rodrigues atesta o impacto da chegada das normalistas na vida dos picoenses:

A professora normalista mudou os conceitos e direitos. Em nossa sociedade, até 1945, os pais diziam para os filhos que tinham que ser padre, ou advogado ou médico. As mulheres iam ser professoras. Mulheres não saíam, não iam para festas sozinhas. Até para entrar na igreja entrava com o bolero para cobrir os ombros. Se não o padre expulsava da Igreja. [...] Então, quando chegaram as professoras, tudo ficou diferente. Eram mulheres formadas, que ganhavam dinheiro, e em Picos não tinha isso. [...] O que mudava com elas, se vestiam muito bem. Porque um vestido novo para as mulheres de Picos era uma vez por ano. [...] Elas revolucionaram a educação em Picos, porque tinham métodos novos, eram professoras diplomadas. Aqui em Picos não tinha professoras diplomadas (MARTINS, 2008).

As primeiras normalistas em Picos provocaram o maior rebuliço, pois a sociedade esperava três velhas com cabelos enrolados e saias compridas, no entanto lá chegaram três jovens bonitas, de cabelos curtos, usando decotes audaciosos e mangas cavadas, deixando-se entrever axilas depiladas. Quando saíam à rua, todos iam para as calçadas e janelas a fim de conhecerem as novas professoras, as quais foram chamadas de “moças diferentes”. Isso pode ser constatado nas memórias da professora Nevinha:

A nossa chegada foi uma decepção para a população. Esperavam como professoras três senhoras idosas, de saias cumpridas e cabelos enrolados e receberam três jovens moças, quase meninas, com vestidos nos joelhos, cabelos curtinhos, decotes audaciosos, mangas bem cavadinhas, rouge, batom, alegres, saudáveis, felizes e um sotaque diferente. Foi um escândalo. As mangas cavadas e as axilas raspadas fizeram o maior comentário na cidade e circunvizinhanças. Quando saímos a rua, alguns saíram para fora de casa e outros ficavam nas portas e janelas para conhecerem as novas professoras, as ‘moças diferentes’, como chamavam.

Essas moças, no confronto com o modelo tradicional de professoras, causaram, com seus comportamentos e formação, grande admiração à comunidade da época (SANTOS, 1997b, p.2)



Figura 12 - Nevinha Santos, Ricardina Neiva e Alda Neiva

Fonte: Museu Ozildo Albano.

As professoras se vestiam diferente, acompanhando a moda da capital nos anos 20. Usavam vestidos mais curtos, com braços e costas à mostra, exibindo, com mais liberdade, as pernas, o colo, além de fazerem uso de maquilagem. As sobrancelhas eram tiradas e delineadas com lápis, enquanto a boca era pintada de carmim em forma de arco ou de coração. Os cabelos, traziam-nos curtos, a *la garçon*. Conforme Castelo Branco (2001), o vestuário da mulher moderna as deixava mais coquetos, as modelos de roupas utilizadas chegavam a Teresina pelo cinema e as revistas. Desse modo, as roupas compridas e

sufocantes foram substituídas por modelos que se adequavam a novas perspectivas sociais. Isso gerou certo dilema para a mulher piauiense, entre a vontade de viver as novas modas e ao mesmo tempo, o apego às tradições religiosas e dependentes dos elementos masculinos baseados em papéis sociais tradicionais. “As novas modas, por seu lado, eram vistas como imorais e fora dos padrões de recato aceitáveis para uma mulher de respeito” (CASTELO BRANCO, 2001, p.297). Outro aspecto dessa crítica era de que as mulheres ao usarem, por exemplo, cabelos a *la garçone* se aproximavam do modelo masculino.

A presença das normalistas em Picos foi motivo de registro nas colunas sociais do Jornal O Aviso, de 28 de fevereiro de 1929:

Embora serodidamente, falta de que nos penitenciamos, o Aviso manda com o seu cartão de visita, as saudações de boa vinda ao illustre Sr. Basílio Reis e sua jovem consorte, Exma. Senhora Dona Alborina Silveira Reis; bem como as gentis e prendadas senhoritas Ricardina Castro, Alda Motta, Maria das Neves e Floriza Silveira, as quatro primeiras talentosas professoras normalistas do grupo escolar. (CHEGADAS..., 1929, p.3)

Na matéria do jornal, é citada a chegada da normalista Floriza Silveira, mas não encontramos referências sobre seus serviços no Grupo Escolar Coelho Rodrigues, nos documentos oficiais, nem nas memórias da professora Nevinha Santos e nem no imaginário da população picoense.

Espaço de experiências: Grupo Escolar Coelho Rodrigues

A inauguração do Grupo Escolar Coelho Rodrigues deu-se no dia 15 de fevereiro de 1929, pela manhã e, na ocasião, estiveram presentes as autoridades do lugar e muitos convidados. A sessão de instalação foi aberta pelo Coronel Francisco Santos, que falou sobre aquele momento histórico. Em seguida, discursaram o juiz de direito da cidade, Urbano Maria Eulálio; logo depois, o prefeito da cidade, na época, Antenor Martins Neiva, e, por último, a professora Alborina Silveira, nomeada diretora do Grupo. À noite, houve uma festa com a presença das professoras normalistas e autoridades locais.

De início, o grupo funcionou numa casa alugada, pois ainda não havia instalações adequadas para o funcionamento da escola, conforme informa o jornal O aviso de 28 de fevereiro de 1929:

Teve lugar, festivamente no dia 15 do cadente, a inauguração do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, ultimamente creado Facto de suma importancia social, o estabelecimento de qualquer instituto de ensino desperta entusiasmo e aplausos da população a que vai ele servir. Por isso congratulando-nos com

o povo picoense e o corpo docente e discente do Coelho Rodrigues, queremos consignar aqui, com a intenção acalentadora da possibilidade de serem mais tarde preenchidas as lacunas de que achamos se ressentir o novo estabelecimento de ensino, cujo edifício e instalações não reúnem as modernas condições pedagógicas higienicas. Mas, não seja isto motivo de desfalecimentos porque é do velho proverbio popular, que 'principiuo querem as cousas'. (GRUPO ESCOLAR..., 1929, p.3)

Logo após a inauguração, as professoras normalistas começaram a trabalhar, implantando novos métodos de ensino e levando o conhecimento da professora modernizadora a todas as crianças picoenses. Com a proclamação da República, a ideia de nação foi intensificada, e a formação do povo passou a se fazer presente em todos os discursos realizados. Era preciso, segundo os ideais difundidos, construir uma nação, e a escola primária deveria assumir esse papel.

Dessa forma, a professora normalista, ao chegar aos municípios para os quais era nomeada, tinha como missão difundir novos hábitos, valores e os deveres da cidadania. O currículo em que eram formadas visava a isso, por intermédio das disciplinas História e Moral e cívica. Ou seja, a professora primária deveria ser a transmissora dos elementos de civilidade e moralidade, o que, evidentemente, fazia parte de toda uma política do pensamento social brasileiro.

No alvorecer da República, dentre as muitas ações e discursos do novo sistema de governo, a mudança no ensino primário tornou-se prioritária, sendo que a escola deveria atender à construção de uma nova nação. Muitas dessas visões tinham influência da Revolução Francesa, que, em seus ideais, apontou a escola como arma para vencer a incivilidade.

No Brasil, esses pensamentos se consubstanciaram no modelo de grupo escolar, implantado pela primeira vez em São Paulo, em 1893. Conforme Bencostta (2005), esse tipo de instituição previa uma organização administrativo-pedagógica que estabelecia modificações profundas e precisas na didática, no currículo e na distribuição espacial dos edifícios. O modelo de São Paulo foi adotado, posteriormente, em todo o país. O grupo escolar era uma escola moderna e seu modelo requisitava edifícios, livros didáticos, mobiliário, além de docentes qualificados. Algo inovador foi a figura do diretor, o qual tinha como função ordenar professores e alunos a inovar os conteúdos discutidos nas escolas normais.

No Piauí, o processo de implantação do modelo de grupo é analisado por Lopes (2001), o qual informa que, apesar de serem propostos desde 1905, só foram instalados no

estado a partir da década de 1920. O primeiro grupo escolar foi implementado, em 1922, na cidade de Parnaíba e esteve ligado ao projeto das elites comerciais de transformar a cidade no eixo comercial mais importante do Piauí. Entre 1922 e 1930, foram criados 17 grupos escolares no Piauí.

Em Picos, a instalação do Grupo Escolar Coelho Rodrigues foi recebida com muita festa, mesmo funcionando numa sala de pensão alugada²². O motivo da euforia era a situação caótica da educação no município, que, até então, possuía apenas escolas particulares, como o colégio Felisberto de Carvalho, de propriedade do senhor Miguel Lidiano. Além desta escola, havia aulas particulares de ler, escrever e contar, como as de Zezé Eulálio, Quirino Nunes, Ulisses Rocha, dentre outros. Para Vieira (2005), “[...] em decorrência do baixo número de frequência dos alunos e com a fundação do grupo escolar estadual na sede do município, estas tiveram um curto período de duração.”

Além das escolas particulares, havia os mestres ambulantes pelo interior da cidade e os professores das cadeiras de primeiras letras, nomeados pelo Município. A população os considerava sem qualidade, prova disso está numa carta do prefeito Plínio Mozart, escrita em 1º de dezembro de 1931, que mostrou a carência do ensino e, ao mesmo tempo, a qualidade do que era ministrado pelas professoras normalistas:

[...] naquele distrito os pais que têm recursos retiram seus filhos a fim de estudarem em Crato-Ce, e os pobres preferem que os seus filhos fiquem analfabetos a aprender com quem não tem habilitação. Toda esta gente apela para mim no sentido de conseguir normalistas que rejam estas escolas ou pessoal com a devida competência (PICOS, 1931, p.2).

Percebemos, por meio da carta, a confiança do poder público no ensino ministrado pelas normalistas, sendo a elas atribuída uma missão salvacionista. Conforme a professora Nevinha Santos, na cidade, não havia escolas públicas, e a maioria das crianças de 06 (seis) a 14 (catorze) anos eram completamente analfabetas.

Tivemos muito trabalho para organizarmos essas crianças todas pela idade. Fizemos uma seleção. Deixamos os menores em salas separadas e as maiores em outras. Através da solicitação do coronel Francisco Santos, não levamos, em conta apenas a idade, pois todos precisavam aprender, conforme dizia ele

²² O Grupo Escolar Coelho Rodrigues funcionou em uma casa reformada e alugada até o ano de 1933, quando passou a funcionar em prédio próprio situado na praça da bandeira, hoje, Josino Ferreira, no centro da cidade. Ficava no centro do núcleo Urbano era um prédio suntuoso para época. A planta foi elaborada pelo Engenheiro Luís Ribeiro Mendes Gonçalves. O prédio possuía cinco salas de aula, diretoria, dois banheiros e um pequeno pátio (quintal). As salas amplas e com janelas grandes que permitiam iluminação. A mobília com bancos escolares, os alunos sentavam em duplas, havendo um pequeno orifício à direita onde era colocado o tinteiro econômico, que não derramava tinta.

com muita sabedoria. Geralmente os alunos só deixavam o grupo escolar no 4º ano. Um 4º ano de grupo naquela época valia por um ginásio de hoje. Saíam sabendo ler e escrever corretamente. Tinham noções de história e geografia. Sabiam as principais regras da gramática e de matemática, sabiam realmente tudo para enfrentar a vida. Saíam educados, tratáveis e com uma carga de conhecimento admirável. Qualquer menino daquele tinha condições de se empregar bem. Sinto-me orgulhosa das turmas que ensinei (SANTOS, 1998h, p.2).

As aulas eram sobre educação moral e cívica, bons hábitos, bons costumes, noções de higiene, respeito às autoridades civis, militares e eclesiásticas, amor e respeito a Deus e à pátria. No começo da aula, cantava-se o Hino Nacional e, no fim, o Hino à bandeira ou o Hino do Piauí. A finalidade do ensino primário, naquele momento, refletia os ideais republicanos, por isso, o caráter prioritário da disciplina, obediência, ordem, pontualidade, respeito às autoridades, virtudes morais, valores cívicos (culto à bandeira e às festas cívicas), todos considerados necessários à formação do espírito de nacionalidade.

Na análise das experiências da professora Nevinha, é possível notarmos que o sujeito professor foi se construindo nas situações vividas, no cotidiano, nas práticas que expressaram interesses, vontades, valores, sentimentos diversos, materializando o conflito e a diferenciação interna, que se efetivou pelas condições permitidas. A experiência de Nevinha, nos tempos de ser professora, foi em grande parte vivenciada no cotidiano do que chamamos espaço de experiências. E que nos permitem o conhecimento do social. Thompson (1981) considerou importante a experiência dos sujeitos que aprendem, vivenciam e elaboram essas experiências nas suas consciências.

Sobre ser professora, Nevinha descreveu:

Professora primária ganhava bem: duzentos e onze mil réis, nem sei quanto seria hoje. Mas nos permitia pagar uma ótima pensão, luxávamos muito, só íamos trabalhar bem vestidas e ainda sobrava dinheiro para outros compromissos, como viajar ou comprarmos copos de prata em Picos ou Oeiras. Professora era respeitada e considerada. Nosso salário era pago na coletoria estadual no último dia do mês. Professora naquela época tinha valor. Sempre quis ser professora (SANTOS, 1997b, p.2).

Sujeitos da experiência: os Alunos

Chamamos os alunos de sujeitos da experiência, porque as suas trajetórias são singulares, permeadas do percurso individual de escolarização além de suas experiências da formação. A partir dessas experiências, foi possível identificar os traços educativos, o

processo de escolarização, a família, as brincadeiras, as comemorações, o tempo e o espaço de convivências que revelam experiências formadoras.

A professora Nevinha Santos, em suas memórias, sempre fez registros sobre seus alunos, embora a lembrança fosse mais nítida daqueles que se destacaram no cenário social. Os alunos do grupo Escolar Coelho Rodrigues pertenciam, em sua maioria, à área urbana, e os que se destacaram foram aqueles cujos pais tinham uma condição financeira melhor e puderam custear os estudos do Ginásio em outros locais, já que, em Picos, essa modalidade de ensino foi implantada apenas no ano de 1949.



Figura 13 - Alunos do Grupo Escolar Coelho Rodrigues

Fonte: Museu Ozildo Albano.

Nevinha demonstrou que se orgulhava de sua contribuição como educadora dos governantes da cidade e do Estado, entre eles, Helvídio Nunes de Barros²³ (senador, governador do Piauí), José Odon Maia Alencar²⁴ (prefeito de Pio IX e governador do Piauí), Fontes Ibiapina²⁵ (escritor piauiense), Severo Eulálio (prefeito municipal), Antonio de Barros Araújo²⁶ (Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado):

Lembro-me de uma das turmas que mais me gratificou. Levei essa turma do 1º ao 4º ano. Nela estudaram (para citar somente alguns) Severo Maria Eulálio (grande político foi prefeito de Picos, deputado estadual e federal); Fontes Ibiapina (juiz de Direito, escritor e membro da Academia Piauiense

²³ Helvídio Nunes de Barros – 1925 -2000, prefeito de Picos, deputado estadual, governador e senador do Piauí

²⁴ José Odon Maia Alencar (1928) presidente da OAB, prefeito de PIO IX, líder da UDN, governou o Estado em 1966 e Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado.

²⁵ João Nonon de Moura Fontes Ibiapina (1926-1986) magistrado professor, cronista, romancista, folclorista. Bacharel em Direito e jurista

²⁶ Antonio de Barros Araújo (1934 -) advogado e político. Bacharel em direito, ex-prefeito de Picos deputado estadual e membro do Tribunal de Contas do Estado.

de Letras), ambos infelizmente falecidos. De Helvídio Nunes fui sua primeira professora e durante todo o seu primário. Ele foi tudo no estado do Piauí: prefeito de Picos, deputado estadual, secretário de Estado, governador e senador da República. Foi ele o autor do projeto de criação do Município de Francisco Santos, em homenagem ao coronel Francisco Santos, filho do lugar, mesmo sendo seu adversário político, José Odon Maia Alencar foi prefeito de Pio IX, deputado estadual e governou também o estado. Hoje ministro do tribunal de contas. Izaias Santos, alto funcionário da fazenda estadual. Otílio Neiva Coelho, desembargador do estado do Pernambuco. Irmã Dulce e Irmã Helena, freiras e mais alguns que se destacaram na vida e que me fogem à memória. Essa turma eu a denominei como sendo a “Turma do brilhante”, porque todos brilharam na vida com a direção que tomaram e de acordo com suas condições econômicas, sociais e políticas (SANTOS,1998h,p.2).

Em quase todos os escritos em que narrou sua prática educacional, a professora Nevinha Santos fez referências a seus alunos de destaque social: “Sentia-me como mãe, pois professora é quase ser mãe” (SANTOS, 1997b, p.2). O sentimento da maternidade aliado ao magistério também é uma constante nos seus escritos, enaltecendo e enfatizando o amor profundo pelo que desempenhava: “Adorei a minha profissão e me sentia muito feliz naquela sala de aula cercada por crianças pobres e ricas que me respeitavam me abraçavam, riam para mim, me queriam bem e me levavam flores” (SANTOS,1998h,p.2). Percebemos a satisfação com o exercício da profissão mediante o reconhecimento e a afetividade dos alunos, “demonstração sincera de carinho e apreço a sua professora” (SANTOS, 1998h, p.2).

A professora Nevinha Santos tinha uma visão romântica do seu passado como professora normalista, o que pode ser atribuído ao fascínio que a profissão exercia numa cidade onde existia apenas o Grupo Escolar, e a maioria de professores, leigos. Além disso, o seu entrelaçamento com o poder político possibilitou um lugar de maior destaque social.

A sua prática educacional também apresentou traços do ensino tradicional, como podemos perceber nos depoimentos de alguns alunos abaixo, embora, em seus escritos, haja a negativa da palmatória e dos castigos: “não havia castigos severos como palmatórias e ajoelhar em cima de caroço de milho. O que ocorria era uma conversa séria com os relapsos” (SANTOS, 1998h, p.2). A professora acompanhava uma mesma turma de 1ª a 4ª série. Quando um aluno ficava reprovado nos exames finais, ele repetia o ano com outra professora.

O método intuitivo é possível de ser percebido pela ênfase nos exercícios, sendo que “os assuntos eram explanados aos alunos, que faziam suas atividades na escola. Os professores levavam os cadernos de atividade para corrigir em casa. No dia seguinte, chamavam os alunos um a um e apontavam os erros e acertos”. Outras vezes, a prática de Nevinha caracteriza-se como escolanovista, pois tinha como centro principal o aluno e

rejeitava os castigos físicos, sendo notória a busca da formação de um aluno ativo, despertando o saber e valorizando as qualidades e experiências dos educandos.

Embora sua formação não tivesse como centro a pedagogia da escola nova, podemos atribuir isso ao fato de que uma das funções de diretores de grupo escolar era sempre estarem atualizados com os novos métodos e conhecimentos educacionais e repassar às demais professoras do grupo. Não conseguimos perceber registro desse fato no Grupo Escolar Coelho Rodrigues, mas é possível o acontecimento devido aos relatos da professora, ao adotar, como também as outras colegas, práticas inovadoras e assumir um discurso de não repassadora de conteúdos, mas de acompanhamento da trajetória educacional dos seus alunos. Nevinha resume esse pensamento na frase “adorei ser professora” (SANTOS, 1997b, p.2).

Nas memórias dos alunos, ficou a admiração, a saudade de um tempo áureo do Grupo Escolar, da normalista, das práticas educacionais e do cotidiano escolar.

Desfiles de sete de setembro, Tiradentes. Festa da árvore. A festa da árvore nós saíamos plantando a árvore que era zelada. No dia 21 de setembro. Dia da bandeira. Tinha festa, hasteava, cantava o hino da bandeira (Cantou o hino da bandeira). Hoje ninguém mais sabe o hino da bandeira. Naquela época sabíamos de todos. No dia 10 de novembro tinha festa do Estado novo. Comemorando o golpe de Getúlio Vargas.

D Nevinha foi uma excelente professora, imprimia ordem, disciplina, tinha um porte bonito, se vestia bem, embora ela fosse ligada ao grupo político que podia tudo na cidade ela ficava acima de todas essas querelas. Comportava-se como uma pessoa digna (MARTINS, 2008).

Percebemos as festas cívicas como fato marcante nas memórias dos alunos, a festa da árvore tinha todo um simbolismo com o grupo escolar e não era realizada apenas como consciência ambiental, mas, sim, para demonstrar a importância da escola através da árvore. Geralmente eram plantadas figueiras, que davam sombras comparadas ao grupo escola, que abrigava a cabeça dos alunos que procuravam pelo bálsamo do saber, as professoras eram o tronco que davam sustentáculo, para benefício da humanidade. Os frutos eram os alunos e seus cérebros tinham como jardineiras as professoras. A árvore em seu todo representava igualmente o grupo escolar proporcionando progresso e prosperidade.

HINO DA ARVORE

Cavemos a terra, plantemos nossa árvore
Que amiga bondosa, ela aqui nos será!
Um dia ao voltamos pedindo-lhe abrigo
Que flores, ou frutos ou sombra dará!

O Céu generoso nos regue esta planta

O sol de setembro lhe dê seu calor
 A terra que é boa lhe firme a raiz
 E tenha as folhas frescura e verdor

Plantemos nossa árvore, que árvore
 Seus ramos frondosos aqui abrirá
 Um dia ao voltarmos em busca de flores
 Com flores, bons frutos e sombras dará!
 (ARNALDO BARRETO apud HOMENAGEM..., 2009)

As festas cívicas²⁷ eram comemoradas no sete de setembro, semana da criança, no dia da bandeira, no dia pan-americano, no aniversário de Getúlio Vargas (19 de abril), no aniversário de Leônidas Melo. Para Bencostta (2006), das festas cívicas participavam os alunos dos grupos escolares, nas quais ocupavam lugares distintos e específicos, sendo um momento de empenho e de adesão dos alunos e professores.

Na memória dos alunos, também ficou registrado a imagem da professora Nevinha Santos como disciplinadora da ordem.

Fui aluna dela no Grupo Escolar do Coelho Rodrigues, na 4ª série. O grupo era bom, aprendia mesmo, eram todos na fila, só saíamos depois que cantávamos o hino. As professoras escreviam na lousa. Ela [Nevinha Santos] brigava muito, era muito zangada. Todo sábado, declamávamos poesia e tínhamos medo. Eu mesma chorava para não declamar. As poesias eram de Olavo Bilac. Estudava no livro *Coração de criança*. Passava o dever de casa. Estudei com Helvídio, Adãozinho, Severo e Otilia Santos. Colocava [os alunos] de joelhos, não tinha palmatória. Mandava estudar em casa. No dia da prova vinha duas autoridades assistir as provas, na minha época era Hélio Leitão e outra vez, Brocardo leitão. Eles mandavam escrever na lousa uns nomes pra ver se escrevíamos certo. Tínhamos farda, era uma saia azul de pregas e uma blusinha branca com o nome do colégio. Na hora da saída era na fila, mas quando soltava, era tudo impossível, jogavam pedra uns nos outros. Dia sete de setembro tinha desfile organizado pelas professoras. Tinha ensaio todas às tardes pelas ruas. Tinha o dia da árvore, que nós plantávamos (FERREIRA, 2008).

O reconhecimento por parte dos alunos da revolução cultural, ocorrida em Picos à época da chegada das professoras normalistas, foi evidenciado nas narrativas, principalmente, em virtude da formação que elas tinham na Escola Normal.

Com justificada admiração, rememoro as figuras das distintas e competentes professoras Ricardina Neiva, Maria das Neves Santos (Nevinha) e Raimunda Cardoso (Mundica), das mais antigas diplomadas pela conceitual Escola Normal Antonino Freire, sediada na capital Piauiense. Exemplos de dedicação ao magistério souberam plasmar o

²⁷ A cultura cívica foi responsável por estabelecer várias leis e decretos de obrigatoriedade do canto do hino nacional e das festas com suas respectivas datas.

espírito ávido de centenas de alunos, ao longo dos anos, o amor pelo estudo e os sentimentos de sadio patriotismo e cidadania, merecendo por isso o respeito e reconhecimento de seus conterrâneos. Reveste-se de singular particularidade o fato de haver a educadora Nevinha Santos publicado agradáveis crônicas na imprensa teresinense, apesar da idade avançada de 89 anos, bem vividos. Nelas expõe, com simplicidade e lucidez, passagens de suas atividades durante o exercício do professorado função da nobre carreira que abraçou, por escolha e vocação, bem como o orgulho pela valiosa contribuição oferecida na difusão do ensino de primeiro grau no seio das crianças e jovens picoenses, naquela venturosa quadra existencial (ALENCAR,2008).

No imaginário dos alunos, foram marcantes as festas realizadas no período, eles eram como atores, e esse momento era composto de espaço, significações e representações. Para Bencostta (2006, p.301), isso aconteceu porque as festas cívicas registraram, de modo duradouro, na memória social, um sentimento que se propunha ser coletivo “pela união dos anseios de seus atores, delimitada em um tempo e em um espaço histórico”.

Para Santos (2009), as festas cívicas se manifestam de sobremaneira em suas memórias, confirmando o acima exposto:

O Grupo Escolar era muito pequeno, constituído apenas de quatro salas de aula, uma sala para a diretoria, outra para secretaria, além da quadra de esporte. Pela porta principal do estabelecimento escolar era a entrada e saída dos alunos. O Fardamento era modesto, com as cores azul e branco, mas os alunos se mantinham bem limpos por recomendação da diretora. Os alunos tinham interesse nas aulas das professoras que eram preparadas e competentes, obedecendo a um planejamento previamente elaborado por eles. Naquela época os livros eram padronizados, passando de irmão para irmãos. Não me recordo das visitas dos inspetores, mas creio que, certamente devem ter sido realizadas porque era uma norma do ensino da época. As datas cívicas eram sempre comemoradas, com paradas, hinos, jogos esportivos e muitas festas e todos nós participávamos com orgulho daquelas comemorações. Nas sabatinas, inicialmente, imperava o reino da palmatória, mas foram logo abolidas pelas novas professoras. Das festas cívicas, tenho muitas saudades, como também dos jogos esportivos porque eram bem concorridos e animados.

Os desfiles patrióticos eram transmissores de uma linguagem coletiva, capaz de expressar planos simbólicos. Uma produção do cotidiano, “uma ação com um tempo e um lugar determinado, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um assunto que é celebrado e comemorado e cujo principal produto é a simbolização da unidade dos participantes” (BENCOSTTA, 2006, p.301).

Nevinha: professora, diretora e primeira-dama.

O Grupo Escolar Coelho Rodrigues teve como diretoras Alborina Silveira Reis (1929), Ricardina de Castro Soares (1929 a 1936) e Maria das Neves Cardoso Rodrigues (1936 a 1947), a qual assumiu a direção no dia 12 de agosto de 1936, tendo assinado termo de compromisso diante do prefeito Justino Rodrigues da Luz. O grupo era de jurisdição estadual, mas administrado pela prefeitura municipal, uma vez que o Estado não tinha, no município, ainda, uma sede administrativa referente ao ensino. A direção do grupo era por indicação política, sendo o casamento e o entrelaçamento com o poder determinante para a escolha.

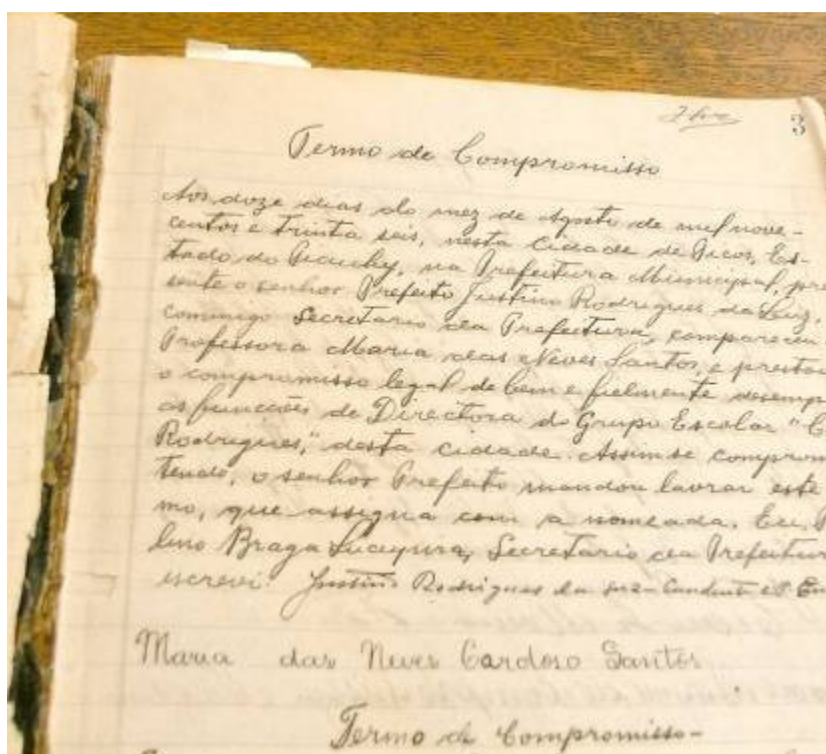


Figura 14 - Termo de Compromisso como diretora

Fonte: Museu Ozildo Albano.

As três novas professoras foram desposadas por três rapazes de famílias abastadas. “os melhores rapazes filhos das melhores famílias, médicos, comerciantes todos comprometidos com moças da cidade se encantaram com as jovens professoras e acabaram seus namoros, compromissos e até noivados. Foi um inferno” (SANTOS, 1997b, p.2). Ricardina de Castro Soares casou-se com Antenor Martins Neiva (primeiro médico e prefeito da cidade à época da chegada das normalistas), e Alda Motta casou-se com Albertino Neiva (irmão de Antenor Neiva). Já Maria das Neves Cardoso Rodrigues casou-se com Adalberto de Moura Santos (filho do Coronel Francisco Santos), no dia 17 de junho de 1930, na Igreja do

Sagrado Coração de Jesus, e, a partir daí, houve a modificação do seu nome para Maria das Neves Cardoso Santos, ficando conhecida popularmente como Nevinha Santos. Do casamento teve os seguintes filhos²⁸: Luís Ayrton Santos, Wanda Cardoso Santos, Maria Lina Santos Melo, Teresinha de Jesus Santos, Francisco Newton Santos e José Ewerton Santos.



Figura 15 - Newton, Ayrton Santos e Wanda Santos (filhos de D. Nevinha Santos)

Fonte: Arquivo Pessoal Luiz Ayrton Santos

Com a ascensão do Estado Novo, no Piauí, assumiu como interventor Leônidas Melo e, em Picos, o marido de Nevinha, Adalberto de Moura Santos²⁹, conhecido como Bertim

²⁸ Luís Ayrton Santos (advogado) casou-se em primeiras núpcias com a farmacêutica Maria Carvalho Santos, sendo filhos do casal Luís Ayrton Santos Júnior, Flávio Santos (casado com Márcia de Novais Santos, com dois filhos - Mariana e Flávio Filho) e Yamara Santos (casada com José Ribeiro, com dois filhos - Maria Eduarda e Romero). Luis Ayrton Santos é casado em segundas núpcias com Rosa Maria Coqueiro. Wanda Cardoso Santos (advogada) é solteira. Maria Lina Santos Melo (contabilista) é casada com Mauro Gomes de Melo, sendo filhos do casal Mauro Filho (divorciado, com um filho menor, Marcel), Marne Santos Melo (casada com Paulo Roberto e com um filho menor, Victor), Liana Santos Melo Coelho (casada com Paulo Coelho, com duas filhas Ana Flávia e Ana Beatriz), Marcelo Santos Melo (casado com Ticiane Melo, com os filhos Bruno e Caio) e Rodrigo Santos Melo, solteiro. Teresinha de Jesus Santos (economiária), solteira, já faleceu. Francisco Newton Santos, aposentado, tem uma filha, Maria das Neves Santos Clerton (casada com Luiz Eduardo Clerton, com uma filha, Maria Clara) e José Ewerton Santos Filho (médico) já falecido.

²⁹ Filho do Coronel Francisco de Sousa Santos e Balbina de Moura Santos, nasceu em Picos (PI), no dia 10 de janeiro de 1908 e faleceu em Teresina no dia 30 de março de 1989. Eram seus irmãos Josué de Moura Santos, Maria Rosa Santos Reinaldo, João de Moura Santos, Judih Santos de Britto Freire, Waldemar de Moura Santos, Maria de Lourdes Santos Rocha e Antonia de Moura Santos de Alencar Bezerra. Foi intendente municipal de 1938 a 1945 na cidade de Picos (PI), assumindo, durante a vida, outras profissões, como: comerciante, fazendeiro, pecuarista, professor de francês, diretor da mesa de renda em Picos, fiscal de renda e

Santos, tornou-se intendente municipal, ficando no poder de 1938 a 1945, época em que Nevinha Santos assumiu a função de primeira-dama e agregou a profissão de professora e as funções de diretora do grupo escolar.

Uma grande contribuição ao desenvolvimento da cidade é atribuída à atuação de Nevinha Santos como primeira-dama do município. Sua primeira preocupação foi alfabetização dos presos, e, além disso, assumiu a direção do Grupo Escolar Coelho Rodrigues por todo o período, harmonizando os trabalhos da escola com os do serviço social, como ela própria relembrou:

Mesmo como primeira-dama, nunca deixei a sala de aula. Sempre consegui harmonizar os trabalhos de serviço social com as atividades na escola [...] como diretora do Grupo, passei todo o governo de Leônidas Melo e mais os governos de Pedro Freitas e de Jacob Gayoso e Almendra. O Grupo foi muito bem cuidado naquela época e bem administrado [...] logo tínhamos um grande amigo do Grupo, o coronel Francisco Santos, que resolvia com carinho e presteza todos os nossos problemas (SANTOS, 1998f, p.2).

Durante a direção da professora Nevinha Santos, o inspetor de ensino Abílio Neiva visitou a escola no dia 10 de maio de 1941, afirmando ser o Grupo Escolar Coelho Rodrigues um dos melhores estabelecimentos de ensino primário do Piauí, notadamente, em razão da competência do corpo docente. Naquela oportunidade, fora aplicada uma prova de conhecimentos a todos as professoras, que obteve maior destaque, a professora Ricardina de Castro Neiva. O inspetor, porém, lamentou a falta de material escolar e estimulou a direção a disciplinar mais os alunos, como também a ensinar-lhes a como jantar, uma vez que os responsáveis (os pais) não o faziam em casa.

Em 1942, conforme a Diretoria de Instrução Pública, os funcionários do Grupo Escolar Coelho Rodrigues eram: Maria das Neves Cardoso Santos - diretora e professora -, Raimunda Portela Cardoso - professora-, Maria Nunes Barros, Isabel de Moura Leal - professora de Educação Física -, Maria de Lourdes Santos - professora contratada -, Benvinda Santos Nunes, Otilia Neiva de Moura Santos, Maria Dolores de Moura Carvalho, Luiza Maia e Silva - professora contratada de Teresina-, Julieta Martins Neiva – professora contratada de Inhuma -, Maria do Socorro Cunha, Magnólia Leão Padilha Martins– professora adjunta- e Maria de Lourdes Santos – zeladora.

superintendente do IAPC do Piauí. Foi vereador em Picos e deputado estadual pelo PSD, sendo considerado um dos melhores prefeitos do Piauí pelas obras realizadas no município.



Figura 16 - Adalberto de Moura Santos
Fonte: Arquivo Pessoal Luis Ayrton Santos.

A cidade ganhou várias obras públicas, como usina elétrica, mercado central e da carne, matadouro público, posto de saúde na sede do município, construção da Praça Félix Pacheco, rede de esgotos, campo de aviação, Prefeitura Municipal, Escola Municipal Landri Sales, avenidas, ruas e praças, banda de música, fundação do jornal a Ordem, além de tornar-se obrigatória a execução do hino nacional nas escolas municipais.

A inauguração do campo de aviação da cidade ocorreu no dia 13 de julho de 1939, na presença de duas mil pessoas, discursou o promotor público Alberto Monteiro. A população picoense e os aviadores da empresa Condor seguiram para a residência do prefeito Adalberto de Moura Santos, onde foram servidas finas bebidas. À noite, precisamente as 20h00min, foi servido um banquete de cem talheres na casa da professora Nevinha Santos. Na oportunidade, utilizou-se da palavra o irmão do prefeito e médico Dr. Moura Santos, que elogiou a dinâmica administração municipal, discursou, também, o Coronel Francisco Santos, posteriormente, foi promovido um sarau dançante até alta noite (INAUGURAÇÃO...,1939).

O terreno do campo de aviação foi doado pelo prefeito Adalberto de Moura Santos. A linha área Teresina-Picos, com escalas em Regeneração, São Pedro, era realizada pela empresa Sindicato Condor Ltda. num aparelho tipo junkers-F13, com capacidade para cinco pessoas. Logo abaixo, anúncio no jornal da empresa aérea e seus horários.

Conforme Nascimento (2001), a partir de meados de 1938, Leônidas Melo iniciou contatos com a Companhia de Viação Condor, com a finalidade de criar uma rota que ligasse

a capital às cidades de Parnaíba e Floriano. Essa empresa de origem alemã voou sobre o Piauí até 1942³⁰, quando, em função de razões políticas, suas atividades foram suspensas.

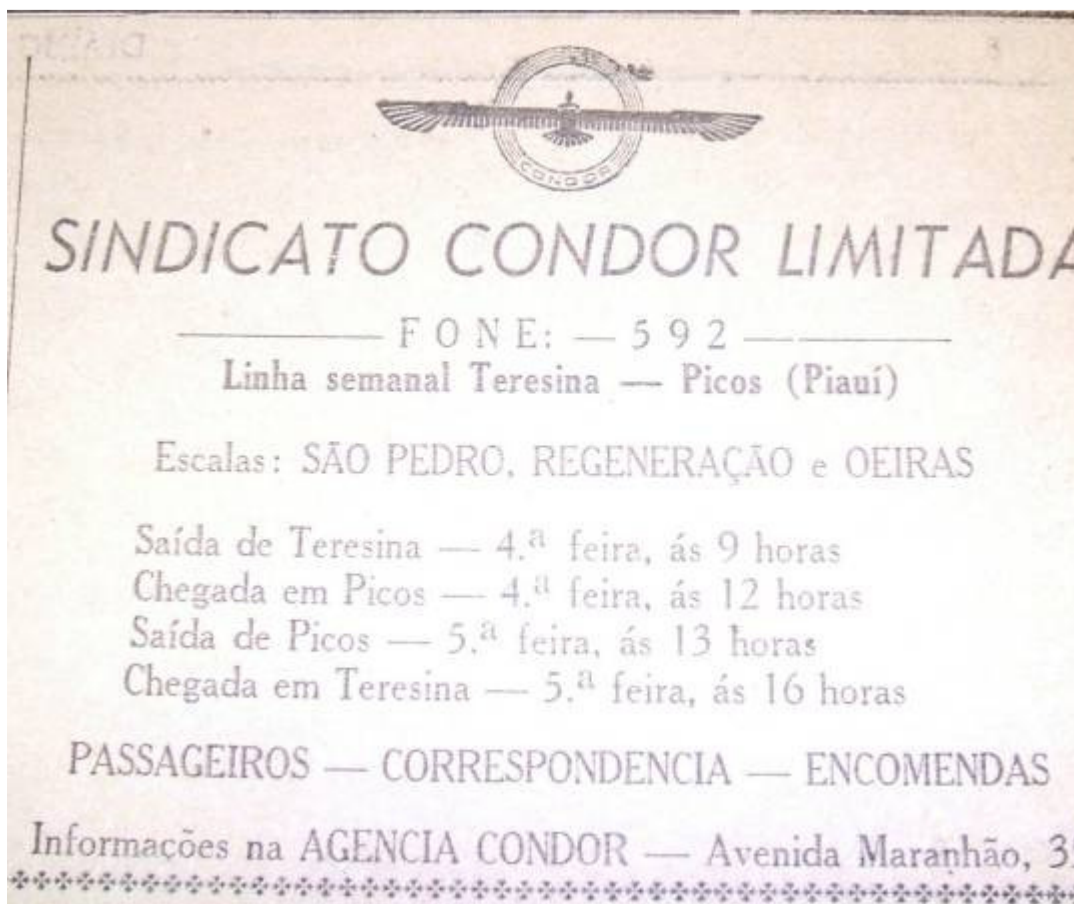


Figura 17 - Anúncio da empresa Condor.

Fonte: Sindicato... (1939, p.3)

Outras obras foram realizadas e motivo de festas na cidade, como por exemplo, a inauguração da Praça Félix Pacheco³¹ em dez de janeiro de 1942. Nesse período, houve um grande desenvolvimento na cidade, resultante do processo de modernização implantado pelo regime ditatorial do Estado Novo, como mostra Nascimento (2002), para quem o Estado

³⁰ Em Picos, nesse mesmo ano, a população era de 40.647 habitantes, e a economia contava principalmente com a cera de carnaúba.

³¹ A Praça Félix Pacheco juntamente com o paredão formava um conjunto arquitetônico homogêneo e bonito. Tinha um jardim, um coreto, poço artesiano, arborização, canteiros, gramados e bancos, que tinham uma pedra apoiada em dois suportes com o formato de rostos de leões. Os postes de iluminação de ferro com globos de vidro de cor leitosa. A praça era movimentada no fim da tarde e à noite. Sendo as noites de sábado e domingo as mais movimentadas. Havia os desfiles das moças entre as 19h e 21h para uma plateia de rapazes que se postavam dos dois lados da passarela. Só havia cinco bancos na praça que eram disputados avidamente, por isso ocorriam os rodízios. Havia uma divisão da área do jardim público por classes sociais (DUARTE, 1995).

Novo foi um estado forte. Junto com o regime, chegaram a rádio³², os transportes, as praças, com o objetivo de transformar a cidade, modernizando-a.



Figura 18 - Praça Félix Pacheco

Fonte: Excursão... (1942, p.1)

Essas obras, no tocante aos edifícios públicos, promoviam segundo Nascimento (2001), uma ruptura com a arquitetura de períodos anteriores, porque simbolizavam o tipo de cidade que os administradores queriam construir, como exemplo, São Paulo que se recorria a uma arquitetura com características racionalistas e inovadoras, com o intuito de construir um país moderno.

No Piauí, durante o governo Leônidas Melo, foi acentuado o processo de modernização, com projetos de higienização, construção de hospitais, alargamento de ruas, dentre outros. Era a consumação do projeto político dos ideólogos do Estado Novo, de fazer a modernização ganhar força por meio de um estado centralizador. Esse projeto teve extensão em várias cidades do Piauí, uma delas, Picos.

³² Inaugurada em 1942, como Rádio Difusora de Picos, mas conhecida popularmente como amplificadora, por ter vários alto-falantes espalhados pela cidade.



Figura 19 - Excursão interventorial

Fonte: Excursão... (1942, p.1)

Para Tavares (2003), o governo Leônidas Melo foi o mais longo do período republicano. O governador, um médico conceituado nos meios sociais, assumiu em 1935, depois de eleito e empossado pela assembleia legislativa. Demonstrando esperteza, em 1937, foi um dos primeiros a aderir ao Estado Novo, assim permaneceu no poder até 1945. Foi um período de grandes obras devido à grande receita proveniente da cera de carnaúba, como também ao caráter autoritário, ao sufocamento das liberdades democráticas e às atrocidades cometidas em nome do poder. Episódios rumorosos, como a queima de casebres em Teresina e o movimento messiânico pau-de-colher, também marcaram seu governo, além de denúncias de tortura e censura à imprensa.

Em suas memórias, Nevinha descreveu o governo municipal de Picos durante o Estado Novo.

O prefeito de tradicional família da terra, foi reconhecidamente um grande administrador. Basta saber que àquela época não havia dinheiro fácil. Não existiam verbas, nem federais, nem estaduais, tudo era feito com recursos próprios. Além de trazer a cidade limpíssima e bem cuidada, o prefeito olhava para o interior do município, construindo escolas, estradas carroçáveis, açudes e muitos outros melhoramentos. Na sede do município ele organizou uma garbosa 'Banda de Música', somente com filhos da terra, que se achavam felizes e realizados. Fez calçamentos, esgotos, melhorou o sistema de iluminação, promoveu abertura de ruas e avenidas, paredões para segurança da maioria das casas que ficavam nas encostas dos morros. Construiu e inaugurou, com a presença do Interventor do Estado e de altas

autoridades, a moderna Praça Félix Pacheco, que era linda e bem cuidada, mas que foi quase toda demolida pela ação dos vândalos, atualmente em decadência [a praça]. Contruiu, ainda, um belíssimo ‘Matadouro Modelo’, cujo fim eu ignoro. Doou, de sua propriedade, um enorme terreno e nele construiu o ‘Campo de Aviação’ e o inaugurou, trazendo de Teresina três aviões com autoridades, que voaram em céus picoenses pela primeira vez, num verdadeiro show de beleza, deixando o povo em delírio, correndo pelas ruas quando os aviadores voavam, quase tocando os morros verdinhos da cidade e jogando ramalhetes de rosas e cartões, parabenizando o povo pelo grande acontecimento. À noite, a festa na residência do prefeito, foi linda. E, para abrilhantar mais ainda o acontecimento, um dos aviadores se apaixonou por uma jovem filha da terra e o prefeito foi escolhido para pedi-la em casamento aos seus pais. O pedido foi aceito e, posteriormente, vieram a se casar e a residir no Rio de Janeiro, onde foram muito felizes. A moça escolhida foi Adalgisa Nunes de Barros, professora, bonita e minha amiga³³ (SANTOS,1997a,p.3).

Com o fim do Estado Novo, caiu a ditadura varguista, em 29 de outubro de 1945. Em todos os estados, os interventores foram substituídos. No Piauí, assumiu o coronel do exército Antonio Leôncio Pereira Ferraz, que demitiu, em seguida, todos os prefeitos municipais, substituindo-os por pessoas da UDN³⁴ (União Democrática Nacional). Assim, terminou a administração do prefeito Adalberto de Moura Santos. A notícia chegou inesperadamente a Picos, onde os opositores ao regime saíram às ruas para comemoração. Gritavam e invadiam prédios públicos, destruindo parte da mureta da prefeitura municipal, como também os jardins. Os móveis foram jogados nas ruas, sendo retirado das paredes quadros dos presidentes, governadores e prefeitos e de pintores famosos; rasgaram estofados, estragaram tapetes, quebraram louças. Os foguetes tomaram conta do céu.

Nevinha Santos relatou como vivenciou aqueles momentos: “vi com tristeza que naquela ridícula manifestação de ódio estavam alguns dos meus alunos, que de mim receberam ensinamentos completamente diferentes daquele procedimento” (SANTOS, 1997a, p.3). É como se Nevinha, nesse instante, experimentasse um sentimento de fracasso como educadora. Nevinha e suas companheiras normalistas promoveram uma verdadeira revolução cultural na cidade, introduzindo novos hábitos, novos costumes, novos métodos, proporcionando o desenvolvimento cultural, com a realização de dramas, recitais de poesias,

³³ Adalgisa Nunes de Barros era filha de Joaquim Baldoíno de Barros. Alfabetizada por uma mestre-escola, conhecida como Modestina Nunes, terminou o curso Primário na Escola do professor Miguel Lidiano. Em seguida, foi para Teresina estudar na Escola Normal Oficial, sendo aluna de Sotero Vaz. Ao se tornar professora Normalista, retornou a Picos e assumiu a organização do Museu Escolar, conforme telegrama nº. 578 de 21 de Junho de 1936, do Diretor de Departamento de Ensino. Trabalhou poucos anos no Grupo.

³⁴ Com a redemocratização do país em 1946 os partidos que tomaram conta do cenário nacional político foram o PSD (Partido Social Democrático), ligado aos coronéis da política. E a UDN (União Democrática Nacional) atrelada à burguesia comercial, classe média e populares urbanos.

passeios de barco pelo rio Guaribas, incentivo à criação da banda de música do município com integrantes dos filhos da terra. Sobre esse período, narrou, em suas memórias a mágoa e o esquecimento em relação ao ex-prefeito Adalberto de Moura Santos, que, no seu entendimento deixou de ser reconhecido socialmente pelos picoenses por seus serviços realizados:



Figura 20 - Casa de Nevinha Santos em Picos – PI (1938)

Fonte: Arquivo Pessoal Luís Ayrton Santos

O prefeito, posteriormente com ajuda de seu pai coronel Francisco Santos e de alguns amigos saiu de sua terra com boa votação, eleito deputado estadual. Apesar da grande obra prestada ao seu município como prefeito e deputado estadual. Os políticos da terra trabalharam para que ele fosse esquecido e ignorado por todos. Não existe naquela cidade nenhuma homenagem póstuma àquele que foi um dos melhores prefeitos da cidade modelo. Foi um administrador duro, enérgico e eficiente, amigo dos seus amigos, mas cruel com os adversários. Ele morreu com uma grande mágoa e imensa tristeza de seus conterrâneos. Quando reconheceu que o seu estado de saúde era grave, chamou-me e disse: ‘Nevinha quando eu morrer não leve meu corpo para Picos’ Este pedido traduzia toda dor, toda mágoa que ele guardava (SANTOS, 1997a, p. 3).

A professora Nevinha Santos residiu na cidade de Picos (PI) até 1951, época em que seu marido, Adalberto de Moura Santos, foi eleito deputado estadual pelo PSD, para o mandato de 1951 a 1955, nesse período, o governo foi exercido por Pedro de Almendra Freitas (1951-1955), e foi marcado pelos desentendimentos das bancadas do PSD e da UDN. A partir daí, a família veio residir em Teresina, e, já aposentada, Nevinha se dedicou à igreja, à família e às atividades sociais. Ao completar 87 anos, decidiu escrever suas memórias, que foram publicadas em jornais da cidade.

Sobre a época em que esteve em Picos, lamentou, em seus escritos, o esquecimento: “Nós, Alda, Ricardina e Nevinha, as primeiras professoras públicas da cidade de Picos, as pioneiras da instrução e da educação [...] fomos as eternas esquecidas” (SANTOS, 1998h, p.3). Referiu-se a isso por não terem recebido homenagens e nem nome de logradouros públicos. Podemos perceber, na narrativa de suas memórias, o ressentimento, o que enquadramos, segundo Ansart (2001), na tentação do esquecimento, ao se contentar com um julgamento simples para não entrar na lógica dos sentimentos de seus adversários, e assim, no movimento de suas novas experiências não sentir as violências simbólicas sofridas. Violência simbólica representada pela ausência de reconhecimento pelo menos por parte do poder público do seu trabalho como professora e primeira-dama na cidade de Picos, PI.

Tempos de ser professora (1929-1951): saberes, ideias, discursos, evidências.

“Preparar futuros cidadãos, capazes de por suas letras entrar com vantagens nas lutas pela vida” (MATHIAS OLIMPIO, 1928).

A frase do governador Mathias Olympio, que figura como epígrafe deste subtópico, sintetiza a função da educação e o objetivo de ser professor no Piauí no limiar dos anos 1930.

Esse governador, em sua mensagem de 01 de junho de 1928, orientava a intensificação dos estudos na formação dos futuros professores no sentido de que o ensino primário não se limitasse as questões teóricas e que fosse mais proveitoso. Objetivo que poderia ser obtido por meio de um programa de ensino que aliasse teoria e prática com a finalidade máxima de ensinar a escrever e ensinar a ensinar (PIAUI, 1928)

O ano de 1929 foi marcado pelo desbravamento das professoras normalistas pelo interior, o que gerou uma preocupação por parte do estado. Fato percebido na mensagem do governador João de Deus Pires Leal (1928-1930):

Nos demais municípios do interior, ella não dava os resultados que eram de esperar dos dispêndios que o estado fazia. As escolas com poucas excepções não funcionavam regularmente nem tinham instalações condignas. Poucas eram regidas por professoras normalistas, não obstante o crescido número de diplomadas. A falta de provimento das cadeiras do interior era resultado dos minguados vencimentos que o estado pagava as professoras que era 300\$000. Como fossem por demais escassos os recursos do estado, agi perante os intendentess municipais no sentido de obter a collaboraçã dos municípios nessa obra, sobre todas relevante para o futuro do Piauí. E a alcancei francamente. Desse modo pude aparelhar devidamente e inauguradas os grupos escolares de Floriano, Picos, Campo Maior e Oeiras e nomear várias professoras (PIAUI, 1929, p.61).

Percebemos nos dizeres do governador a preocupação com as normalistas no interior do estado, que muitas vezes, não encontravam as condições necessárias de trabalho e nem tampouco um salário que compensasse o esforço do afastamento da família. A justificativa do estado da falta de melhoramento dessa situação, a escassez dos recursos financeiros. O que podemos refletir sobre essa conjuntura, era que a motivação das professoras, em enfrentar todas as dificuldades, originava-se dos ideais inculcados de missão, vocação e salvação (do analfabetismo), durante a formação delas na escola normal.

João de Deus Pires Leal (1928-1930), continuou a justificar os salários baixos em suas mensagens e em nome disso, compensava as normalistas sem exigir mais trabalhos. “Também não é raro exigir do professorado mal remunerado o duplo trabalho (dois turnos) a que por lei é obrigado” (PIAUÍ, 1930, p.60). Essas possíveis benesses se davam em função de não encontrar normalistas que aceitassem se deslocar para o interior, mesmo oferecendo as vantagens de trabalhar um turno ganhando por dois. Havia também uma preocupação muito grande do governo com os grupos que funcionavam em casas residenciais, ou prédios alugados, principalmente porque tal ocorrência era contra ao que chamavam de moderna pedagogia, tão apregoada nesse período.

A revolução de 1930 e o governo do país nas mãos de Getúlio Vargas mudaram os rumos da educação no país e no estado. Saviani (2007, p.193) conclui que a revolução de 1930 foi um “estado de compromisso” um agente da burguesia industrial. Após a posse do governo, em 1930, foi criado o IDORT (Instituto de Organização Racional do Trabalho), que exerceu forte influência sobre as políticas governamentais em todo o período pós-revolução de 1930, que se estendeu até 1945, marcando a reorganização educacional do país. A criação no Ministério da Educação e Saúde pública, em novembro de 1930, a Reforma Francisco Campos, em 1931, mostraram que o novo governo tratava a educação como uma questão nacional, “convertendo-se, portanto, em objeto de regulamentação, nos seus diversos níveis e modalidades, por parte do governo central” (SAVIANI, 2007, p.196).

O capitão Landry Sales Gonçalves (1931-1935), mesmo com suas mensagens meramente técnicas, sem muitas menções à formação de professores e as deficiências do ensino, custeou, nesse período, um curso em Minas Gerais para aperfeiçoamento de professores. Foi possível analisar a educação e a profissão docente nessa ocasião pelo relatório do diretor da instrução pública em 1932, Martins Napoleão, que mostrou sérias preocupações com a educação do Piauí. A questão curricular, que deveria ser modificada, voltada para a participação da vida sócia, e ao mesmo tempo, produtiva. O ensino primário

deveria ser prático e concreto, estimulando o interesse infantil, tendo com centro principal do ensino o aluno, com vistas a obter o desenvolvimento da observação e do raciocínio “dever-se-ão, no ensino primário adotar as conquistas positivas da escola nova” (PIAUHY, 1932, p.2).

As orientações para os professores eram de utilizarem lições variadas, concisas, vividas, deixando ao educando a iniciativa de buscar conhecimentos. Ser professor para Martins Napoleão era um:

Guia esclarecido e metódico, investigador da feição moral do aluno, não só indagando dos pais ou responsáveis quais as suas tendências e hábitos como também observando a criança na classe, no recreio entrada e saída e ainda em suas mútuas relações (PIAUHY, 1932, p.2).

Notamos os ideais escolanovistas como direcionadores das práticas educacionais nesse período, embora não houvesse, ainda, a publicação do manifesto dos pioneiros da escola nova, as ideias já estavam em franca expansão. Isso também se deu em virtude do Diretor da Instrução Pública, Martins Napoleão, ter participado da IV Conferência Nacional de Educação,³⁵ no Rio de Janeiro, no período de 13 a 20 de dezembro de 1931.

A preocupação com a formação do professorado nesse sentido era imensa, como resultado, um professor que catalisasse as lições para o interesse coletivo dos alunos. Além disso, a formação do sentimento cívico era aconselhada para por em evidência a organização política do Brasil e do Piauí e dos seus municípios, com o objetivo de despertar nos alunos o exercício dos seus direitos e deveres, para tanto, era necessário o estudo da história pátria e dos heróis, a fim de exaltar o amor à raça. Essas lições deveriam ser aproveitadas nas oportunidades da convivência família, escola e sociedade.

Outra questão nova seria o estímulo à educação física³⁶ para auxiliar e regular o desenvolvimento do corpo. As atividades de Educação física se restringiriam ao cultivo da voz, conselhos higiênicos, defesa individual, conservação da saúde, exercícios calistênicos e jogos recreativos.

³⁵ A IV Conferência Nacional de Educação foi realizada no Rio de Janeiro em 1931, para tratar do tema “As grandes diretrizes da educação popular”, oportunidade em que nasceu o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova (1932), que reclamavam reformas educacionais, com um plano nacional e contínuo. Defendiam a educação das massas rurais e do elemento trabalhador nas cidades, servindo de orientação para as políticas educacionais no governo Getulista.

³⁶ A educação física também tinha um triplice papel na educação, física, intelectual e moral. É importante para o homem em virtude da busca de um homem feliz com suas faculdades físicas e desempenhando o seu papel social.

Medidas de infraestrutura educacionais, como, por exemplo, a construção de prédios escolares adequados aos grupos escolares, planejados pelo engenheiro Luís Mendes Ribeiro Gonçalves. Os prédios eram construídos conforme os objetivos do grupo escolar, ou seja, iluminação e, em sua maioria incrustado bem no centro das cidades, ou em locais de maior importância, denotando uma medida majestosa e fruto de um ensino organizado.

O aparelhamento das escolas primárias, fornecimento de material didático e mobiliário adequado foram uma constante. O Grupo Escolar Coelho Rodrigues recebeu em 1932 o valor de 16:000\$000,e, em 1933, a inauguração de sua sede própria. Nesse mesmo ano, no Piauí, foi colocado em funcionamento o regulamento de 1933, que dentre outras mudanças, tinha forte influência do manifesto dos pioneiros da escola nova em 1932.

A partir de 1935, com a indicação de Leônidas Melo ao poder, governo que exerceu o poder, até o fim do Estado Novo, houve maior preocupação com a delineação do ser professor nesse momento, a nosso ver, como instrumentos de inculcação das ideias do período Getulista. Foi possível essa conclusão por meio de análises das mensagens governamentais, matérias de jornais, festas cívicas realizadas e também depoimentos de ex-alunos.

Durante todo o governo de Leônidas Melo, a educação esteve nas páginas do diário oficial, ou presente nos seus discursos e mensagens. Fotografias e grandes concentrações das escolas e, respectivamente, de seus estudantes nas imensas e várias paradas cívicas. Num claro interesse de demonstração de grandiosidade do governo e de seus representantes, Getúlio, como presidente do Brasil, Leônidas Melo, como interventor do Piauí e Adalberto Santos, como intendente de Picos. Esses eventos serviam para personificar os mitos e acentuar as qualidades do chefe da nação, da escala maior para as menores, assim como informa Carone (1988, p.166), “Em cadeia, tenta-se mostrar como todos os líderes que se identificam com o Estado Novo apresentam traços e personalidades ímpares, que os distinguem dos outros, apesar de não atingirem o nível e as qualidades do chefe da nação”.

Para Carone (1988), mito e comemoração se completam em função de que o primeiro acentua as qualidades e o segundo torna-as públicas.

Na mensagem de Leônidas Melo, é possível compreendermos todo o pensamento que nortearia a educação no Piauí e a concepção da profissão docente para o poder público e o discurso abaixo reflete as diretrizes que se seguiram nos anos posteriores.

Professor como obreiro da nossa cultura e da nossa formação intelectual. Está no professor a grande força orientadora do destino de nosso estado. Entre nós, porém apesar da relevância do mister é o funcionário humilde, pobre, esquecido, vivendo numa obscuridade entristecedora. Tão grande é o

desconforto que se o espírito não é forte em curto tempo o ânimo lhe faltará. Nem sequer pode para prazer íntimo acompanhar a evolução da disciplina ou sciencia que abraça porquanto o vencimento que recebe diariamente mal lhe basta para um minguido almoço. Como adquirir livros, obras, illustração? Contrasta com a sumptuosidade dos edifícios de ensino a penúria dessa classe de abnegados. Refiro-me a professores secundários e primários. Haverá maior devotamento que o de nossas professoras? Manhã cedo e já estão no labor quotidiano e mobilitante. Algumas para alcançar seus grupos. Tem de vencer a pé enormes distâncias. O que percebem não lhes permite o conforto o transporte sob pena de ficar desfalcado o pão do mez. É a classe que não tem acesso nem a promoções. Os annos de trabalho acumulados não lhes trazem senão amarguras e pobreza agravadas pela neurastenia que adquirem da profissão desgastante (PIAUHY, 1936, p.20).

A aura de glória que cobriu o magistério primário no Piauí, no início do século XX, começava a falir durante o período getulista, o próprio governo reconheceu a desvalorização docente verificada pelos baixos salários e as condições péssimas de trabalho. E ainda apontou o surgimento de doenças como a neurastenia adquirida pela profissão. Inclusive a própria normalista começava a perder o entusiasmo pela educação no interior.

A normalista inclusive muitas vezes aquellas mais entusiastas da profissão dentro de pouco tempo do tirocínio escolar no sertão distante vae perdendo aquelle fervor a dedicação mesmo a cauda a que de inicio emprestara tanta energia. Todas as qualidades exigidas para a mestra primária lhe vão fugindo pouco a pouco reduzindo-a a uma completa indiferente ao ideal da profissão ardorosamente abraçada (PIAUHY, 1936, p.20).

Foi em nome de todo esse quadro da profissão docente que o governo do Piauí tomou providências como exemplo de colocar uma gratificação de 30 por cento no segundo turno, considerado muito pouco pelas professoras da época. Em contraposição, foi criado o quadro de professoras substitutas, que aceitavam trabalhar mais barato e sem ter os mesmos direitos que as do quadro efetivo.

O ano de 1936 foi caracterizado por muitas mudanças na educação: a instalação do cinema educativo³⁷; participação de cursos em Belo Horizonte para as professoras; o festival escolar (comemoração da conclusão do ensino primário); a semana da pátria; a semana da criança (alunos até seis anos); o gabinete dentário escolar; as diversas paradas cívicas; o clube de leitura Firmina Sobreira e a Liga a Escola Nova, estes últimos fundados na Escola Normal em Teresina.

³⁷ Em 1935, o governo Leônidas Melo firmou contrato com o Instituto do cinema educativo, que fornecia mensalmente oito filmes, especialmente instrutivos, exibidos no teatro 4 de setembro para as crianças e professores dos grupos escolares.

A atribuição à revolução de 1930 como transformação dos homens e na educação, embora com o enfrentamento e evidenciamento de tantos problemas, ainda era presente nos discursos da imprensa local:

A Revolução de 1930 operou o milagre de transformar a mentalidade dos homens públicos do Brasil que se empenham agora corajosamente pelo problema máximo da nacionalidade – instrução e educação. Hoje, os grupos escolares, as escolas agrupadas, existem em diversos municípios do Estado, construídos de acordo com as mais rigorosas exigências pedagógicas, providos de suficiente material escolar e servidos por inteligentes e dedicadas normalistas que levam patrioticamente ao longínquo sertão piauiense as luzes das letras do alfabeto (GONÇALVES, 1936, p.4).

A instalação do Estado Novo manteve, no Piauí, o mesmo interventor, Leônidas Melo, e a preocupação, a partir da implantação do novo modelo, concentrou-se na imagem do governo e seus representantes. Uma delas, acabar a velha mentalidade que sobrepunha as preocupações da politicagem ao interesse público. Na educação, o civismo e a verdadeira exaltação ao presidente da república e governador do estado eram uma constante.

Esse sentimento era manifestado através nas festas cívicas, com uma técnica de propaganda política, que colocava os governos como grandes administradores. Por todo o período do Estado Novo, ser professor era representar e disseminar tais ideias. No discurso da professora normalista Adalgisa Nunes de Barros, é possível corroborar essa afirmação:

Devemos fazer coro ao movimento de sadio patriotismo que empolga na hora atual, todos os corações brasileiros, inaugurando em nosso educandário o retrato desse homem providencial que é mais do que o chefe da nação, porque já se tem afirmado em momentos angustiosos para o país, como o defensor máximo dos nossos lares. È um dever sagrado o preito de homenagem aos grandes vultos da pátria. [...] Assim nós educadoras das creanças as que lhes ministramos os primeiros conhecimentos, ensinando-lhes os vãos para o bem, o dever, a luz, a justiça assiste-nos o direito de plantar na alma infantil o nobre sentimento de patriotismo, de admiração de figuras de destaque de nosso Brasil entre estas, a do Presidente (BARROS, 1938, p.5).

Por meio desse discurso, notamos o direcionamento dado à educação e à postura do professor frente às ideias do Estado Novo, como representante dessas premissas. O professor atuaria como transmissor de conhecimentos para a formação da criança e da mocidade voltados para o engrandecimento da pátria. A criança, vista como esperança do futuro. O estudo e o trabalho, como impulsionadores do crescimento da pátria. E, acima de tudo, a

reafirmação do Estado Novo como um Brasil grande, forte, unido, disciplinado e civilizado. E o educador, a serviço desse pensamento.

Por outro lado, houve, ainda, um grande empenho por parte do governo em expandir o ensino primário no Piauí, tendo recebido o Estado destaque em virtude do aumento de matrículas em 215 por cento, no período de 1933 a 1937. Ocorreu, inclusive, o investimento nos cursos especiais de educação física, que funcionaram com regularidade a partir de 1939.

Em 1942, o serviço de Inquéritos e Pesquisas Pedagógicas foi instalado no Piauí, vinculado ao INEP, e tinha como objetivos: amparar alunos pobres, fazer propaganda do ensino, despertar o amor a pátria, entreter a cooperação da família. Outras medidas também foram tomadas como: bolsas para os cursos de educação física. Esse serviço transformou professores e alunos em estatísticas, muitas, positivas para o governo.

Em 1945, a queda do Estado Novo trouxe ao Piauí três interventores federais até que, em 1947, proporcionou a ascensão ao poder à UDN. Assumiu, nesse momento, o governo José da Rocha Furtado (1945 a 1951),³⁸ que sempre alegou em suas mensagens, a falta de dinheiro para investimento na educação e reclamava do número de professoras leigas presentes ainda na escola.

O desequilíbrio orçamentário sempre foi o motivo para que o governo Rocha Furtado, não investisse na instrução pública como também na mobilização dos inspetores de ensino. Os discursos desse período sempre denunciaram o descaso com a educação. O professor Epifânio Carvalho apontou as causas para o descaso com a educação: reformas apressadas, falta de escolas e de professores com grande experiência e força de vontade a enfrentar o sertão com alunos subnutridos. Mostrou, ainda, que somente o professor poderia modificar essa situação, no sentido de levar a sabedoria e a harmonia aos povos (CARVALHO, 1948).

A conclamação ao professor como solução do problema da educação era uma medida do estado, que alegava falta de condições de investimento na educação e, em decorrência, requisitava o empenho dos professores para se manterem na sala de aula. O governador José Rocha Furtado alegou: “deve-se o rendimento delas (professoras) a dedicação das abnegadas professoras primárias que exercem o magistério em condições que não lhes proporcionam

³⁸ O governo Rocha Furtado foi um dos mais tumultuados no Piauí enfrentou resistências internas do seu próprio partido, a UDN, e externas, do PSD, partido em que se encontravam seus adversários, sendo maioria na assembleia legislativa. As dificuldades do governo cresceram com a Constituição de 1947, que previa uma série de vantagens, benefícios e privilégios que levaram a uma desorganização administrativa e ao atraso de salários de oito meses para algumas categorias profissionais, além de uma crise financeira marcada pelo declínio no mercado internacional da cera da carnaúba.

nenhum estímulo” (PIAUI, 1950, p.12). No seu discurso, em 1950, corroborou esse pensamento e elogiou o professorado por continuar exercendo a profissão mesmo com tantas dificuldades:

Professorado primário do estado comprovou o seu zelo e devotamento a profissão sem embargo nas dificuldades que a já citada escassês de recursos lhe criou no exercício da relevante função (PIAUI, 1950, p. 12).

Percebemos que toda ideia de devotamento a profissão professor, sacrifício e vocação ainda continuaram, e com um resultado negativo para a identidade docente no sentido de aceitar a desatenção e a falta de investimento na educação por parte do estado. Ou seja, a missão e a vocação são conclamadas, dessa forma, o professor era consagrado ao renunciar seus direitos individuais em nome do coletivo, um ser abnegado a serviço da humanidade. Conforme Carvalho (2007), as reformas educacionais implementadas durante o período republicano falharam em suas tarefas de revigorar o ensino no País. Falharam por não terem sido criativas, não terem produzido modelos de educação para uma sociedade em transformação, que desejava alcançar o estado de povo civilizado.

Em outras palavras, suas falhas provêm de limitações profundas, pois se omitiu diante da necessidade de converter-se em estado educador em vez de manter-se como estado fundador de escolas e administrador ou supervisor do sistema nacional de educação. Sempre tentou, não obstante, enfrentar e resolver os problemas educacionais tidos como “graves” fazendo-o naturalmente segundo forma de intervenção ditada pela escassez crônica de recursos matérias e humanos. Isso explica porque acabou dando preeminência a soluções educacionais vindas do passado, tão inconsistentes diante do novo estilo de vida e das opções republicanas, e por que simplificou demais as suas contribuições construtivas, se orientando no sentido de multiplicar escolas invariavelmente obsoletas em sua estrutura e organização marcadamente rígida, em sua capacidade de atender às solicitações educacionais das comunidades humanas brasileiras (CARVALHO, 2007, p.41).

A revolução de 1930 trouxe aos professores piauienses uma melhora nos prédios educacionais e o incentivo do professorado a se deslocar para o interior. O investimento foi intenso. O Estado Novo, representado por Getúlio Vargas e Leônidas Melo no Piauí, inculcou o ser professor no representante da disciplina, com civismo e defensor de uma pátria grande e unida, isso refletido no cotidiano escolar, do início da aula às paradas cívicas. A educação era o grande foco dos investimentos e das notícias em jornais, conseqüentemente o professor como disseminador das ideias que moviam o Estado Novo.

O período posterior à queda do Estado Novo mostrou uma educação sem aplicação de recursos financeiros, professores mal remunerados e a consolidação da desvalorização da profissão docente. O estado se apegou às velhas ideias de abnegação e amor à profissão para manterem, nas salas de aula de condições péssimas, os professores, esses como solucionadores de todo o problema na visão do estado e seus governantes.

CAPÍTULO IV

MEMÓRIAS DA EXPERIÊNCIA: A ESCRITA DE SI E DOS OUTROS

“Escrever é uma atividade que me deixa realizada”.

(NEVINHA SANTOS)

Chamamos de memórias da experiência este capítulo, por considerar as narrativas da professora Nevinha Santos um itinerário escolar, tendo sua vida como núcleo de estudo de um grupo do qual fazia parte, sendo possível entrar em contato, com diferentes memórias, representações, subjetividades que enriquecem os detalhes dos percursos de sua vida, da formação e dos outros, além dos aspectos vividos no cotidiano escolar.

Neste capítulo, abordamos o panorama histórico educacional piauiense de 1957 a 1999. Este recorte foi determinado em função do período do final de carreira e aposentadoria da Professora Nevinha Santos, que, nesses trinta e dois anos, se dedicou ao cuidado da casa, dos filhos, dos netos, da religião e também da escrita de seus textos. Optamos pelo panorama histórico não como análise do período, mas como uma descrição dos principais acontecimentos na educação piauiense, para que o leitor tivesse uma ideia geral das transformações que culminaram, em 1997, com as atitudes de indignação e certa decepção referentes à desvalorização do magistério por parte do governo piauiense. Em seguida, mostramos os motivos que levaram a professora a dar forma às suas memórias, nas quais, a escrita de si mesmo e a dos outros, se tornam testemunhos de uma época. Foi importante relatarmos a voz dos outros sobre a professora, para buscarmos uma interpretação dela mesma por intermédio dos significados produzidos e identificados na memória coletiva, representada naqueles que conviveram com Nevinha Santos e que a leram.

Panorama histórico Educacional do Piauí de 1957 a 1999

Nevinha Santos aposentou-se com base na Resolução 164/57, sob o processo de nº 2031 de ordem do Tribunal de Contas do Estado, baseado na Lei 720, de 33 de novembro de

1952. Ela aposentou-se com um salário de 1.885,00 (um mil e oitocentos e oitenta e cinco cruzeiros) e mais um adicional de 25%, o que totalizava 2.230,60 (dois mil duzentos e trinta cruzeiros e sessenta centavos). Sua aposentadoria foi assinada, em seis de junho de 1957, pelo presidente do Tribunal de Contas do Estado, Pedro José Milcíades, tendo sido requerida em 29 de março de 1957, após 28 anos e cinco dias de trabalho. A professora Nevinha assumira o trabalho em 15 de fevereiro de 1929, aposentando-se em 06 de junho de 1957 (Piauí, 1957) ³⁹.

Essa referência à aposentadoria de Nevinha dos Santos, neste capítulo, é relevante, porque apresentamos uma descrição da educação no Piauí entre 1957 a 1999, destacando os principais acontecimentos desse período. Esse recorte se justifica pelo fato de que 1957 foi o ano em que a professora aposentou-se, sendo que, em 1997, ela publicou suas memórias, nas quais deixou clara sua indignação diante do “ser professor” no Piauí no final do século XX e faleceu em 1999. Buscamos, com a descrição, fazer com que o leitor entenda o porquê da indignação da professora Nevinha com o tratamento oferecido, pelo Estado e seus governantes, aos profissionais do magistério.

Durante esses trinta e dois anos (1957 a 1999), Nevinha viveu no espaço privado do lar, dos filhos e da religião, embora, em suas falas e lembranças de amigos e familiares, demonstrasse sempre o orgulho de ser professora.

O início dos anos 1960 no Piauí foi marcado por várias discussões acerca da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, já que, no estado, ainda perdurava, até aquele momento, o Decreto-lei nº 1.402/47, criado para adaptar-se às leis orgânicas do Ensino Primário e do Ensino Normal, fundamentadas, ainda, nas diretrizes da ditadura varguista (BRITO, 1996).

Esse período foi marcado por eventos com reflexos significativos na educação. A Lei 4024/61 criou os sistemas de ensino estadual e federal, após treze anos de intensas discussões e desmontamento do anteprojeto original dessa lei, a qual, por alguns foi encarada com otimismo, amparados nos discursos que pregavam o direito à educação e à liberdade de ensino, ideias tão bem registradas no texto da lei, mas longe de serem concretizadas na prática.

Para outros, tratava-se de um retrocesso, principalmente no tocante ao Estado financiar as escolas particulares, elitizando, dessa forma, o ensino, sendo que tais instituições se interessavam mais pelo ensino secundário. O ensino primário permaneceu de obrigatoriedade do Estado, sendo, marcadamente desassistido, pelo poder público.

³⁹ Informações obtidas no Arquivo da Secretaria Estadual de Educação, no setor de cadastros de pessoal.

Para Macêdo (2005), a Lei 4024/61, ao unificar, também descentralizou o sistema escolar. Desse modo, a educação se expandiu de forma desorganizada e descomprometida com o Estado, processo em que a área docente continuou com baixos salários e sem a valorização devida. Em razão disso, muitos professores, em busca da sobrevivência, dividiram-se em outros afazeres profissionais, implicando a falta de tempo necessário para a melhor qualidade do ensino.

No Piauí, conforme Brito (1996), nos anos 1960, ocorreram eventos importantes para educação, como, por exemplo, a sistematização do ensino, que se deu com a lei estadual n° 2887, de 05 de julho de 1968, a qual reconheceu os decretos baixados pelo governo federal, sendo um deles o do salário-educação (Lei 4440 de 27 de outubro de 1964). Ou seja, sete anos depois da promulgação da LDB (lei de diretrizes e bases) de 1961 foi que a educação piauiense foi sistematizada oficialmente, em decorrência da criação do Conselho Estadual de Educação, por meio da lei estadual de n° 2489/63, tornando-se o órgão responsável pelo funcionamento do sistema de ensino no Piauí.

O salário-educação era oriundo dos recursos arrecadados em cada estado, sendo que 50 % constituíam a cota estadual e 50%, a cota federal, as quais eram recolhidas pelo MEC para serem redistribuídas segundo critérios fixados pelo Conselho Federal de Educação, em função dos índices de carência de cada estado. No caso do Piauí, a cota estadual era irrisória, dependendo muito mais da cota federal. Assim, configurava-se no estado que recebia maiores parcelas do governo Federal. Destinado ao ensino primário, o salário-educação não destinava recursos para o ensino médio e superior, ambos em acelerado crescimento, principalmente após o golpe de 1964.

A Lei 5537/68 surgiu em função dessas necessidades e criou o FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), que substituiu os fundos específicos destinados a cada ramo de ensino e criou apenas um, num intuito de assegurar recursos e expansão para todos os níveis de ensino. No Piauí, a fundação da Universidade Federal do Piauí foi possível com base nessa lei, que, dentre outras mudanças, trouxe nova estrutura curricular, exigência da formação de professores e pessoal técnico, estabelecimento de porcentagem mínima nos recursos financeiros e fixação de responsabilidade para o Conselho Estadual de Educação, no sentido de administrar o período de transição. A nova lei também requereu um novo planejamento educacional e um programa de emergência que atendesse a todas as modificações.

O processo de sistematização da educação no Piauí percorreu os anos 1960, mesmo antes da Lei 5357/68, e, conforme Brito (1996), os fatos seguintes concorreram para isso:

- Convênio com o PABAAE – (Programa de Assistência Brasileiro Americano ao ensino elementar);
- programa experimental;
- implantação do ensino de artes industriais;
- educação de adolescentes e adultos;
- assistência à clientela escolar;
- serviço oficial de cinema educativo;
- instalação do Conselho Estadual de Educação;
- estudos para atendimento à população rural.

Em 1968, foi criada a APEMOP (Associação dos Professores do Ensino Médio Oficial do Piauí). A entidade nasceu ligada à dependência do governo, reivindicando medidas assistencialistas, como a construção do clube do professor, colônia de férias em Luís Correia, prestação de serviços médico-odontológicos pela entidade aos associados, concessão de empréstimos aos professores por meio do IAPEP (Instituto de Assistência e Previdência do Estado do Piauí), entre outras. Entretanto, segundo Santos (1995, p.88),

Mesmo com características predominantemente assistencialistas, a direção da Apemop denuncia, critica atos do governo do estado e até mesmo vai à greve quando o governo não atende às demandas da categoria. Em maio de 1968, no governo Helvídio Nunes, os professores do ensino médio oficial do Piauí, após várias tentativas de negociar o aumento salarial, decidiram paralisar suas atividades docentes, em Teresina particularmente no Liceu Piauiense e na Escola Normal, reivindicando melhores salários. A categoria aprova a divulgação de uma nota comunicando sua decisão à sociedade, mas a mesma, antes de chegar aos meios de comunicação, sumiu por um bom tempo, provocando inquietação no comando do movimento.

Depois que essa nota foi divulgada, o Governo do Estado e alguns membros da igreja tentaram demover as lideranças da paralisação. Nesse sentido, o senador Petrônio Portela chegou a Teresina e convenceu a presidente da entidade a assinar um documento convocando os professores para retornarem às salas de aula. Entretanto outro grupo de professores liderados por Olímpio Castro, Francisco Figueiredo, Diogo Ayremoraes, Carlos Daniel, Clementino Siqueira, Raimundo Penaforte e Wilson Varão, obrigaram a presidente a publicar outra nota convocando a categoria para discutir os rumos do movimento. Em seguida, a Secretaria de Educação alegou que a decisão de paralisar fora de apenas 74 dos 200 filiados,

que reajustes salariais já haviam sido concedidos e que havia contenção de verbas do Ministério da Educação. Isso provocou o esvaziamento da paralisação, mas também promoveu o reconhecimento da luta dos profissionais de educação, os quais, mesmo numa entidade de cunho assistencialista, estavam aprendendo a lutar pelos seus direitos.

Outra característica dos anos 1960, de acordo com Santos (1995), foi o ingresso de membros das camadas sociais menos favorecidas nas escolas de formação, fato devido à massificação escolar, concretizada com a criação de novas escolas, o que possibilitou a expansão das matrículas para novos alunos, na maioria, jovens oriundos de classe média baixa ou de camadas populares. Os professores desse período alcançaram uma mobilidade social vertical e ascendente, sendo a maior parte contratada sem concurso público e sem consciência da luta, diferentes dos demais que se proletarizaram na luta.

Essa massificação escolar promovida pela expansão escolar que, conforme Fávero (1996), já estava ocorrendo desde os anos 1950, sobretudo, nos estados que se industrializavam e em que crescia o setor de serviços, foi oriunda da Constituição federal de 1967, que estendeu para oito anos a gratuidade e obrigatoriedade do ensino, implicando a necessidade dos estados assumirem a escolarização obrigatória dos sete aos 14 anos. Para Cury (2007, isso foi um fato curioso, porque aumentou o tempo de escolaridade e retirou a vinculação constitucional de recursos. Essa conta teria que ser paga por alguém, no caso, o corpo docente.

O corpo docente pagou a conta com duplo ônus: financiou a expansão com o rebaixamento de seus salários e a duplicação ou triplicação da jornada de trabalho. Tendo que haver mais professores para fazer frente a demanda, os sistemas reduziram os concursos e impuseram como norma os contratos precários. Os profissionais “veteranos” não puderam requalificar-se e muitos “novatos” não estavam preparados para enfrentar o novo perfil de aluno provindo das classes populares (CURY, 2007, p.574).

A década de 70 no Piauí é considerada por Brito (1996), como a década da educação, marcada por inovações e discussões principalmente sobre a profissionalização compulsória no nível do 2º grau. Nesse sentido, a Lei 5692/71 teve amplo debate nos segmentos da sociedade e em setores governamentais. Os investimentos educacionais advindos do “milagre brasileiro” reclamavam, no Piauí, uma mão de obra mais qualificada, supervalorizando o curso secundário em detrimento dos cursos técnicos profissionalizantes e limitando a entrada dos egressos nas universidades. A nova lei de educação favorecia esse quadro, direcionando o ensino profissionalizante ao formativo e o propedêutico aos cursos superiores.

O Piauí foi um dos primeiros estados a adotar a nova lei, numa época em que esse estado tinha seus indicadores sociais como um dos mais graves em relação à educação, mesmo com os esforços dos anos 1960. Essa situação caótica foi percebida com o diagnóstico educacional realizado pela Secretaria de Educação, cujo secretário, à época, era Wall Ferraz. Segundo Brito (1996), as características do ensino piauiense eram as seguintes:

- atendimento escolar de 42% na faixa etária de 7 a 14 anos;
- reprovação de 41,2%;
- baixíssimo índice de conclusão de curso;
- falta de qualificação do pessoal docente, com 70% dos professores leigos, alguns deles sem o primário;
- inadequação da rede física;
- ensino mantido predominantemente pelo Estado;
- precárias condições do pessoal técnico;
- desarticulação entre o ensino primário e o médio e deste com o superior;
- distorção idade/série;
- baixa qualidade do ensino normal.

Todavia, mesmo com esse quadro educativo, o Piauí recebeu a nova lei com otimismo, e, em 1973, foi fechado o convênio MEC/BIRD/ESTADO, que trazia investimentos para a melhoria da qualidade de ensino. Desse modo, a estrutura administrava da educação piauiense foi modificada mediante os chamados complexos escolares (em cada região), que se subdividiam em superintendências, bibliotecas, secretaria administrativas, coordenações e em unidades escolares. Ainda sobre a nova lei 5692/71, é possível perceber, no depoimento abaixo, o quanto não houve de discussão na sua implantação, causando transtornos por falta de adequações a realidade local.

Particpei do Projeto de adaptação da Lei 5.692 no Piauí especificamente mais com a Escola Normal criando as primeiras coordenações. Entre elas, aconteciam reuniões e planejamentos integrados [...] os coordenadores em geral, foram escolhidos entre aquelas pessoas que tinham experiência na área específica ou serem formadas em Filosofia. Em nível de Secretaria de Educação foram também criadas as coordenações que trabalhavam em consonância com as coordenações escolares.

A Lei 5.692 exigia que, no prazo de 5 a 7 anos, teria de ser implantado nas escolas o Serviço de Orientação Educacional. O SOE atenderia o aluno diante de todas as necessidades educacionais e psicológicas [...] e acompanharia o desenvolvimento dele na escola e o seu relacionamento com colegas e professores. Em caráter emergencial, foi feito um vestibular na Universidade Federal para todas as pessoas que já estavam trabalhando na

área, sendo, para a capital, professores formados em Filosofia e para o interior poderiam concorrer outras áreas [...]. Foi oferecido em caráter intensivo de dois anos, o curso de Orientação Educacional com a maior parte de professores ministrantes vindos da PUC porque ainda não tínhamos na Universidade o curso de Pedagogia. Resolvido esse problema de qualificação, criou-se o Serviço de Orientação Educacional na Escola Normal e eu trabalhei como Orientadora, como Supervisora e principalmente como Coordenadora em Estudos Adicionais e depois em Prática de Ensino. Implantamos a Prática de Ensino também nas doze Escolas Normais do Piauí com a previsão de um estágio a ser realizado dentro de uma modalidade definida, modificada, e um encontro anual dos coordenadores desta área no Piauí [...] Para adaptação à 5.692, houve redução nas matérias de fundamentos não tanto em relação ao que era antes, apenas a gente deixou a maioria das pessoas que estavam de fora enxergarem a Escola Normal não como agência formadora de pessoas do ensino. Começou a misturar um pouco, a tumultuar quando a Escola passou a ser apenas um 2º grau. Isso também fez com que a própria clientela fosse deixando de ser aquela que tivesse o verdadeiro amor pela educação. Era uma clientela que buscava um curso de 2º grau, uma habilitação, que era obrigado a oferecer como curso profissional e, muitas vezes, achando ser mais fácil fazer um curso para professor do que qualquer outro do 2º grau, isso fez com que o nível da clientela também caísse muito [...] Essa Lei (está se referindo à 5.692) é linda, viável, mas não foi adaptada para o Brasil da maneira como ela [sic] veio. Ela veio de cima pra baixo [...] precisava de adequações [...] daí vieram os transtornos na educação por falta de uma análise da necessidade e da possibilidade dela para o nosso país [...] A ideia do tecnicismo década de 70 foi crescendo na Escola Normal acompanhando a implantação da reforma. Começaram a desvalorizar as pessoas que faziam a opção pelo magistério e valorizar mais as que estavam voltadas para a técnica. Isso foi fazendo com que a Escola Normal fosse perdendo a sua característica primordial (SANTANA, 2003).

Conforme o relato acima, podemos concluir que a implantação da Lei 5692/71 foi desordenada no Piauí, qualificando os professores de maneira acelerada, com ênfase no tecnicismo. Por exemplo, a disciplina Prática de Ensino foi muito valorizada em detrimento das disciplinas da área dos fundamentos da educação. Outra observação diz respeito à falta de importância da realidade local, uma vez que não houve adaptações necessárias que considerassem o quadro educacional do Piauí. Outra consequência foi a desvalorização dos que optavam pelo magistério na Escola Normal, em virtude da valorização maior das carreiras técnicas.

A Lei 3273/74 sistematizou a educação no Piauí, com atividades de planejamento educacional, iniciadas após a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, as quais resultaram na elaboração de um novo planejamento educacional para os anos de 1970, que visava organizar os complexos escolares, os currículos, os programas e os treinamentos para os professores do ensino de primeiro grau, e o plano estadual de educação a ser concretizado de 1977 a 1980.

O estatuto do magistério foi baixado em 1974, dividindo os professores em docentes e especialistas em educação e reclamando remuneração condigna, institucionalização do sistema de mérito, qualificação crescente, além de dignificação profissional e social para se recuperar a dignidade, o prestígio e o conceito de classe. No período de implantação da Lei 5692/71, o Piauí procurou remunerar melhor seus professores, o que não se manteve ao final da década. Por outro lado, o Estado exigia profissionalização, mas esta era inviabilizada aos docentes pelos altos custos, mesmo com os esforços da Universidade Federal do Piauí, no sentido de criar cursos na capital e nas principais cidades, a fim de levar uma melhor qualificação ao professorado.

A crise do milagre econômico diminuiu os investimentos principalmente na área social, o que resultou em arrocho salarial e desprestígio dos professores. Em 1985, as perdas salariais já chegavam a 70%. Para Santos (1995), isso desvelou ao professor a sua situação de trabalhador comum, com imagem social arruinada, o que contribuiu para que movimento sindical dos professores se reorganizasse e saísse da fase de assistencialismo. Em 1979, as greves do ABC paulista impulsionaram o sindicato e o professorado piauiense à luta, levando-os a realizar passeatas, atos públicos e greves com amplas repercussões.

A Lei 5692/71, que fora recebida com otimismo no Piauí, deu base a muitos projetos, modificações e convênios, mas, no final da década, os números mostravam o processo de retraimento do ensino de 2º grau tanto na capital como no interior. A falta de recursos provocou o desaceleramento do processo educativo e a carência de pessoal com qualificação.

Os anos 1980 iniciaram-se com reclamações no tocante à questão da profissionalização, o que resultou no encontro de vários secretários em Brasília. A Lei 7044/82 trouxe mais um plano de educação, implementado de 1984 a 1987, com prioridades para educação básica e a rural, a valorização dos professores e a reestruturação do sistema estadual de ensino buscando torná-lo mais eficiente.

Outro fato a destacar nessa nos anos 1980, no Piauí, conforme Santos (1995), foi a perseguição violenta do Governo Lucídio Portela (1979 a 1983) aos professores, que durou até 1982. Em relação à valorização do magistério foi consolidado o Logos II, um programa que tinha como objetivo a capacitação dos professores e a melhoria salarial. Conforme Silva (2003):

Coordenei também o Logos II que era um projeto da SEE que foi levado para o Instituto de Educação durante algum tempo, pela afinidade com a Escola, é um curso de formação de professor feito à distância. Nós não recebíamos o aluno, nós orientávamos as pessoas das escolas que trabalhavam com o Logos e distribuíamos o material instrucional, muito

rico, eram os módulos. O pessoal levava este material e os alunos prestavam contas de suas provas de acordo com o seu ritmo, Eles terminavam o curso de dois a três anos e recebiam um diploma compatível ao do Instituto de Educação. Era esse o nosso trabalho, coordenar, controlar, assistir, dar o treinamento e capacitar às pessoas que trabalhavam. Depois, chegaram outros cursos de formação de professor e o Logos foi se extinguindo.

A implantação do projeto Logos II, em 1976, visava, via ensino supletivo, mediante módulos instrucionais, qualificar, em nível de segundo grau, os professores leigos, tendo sido precedido de uma fase experimental chamada de Logos I, desenvolvida em 12 meses nos estados da Paraíba, Piauí, Rondônia e Roraima. O resultado desta primeira etapa foi encorajador para a expansão da segunda.

Os módulos usados no Logos II eram organizados em séries correspondentes a disciplinas, num total de 204 módulos e mais 500 horas de estágio supervisionado. O projeto era de âmbito nacional, mas focalizava principalmente um estado, o Piauí, onde havia um grande número de professores leigos. André e Candau (2009) afirmam que, em vários depoimentos de professores capacitados pelo projeto, percebe-se que a concepção de ser professor era muito artesanal, encarada com ideais de amor a profissão e abnegação, visões reforçadas pelo projeto, o que não levava a conceberem o professor como uma categoria profissional.

As mensagens governamentais à assembleia legislativa, relativas a esse período (1979-1983), restringiam-se à demonstração de números de salas de aula ampliadas, reformadas e construídas. Não foi possível perceber o significado de ser professor para os representantes do Estado do Piauí, pelo menos nesse momento, por meio das mensagens governamentais.

Posteriormente, a Constituição Federal de 1988 provocou a necessidade de uma nova lei para a educação, em virtude dos novos elementos colocados no texto da carta maior, como: reconhecimento dos sistemas municipais de ensino, gestão democrática, garantia do padrão de qualidade, preparação para o exercício da cidadania, percentual mínimo de investimento na educação para federação, estados e municípios.

Os anos 1980 terminaram com debates acerca das mudanças contidas na nova Constituição e ainda com discussões sobre a nova lei da educação, aprovada oito anos mais tarde. O quadro educacional piauiense, por sua vez, estava caracterizado, segundo Brito (1996), por uma má utilização da jornada escolar, ensino multisseriado na zona rural, metodologias inadequadas, autoritarismo na relação professor-aluno, falta de compromisso com o ensino público, deficiência na avaliação de ensino-aprendizagem, inadequação dos

currículos à cultura local, má remuneração e falta de qualificação dos professores. Esse quadro é evidenciado no depoimento de Lima (2009):

Em 1978, quando ingressei no magistério, as escolas eram poucas e ainda tinham um respeito maior da população. A partir dos anos 1980, com o governo Alberto Silva no seu segundo mandato, é que houve de fato uma desvalorização da escola pública motivada também por uma política nacional. Eu me lembro: chegavam dias em que eu não tinha vontade de dar aulas, porque eu me perguntava que profissão era essa que eu havia escolhido que era tão importante, mas que eu me sentia acuado, sem condições de nada. Três meses de salário atrasado. Como desempenhar uma função dessas? Escolas com o teto caído, falta de carteiras, um verdadeiro festival de desorganização e desvalorização. No final dos anos setenta, o professor tinha certo status e, no início dos anos oitenta (1980), a educação estava desvalorizada. Eu creio que até os anos setenta a escola pública ainda tinha a classe média, tanto alunos como professores, e até mesmo a rica. Do Instituto da Educação muitos professores foram remanejados para Universidade Federal. A minha irmã estudava no Instituto de Educação e era ainda uma briga para estudar naquela escola.

Quem dava aulas nas escolas estaduais eram médicos dentistas, ou seja, a classe média que trabalhava na escola. Eu mesmo estudei na minha escola do meu bairro e tive que me submeter a exame de admissão.

Até os anos setenta, os trabalhadores da educação eram da classe média: dentistas, médicos, advogados e outros segmentos. E os alunos também da classe média. Com o aumento do número de escolas e a exigência de ser professor quem tivesse a licenciatura, esse profissional de outras áreas saíram do magistério. O que favoreceu a saída da classe média da escola em virtude dos salários atrasados, sem carteira, escolas com goteiras. Por outro lado, o Estado desvalorizou a escola pública, incentivando a expansão da escola particular. Quem ficou na escola pública foram os filhos dos trabalhadores humildes. O descaso foi marcante.

O professor Manoel Rodrigues Lima, a partir de suas experiências, apontou elementos que culminaram na desvalorização da profissão docente: a política nacional dos anos 1980, salários atrasados, a saída da classe média da escola (incluindo alunos e professores), escolas sem condições de funcionamento e o incentivo dado pelo Estado à expansão da escola particular. O descaso com a escola pública nesse período foi marcante. A análise das palavras do professor Manoel remete ao pensamento de Thompson (1981) quando afirma que a experiência é gerada na vida material e estruturada em termos de classe, assim os trabalhadores só compreendem os conflitos e os processos de transformação quando fazem uma releitura do passado e buscam a multiplicidade de suas experiências, tentando rever suas perdas e ganhos que tiveram importância histórica.

Em 1990, os alunos do Piauí perderam o ano letivo, pois aconteceu a maior greve na história do estado, no período de agosto de 1990 a abril de 1991, já no final do governo de Alberto Silva e início do governo Freitas Neto. De 1990 a 1999, os professores piauienses

participaram de várias manifestações e greves, reivindicando respeito à categoria e melhoria salarial. O fortalecimento do sindicato foi importante na realização desse movimento de luta pela garantia dos direitos dos professores, sendo que aquela entidade, nesse período, teve o nome modificado de APEP (Associação dos Professores do Estado do Piauí) para SINTE/PI (Sindicato dos Trabalhadores em Educação Básica Pública do Piauí).

Em 1997, quando a professora Nevinha Santos decidiu publicar seus escritos, governava o estado e o médico Mão Santa, com mandato iniciado em 1995. Nessa época houve uma grande concentração em frente ao Palácio de Karnak⁴⁰ além de outras manifestações, cobrando do governo a atualização dos salários. Foi realizada também uma grande caminhada pela educação e a ocupação da vice-governadoria por vinte dias.

Toda essa situação causou espanto e admiração na professora Nevinha Santos, que iniciou no magistério num período em que sua profissão tinha grande *status* social. Em entrevista ao Jornal Meio Norte, ela declarou: “Os salários são atrasados e não são suficientes para o profissional da educação manter a família. Portanto, os movimentos grevistas devem reivindicar melhores salários e condições de trabalho.” Reclamou ainda do seu salário de R\$ 225,00 (duzentos e vinte e cinco reais), em 1997, e lembrou: “Na minha época, o professor era respeitado pela sociedade e pelo governo que pagava bem e não deixava atrasar salários”. Esses comentários da professora fizeram parte de suas preocupações que foram direcionadas a Melo (2008):

Falamos muito das diferenças de ser professor entre as épocas. Para ela, em sua época, o professor tinha status, reconhecimento, era respeitado. E em nossa época atual professores que ganhavam apenas um salário mínimo ou só um pouquinho mais que isso, sem cargos e salários. Naquela época em que conversamos, estava terrível a condição salarial dos professores, salários atrasados. O governador debochava da condição salarial dos professores. Falava assim: “Se até a menstruação da minha mulher atrasa. Porque o salário de professor não atrasa?” Ela se indignava com todo esse descrédito à classe dos professores, com o desprezo à classe. Falamos da importância do professor. Para ela, professor era importante porque era o formador. Se existem outras profissões é porque existe professor. Então ele deveria ser admirado, venerado, porque em outros países era.

Para a professora Nevinha Santos ser professor tinha uma grande importância, em função de a profissão ser à base de formação de todas as outras profissões. Essa indignação

⁴⁰ Sede do governo estadual.

com o tratamento desrespeitoso aos professores naquele ano pode ser também confirmada por Lima (2009):

Do que eu pude vivenciar, as décadas de oitenta e noventa foram terríveis para a desvalorização do magistério e da escola pública, e eu me sentia muito mal como trabalhador da educação. Muitas pessoas na época procuravam fugas, como trabalhar na Prefeitura, em que tava surgindo oportunidades melhores, Banco do Brasil, Caixa Econômica e outras alocações. O professor passou a ser visto como aquele que não pagava as contas, a Cepisa cortava a luz. Então muitas pessoas questionavam: para que estudar tanto e ser professor? “Olha aí eles estudaram tanto e tem uma vida terrível!”. Como um profissional pode ser respeitado numa situação difícil dessa? Mas, aí houve muita luta. A categoria saiu para o embate, puxamos outras categorias. E foi importante enxergar a busca dos direitos, os professores não se acomodaram. Eram três meses de salários atrasados. E lutando na rua. Em alguns municípios como Picos, em 1991, o ano letivo foi perdido.

No final do século XX e início do século XXI, esse quadro foi se modificando com eleição para diretor, salários em dias até hoje, com tabelas mensais, funcionários concursados e uma revalorização do docente, mas de uma forma lenta. A expansão da UESPI, mesmo com qualidade questionável, formou muitos professores.

Considero ser professor, mesmo com todos os problemas, muito recompensável pelo respeito que os alunos, os pais e a população nos têm. Mesmo em tempos muito difíceis, sempre tivemos o respeito deles. Mesmo em situações complicadas como greves e os alunos sem aulas, a maioria se manifestava com carinho e respeito. Eu, particularmente, mesmo no sindicato durante três mandatos, nunca deixei a sala de aula. E hoje muito dos meus alunos são professores. Eu adoro minha profissão. E, se tivesse que escolher, seria professor de novo. Só que eu teria estudado mais ainda. Agora que estou fazendo a minha especialização.

As vivências do professor Manoel Rodrigues Lima, são relacionadas ao que mostrou Thompson (1981) ao destacar que os sujeitos, nas suas vivências, aprendem e elaboram experiências na sua consciência. Essa experiência pode analisar o reexame dos sistemas densos de suas vidas em sociedade. Outro dado a ser observado é que, mesmo com todas as dificuldades da profissão, o professor reafirma o seu amor e a sua escolha por ela.

Ao final dos anos 1950, no Piauí, o sentimento de vocação e sacerdócio foi evocado aos professores para “salvar” a educação, que já mostrava sinais do descaso governamental, assim, a solução era conclamar os professores a trabalharem em precárias condições para a educação continuar em funcionamento. A década de 1960, iniciou-se com a promulgação da Lei 4.024/61, que promoveu a sistematização do ensino e o financiamento das escolas particulares. A educação se expandiu de forma desorganizada, e os salários baixos levaram o professor a assumir várias atividades profissionais. Por outro lado, o movimento sindical nasceu por meio da APEMOP e ganhou força nos anos seguintes. A massificação nas escolas

de formação ocorreu com a expansão das escolas às camadas populares, projetadas a partir da constituição de 1967, sendo que a conta dessas decisões foi paga pelo magistério público com a redução de salários e a triplicação da jornada de trabalho.

Com a implantação da LDB 5692/71, houve uma procura por remunerar melhor os professores e uma preocupação com a qualificação destes. A década de 1980 consolidou a saída da classe média da escola, tanto por parte dos professores (que, em sua maioria desempenhavam outras profissões, como advogado, dentista, engenheiro etc.) como dos alunos, sendo que isso resultou no descaso maior ainda por parte do governo e setores da sociedade, provocando agravamento do quadro educacional, consubstanciado em baixos salários, escolas depredadas, salários atrasados, falta de ingresso por concurso público e gestão autoritária. Esse quadro alarmante, iniciado no final dos anos 1980, arrastou-se por todos os anos de 1990.

Por seu turno, o movimento sindical ganhou mais força nesses momentos, a abertura política, segundo Cury (2007), favoreceu ao corpo docente a se organizar em associações combativas, que, além de exigirem recomposição salarial, queriam a valorização do magistério e outras formas de dignificar a educação. Dessa maneira, no Piauí, os professores não cruzaram os braços, realizando passeatas, greves, ocupações e acampamentos.

Ser professor, especialmente, no Piauí, era exercer uma profissão numa situação desagradável, pois o profissional era apontado como o que, por ganhar pouco, não pagava suas contas em dia, embora o respeito por parte dos alunos e pais de alunos não tivesse cessado. Mas a baixo-estima era renitente numa situação caótica de desrespeito total ao magistério. Toda essa situação causou surpresas à professora Nevinha e foi tema de sua escrita. Seu espanto se respaldava no fato de ter assumido a função de professora cercada de *glamour* e valorização que envolvia a normalista, embora a condição salarial nunca tenha sido satisfatória no Piauí, para que o professor público tivesse a sua profissão reconhecida.

Todas as lutas do final do século XX traziam também os prenúncios de que, no início do século XXI, com a LDB 9394/96 e o fortalecimento sindical, houvesse uma maior valorização do professor pelo menos no sentido de garantir salários pagos no vencimento, gestão democrática, planos de cargos e salários, conservação das escolas e qualificação profissional.

Por que escreveu suas memórias?

A professora Nevinha Santos oficializou o final de sua carreira profissional em 1957. Em 1962, resolveu pedir revisão de sua aposentadoria, mas o seu pedido não foi aceito.

A aposentadoria é uma das maiores conquistas para o trabalhador. Representa o afastamento do sujeito de um espaço que lhe conferiu identidade profissional. Esse afastamento é relativo, porque os seus traços permanecem nos recônditos do trabalhador ou como investimentos materiais ou intelectuais.

Ainda como uma jovem professora aposentada, morava em Teresina (PI), local onde residiu até o seu falecimento. Esposa do Deputado Estadual Adalberto Santos (1951 a 1955), dedicou boa parte de seus anos de aposentada (32 anos) ao cuidado dos filhos, da casa, das plantas e da sua vida religiosa, refugiando-se, dessa maneira, ao espaço privado. Sua vontade era que, durante sua velhice, morasse em seu sítio em Picos (PI), o que não ocorreu, e assim confessou:

Quando Meu sítio Campos do Meio foi vendido sofri e chorei como se eu tivesse perdido um pedaço de mim mesma e tivesse ficado defeituosa. Ali eu sonhava com minha velhice, com os meus filhos criados, meus netos correndo por aqueles lugares, subindo e descendo ladeiras, montados em carneiros, sentados nas cercas do curral, olhando o gado, caçando avoantes [...] ali eu desejava ter ficado para sempre, olhando a natureza, o sol nascendo e desaparecendo à tardinha no horizonte, escondendo aos poucos seus raios de luzes (SANTOS, 1998a, p.3).

Em 1968, adotou a neta, que tinha o seu nome, Maria das Neves Santos Clerton, e a ela se dedicou como uma verdadeira mãe:

Minha avó me criou desde os dois anos. Foi minha mãe em tudo. A partir do dia que meu pai me deu para ela criar. Ela falou que quem ia mandar na minha educação era ela, quem ia tomar de conta ela era, isso no ano de 1968. Meu pai veio para cá (Teresina) e minha mãe era do interior. Como meu pai era separado, solteiro e sozinho, minha avó achava melhor me criar, ela seria minha mãe. Tanto que em meu convite de casamento o meu pai não deixou colocar o nome dele. Foi o nome dela e do meu avô, porque foram eles que me criaram. Ela foi minha mãe em tudo. Eu não tive muito contato com minha mãe biológica, porque ela fez essa exigência. Ninguém se meter na criação que iria me dar. Ela foi minha mãe. [...] Era uma pessoa correta, tudo eu contava com ela. Apesar da idade dela, eu contava tudo para ela. Ela era moderna. Vivia de acordo com o tempo. Ensinou-me a ter educação com todos e que educação não faz mal a ninguém (CLERTON, 2009).

No ano de 1974, a professora Nevinha Santos teve uma notícia que lhe causou grande tristeza, o falecimento do seu filho Ewerton⁴¹ aos trinta e cinco anos, era médico e professor na cidade Itibiara na Bahia. Faleceu quando retornava de Salvador com destino a cidade onde residia, em consequência de um desastre automobilístico.



Figura 21 - Ewerton Santos, filho da Professora Nevinha Santos

Fonte: Morreu... (1974, p.4)

Em 1986, fez uma última visita a cidade de Picos, PI, acompanhada de sua amiga Avany Santos, em virtude da festa de Nossa Senhora do Carmo, ordem religiosa da qual fazia parte. Gostava muito de ler jornais, revistas e também de escrever. Até que todos da família incentivaram a sua escrita. O seu filho Luís Ayrton Santos levou seus textos ao Jornal Meio Norte, oportunidade em que ela ganhou uma coluna no caderno alternativo. Tal caderno não publicava matérias gerais, mas destinava-se ao público selecionado como: estudantes, acadêmicos, pesquisadores, pessoas que gostam de cultura, arte e literatura. Seus artigos eram mensais e sempre ganhavam uma ilustração que representasse o tema principal do seu texto. Esses desenhos eram elaborados pelo chargista Moisés dos Martírios Barros.

⁴¹ Ewerton nasceu em 30 de maio de 1939, na cidade de Picos (PI). Coursou o primário no Grupo Escolar Coelho Rodrigues. O Ginásio foi dividido entre o São Francisco de Sales (Diocesano) e Leão XIII. O científico foi feito no Colégio Demóstenes Avelino em Teresina. No ano de 1970, concluiu o curso de medicina em Salvador.



Figura 22 - Ilustração do texto da professora Nevinha (Por: Moisés dos Martírios)
 Fonte: Santos (1998j, p.3)



Figura 23 - Ilustração do texto da professora Nevinha II. (Por: Moisés dos Martírios)
 Fonte: Santos (1998c, p.3)

Seus últimos anos de vida, além de suas outras atividades, foram dedicados a escrita desses textos. E uma pergunta sempre veio à tona para mim como pesquisadora. Por que escrevê-los? As respostas foram múltiplas. Mas a pergunta surgiu e ressurgiu, várias vezes, no

decorrer deste trabalho. O que me remeteu aos questionamentos sobre a escrita de mulheres em Mignot (2000, p. 17):

Anota para seu próprio deleite o transcorrer monótono dos dias ou para comunicar sua conturbada experiência? Registra para encobrir sua solidão ou para expressar seus sentimentos ocultos, confessar sonhos desfeitos, conferir sentidos as vivências mais significativas e exercitar a liberdade de construir a si mesma através da escrita?

Nevinha era uma professora aposentada, descrever sua prática docente foi uma forma de compreender as mudanças que estavam em curso na educação naquele período de 1997, em que o professor, ao contrário de sua época de ingresso no magistério, estava tão desvalorizado. Isso aconteceu porque, segundo Huberman (1995), o funcionamento seletivo da memória tem uma tendência para alinhar o passado às representações do presente.

Para Mignot (2003), a escrita ocupa o tempo e engana a morte, escreve-se para se defender do esquecimento e inventariar o vivido. Como mostra Nora (1993, p.17), após a passagem da memória para história cada grupo redefiniu sua identidade para revitalizar sua própria história. Assim, “o dever de memória faz de cada um o historiador de si mesmo”. Desse modo, para nós, Nevinha Santos teve a necessidade da busca de sua própria constituição, de encontrar suas origens e encontrou, por meio da escrita de suas memórias particulares, reclamar sua própria história. E ao se utilizar da “memória-espelho”, realizou o que afirma Nora (1993, p.20), “o deciframento do que somos à luz do que não somos mais”.

É importante considerarmos que a sua velhice, conforme Stano (2001) apresentava-se de heterogeneidade, advinda de situações, de contextos históricos e socioeconômicos, nos quais se construiu no curso de sua vida. Investigar seu envelhecimento foi desvelar as possíveis marcas de sua profissão.

O tempo, na velhice, é muito mais percebido pelo outro do que pela pessoa em si, “o ser da velhice é um ‘ser-sendo’, pois esse sujeito, em movimento, retoma o passado vivido num presente que lhe escapa e lhe aponta um futuro finito, porque próximo à possibilidade da morte, da finitude” (STANO, p.23). È por isso que o tempo da memória é carregado de significados, é a retomada do que foi experienciado. Lembrar todos esses momentos de sua vida, durante sua velhice, era uma forma de recompor o seu passado, o seu cotidiano, os seus gestos, suas reminiscências. E, ao realizar isso, revelar o seu “estar-sendo” carregado de significados. Esse processo vai muito além do que o simples recordar, indo ao encontro do sentido de sua existência. È re-significar o vivido, na busca de outros olhares e de outros tempos.

A professora Nevinha Santos assegurava a todos que se lembrava de fatos de sua vida desde os cinco anos de idade, e que sua paixão era escrever. “Desde adolescente escrevo sobre minha vida e guardava esses escritos com muito cuidado. Por opção resolvi destruir os textos antigos, porque diziam respeito a minha vida particular” (SANTOS apud MELO, 1997, p.2).

Escrever sobre si mesmo tem partido de um número considerável de mulheres e, como o objeto desta tese é uma mulher professora, é necessário que se faça uma análise da sua escrita a partir do seu mundo e do seu olhar feminino, com base na premissa de que o silêncio pesa mais sobre as mulheres (PERROT, 2007), devido ao fato de serem menos vistas no espaço público, ter um acesso tardio à escrita e haver uma dessimetria sexual das fontes. Para Fontana (2003), não há como separar a prática profissional da mulher-professora de sua constituição, experiências sociais em relação ao papel designado socialmente à mulher.

O diário, lugar privilegiado da escrita do “eu”, foi, muitas vezes, o refúgio de mulheres massacradas pela imposição do silêncio de uma sociedade patriarcal, que as relegava aos domínios do privado, impondo-lhes o cuidado com a casa, com os filhos e o marido. Negava-se-lhes o espaço público, sendo sua voz, sentimentos, desejos silenciados por uma sociedade que guardava o pudor, o que impediu a escrita feminina de abordar temas ligados ao corpo, à sexualidade, à participação na vida política e às aventuras amorosas. A professora Nevinha Santos, a exemplo, preferiu queimar a sua escrita mais íntima por achar que não interessaria aos seus leitores.

Escrever é uma atividade prazerosa. Sempre durmo tarde da noite e, antes do sono, aproveito para escrever sobre memórias e educação. Começo hoje acrescento algo amanhã e depois posso mudar as palavras. Escrever é uma atividade que me deixa realizada (SANTOS apud MELO, 1997, p.2).

Nas palavras da professora sobre o prazer de escrever, podemos encontrar o refúgio, a dedicação como em Lacerda (2000), que acredita que as mulheres se dedicam a escrever principalmente em idade avançada à procura de acolhimento e companhia nas suas lembranças e comemorações do passado, na tentativa de fugir da solidão e da saudade.

As pessoas que conviveram com a professora Nevinha se manifestaram apontando motivos e opiniões sobre os seus textos.

Para Castelo Branco (2008),

D. Nevinha foi professora muito tempo e o magistério faz com que a gente crie e tenha esse pendor para literatura e para escrever. Ela escrevia muito direitinho, era inteligente, de vivência. Tinha as experiências da vida e era

muito consciente das coisas. Falava das alegrias e as tristezas que a vida traz a cada um de nós. Eu adorava conversar com ela. Ela me chamava e dizia que eu era muito inteligente. Nós casamos a vontade de escrever e o magistério.

Logo depois ela começou a escrever em jornais. A leitura dos textos muito gostosa. Falava dos Picos e ela escrevia com muita minudência. Ao escrever sobre sua casa eu me sentia adentrando por ela e sentindo o cheiro das flores e das coisas. E dizia ‘Dona Nevinha a senhora parece um ourives talhando a prata e o ouro’. A vida dela e o pendor de escrever. Ela não fantasiou. Ela não escreveu um romance histórico. Eram crônicas da realidade do que ela viveu, do que gostou o amor que tinha as pessoas, o amor que tinha a Picos. Ela se adaptou muito a Picos e as pessoas. A gente notava quando ela falava. Sobre o magistério ela era encantada. A gente sentia que ela havia nascido para ser professora. E para mim ela tinha a maior qualidade do ser professor. Porque tinha o amor. Alfabetizou crianças. Que para mim é o trabalho mais importante do magistério. É você burilar aquelas crianças que estão começando a fluir para a vida e para o conhecimento. Foi o artífice de desabrochar muitas crianças daquela cidade. Ela tinha um amor muito grande pela profissão. E sempre dizia, que se ela fosse resumir a vida dela não era como mãe, mas sim como professora, foi o grande encantamento da vida dela.

Isabel Cardoso de Melo, jornalista do Meio Norte, em suas visitas a professora Nevinha, pode perceber os motivos que a levaram a escrever textos permeados de memórias:

Ela escrevia para manter a memória ativa como se não quisesse parar, porque ela era uma mulher muito ativa. Cuidava das plantas. Cuidava da casa dela. Eu percebi que ela não queria que sua mente parasse. Ela queria mostrar ser produtiva, que entendia, até para que futuramente ela não esquecesse o que tinha vivido (MELO, 2008).

Vários motivos podem ser associados ao fato de a professora Nevinha escrever suas memórias levando em conta as suas condições, circunstâncias, objetivos, oportunidades, escolhas, (pré) disposições pessoais, culturais, familiares, sociais e históricas, mas era nítido algo que é peculiar na escrita de mulheres: “uma forma de reconstruir as imagens da realidade e a própria identidade feminina e/ou profissional. Escrever, para elas, é uma prática social – encarnada no relato cotidiano” (LACERDA, 2000, p.96).

O seu neto Luís Ayrton Santos Júnior, leitor de todos os seus textos, considerava a escrita apaixonante por revelar o pitoresco, o cotidiano, algo que era escrito conforme nascia dentro dela mesma:

Eu achava que deveria publicar o que escrevia. Que nós da família iríamos reunir isso e publicar. Eu incentivava muito ela escrever. Eu nunca a vi escrevendo. Mas a sensação que tenho era que os textos saíam de uma vez. Escrevia como uma carta então estava pronto, o texto. Não fazia muita correção. Era o que vinha mesmo. Por isso que o texto dela é apaixonante.

Nasce do jeito que foi escrito e depois publicado. Essa publicação partiu do contato com jornalistas que viram esses textos. Meu pai levava para o jornal. Ele começou a publicar no jornal. E o primeiro texto eu me apaixonei. Bem escrito, claro português fácil, tranquila. E retratava uma época. Publicar seus textos não a envaidecia. Eu, às vezes, brincava desse jeito você irá entrar na academia. [...] Ela escrevia pela manhã. Ela tinha muito frio, dormia de meia. Tinha muito medo de chuva. Se chovesse e alguém de casa tivesse ido para rua, ela não dormia. Cobria os espelhos da casa com medo do raio. Começava a cruviana no fim da tarde e no período da chuva ela não dormia ficava rezando. Ela dormia bem. Tenho impressão que ela escrevia bem (SANTOS JÚNIOR, 2008).

Acreditamos, com base nas opiniões emitidas acima, que, escrever era uma forma também de revisitar-se, re-significar e rejuvenescer. Para Stano (2001), o processo de envelhecimento está carregado da juventude que se foi. E na aposentadoria, o profissional que se foi, ainda se é. Pelas lembranças, é possível acessar as marcas de um tempo que fez o sujeito como sujeito-trabalhador. O professor tem consigo os anos passados nas salas de aula entre carteiras, alunos, giz e cadernos.

Do seu cotidiano profissional, agora na aposentadoria, são lembrados, especialmente, os acontecimentos iniciais de sua carreira. Conforme Fontoura (1995), esses fatos são mais acessíveis à memória pelo fato de estarem mais isolados e se integrarem ao contexto de relevância e estarem ligados ao alicerce de sua vida profissional.

Essas lembranças, os professores aposentados gostam de partilhar com os outros, porque são suas conclusões e vivências com os outros e representam a sua consciência da prática educacional. Esse compartilhar do vivido com os outros é um reconhecimento de si mesmo, como também um reconhecimento de sua história pelas pessoas do seu convívio. Para Santos Júnior (2008), a professora Nevinha gostava desse reconhecimento obtido por meio da escrita de seus textos.

Quando se escreve se escreve para alguém, quando ela escrevia um texto e alguém lia e a identificava e tentava localizá-la. Então várias pessoas que ela não via há vários anos, localizavam-na através desses textos do jornal e ligavam para agradecer. Às vezes ela citava o nome alguém e a família toda ligava. Ex-alunos ligavam para parabenizar. Quando ela recebia ligação de alguém, ela sentia que ao escrever levava o bem a algumas pessoas. Esse bem através de reconhecimento. Como é para qualquer autor que gosta de ser lido. Muitas histórias ficaram no ar.

Dessa maneira, quando o velho professor se sente reconhecido pelo seu aluno sua identidade profissional é realimentada. Conforme Stano (2001, p. 28), “é o outro que nos confere o sentido social de existir, de estar no mundo, de continuar sendo professor (a)

mesmo quando no tempo do “não sendo mais”. Essa ideia se comprovou nas visitas que recebeu de seus ex-alunos e na impressão que tinha sobre essas.

Fui procurada pelo senhor José de Emir Maia, ex-aluno do Grupo Escolar Coelho Rodrigues da cidade de Picos, grupo que dirigi por muito tempo ao lado de duas grandes mestras, Alda e Ricardina Neiva. José de Emir foi um dos alunos da época. Era um menino vivo, de boa educação, mas muito irrequieto. Dediquei-lhe carinho quando era criança e o achava um menino esforçado e inteligente. Hoje, casado e com filhos formados, tornou-se um homem trabalhador e batalhador não fugindo a vivacidade e à inteligência da família maia, a sua família da qual fui amiga quando morei em Picos, conservando até hoje o mesmo sentimento da amizade, embora sem nos encontrarmos há alguns anos. Fiquei feliz em saber que o José de Emir dirige com dinamismo e dignidade o Rotary Club de Picos. E aqui quero deixar os meus votos de felicidades e que continue cumprindo suas responsabilidades e suas obrigações em paz e alegrias mil ao dever cumprido (SANTOS, 1998h, p.2).

Esses encontros com seus alunos, com a história e o sucesso deles, é que resultavam numa autoestima positiva para a professora Nevinha Santos e num sentimento de ainda continuar sendo professora.

É o Kairós⁴² que permite a permanência de um certo modo de continuar sendo professora, mesmo não mais sendo em sala de aula, mas alimentando esse ser nas conversas, nas trocas com os ex-alunos, na forma de organizar a casa, de buscar a leitura daquele livro que tantas vezes serviu de base para as aulas dadas (STANO, 2001, p. 53).

Os significados do cotidiano profissional são buscados pela memória e pelas lembranças, conferindo ao passado as marcas postas pelo presente. O final da carreira profissional, consubstanciada na aposentadoria, traz novos hábitos, como a disponibilidade de tempo e certa ociosidade que, muitas vezes aterrorizam o indivíduo. Desse modo, o vínculo simbólico a identidade profissional continua. A busca dessas memórias é a manutenção de seu referencial identitário. E elas são mais pujantes, se houve, na carreira, militância, superação de frustração, prazer e auto-realização. Na escrita de Nevinha, é possível perceber que o prazer e autorrealização no trabalho foram os mais importantes para evocação dos seus rastros de memória.

Mesmo com esse tempo “livre” resultante da aposentadoria, o professor escolhe laços e define o seu dia a dia de forma que mantenha elos com a profissão. Esse tempo do “não

⁴² O momento certo ou oportuno

trabalho” também é um tempo da reconstrução de si. Daí, a memória como uma forma de prosseguir carregando sua identidade profissional.

O magistério, segundo Stano (2001, p.60) confere serenidade ao processo de envelhecimento. “Porque ser professor é uma arte, uma arte e um ato feito de símbolos, de cuidados, de fazer e refazer o outro pelo conhecimento”. Dessa maneira, ao refazer o seu percurso profissional, redefine-se e reafirma-se como professor num estado de arte, símbolos e significados, como também de ressignificados, numa possibilidade de atualização da identidade profissional.

A profissão é algo que integra a trajetória de vida de cada um. Que designa a vida social, desse modo, o mundo profissional está inserido num arranjo de outros mundos vividos. A escola, como espaço de construção do ser professor, resulta de tensões e contradições do exercício não só profissional, mas também social. A profissão exercida acaba sendo legitimada pela sociedade

Escrita de si, escrita dos outros

Os textos da professora Nevinha Santos refletem não só uma escrita de si mesmo, mas também a dos outros.

A escrita de si mesma está, de alguma maneira, presente em todos os textos, porque, mesmo representando a narrativa de lugares e pessoas, tais elementos, de alguma forma, estão ligados a sua história de vida e às suas lembranças.

Trata-se de quinze textos de sua autoria e dois de referências a sua história, escritos por jornalistas do estado, publicados no Jornal Meio Norte e sempre com ilustrações ligadas ao escrito de autoria de Moisés dos Martírios. O primeiro texto, *intitulado A Decadência do Estado Novo*, foi publicado em 22 de setembro de 1997. Nele, a professora declarou que resolveu escrever, mas não sabe o porquê de lembrar-se de fatos ocorridos há cinquenta anos. Descreve como foi a queda do Estado Novo na cidade de Picos (PI), momento histórico em que o marido era prefeito e ela, primeira-dama.

Foi o fim do Estado Novo e naquele dia muita gente da cidade de Picos que odiava o presidente Vargas e odiava mais ainda as pessoas que estavam no poder naquela comunidade é que galgaram posições políticas, cargos importantes e que detinham o poder de mando em suas mãos. Até hoje sentimos a inveja, o ódio e o despeito de alguns. Isso passou de pais para

filhos e de filhos para netos. Nunca perdoaram uma jovem professora de outro lugar se tornar a primeira-dama de uma cidade importante, mesmo sendo ela piauiense preparada e educada. Naquela cidade onde morei e nasceram todos os meus filhos e que adotei como minha por toda vida, por diversas vezes assisti cenas deprimentes (SANTOS, 1997a, p.3).

Notamos, nas suas palavras, mais uma vez, a presença do ressentimento. Consideramo-nos assim, balizados pelas análises em Ansart (2001), ao evocar as invejas, os rancores, os ódios como parte de ressentimentos e do estudo da história, tão necessários para os historiadores compreenderem e, que se manifestam, muitas vezes, entre os sujeitos individuais em sua afetividade. Nesse momento descrito no texto citado acima, o ressentimento se apresentou na professora Nevinha para com a cidade e a sociedade picoense, pelo que julgava como falta de reconhecimento do seu trabalho e mérito pessoal, como também para com o seu marido, prefeito na cidade durante sete anos. O que, em sua opinião, configurava como uma injustiça, uma dor sentida, que gerou uma frustração de longa duração, da qual não teve como reagir, a não ser expressar nos seus escritos a falta de deferência por parte daqueles que deveriam ter atribuído o valor que entendia como merecido ao seu trabalho e dedicação.

Para Ansart (2001), o ressentimento não é só um conjunto de valores, mas, sim, uma ferramenta de análise que pode compreender as forças de oposição presentes nas relações interiorizadas entre os indivíduos e seus grupos: a dominação, a subordinação e a insubordinação que acompanham as revoltas políticas e sociais, as que fazem a história e a memória. Dessa maneira, o ressentimento foi, para a professora Nevinha uma mola propulsora para a escrita de suas memórias, porque ela acreditava que a sua história era importante, uma revolução cultural na cidade em que viveu e enfrentou os altos índices de crianças analfabetas. O período em que seu esposo foi prefeito, para ela, foi um momento relevante da história, as obras empreendidas, o Estado Novo suplantando os vícios da república velha. Portanto, na sua visão, não poderiam ser esquecidos.

Depois que ela se aposentou e veio embora para Teresina foi duas vezes a Picos, na Festa de Nossa Senhora do Carmo que era zeladora, foi comigo à missa. Ela comentou que Picos tinha crescido um pouco, mas que as obras ainda eram as mesmas que o marido tinha feito. Ficou muito chateada porque modificaram a praça. Até eu mesma fiquei chateada, porque modificaram a praça e pedi ao prefeito para voltar ao que ela era. Se quiser uma praça diferente fizesse em outro local. Por isso que ela tinha mágoa, porque o marido não foi lembrado. Em Picos, tem várias pessoas que tem nome de rua que sequer possuem merecimento (EULÁLIO, 2009).

Ao escrever sobre todos esses momentos, não foi movida pelo desejo de vingança, ou pelo rancor, que também constituem o ressentimento, mas para que os momentos que considerou tão relevantes não fossem esquecidos.

Mostrou, ainda no artigo abordado, a queda do Presidente Vargas, que deixou em polvorosa a cidade, oportunidade para os inimigos políticos do seu marido aproveitarem e saírem às ruas com gritarias, destruindo jardins e muros da prefeitura sob ausência do prefeito. Nevinha sentiu-se triste diante dos acontecimentos, pois percebeu a presença de seus ex-alunos nos tumultos. A professora referiu-se à administração do marido, aos seus feitos, a sua história política e também realçou sua mágoa pelo esquecimento do povo em relação a seu trabalho. O desejo de reconhecimento de algo ausente ocorrido é presente em todo o percurso de sua vida, que nos leva as reflexões de Ricoeur (2007, p.17) em que mostra ser a memória do passado e vinculada a temporalidade da condição humana o que ele chama de “dever de memória”, um “recorda-te” que significa também um “não te esqueças”, esse dever também pode ser entendido como um dever de fazer justiça a vítima, o que conduz, também, “a demanda de uma política da justa memória”, em decorrência do reconhecimento público.

O segundo texto, intitulado *Adorei e me sentia muito feliz em ser professora*, publicado no dia 22 de outubro de 1997, conta toda a história da chegada das professoras normalistas à cidade de Picos (PI), com muita precisão de detalhes e também cheia de emoções. Esse texto é um dos melhores relativos à contribuição à pesquisa do processo educacional de que Nevinha participou. O leitor pode perceber, por meio dele, todo o orgulho da professora em ter exercido o magistério, bem como o reconhecimento social que sua profissão lhe proporcionou. Ela relembrou a inauguração do Grupo Escolar, os métodos de ensino, as aulas, o quanto ganhava e o respeito por parte da sociedade à sua profissão. Frases marcantes sobre o que era ser professora primária foram proferidas, como: “Professora era respeitada” e “Professora tinha valor” (SANTOS, 1997b, p.2). Cita ainda nomes de seus principais alunos e sintetiza sua dedicação à profissão nas frases: “Amei ensinar”, “Adorei a minha profissão.” Nevinha não esgotou o seu relato apenas em si mesmo, e, em particular, o magistério e a política foram temas recorrentes de sua escrita, refletindo, dessa forma, sua história individual relacionada também à história coletiva. Para Halbwachs (1990), no suporte em que se apoia a memória individual encontram-se as percepções produzidas pela memória coletiva.

Ao escrever e publicar os seus primeiros textos, Nevinha Santos ganhou visibilidade no espaço público, ocupado por todo o tempo em que foi professora da ativa e esposa de

político tradicional. Concordamos com Mignot (2003, p. 141), que argumenta: “[...] as memórias que tecem autobiografias de professoras vão apontando para dimensões mais amplas do que o estritamente pessoal”.

Dessa forma, jornalistas passaram a procurá-la no sentido de obter mais informações sobre o processo educacional piauiense. Com a invocação *Aprende com Higino Cunha e ensinou a Helvídio Nunes*, foi matéria jornalística na coluna Perfil, da jornalista Isabel Cardoso, com a chamada *Uma das professoras mais antigas do Piauí revela sua trajetória*. Nessa matéria, Nevinha falou sobre sua trajetória como aluna, o orgulho de ser a primeira professora de Porto, PI, formada, do curso da Escola Normal e de seus professores. Também criticou o governo Mão Santa (1995-2001), por pagar salários baixos, na época, R\$ 225,00 (duzentos e vinte e cinco reais), e descreveu os métodos de ensino que utilizou. Sua participação na vida política de Picos e seu amor pela profissão e pela atividade prazerosa de escrever são destaques na matéria. Nesse texto, ao abordar suas experiências de professora, ela mostrou, como bem aponta Fontana (2003), o sujeito coletivo professor que foi se constituindo nas situações vividas da experiência cotidiana pelas práticas, interesses, vontades, valores e sentimentos diversos.

O artigo *Lembrando Marruás e minha cidade natal*, publicado em 18 de dezembro de 1997, é um texto autorreferencial que mostra o início da escrita de si mesma. Trata-se de um relato saudosista, que apresenta o termo “saudade” por várias vezes. Nevinha fala do seu pai, da sua infância, da sua rua, do encontro com as primeiras letras e também do rio Parnaíba, alvo de suas maiores lembranças. O término desse texto é marcado por uma poesia nominada *Lembrando*.

Em 1997, a Professora Nevinha perdeu a sua nora, Maria Carvalho Santos, que faleceu vítima de um câncer de mama, sendo que a ela dedicou um texto chamado *Lembranças de Maria*. É um texto em que manifestou saudade da nora e contou a trajetória de vida dela junto ao marido Ayrton, filho de Nevinha.

Para lembrar, Maria era filha caçula do coronel Juvêncio Alves de Carvalho e de Dona Raimunda de Castro Carvalho (Doquinha). Ele foi deputado e intendente, grande comerciante, proprietário de muitas terras, delas hoje bairros de Teresina, incluindo a Socopo, onde tinha criação de gado, a casa grande, que ainda hoje existe e onde passava as férias com a família. [...] Maria era formada em Farmácia pela Universidade Federal do Maranhão e, retornando a Teresina, conheceu o jovem advogado Ayrton Santos, filho e neto de tradicional família da região de Picos, com quem veio a se casar em 29 de julho de 1960, sob as bênçãos de Dom Avelar Brandão Vilela, bispo desta diocese, na época, de saudosa memória. Juntos viveram quase 38 anos de completa felicidade, ao lado de filhos encantadores, que ajudaram a

consolidar esta família linda que você criou. Deus lhe levou e nos deixou a saudade! (SANTOS, 1997d, p.3).



Figura 24 - Yamara Santos (neta), Maria Carvalho Santos (nora) e Nevinha Santos
Fonte: Arquivo Pessoal de Luís Ayrton Santos

Quando a farmacêutica Maria Carvalho Santos foi homenageada com um nome de uma Rua em Teresina (PI), a professora Nevinha Santos escreveu outro texto em sua homenagem, *Uma rua para Maria*, no qual demonstra a alegria pela homenagem da Prefeitura Municipal, e finaliza: “Se eu pudesse essa rua seria como você, limpa, bonita, florida e risonha” (SANTOS, 1998i, p.4).

No texto *Saudades de uma infância em contato com a natureza*, de 22 de janeiro de 1998, Nevinha relembra o sítio Campos do Meio em Picos (PI) e a infância dos seus filhos: “Depois do jantar, todas as crianças ficavam no alpendre ouvindo histórias de lobisomem, príncipes e princesas encantadas e bichos do mato que a mulher do morador contava para eles” (SANTOS, 1998a, p.3). Descreveu, ainda, como foi sua vida no sítio junto de suas ajudantes, Maria de Paulo e Dedefa, que sempre rezavam junto com ela. A emoção está muito presente na escrita, sobretudo o sofrimento causado quando o sítio foi vendido, porque era nesse lugar que havia sonhado morar na sua velhice com os filhos. Manifesta também o amor à natureza e o agradecimento a Deus pela sua família. “E por amor a Deus, vivi para os meus filhos, lutei por eles, mas hoje, graças ao senhor do mundo, tenho filhos ótimos, netos e bisnetos encantadores” (SANTOS, 1998a, p.3).

Teresina é o foco principal do texto *A beleza e a simplicidade de uma Teresina Antiga*, no qual Nevinha faz uma descrição das praças, ruas, pessoas, bares, cinemas de uma

Teresina do início do século, com características minuciosas do cenário onde morou e viveu nos anos de formação como professora normalista:

Ao cair da tarde, muitas pessoas usavam passear pela margem do Rio Parnaíba para se deleitarem com a beleza do pôr do sol. Bem certo e lindo o nome que nosso prefeito deu a capital de “cidade do sol e da luz. Teresina é realmente uma cidade verde, iluminada pelo sol e pela luz, mas não esqueço com saudades do teu passado. As novenas, as ruas silenciosas, as praças com seus coretos e a banda de música da polícia militar, tocando e animando o passeio da juventude da minha época (SANTOS, 1998b, p.3).

Um encontro cheio de muita saudade, de 22 de março de 1998, é um texto em que a professora relembrou, mais uma vez, a infância, as brincadeiras de crianças e as suas amigas principais, com trazendo, o sentimento de saudade à tona:

Recordando todas essas cousas tolas e ingênuas sentimos muitas saudades de um passado lindo e distante [...] como sofri de saudades, depois que deixei o lugar onde nasci e me separei dos meus pais. Saudade dói demais. E por que sentir tanta saudade? Saudade é tristeza, é dor, lágrimas correndo na face. Saudade é uma amargura sem fim. E porque agora depois de tantos anos passados fomos recordar esse tempo de meninas para chorarmos de saudade, mas também de alegria, por termos podido recordar a nossa infância neste encontro com a saudade. Eu mesma sinto saudade de mim [...] A velhice vai nos levando tudo (SANTOS, 1998c, p.3).

Notamos que os resíduos mais remotos da existência da professora aparecem inúmeras vezes como o melhor de sua vida, ao detalhar particularidades, atraindo o leitor para os segredos de sua intimidade. Isso pode ser comprovado pelo que mostra Mignot (2003, p.140)

Ao se voltarem para a infância, as professoras autobiógrafas seguiram de certa forma as pegadas de um subgênero literário [...] que começou a ganhar força na década de 40 do século XX: as memórias da infância. Nele memorialistas recuperam o universo social e emocional deixando pistas para a compreensão da sociedade de uma época.

A escrita de *Nevinha* também se configura dessa forma, porque reviveu um tempo desaparecido, relatando o sabor da infância, das amigas desse período, da alegria da presença protetora dos pais, desvelando, dessa forma, o mais privado de si mesma.

Um sonho, publicado em 22 de abril de 1998, trata de um sonho em que *Nevinha*, adentrando numa casa branca e grande, vê uma freira sentada num piano tocando uma música que ficou gravada em sua memória. Essa canção a autora passou a cantar todas as vezes que sentia saudades, principalmente do seu filho Ayrton:

Lua, lua tão redonda
 No céu feita de veludo tu que sempre estais de ronda
 E que ilumina lá na terra tudo
 Beija com Saudade
 Alguém que está dormindo
 E leva no teu beijo lindo
 A tortura desta saudade (SANTOS, 1998d, p.2).

Desses versos que a acompanharam ela nunca conseguiu saber o autor, mas, no seu coração, sabia que a ela pertenciam. Esses versos são relíquias inestimáveis pois adornam as ruínas do passado.

A fazenda do seu tio, chamada de Lembrança, foi um lugar em que a professora Nevinha desfrutou instantes intensos da sua infância: as desobrigas, a natureza e as pessoas sempre foram apaixonantes nas suas recordações, que descreveu com minúcia, embalada por emoções fortes. Assim, em *Lembranças de uma infância feliz*, descreveu todos esses momentos da infância, semelhante ao que pôs no artigo *Reminiscências*, em que reconstitui a saída da cidade de Porto e a chegada a Teresina.

Os outros textos estão voltados para a cidade Picos, com a evocação do coronel Francisco Santos, por quem tinha muita admiração, pois, além de sogro, ele foi um dos responsáveis pela fundação do Grupo Escolar. *Um certo Coronel Francisco Santos*, *Uma volta ao Passado* e *A última viagem que fiz a minha terra* são textos descritivos de sua vida em Picos, da cidade, do Grupo, dos seus alunos, das suas companheiras de magistério, das pessoas que conheceu por lá e dos reencontros com habitantes dessa cidade. Por esses textos, acreditamos que a ressignificação de sua vida e a experiência docente foi o que moveram a sua escrita e, dessa forma, realizaram um balanço do vivido, conferindo sentido a sua própria existência. Nesse último, o ressentimento esteve presente, ligado ao sentido negativo que esta palavra assume, ou seja, tem a ver com mágoa, pesar e dor. Segundo Ansart (2001), uma dor do passado que dá sentido político à construção voluntária de memórias ou de seu próprio esquecimento.

Vida, um quadro permanente foi o seu último texto publicado. Nele, a emoção se sobressai, configurando-se como texto autorreferencial⁴³. Nesse escrito, Nevinha fez uma avaliação de sua vida.

⁴³ São textos que representam a escrita de si. O termo surgiu da relação do indivíduo moderno com seus documentos, mesmo considerando que essa prática já ocorria desde a Idade Média e, mais deliberadamente, a partir do século XVIII, quando indivíduos comuns passaram a produzir suas memórias. Esses textos têm possibilitado várias pesquisas e diferentes resultados na forma de os historiadores lidarem com essas novas fontes.

A vida um dia após outro, centenas, milhares de dias, a gente vive, sofre, chora, rir, envelhece perdoa, os dias vão passando...passando...mas ninguém jamais esquece a injustiça, uma ingratidão, ninguém pode esquecer um falso testemunho, uma calúnia, ou uma humilhação partida principalmente de pessoas que considerávamos, que queríamos bem. Isso dói demais e entristece. Embora pareça imperdoável, a gente olha, ri conversa, cumprimenta e perdoa porque a vida continua. E fica pensando como dói a maldade, mas como tufo da vida tem retorno, espera-se a volta, o arrependimento. Mas dói, e a gente chora sozinha e não conta a ninguém, o tempo vai passando e as coisas também. A gente sofre na solidão das noites mal dormidas, pensa, fica angustiada e espera o amanhecer. É outro dia, mas a mágoa continua atormentando, mas tudo vai passando, apagando aos poucos e desaparecendo nossos pensamentos. Mas mesmo sem querer a gente continua lembrando [...] Há cousas que doem tanto que são difíceis de esquecer, mesmo que se perdoe (SANTOS, 1999?).

Esse é um texto em que Nevinha traz à tona o que estava no recôndito de si: as mágoas, as dores, as alegrias, os bons momentos, as boas amizades, as noites de luar e a recepção aos amigos. O desenho que ilustra o texto é uma tela, e assim representou a sua própria vida projetada como numa tela por meio de suas lembranças, mostrando tudo o que a vida trouxe de bom e de ruim. Ela terminou sua escrita, afirmando: “assim é a vida. Cheia de amarguras e decepções, mas também repleta de momentos inesquecíveis” (SANTOS, 1999?). Por esse texto é, como bem descreve Viana (1995, p. 63 e 111). “Deitar no papel a força do desejo, prender na folha os fantasmas do inconsciente e jogar o prazer da posse de si mesma, possuindo a palavra, faz com que esses fantasmas percarnem a sua fisionomia estranha e ameaçadora para a moldagem da mulher”. Assim, ao escrever-se, transformou a vida em arte tirando-a da nulidade, “pois que a arte produz de fato uma ordem real para a experiência de caos que é o mundo contingente da mulher”.

Nessas circunstâncias, entretecendo com os fios da imaginação, o tecido da história que viveu, Nevinha se configura, como bem expressou Mignot (2003), uma guardiã do futuro, uma construtora da nação, por meio do que escreveu narrou sua experiência, sua formação, suas práticas de sala de aula. Escreveu sua vida entrelaçada na dos outros para não se esquecer. Escreveu para ser lembrada.

Nevinha na voz dos outros

Para Fontana (2003), não se analisa o vivido sem referências, não se interpreta o vivido sem objetivos, sem um para quê, sem um para quem. Interpretamo-nos por vozes

outras, múltiplas. Essas referências e objetivos configuram-se nas relações sociais. Foi por esse motivo que procuramos ouvir as vozes dos outros sobre Nevinha, outros que conviveram, que leram, que influenciaram, que caminharam juntos e, dessa forma ao analisar as falas dos outros, compreendermos a constituição dela mesma, os significados que não ficam somente no terreno individual, mas no curso das relações sociais.

Essas falas também constituem uma memória coletiva. Para Halbwachs (1990), a memória não é só um fenômeno individual, ela é uma construção social, e um fenômeno coletivo. Por se configurar como uma construção social a memória é moldada em parte pela família e pelos grupos sociais. A memória individual se estrutura e se insere na memória coletiva.

Para Ferreira (2008),

Meu pai (também pai de Nevinha) foi muito rico, depois ficou pobre e cego. Quando ele morreu, eu tinha onze anos. E minha mãe antes de morrer pediu para que me entregassem a Nevinha. Fui morar em Picos, em Novembro de 1932 e fiquei com Nevinha até os 16 anos quando me casei. [...] Quando foi primeira-dama houve muitas festas na casa dela que foi visitada por Dr. Leônidas. Mesmo como primeira-dama continuou dando aulas no grupo. Ela gostava muito de escrever, era muito saudosa, cheia de recordações. Quando o marido dela foi deputado, ela veio embora para Teresina com todos os filhos. Uma boa pessoa, caridosa, a casa dela era muito visitada por pessoas pobres. Gostava de escrever e ler jornais, revistas. Dava um monte de revistas para eu trazer.

Era nítido o amor que a professora tinha pelo magistério, profissão que abraçou pela condição social que lhe foi permitida. Sua concepção romântica pela profissão se deu pelo fato de sua formação estar permeada de concepções como vocação, abnegação, doação e missão tão bem explicitadas em páginas anteriores, presentes nos discursos educacionais. Para ser professora era necessário gostar de crianças e ter as técnicas que eram adquiridas nos estudos da Escola Normal e, mormente, pelos anos de experiência. O amor ao que fazia e aos seus alunos foi percebido por Melo (2008), jornalista do Meio Norte que entrevistou a professora:

Lia os jornais diários, escrevia os artigos dela. Ela acompanhava mais o jornal impresso do que a própria TV. Nós ficamos amigas depois. Ela telefonava. O filho dela trazia os artigos e entregava pra gente. A página 2 do jornal ela não é lida pelas pessoas em geral, ela tem um público selecionado. Nela publica o Carlos Said, o Sarney. É uma página que lê público de academia. Pesquisadores, o pessoal do conselho estadual é mais de formadores de opinião, também universitários, professores.

Eu sentia nela como se tivesse nascido para ser professora. Ela me falou dos alunos famosos. Como Helvídio Nunes. Ela disse que tinha uma relação de carinho e respeito pelos alunos. Que ela era vocacionada. [...]

Eu percebi que ela gostava de ser reconhecida pelos alunos. Meu aluno hoje é doutor, meu aluno hoje é senador. E gostava de ver seus alunos bem. Dona Nevinha, eu queria ter tido mais tempo de conversar com ela depois. Ela tinha uma experiência de quem formou gente. Gostava de falar de suas memórias.

Pelo depoimento acima, notamos que a professora Nevinha gostava de relatar suas memórias, sendo os assuntos educacionais os prediletos. Ser professor, segundo sua fala, apresenta significados ligados à vocação, elemento impulsionador de sua prática. Podemos afirmar que tal fato ocorria em virtude da sua formação na Escola Normal no início do século XX, quando as ideias de missão e sacerdócio eram muito fortes na formação dos docentes.

Castelo Branco (2008),

Convivi com Nevinha em quase todas as fases da vida dela, menos quando era jovem e quando ela morou em Picos. Porque nunca fui a Picos, apenas de passagem. Mas quando ela voltou para Teresina. Eu comecei a frequentar a casa dela. E sempre me dizia que tinha muita vontade de escrever as histórias de Picos. Ela casou-se com o filho do coronel Francisco Santos, conhecido como Chico Fatura, o Adalberto de Moura Santos. Ela gostava muito do sogro dizia que era amigo dela, decente. Sempre fez as melhores referências ao sogro e a sogra, D. Albina. Ela dizia que ia escrever sobre essas histórias. No lar, encaminhou todos. Era um exemplo de moral de postura de decência, de honradez. Uma mulher nos padrões antigos. Respeitava seu marido e seus filhos. O que ornou a personalidade dela foram essas virtudes de muita moral, decência e seriedade. Isso foi o patrimônio que ela legou para os filhos e para os amigos.

O coronel Francisco Santos está presente em vários textos da professora Nevinha, cujo gosto pela leitura e pela escrita ficou marcado na memória dos seus contemporâneos.

Ex-aluno da professora Nevinha, nos seus relatos, manifestou que, mesmo com os conflitos políticos durante a gestão do prefeito Adalberto de Moura Santos, ela sempre fez com que suas relações de amizade permanecessem acima dessas questões. Para Goodson (1995), os estilos de vida do professor dentro e fora da escola, sua identidade e cultura oculta têm impacto sobre a sua prática educativa.

D. Nevinha foi uma excelente professora, imprimia ordem, disciplina, tinha um porte bonito, se vestia bem, embora ela fosse ligada ao grupo político que podia tudo na cidade, ela ficava acima de todas essas querelas. Comportava-se como uma pessoa digna. Embora não andasse na casa dela devido a problemas políticos. Mas quando ela foi para Teresina, vários anos, frequentei a casa dela. Sou amigo dos filhos dela. Ia muito a casa dela em Teresina na Rua da Glória (MARTINS, 2008).

Para Santos (2009),

A minha mãe sempre desempenhou a profissão de professora com seriedade e dedicação. Como esposa, foi sempre dedicada às tarefas do lar com muita responsabilidade. A partir de 1938, com a indicação de seu esposo para prefeito de Picos, aumentou ainda mais suas responsabilidades, junto à comunidade picoense, pois, a ela competia, como primeira-dama a organização de banquetes e festas para receber as mais altas autoridades do Piauí, quando em visita àquela próspera cidade.

Bem cedo minha mãe me levou para iniciar meus estudos no Grupo escolar. Recordo-me que sempre me tratava com muito carinho e me dizia sentir-se orgulhosa da sua profissão e com a sua maneira de ensinar educando. Realmente, ela foi, ao lado de Dona Alda Neiva e Dona Ricardina Neiva, as pioneiras na educação e instrução na cidade de Picos. Seus alunos tornaram-se mais tarde jovens educados e comunicativos, alcançando altas posições na história política do Piauí.

Ela se sentia honrada em ser professora normalista, principalmente por ter sido a primeira professora diplomada da cidade de Porto, PI, sua terra natal. Ela sempre dizia que educar o jovem era uma atividade prazerosa. Por incrível que pareça, as normalistas eram bem remuneradas. E seu aperfeiçoamento foi todo através de bons livros.

Tenho saudades da sua presença, dos seus conselhos, dos seus beijos, dos seus abraços e carinhos. Finalmente de tudo. Melhor mãe do mundo. Além de ser muito católica, era bonita, tolerante, inteligente, muito boa, resignada, amiga e, sobretudo muito digna. Para educação o legado de uma excelente professora e educadora e para a família, o caminho certo para espelhar-me na educação que ela me deu e que eu transmiti aos meus filhos: Luiz Ayrton, Flávio e Yamara.

Nevinha foi uma mulher que, em sua construção da história pessoal, se fez reconhecer pela sua condição de filha, esposa, mãe e profissional. Segundo Viana (1995), tal fato é uma conquista do movimento feminista, já que há o reconhecimento de que o doméstico e o privado são políticos. Nesse sentido, o reconhecimento político se estende aos relacionamentos familiares, ao sexo, ao trabalho, ao cotidiano e à afetividade. Dessa forma, as mulheres se sentem menos embaraçadas para falar de suas vivências, que ocorriam sem merecer um lugar na história.

Eulálio (2009):

Nevinha Santos sempre falava que o ideal dela era ensinar. Convivi muito com ela quando se aposentou e veio morar aqui em Teresina. Ela lia muito, era muito bem informada, principalmente das questões políticas em todos os âmbitos federal, estadual e municipal. Era uma mulher que tinha muito conhecimento, assistia programas de televisão, principalmente os telejornais. Gostava de conversar sobre política. Ia todos os dias para missa. Quando envelheceu mais, deixou de ir à missa em virtude do início da violência em Teresina. Gostava muito de visitar as amigas. Na minha casa mesmo ia quase todos os dias, quando eu morava no centro da cidade. Gostava muito de visitar meu filho. Ela não dependia de ninguém, pegava um táxi que já era

certo e conhecido para levá-la e trazê-la de volta. Os netos a admiravam muito, ela era uma mulher culta. [...] Ela costumava comemorar seus aniversários. Para mim, foram os melhores jantares que já participei. Ela mesma preparava tudo junto com sua filha. O macarrão de ricota não faltava a mesa. Era uma alegria. Tratava todo muito bem. Para mim ela foi uma mulher excepcional em todos os aspectos por ser uma pessoa bondosa, nos orientava com palavras. Ela falava: _ Minha filha se reformou sua casa, com a continuação vai aparecendo alguma coisa, se cair um pedacinho da parede chame imediatamente o pedreiro e vá consertando. Porque se aumentar vai gastar mais e assim vai gastar menos. Até como fazer economia ela nos ensinava.

Quando meu marido morreu, ela me deu a maior assistência [chorou nesse momento] ela não me deixou um instante, foi uma amiga, uma mãe, me trazia livros para ler, me encorajava, me deu forças e me ensinou ter forças. Era uma mulher forte diante da vida, que ensinava como superar os sofrimentos.

Clerton (2009):

Ela era muito culta, gostava de ler e discutir política. Dedicava-se à casa, fazia muito crochê, no meu casamento fez meu enxoval. Fez as varandas das redes. Tesouras eu tinha várias porque ela dizia que eu precisava numa casa. Eu a acompanhava em médicos.

Ela sempre gostou muito de escrever poemas, mas não mostrava. Tinha um caderno que escrevia, mas ninguém sabia. Soubemos anos depois. Acho que não era um diário. Era um caderno de poemas e de recordações da sua infância, dos tempos de mocinha. Acredito que ela escreveu por que gostava de recordar um tempo que foi feliz.

Ela gostava do magistério, e nos contava que foi uma mulher muito importante, as primeiras professoras de Picos. Eu comecei a estudar com 6 anos, mas, ao entrar na escola, eu já sabia escrever e a tabuada porque ela havia me ensinado. Ela reclamava que, na sua época, para ser professora tinha que fazer cursos e que nos dias atuais (1997) qualquer um ia ser professor. Ela acreditava que professor deveria ensinar tudo. Desde as tarefas de casa a outros conhecimentos.

O caderno de anotações com a escrita das memórias da professora Nevinha foi percebido anos depois por seus familiares. A sua formação na Escola Normal, que enfatizava no currículo as prendas domésticas, certamente explica por que, em suas afirmações, ela enfatiza que a educação deveria ser completa, abrangendo desde os conhecimentos sistematizados até as tarefas de casa.

Santos Junior (2008):

Eu tenho uma imagem boa de austeridade, de uma mulher de fibra de lutar por seus desejos, não necessariamente que combinassem com os meus, mas que era uma mulher política, parecia que tinha política no sangue, mesmo ela já bem idosa se interessava por política, lia os jornais todos os dias, então tinha umas ideias boas. Mas, ao mesmo tempo era fria, não era de fazer muito carinho, porém gostava de um bom papo, de conversar. Do ponto de

vista físico, era uma mulher muito bonita, e sentava-se de forma elegante, muito reta, sempre muito reta. A melhor ideia que tenho dela era de ser muito rígida. Sua moral tinha que ser seguida. [...] Ela tinha um orgulho muito grande de ser professora quem tocasse nesse assunto com ela podia perceber isso. Tinha certa nostalgia do tempo que era professora, e revolta como a professora era vista nos tempos atuais. Ela achava que a professora no passado era mais respeitada, mais querida. Achava que hoje a professora já estava mais vulgar, que o comportamento da professora mudou daquela época pros últimos anos que ela viveu. Achava que a professora é a pessoa mais importante dentro de uma sociedade, até porque, ela não se sentiu só professora, ela foi pra Picos, e se referiu várias vezes, que ela dava aula não só de ensino, mas também de bons costumes, como depilar as pernas, como sentar, cruzar as pernas, usar batom. Esse tipo de educação social, do tempo e da idade dela. [...] Já a acompanhei mais idosa dos 60 aos 90 anos, num ponto ela tinha uma preocupação, já se retraía, típico dos idosos dessa época, não gostava de sair. Então ela ia pra missa, mas ia sozinha, tinha um motorista que ia buscá-la. Antes ela morava na Rua 24 de janeiro, depois no Jóquei, ia muito a igreja do padre Tony e também a Igreja de Nossa Senhora de Fátima. Com o motorista da Tia Wanda. Ou, ela ia de táxi que já a conhecia. Ou a pé mesmo, ela era muito decidida. Depois que ficou mais velha tinha medo de cachorro e de cair, mas do ponto de vista físico ela tinha os ossos bons, lia o jornal todo dia, fazia comentários atualizados sobre o que vinha acontecendo. Com quase 90 anos, ela fazia de tudo, cuidava de plantas, o jardim era maravilhoso, passava boas manhãs cuidando do jardim, sempre muito verde, cuidava bem, adorava jardinagem. [...] Como mãe e avó ela não era de fazer carinho, de colocar no colo. Era uma contadora de histórias. Se você quisesse ficar perto dela. Ela gostava muito de contar histórias. Eu sempre gostei de história. E conversar com ela era prazeroso. Ela era real, de fatos reais.

O amor ao magistério, a seriedade na condução da vida, a boa professora, mulher culta, o gosto pelos debates políticos, a fortaleza diante da vida na superação dos sofrimentos, a dedicação à leitura e orgulho de ser professora foram marcas da sua passagem pela vida nas memórias dos seus contemporâneos. Nevinha legou uma imagem de mulher que soube conciliar o novo e o velho, tão presente em sua constituição do “ser mulher”. Nascida e educada entre os dilemas e os discursos, do início do século XX no Piauí, época em que a sociedade se dividia entre as lutas pela emancipação feminina e os pensamentos conservadores, liderados notadamente pela Igreja Católica. Momento em que segundo Castelo Branco (2001, p.299), os defensores dos valores tradicionais combatiam as propostas de emancipação feminina por serem nocivas aos valores morais, à família e à sociedade. Para esses, a mulher, ao ocupar o espaço de trabalho e, conseqüentemente o espaço público, se afastariam do modelo exemplar de ser mãe. Por isso é que muitas mulheres teresinenses foram seduzidas, de um lado, pelas novas propostas de vestir e participação intensa na vida social, mas, ligadas fortemente à Igreja católica e a família, não pensavam duas vezes em abandonar o emprego, se fosse necessário, em função da vontade do marido: “Casar, possuir

um lar com um marido bom e leal e, também, ter filhos era algo que estava no centro das preocupações e desejos femininos”.

Nevinha gostava de colaborar com suas memórias para o conhecimento da cultura, principalmente do modo de viver da sociedade. Por meio de suas experiências, fazia relatos de como as pessoas percebiam o mundo. Essa característica pode ser atribuída ao exercício do magistério, por tantos anos na formação da sua consciência, diante da contribuição social que um professor/a tomava para si diante da transformação social. Quando foi indagada sobre a sua menstruação pelo seu neto médico, Doutor Luiz Ayrton Santos Júnior, se manifestou:

Um fato também que ilustra a cultura médica e social do Piauí, são os estigmas e tabus em relação à menstruação. Contou-me a professora Nevinha Santos, uma das primeiras professoras de Picos, nascida em Marruás, atual Porto, no norte do Piauí, que, em 1919, ainda uma menina de nove anos, teve sua primeira menstruação quando brincava no batente de sua casa. Seu pai, que era prefeito da cidade ao chegar em casa vendo a filha com raios de sangue escorrendo entre as pernas, correu para chamar a esposa. Envergonhada diante do fato a senhora buscou ajuda da “mãe preta”, como se chamavam as criadas que dispunham de uma intimidade na família, para que corresse em busca da menina Nevinha e a orientasse no seu asseio. Sem alardes, a empregada explicava para a menina que, de agora em diante, seria uma mulher e que esse fato se repetiria todos os meses para o resto da sua vida. Sem entender o ocorrido, a pequena Nevinha se abateu de tal forma que por três dias não quis mais sair de seu quarto, alegando a seu próprio juízo infantil que havia ficado “prostituta” e iria envergonhar toda a família. Relatou a professora que demorou alguns anos, até que entendesse o ocorrido e se sentisse como uma mulher normal com suas características fisiológicas bem estabelecidas. Esse fato ilustra a todos a percepção da vida que reinava na maior parte das adolescentes, suas famílias e como os adultos encaram certos assuntos em determinada época (SANTOS JÚNIOR, 2003).

Santos Junior (2008):

Esse texto mesmo da menstruação ela ia escrever. Ela escreveu, é verdade, falando nesse fato. A filha não deixou publicar. A filha não deixou porque era um escândalo falar de menstruação. Que, para ela, não era. Por isso que escrevi esse fato. Que ela entendia isso como um retrato da época. Não era a menstruação dela. Mas a menstruação das mulheres da época dela. Então ela sabia que refletia assim e eu também escrevi sem dúvida não tive pena. Acho que ela acharia que era normal.



Figura 25 - Professora Nevinha Santos aos 89 anos
Fonte: Arquivo pessoal Maria das Neves Santos Clerton.

A professora Nevinha Santos havia confiado à missa dos seus 90 anos à sua amiga Nerina Castelo Branco, mas a doença foi muito rápida e, em 02 de julho de 1999, veio a falecer conforme descreveu Santos Júnior (2008),

Fico pensando o que a fez viver tanto tempo. Porque quando tinha 90 anos ela adoeceu para morrer, em dois meses, adoeceu e morreu. Não me lembro de tê-la visto doente antes disso. Ela faleceu de câncer de fígado, uns sintomas de hepatite. Descobriram um tumor ela chegou a ser operada devido o diagnóstico desse câncer. Passou 24h internada. Achei a alta dela muito rápida. E ao chegar em casa dessa alta, teve uma morte suave, no leito, em casa. Como médico acho que deve ter sido uma embolia pulmonar, algo desse tipo. Foi assim muito rápido injustificável para doença de base que era o câncer de fígado.

Morreu na tranquilidade do lar entre familiares e amigos, não realizou o sonho da comemoração dos seus 90 anos, porém legou aos amigos e familiares um exemplo de dedicação, amor e companheirismo. Não conseguiu ver realizada a utopia que alimentou durante anos, de um magistério valorizado, nos seus últimos dias de vida, ainda assistia, no Piauí, no final do século XX, a professores sem esperanças de serem valorizados. No entanto legou, por intermédio de seus escritos e no convívio com os outros, o amor pela profissão, a dedicação e o orgulho de “ser professora” até o fim. Como afirma Le Goff (2003, p 471) “a memória na qual cresce a história que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”.

Nevinha se guardou em suas memórias e nos poupou do seu e de toda uma geração, do esquecimento. Os rastros foram deixados para os amantes da história e da memória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegou a hora de guardar as cartas, as fotos, as pastas, os recortes de jornais, os relatórios, os rascunhos, todo esse valioso material que me acompanhou durante esses três anos. Leio e releio o texto que escrevi sobre a trajetória de Nevinha Santos e as análises da profissão docente no Piauí, com base nos rastros deixados, tentando evitar possíveis esquecimentos. Observo cada documento e me questiono: O que fui capaz de analisar e que perguntas ainda precisam ou podem ser realizadas?

Imagino Nevinha Santos de cabelos brancos, rugas, voz fraca, escrevendo seus textos, lembrando, inventariando, catalogando e se reinventando nas suas memórias, remexendo no seu passado, prestando contas de sua vida a si e aos outros. Evocava tempos remotos, fugindo do esquecimento, povoando a sua solidão com os seus papéis, suas reminiscências e lembranças fugidias.

Onde estaria o caderno com suas anotações? A escrita com sua intimidade, o que poderia revelar? Desconfio de tudo o que foi deixado. Em que lugares estão outras dimensões dessa trajetória? Nevinha guardou o que queria que fosse preservado: a sua imagem pública. Envolveu-se com as questões do seu tempo, mergulhou no magistério com paixão.

No caminho da busca por seu arquivo pessoal, acabei por criá-lo, por guardar os retalhos, os fragmentos, lendo e relendo seus textos. Em diversos momentos, fui tomada por voz que ecoava da sua escrita e permeava meus pensamentos e análises. Será que fui envolvida na trama desse enredo? (MIGNOT, 2003). Muitas vezes deixei-me levar pela emoção ao ler seus textos e os depoimentos dos seus contemporâneos. Talvez tenha me faltado a perspicácia de ler melhor as entrelinhas, os silêncios da história de vida privada. Em cada foto, texto, entrevista em que mostrou sua vida, revelava que foi mais complexa do que tantas classificações, em diferentes momentos, nos seus vários espaços de atuação, mas sempre demonstrando que amava e entendia a educação.

Nevinha nasceu na cidade de Porto-PI e alimentou o orgulho de ser a primeira normalista da sua cidade. Sentia saudades de sua infância, do rio Parnaíba, dos seus pais, das suas bonecas de louças, de suas amigas, da fazenda Lembranças, de cavalgar com seu pai. Assim, sua escrita é permeada de paixão, contendo uma descrição fiel de um tempo, de um espaço e de tantos momentos vividos.

Em Brejo (MA), foi alfabetizada pela professora Belinha Bacelar, a quem reverenciou por toda vida pelo ensino das primeiras letras e boas maneiras, bem como pelo jeito de ser professora. Estudou em seguida na Escola Normal, instituição em que a concepção de ser professora era bem definida, com base na pedagogia moderna, inspirada em Leibniz e Kant, estudiosos que compreendiam educação como desenvolvimento da humanidade, progresso para o homem, orientação para o futuro e para o espírito coletivo.

Na percepção de Nevinha, sua história de vida foi importante por implantar, junto com outras normalistas, numa pequena cidade (Picos-PI) o Grupo Escolar Coelho Rodrigues, símbolo da civilização, da erradicação do analfabetismo e da modernidade. Inaugurou-se ali uma escola organizada, num prédio adequado, com diretoria, secretaria, salas de aulas, ensino em séries, livros, fardamento e ainda professoras preparadas e de reconhecimento social, resultado do projeto nacional republicano disseminado no Brasil.

As normalistas modificaram a educação e introduziram novos comportamentos, usando cabelos a *la garçone*, vestidos mais curtos, axilas depiladas, *rouge* e carmim. As “moças diferentes” eram admiradas por possuírem um espaço próprio no tecido social, exercendo uma profissão, em contraposição à situação da maioria das mulheres da cidade no início dos anos 1930, as quais se ocupavam apenas dos papéis de mãe e esposa. As normalistas enlearam-se com os rapazes mais ricos e importantes socialmente e, conseqüentemente, inseriram-se no domínios do poder político e econômico local.

Nevinha foi primeira-dama de Picos-PI, na gestão de Adalberto de Moura Santos, durante todo o Estado Novo, ao mesmo tempo em que desempenhou a função de diretora de Grupo Escolar, um dos cargos mais importantes daquele período. A administração municipal foi símbolo da implantação do moderno como também dos excessos de poder que caracterizaram o Estado Novo. Inauguraram-se obras públicas com a presença do Governador Leônidas Melo, como a Praça Félix Pacheco, o campo de aviação, a banda de música, a prefeitura municipal, o jornal A Ordem, dentre outras.

O primeiro casal ocupava as páginas principais dos jornais de maior circulação no Piauí e abria as portas de sua residência a tantas festas políticas. Fico pensando no grau de importância que, durante os sete anos à frente do poder na cidade, essa mulher ocupou na sociedade, sendo reverenciada, cobiçada, admirada e invejada, por representar o poder e tudo que ele proporciona de bom e ruim.

Mesmo sendo primeira-dama, Nevinha escolheu exercer também a função de diretora do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, sendo que, na memória de seus ex-alunos, ficou uma

imagem de mulher professora, esposa, mãe determinada, austera, disciplinadora, sempre à frente das festas cívicas tão bem organizadas e recepcionadas na sua residência, como representação do civismo, do amor à pátria e da manutenção do mito dos governantes do Estado Novo.

Ela trabalhou no Grupo Escolar Coelho Rodrigues até 1951, quando seu esposo foi eleito deputado estadual e foi morar em Teresina, ou seja, por todo o período áureo do Grupo, lá esteve Nevinha, sendo que, a partir de 1954, a instituição já dava sinais de descuido e decadência oriundos das atenções governamentais estarem voltadas para o ensino municipal do ginásio estadual a ainda do fato de a elite picoense matricular os filhos no Instituto Monsenhor Hipólito, escola particular inaugurada em 1944.

Nevinha licenciou-se do cargo de professora por questões de saúde até 1957, quando conseguiu a sua aposentadoria, passando a dedicar seus dias aos jardins, à família, à leitura, à religião e à escrita de suas memórias. Assim, a partir dessa data, se recolheu ao lar, espaço do privado, deixando a cena pública.

Não foi ela, ao que parece, uma mulher sozinha, sendo sua velhice povoada pela presença de uma família numerosa e atenciosa. Quanto a escrever suas memórias, os reais motivos que a levaram a isso conduzem ainda a muitas reflexões, mas podemos apontar fatores fundamentais, como o fato de considerar importante sua história de desbravadora de um tempo, já que sua formação na Escola Normal imprimiu-lhe ideias salvacionistas ligadas à missão e à vocação de ser normalista. Também o fato de não receber as homenagens que considerava devidas foi um dos motivos que a levaram ao registro de sua própria história, legando aos outros um tempo que considerou importante. Ressalta-se que, ao escrever sobre si, escreveu sobre os outros: sociedade, educação, política.

Essa história de vida registrada pela escrita entrecruzada com as mensagens governamentais e os discursos impressos permitiu-nos investigar a função do constituir-se e do ser professora no Piauí no século XX, trazendo os seguintes resultados:

Esse período foi marcado pelas divergências entre as ideias dos católicos e as daqueles que defendiam uma escola leiga. Os primeiros defendiam uma escola normal católica, apontando os professores da escola leiga como “monstros”, “mercadores da ciência”, “pedantes perversos” e “lobo voraz”. Segundo essa concepção, as normalistas eram um “bando descuidoso”, um “verdadeiro fracasso”, termos propagados pelo jornal O Apóstolo, mantido pela Igreja católica. A corrente da escola leiga tinha como seus principais defensores Abdias Neves, Matias Olímpio, Luís Correia e Anísio Brito, que publicaram vários artigos em

jornais entre 1913 e 1914, defendendo o método sintético e uma educação em que a criança fosse a preocupação central.

Nesse primeiro momento, de 1922 a 1928, período da formação de Nevinha Santos na Escola Normal do Piauí, os discursos apontavam a educação como dever e patriotismo, espírito de civilização e grandeza de nacionalidade. Nesse contexto, a mulher na escola primária era uma ideia-símbolo da sociedade moderna, por suas características naturais de preceptora e santificadora, desde que também incorporasse características progressistas, científicas e inovadoras no ensino. Ser professora normalista era ser missionária, vocacionada e ter o magistério como sacerdócio

Essa professora moderna deveria abandonar o método mnemônico e voltar-se para o experimental, tendo Kant como inspiração. Aprendia ainda que a palmatória era algo atrasado, sendo o método intuitivo e as lições de coisas, bases das novas práticas. A maioria das normalistas se confinava na capital em virtude das péssimas condições de trabalho em longínquas regiões e, mesmo a profissão tendo um alto grau de elevação social, era mal remunerada e mal assistida pelos governos. Os discursos oficiais ressaltavam as dimensões de missionárias e vocacionadas como meios de incentivaram as professoras a não reagirem diante das situações de injustiça contra a profissão e a se conformarem com o manto de glória que a cobriam mesmo com a baixa remuneração e as péssimas condições de trabalho.

As normalistas, por sua vez, se apropriaram da ideia de magistério como extensão do lar e da maternidade, o que silenciou a luta por melhorias quanto ao exercício da profissão. Ser professor no Piauí nas primeiras décadas do século XX tinha então como representação maior a normalista missionária, mãe, salvadora da pátria, com alto *status* social e aura gloriosa, o que servia para esconder os salários baixos, a falta de um estatuto para profissão e as deploráveis condições de trabalho, principalmente no interior do estado. Esses pensamentos, ideias e práticas formaram a base de implantação dos Grupos Escolares.

No segundo momento, de 1928 a 1957, período em que Nevinha exerceu o magistério como professora e diretora do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, o quadro educacional era também marcado pela falta de garantia de melhores condições de trabalho aos professores e ainda pela situação financeira difícil do Estado, descrita pelos governos como caótica.

A partir de 1932 os ideais da escola nova já começavam a ser expandidos pelas escolas piauienses, fruto da participação do diretor da instrução pública, Martins Napoleão, na IV Conferência Nacional de Educação, em 1931. Ser professor nesse momento estava

permeado das ideias de catalisar as lições para os interesses coletivos dos alunos, formar um sentimento cívico, exaltar o amor a raça e estimular a educação física.

Em 1935, com Leônidas Melo no governo, que o exerceu até o fim do Estado Novo, houve uma maior preocupação com o delineamento da função professor, a qual se caracterizava como instrumento de inculcação das ideias do período getulista, buscando-se formar a criança para o engrandecimento da pátria e a reafirmação do Estado Novo como um Brasil grande, forte, disciplinado e civilizado.

A aura de glória e de reconhecimento social que cobriu o magistério primário no Piauí no início do século XX começou a falir no período getulista, quando o governo, reconhecendo a desvalorização docente – com baixos salários, condições péssimas de trabalho, surgimento de doenças como a neurastenia adquirida pela profissão, perda de entusiasmo por parte das normalistas no interior do estado -, concedeu uma gratificação de 30% por cento no segundo turno, o que foi considerado muito pouco pelas professoras.

O governo Rocha Furtado (1947-1951), um dos mais conturbados da história do Piauí, chegou a atrasar oito meses de salários ao funcionalismo, sempre alegando que a falta de investimentos na instrução pública era devida ao desequilíbrio orçamentário do Estado. Todavia, embora em situação precária, os professores eram conclamados pelo governo a se manterem na sala de aula em função da abnegação e do amor ao magistério, o que consolidava a desvalorização da profissão docente.

O terceiro momento, de 1957 a 1999, foi o período em que a professora Nevinha Santos aposentou-se, quando então se surpreendeu com a maneira de ser professor no Piauí, situação flagrante no salário que recebia como aposentada e nas greves dos anos 1990. Esse quadro educacional com que deparou se delineou nos anos de 1960 do século XX, marcado pelas discussões da LDB 4024/61 e pelas transformações ocorridas com o salário-educação mantido pelo FNDE, a implantação do PABAE e a Constituição de 1967, a qual estendeu para oito anos a gratuidade e a obrigatoriedade do ensino, aumentando o tempo de escolaridade e retirando a vinculação constitucional dos recursos. Essa conta teria que ser paga por alguém - o corpo docente.

A expansão da escola pública ocorreu desordenadamente, aumentando-se o número de prédios e contratando-se professores em sua maioria sem concursos e sem consciência da luta, o que resultou num processo intenso e acelerado da proletarização da profissão, em contraposição à profissionalização tão almejada. Nesse contexto, em 1968, é criada a APEMOP, primeira iniciativa de organização sindical dos professores estaduais.

Nos anos de 1970 houve amplos debates a respeito da LDB 5692/71, investimentos educacionais do convênio MEC/BIRD/ESTADO e o estatuto do magistério. No final dessa década, os números mostravam o processo de retraimento do ensino de 2º grau tanto na capital como no interior. A falta de recursos provocou o desaceleramento do processo educativo, a carência de pessoal com qualificação e a saída da classe média da escola.

Nos anos de 1980, em relação à valorização do magistério, foi consolidado o projeto Logos II, ocorrendo ainda debates acerca das mudanças contidas na nova Constituição e ainda discussões sobre a nova lei da educação, aprovada oito anos mais tarde. O quadro educacional piauiense, por sua vez, estava caracterizado, por uma má utilização da jornada escolar, ensino multisseriado na zona rural, metodologias inadequadas, autoritarismo na relação professor-aluno, falta de compromisso com o ensino público, deficiência na avaliação de ensino-aprendizagem, inadequação dos currículos à cultura local, má remuneração e falta de qualificação dos professores.

Em 1990, os alunos do Piauí perderam o ano letivo, em virtude da ocorrência da maior greve na história do estado, no período de agosto de 1990 a abril de 1991, sendo que, com isso, o sindicato dos professores se fortaleceu.

Ser professor representava ganhar pouco, não pagar as contas em dia, ter baixa autoestima, salários atrasados e participar de greves. Toda essa situação causou surpresas à professora Nevinha e foi tema de sua escrita. Seu espanto se respaldou no fato de sua formação como normalista ser considerada como unificadora de saberes e difusora de uma metodologia moderna a substituir um quadro de professores mestres-escola, leigos, assistemáticos, incipientes e mal pagos. Além disso, havia o *glamour* associado à normalista, embora as condições de trabalho e os salários não fossem condizentes, tendo a profissão grande reconhecimento social.

O final do século XX trouxe prenúncios de que o início do século XXI, com a LDB 9394/96 e o fortalecimento do sindicato dos professores estaduais, haveria uma maior valorização do professor pelo menos no sentido de garantir salários pagos no vencimento, gestão democrática, planos de cargos e salários, conservação das escolas e a garantia da profissionalização através de um estatuto e rendimentos respeitosos que levassem à conquista da autonomia da profissão.

Nevinha Santos faleceu em 1999, sem ver a utopia de uma profissão docente valorizada pelo Estado do Piauí e, embora tenha assistido à proletarização dos profissionais de educação, até o final dos seus dias, orgulhava-se de ser professora. Sua história oferece uma

oportunidade de se repensar a profissão docente, não adotando um discurso de vitimização, segundo o qual o professor é sempre vítima, mas entendendo que o diálogo com os professores e a compreensão de que eles são os sujeitos de seu fazer deve contribuir para um compartilhar de experiências, buscando-se assim elevar o grau de valorização desses profissionais.

Ao chegar ao final desta tese, não pretendo produzir conclusões fechadas. Prefiro optar pela incompletude como possibilidade, pois acredito que estamos sempre em processo de construção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros, dissertações, teses e artigos de revistas

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2006.

ALMEIDA, Jane Soares. **Mulher e Educação a Paixão pelo Possível**. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. Mulheres na educação: Missão, vocação, destino? In: **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. - (Coleção Educação contemporânea).

AMADO, Janaína. **O Grande Mentiroso: Tradição, Veracidade e Imaginação em História Oral**. São Paulo: UNESP, 1995.

ANSART, Pierre. História e Memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. (Orgs.). **Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

BASTOS, Maria Helena Câmara; STEPHANOU, Maria. História, memória e história da Educação. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; STEPHANOU, Maria (Orgs.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. v.III – Séc. XX. Petrópolis, Vozes, 2005. p.416 a 429.

BASTOS, Maria Helena Câmara. Espelho de papel: a imprensa e a história da educação. In: ARAÚJO, José Carlos de Souza; GATTI JÚNIOR, Décio. (Orgs.) **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas, SP: autores associados; Uberlândia, MG: Edufu, 2002.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Grupos Escolares no Brasil: um novo modelo de escola primária. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; STEPHANOU, Maria. **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. V.III – Séc. XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p.67 a 76.

_____. Desfiles Patrióticos: memória e cultura cívica dos Grupos Escolares de Curitiba (1903-1971). In: VIDAL, Diana Gonçalves. (Org.). **Grupos Escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)**. p.299-321.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**, Obras escolhidas I, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

BEZERRA, Renato. **A história de Vila Imaculada Conceição a Porto: no século XXI**. Porto, PI: Infográfica São José, 2005.

BILAC, Olavo. **Poesias**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1964. p.261.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.p.183-191.

BRITO, Itamar Sousa. **História da Educação no Piauí**. Teresina: UFPI, 1996.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**. Bauru, SP: Edusc, 2004

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas**. 3. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

CARVALHO, Carlos Henrique de; ARAÚJO, José Carlos de; GONÇALVES NETO, Wenceslau. Discutindo a história da educação: a imprensa enquanto objeto de análise histórica (Uberlândia-MG, 193-1950). In: ARAÚJO, José Carlos de Souza; GATTI JÚNIOR, Décio. (Orgs.) **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas, SP: autores associados; Uberlândia, MG: Edufu, 2002.

CARVALHO, Carlos Henrique. **República e Imprensa: as influências do Positivismo na concepção de educação do professor Honório Guimarães; Uberabinha, MG 1905-1922**.2.ed.Uberlândia,MG:Edufu,2007.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CARDOSO, Elisângela Barbosa. **Múltiplas e Singulares: História e Memória de Estudantes Universitárias em Teresina (1930- 1970)**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2003.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Mulheres Plurais. Teresina: Edições Bagaço, 2005.

_____. Imagens tecidas pelo tempo: A mulher na sociedade Teresinense (1890-1930). In: EUGÊNIO, Joaquim Kennedy. (Org.). **Histórias de vários feitos e circunstâncias**. Teresina, PI: Instituto Dom Barreto, 2001.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2001.

CUNHA, Hygino. **O Ensino Normal no Piauí**. Teresina: Papelaria Piauiense, 1923.

CURY, Carlos R. J. **Ideologia e educação brasileira: católicos e liberais**. 4.ed. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1988.

_____. A educação como desafio na ordem jurídica. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira. FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de educação no Brasil**.3. ed.Belo Horizonte,MG: Autêntica, 2007.

DIEHL, Astor Antonio. **Do método histórico**. 2.ed. Passo Fundo,RS: UPF, 2001.

DUARTE, Renato. **Picos, os verdes anos cinquenta**. Recife, PE: Nordeste, 1995.

- ELIAS, Nobert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FÁVERO, Osmar. A Educação no Congresso Constituinte de 1966-67: contrapontos. In: FÁVERO, Osmar. (Org.). **A educação nas constituintes brasileiras (1823-1988)**. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Ser professor no Brasil: história oral de vida**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- FONTOURA, Maria Madalena. Fico ou vou-me embora? In: NÓVOA, Antonio (org.). **Vidas de professores**. Portugal: Porto editora, 1995.
- FERRO, Maria do Amparo Borges. **Educação e sociedade no Piauí republicano**. Teresina, PI: EDUFPI, 1996.
- FREIRE, Antonino. A mulher na escola primária. In: NEVES, Abdias (org.). **Litericultura**. Teresina: Imprensa Oficial, 1913.
- FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Vestidas de azul e branco**. Aracaju, SE: NPGED, 2003.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. Escola pública Brasileira na atualidade: Lições da história. In: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Demerval; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. (Orgs.). **A Escola Pública no Brasil: história e historiografia**. Campinas, SP: Autores Associados: Histedbr, 2005.
- GINSZBURG, Carlo. **O queijo e os Vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de Si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- GOODSON, Ivo F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, Antonio. (Org.). **Vidas de professores**. Portugal: Porto editora, 1995.
- FONTANA, Roseli A. Cação. **Como nos tornamos professoras?**Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003.
- FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Orgs.). **O método autobiográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988.
- GATTAZ, André Castanheira. Lapidando a fala bruta: a textualização em história oral. In: BOM MEIHY, José Carlos Sebe. (Org.). **(Re) introduzindo a história Oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda., 1990.
- HOBBSAWN, Eric. **A Era dos extremos: o breve século XX**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: Educa 2002.

KANT, Immanuel. **A crítica da razão pura**. São Paulo: abril, 1989.

LACERDA, Lilian Maria de. Lendo vidas: a memória como escritura autobiográfica. In: MIGNOT, Ana Crystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos. (Orgs.). **Refúgios do eu: educação, história, escrita Autobiográfica**. Florianópolis, SC: Editora Mulheres, 2000.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, Enxada e Voto**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997.

LEITE FILHO, Aristeo Gonçalves. Trajetórias e Ideias de Heloísa Marinho. In: KRAMER, Sonia (Org.). **Pesquisa e educação: história, escola e formação de professores**. Rio de Janeiro: Ravil, 1997.

LE GOFF, Jaques. História e Memória. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

_____. **São Luís**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. **A história Nova**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LEITÃO, Joaquim das Chagas. Picos. In: OLÍMPIO, Matias. et al. **O Piauí no Centenário de sua independência (1823-1923)**. Teresina: Papelaria Piauyense, 1923. p.131 a 140.

LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiographique**. Paris: Seuil, 1975.

LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes.; AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.p.167-182.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. Memória e estudos autobiográficos. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **A Aventura (auto) biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.599p.

LOPES, Antonio de Pádua Carvalho. **Superando a pedagogia sertaneja: Grupo Escolar, Escola Normal e Modernização da Escola primária pública piauiense (1908-1930)**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2001.

_____. Um viveiro muito especial: Escola Normal e profissão docente no Piauí. In: ARAÚJO, José Carlos de Souza.; FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de.; LOPES, Antonio de Pádua Carvalho (orgs.). **As escolas normais no Brasil: do império à república**. Campinas, SP: Alínea, 2008.

MACÊDO, Marly. **Memórias de professoras primárias no cotidiano das escolas públicas estaduais das zonas urbana e rural de Teresina (PI): 1960-1970**. 284f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, 2005.

MARTINS, José de Souza. **Subúrbio: vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo – São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha**. 2.ed. São Paulo: Huatec/Unesp, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2002.

MIGNOT, Ana Crystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos. (Orgs.) **Refúgios do Eu: educação, história, escrita autobiográfica**. Florianópolis, SC: Mulheres, 2000.

MIGNOT, Ana Crystina Venâncio. Em busca do tempo vivido: autobiografias de professoras. In: MIGNOT, Ana Crystina Venâncio; CUNHA, Ana Teresa Santos. (Orgs.). **Práticas de memória docente**. São Paulo: Cortez, 2003.

MIGNOT, Ana Crystina Venâncio. **Baú de Memórias, bastidores de Histórias: o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto**. Bragança Paulista: Edusf, 2003.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara. **Isabel Gondim: Uma nobre figura de mulher**. Natal, RN: Terceirize editora e gráfica, 2003.

MOTA, Diomar das Graças. **As mulheres professoras na política educacional no Maranhão**. São Luís: UFMA, 2003.

NASCIMENTO, Alcides Francisco. **A Cidade sob o fogo: Modernização e violência policial em Teresina (1937 – 1945)**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2002.

_____. Francisco Alcides de. Cidade e memória: o processo de modernização de Teresina nos anos de 1930 e 1940. In: EUGÊNIO, Joaquim Kennedy. (Org.). **Histórias de vário feito e circunstância**. Teresina, PI: Instituto Dom Barreto, 2001.

NERUDA, Pablo. **Confesso que vivi: memórias**. Rio de Janeiro: Difel, 1977. p.4

NEVES, Margarida de Souza. [Apresentação]. In: MIGNOT, Ana Crystina Venâncio. **Baú de Memórias, bastidores de Histórias: o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto**. Bragança Paulista: Edusf, 2003.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a Problemática dos lugares**. In: Projeto História. São Paulo: PUC, n.10, pp.07-28, dezembro de 1993.

NÓVOA, A. [Prefácio]. In: ABRAHÃO, M.H.M. B. (Org.). **História e histórias de vida destacados educadores fazem a história da educação rio grandense**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p.7-12.

_____.Antonio.Os professores e as histórias de sua vida. In: NÓVOA, Antonio. (Org.) **Vidas de Professores**. Portugal: Porto editora, 1995.

NUNES, Clarice. Memória e História da Educação: entre práticas e representações. In: LEAL, Maria Cristina; PIMENTEL, Marília Araújo Lima.; (Orgs.). **História e Memória da Escola Nova**. São Paulo: Loyola, 2003.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. **Revista da associação Brasileira de História oral**, São Paulo, v.3, n.3, jun.2000.

PERROT, Michele. **Mulheres Públicas**. São Paulo: Unesp, 1998.

_____. **Minha História das mulheres**. São Paulo, Contexto, 2007.

_____. Práticas da Memória Feminina. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.9, n.18, p.9-18, ago./set.1989.

PINHEIRO, Áurea Paz. **Notas sobre História, memória e Biografia**. Teresina: UFPI, 2002.

_____. **As ciladas do Inimigo**: As tensões entre clericais e anticlericais no Piauí nas duas primeiras décadas do século XX. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p.3-15, 1989.

QUEIROZ, Teresinha. **Educação no Piauí**: (1889-1930). Teresina: Ètica, 2008

REGO, Teresa Cristina; AQUINO, Julio Groppa; OLIVEIRA, Marta Kohl. Narrativas Autobiográficas e constituição de subjetividades. In: SOUSA, Eliseu Clementino. **Autobiografias, histórias de vida e formação**: pesquisa e ensino. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

RICOER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Joselina Lima Pereira. **Geografia e História do Piauí**. Teresina, PI: Halley S.A, 2004.

SANTOS, Kleber Montezuma Fagundes. **O movimento dos professores da APEP e a construção de uma nova cidadania em Teresina 1978/1982**. 146f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, 1995.

SANTOS JÚNIOR, Luiz Ayrton. Medicina e cultura popular no Piauí. In: SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de. **Apontamentos para história cultural do Piauí**. Teresina, PI: Fundapi, 2003.

SAVIANI, Demerval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. Campinas, SP: Autores associados, 2007.

SENNET, Richard. **O Declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. 6.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SOARES, Norma Patrycia Lopes. **Escola Normal em Teresina (1864-2003)**: Reconstruindo uma memória da formação de professores. Teresina: Unidas, 2008.

SOUSA, Maria Cecília Cortez Cristiano de. **Escola e Memória**. Bragança paulista: EDUSF, 2000.

SOUSA, Jane Bezerra de. **Picos e a consolidação de sua rede escolar**: do Grupo Escolar ao Ginásio Estadual. 158f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, 2005.

SOUZA, Elizeu Clementino. **O conhecimento de si: Estágio e narrativas de formação de professores.** Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: UNEB, 2006a.

_____. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, Natal, v.25, n.11, p.22-39, jan./abr. 2006b.

STANO, Rita de Cássia M.T. **Identidade do professor no envelhecimento.** São Paulo: Cortez, 2001.

TAMBARA, Elomar. Profissionalização, escola normal, feminização e feminilização: magistério sul-rio-grandense de instrução pública – 1880/1935. In: HYPOLITO, Álvaro Moreira; VIEIRA, Jarbas Santos; GARCIA, Maria Manuela Alves. (orgs.) **Trabalho docente: formação e identidades.** Pelotas, RS: Seiva, 2002.

TAVARES, Zózimo. **O Piauí no Século XX: 100 fatos que marcaram o Estado de 1900 a 2000.** 4.ed. Alínea Publicações Editora, 2003.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser.** Rio de Janeiro: Zahar editores S.A, 1981.

VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Org.). **Domínios da história: Ensaio de Teoria e Metodologia.** Rio de Janeiro: Ed. Campos, 1993.

_____. **Os protagonistas anônimos da história.** Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VALDEMARIN, Vera Teresa. Os sentidos e a experiência. In: SAVIANI, Demerval. (Org.). **O legado educacional do século XX no Brasil.** Campinas, SP: Autores Associados, 2004. - (Coleção Educação contemporânea).

VIANA, Maria José Motta. **Do sótão a vitrine.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995.

VIEIRA, Maria Alveni Barros. **Educação e Sociedade Picoense: 1850 a 1930.** Teresina: EDUFPI, 2005.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo.; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha.; KHOURY, Yara Maria Aun. **A pesquisa em história.** 4. ed. São Paulo: Ática, 1998.

Matérias de jornais e periódicos

ALBANO, Ozildo. **Coelho Rodrigues.** 1987. [Mimeografado]. Museu Ozildo Albano.

BARROS, Adalgisa Nunes de. Sete de Setembro. **Diário Oficial**, Teresina, PI, 07 de set.1938. p.5.

CAMPELO, Jandira. Escola Normal. **O Piauí**, n.17, ano XXXVII, Teresina, PI, 20 jan.1925.p.4.

CARVALHO, Epifânio. Escola Normal Antonino Freire. **O Piauí**, n.422, Teresina, PI, 16 dez.1948.

CASTELO BRANCO, Christino.Homenagem as normalistas.**Revista da academia Piauíense de Letras**,ano XI,n.12,Teresina,PI, Typografia D'o Piauí,1928.p.148.

CHEGADAS, **O Aviso**, Picos, 28 de Fevereiro de 1929.p.3.

CONSELHO municipal: lei nº18, **O Aviso**, Picos, PI, 15 out.1921.

DR.VAZ da Silveira. **Diário Oficial**, n.6, Teresina, PI, 10 jan. 1938.p.3.

EM PRATOS Limpos, **O Apóstolo**, Teresina, PI, 03 jul.1910, p.1.

ESCOLA Normal do Piauí, **Revista da Academia Piauíense de Letras**, Teresina, PI, nºI, Anno II, 1919.

EXCURSÃO interventorial. **Diário Oficial**, n.10, Teresina, PI, 14 jan.1942, p.1.

GONÇALVES, Maria Cacilda Ribeiro Gonçalves. Educação Nacional. **Diário Oficial**, Teresina, PI, n 131, 12 jun.1936.p.4.

GONÇALVES, Elisa. Discurso da colação de grau das normalistas de 1992. In: CUNHA, Higinio. **O Ensino Normal no Piauí**. Therezina: Papelaria Piauíense, 1923.p.5.

GRUPO ESCOLAR, **O Aviso**, Picos, 28 de fevereiro de 1929.p.3.

HOMENAGEM do Instituto geográfico à faculdade de Sabará. **O Acadêmico**, n.116, ano 9, Sabará, MG, fev/2009.

INAUGURAÇÃO da linha aérea Teresina-Picos. **Diário Oficial**, n.158, Teresina, PI, 14 jul.1939.

MARANHÃO, Natacha. Instituto de educação completa 88 anos. **Jornal Meio Norte**, n. 1229, Teresina, PI, 15 mai 1998.

MELO, Isabel Cardoso. Aprendeu com Higinio Cunha e ensinou a Helvídio Nunes. **Jornal Meio Norte**, n. 1062, Teresina, PI, 29 Nov 1997.

MENDES, Simplício. O problema da educação nacional. **O Piauí**, n.526, Teresina, PI, 24 nov.1921, p.1.

MORREU Ewerton. **Jornal O Estado**. Teresina, PI, 21 jun.1974.p.3.

O ENSINO primário, **Diário do Piauí**, Teresina, PI, 26 nov.1913.

O MAGISTÉRIO, **O Apóstolo**, Teresina, PI, 30 jun.1907, p.2.

O SEU aniversário amanhã. **Diário Oficial**, n.6, Teresina, PI, 10 jan.1938.p.1.

SANTOS, Maria Reis. Liga Brasileira contra o analfabetismo. **O Aviso**, Picos, PI, n.122, 15 de out.1921.p.2.

SANTOS, Nevinha. Decadência do Estado Novo, **Jornal Meio Norte**, Teresina, PI, 22 set. 1997a.p.3. (Caderno Alternativo).

_____.Adorei e me sentia muito feliz em ser professora. **Jornal Meio Norte**, n. 1024, Teresina, PI, 22 out.1997b. p.3. (Caderno Alternativo).

_____.Lembrando “marruás” e minha cidade natal, **Jornal Meio Norte**, n.1081, Teresina,PI, 18 dez.1997c. (Caderno Alternativo).

_____.Lembranças de Maria. **Jornal Meio Norte**, n.1081, Teresina, PI, 18 dez 1997d. (Caderno Alternativo).

_____. Saudades de uma infância em contato com a natureza. **Jornal Meio Norte**, n. 1116, Teresina, PI, 22 jan 1998a. (Caderno Alternativo).

_____. A beleza e a simplicidade de uma Teresina Antiga. **Jornal Meio Norte**, n. 1147, , Teresina, PI, 22 fev 1998b. (Caderno Alternativo).

_____. Um encontro cheio de muita saudade. **Jornal meio Norte**, n. 1175, Teresina, PI, 22 mar 1998c. (Caderno Alternativo).

_____. Um sonho. **Jornal Meio Norte**, n.1206, Teresina, PI, 22 abr. 1998d. (Caderno Opinião).

_____. Lembranças de uma infância feliz. **Jornal Meio Norte**, n.1236, Teresina, PI, 22 maio 1998e. (Caderno Alternativo).

_____. Reminiscências. **Jornal Meio Norte**, n.1267, Teresina, PI, 22 jun 1998f. (Caderno Alternativo).

_____. Um Certo Coronel Francisco Santos..**Jornal Meio Norte**,n. 1298, Teresina, PI, 23 jul 1998g. (Caderno Alternativo).

_____.Uma Volta ao Passado,**Jornal Meio Norte**, n.1398 Teresina, PI, 22 ago.1998h. (Caderno Alternativo).

_____.Uma rua para Maria. **Jornal Meio Norte**, n.1361, Teresina, PI, 24 set. 1998i. (Caderno Alternativo).

_____.A última viagem que fiz a minha terra. **Jornal Meio Norte**, n. 1429, Teresina, PI, 01 dez. 1998j. (Caderno Alternativo).

_____. A vida é um quadro permanente. **Jornal meio Norte**, Teresina, PI. [1999?]

SINDICATO Condor Limitada, **Diário Oficial**, n.158, Teresina, PI, 14 jul.1939.p.3.

Leis, decretos, relatórios e mensagens.

BRASIL, Lei nº 4024 de 20 de dezembro de 1961. In: **DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL**. Coleção A.E.C. 3.ed.Riode Janeiro:GB,1968.

BRASIL, Lei nº 5537 de 21 de novembro de 1968. Cria o Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação e Pesquisa (INDEP), e dá outras providências. Brasília, DF, **Diário Oficial da União**, 22 de novembro de 1968.

BRASIL, Lei nº 4440 de 27 de outubro de 1964. Institui o salário educação e dá outras providências. Brasília, DF, **Diário Oficial da União**, 29 de outubro de 1968.

BRASIL, Lei nº 5692 de 11 de agosto de 1971. Fixa diretrizes e bases para o ensino do 1º e 2º graus. Brasília, **Diário Oficial da União**, 18 de agosto de 1971.

BRASIL, Decreto nº 7044 de 18 de outubro de 1982. Altera dispositivo da lei 5692/71 referentes a profissionalização do ensino de 2º grau. Brasília, DF, **Diário Oficial da União**, 19 de outubro de 1982.

BRASIL, Lei nº9394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as bases e diretrizes da educação nacional. Brasília, DF, **Diário Oficial da União**, 23 de dezembro de 1996.

PIAUHY, **Código das leis piauienses**. Tomo 6. Parte 1ª Lei Provincial nº 198, de 04 de Outubro de 1845. Da providência sobre a instrução pública. Oeiras do Piauí; Typographia Provincial 1845.

PIAUHY, **Código das leis piauienses**.1864. Resolução nº 565 de 05 de agosto de 1864. Autoriza o presidente da província a criar nesta capital uma escola normal constituída em externato. San'Luiz: Typ.B.de Mattos,1865.

PIAUHY, **Código das leis piauienses**. 1867. Resolução nº 599 de 09 de outubro de 1867. Restaura o Liceu Piauiense. San'Luiz: Typ.B.de Mattos,1867.

PIAUHY, **Código das leis piauienses**. 1882. Resolução nº 1.062 de 15 de junho de 1882. Cria na capital da província uma escola normal destinada a formar professores para o ensino primário. Tomo 37. Parte1ª, seção 1. Therezina, 1882 (p.97-100)

PIAUHY, Governador, 1896-1900 (Raimundo Artur de Vasconcelos) **Mensagem apresentada à Câmara legislativa, pelo Exmo. Sr.Governador do Estado, em 1899**. Theresina: Piauí, 1899.

PIAUHY, **Leis e decretos do estado do Piauí do ano de 1910**. Decreto nº 434, publicado em 19 de abril de 1910. Expede regulamento para a instrução pública do Estado. Theresina: Imprensa Oficial, 1913.

PIAUHY, **Leis e decretos do estado do Piauí do ano de 1910**. Decreto nº 548, publicado em 30 de março de 1910. Reforma a instrução pública do estado. Therezina:Imprensa Oficial – 1912.

PIAUHY, Governador, 1912-1916 (Miguel de Paiva Rosa) **Mensagem apresentada à Câmara legislativa, pelo Exmo. Sr.Governador do Estado, em 04 de junho de 1914.** Theresina: Typ. Paz, 1914.p.2.

PIAUHY, Governador, 1920-1924 (João Luiz Ferreira) **Mensagem apresentada à Câmara legislativa, pelo Exmo. Sr.Governador do Estado, em 01 de junho de 1922.** Theresina: Typ. O Piauhy,1922.

PIAUHY, Governador, 1925-1928 (Matyas Olympio de Melo) **Mensagem apresentada à Câmara legislativa, pelo Exmo. Sr.Governador do Estado, em 01 de junho de 1928.** Theresina: Piauhy, 1928.

PIAUHY, Governador, 1928-1930 (João de Deus Pires Leal) **Mensagem apresentada à Câmara legislativa, pelo Exmo. Sr.Governador do Estado, em 01 de junho de 1929.** Theresina: Imprensa Oficial, 1929.p.61.

PIAUHY, Governador, 1928-1930 (João de Deus Pires Leal) **Mensagem apresentada à Câmara legislativa, pelo Exmo. Sr.Governador do Estado, em 01 de junho de 1930.** Theresina: Imprensa Oficial, 1930.p.60.

PIAUHY, Diretoria da Instrução Pública. **Relatório da Instrução Pública apresentado pelo director Martins Napoleão em 1932.** Teresina, PI, Caixa da instrução Pública, n.1, Arquivo Público do Estado do Piauí, 1932.p.2. [manuscrito]

PIAUHY, Governador, 1937-1945 (Leônidas de Castro Melo) **Mensagem apresentada à Câmara legislativa, pelo Exmo. Sr.Governador do Estado, em 01 de junho de 1936.** Theresina: Imprensa Oficial, 1936.

PIAUHY, Governador, 1947-1951 (José da Rocha Furtado) **Mensagem apresentada à Câmara legislativa, pelo Exmo. Sr.Governador do Estado, em 01 de junho de 1950.** Theresina: Imprensa Oficial, 1950.

PIAUHY, Diretoria da Instrução Pública. **Relatório dos funcionários do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, 1942.** Caixa da Instrução pública, n.1. Arquivo Público do Estado do Piauí. Teresina, PI. [manuscrito].

PIAUÍ, Secretaria Estadual de Educação. **Cadastro de Maria das Neves Cardoso Santos.** Arquivo da Secretaria Estadual de Educação. Teresina, PI, 1957. [pasta no cadastro de pessoal].

PIAUÍ. **Leis e Decretos do Estado do Piauí do ano de 1963.** Lei nº2489 de 20 de novembro de 1963. Cria o Conselho Estadual de Educação. Teresina: Imprensa Oficial, 1963.

PIAUÍ. **Leis e Decretos do Estado do Piauí do ano de 1968.** Lei nº2887 de 05 de julho de 1968. Institui o Sistema de Ensino do Estado do Piauí. Teresina: Imprensa Oficial, 1968.

PIAUÍ. **Leis e Decretos do Estado do Piauí do ano de 1974.** Lei nº3273 de maio de 1974. Disciplina o Sistema de Ensino do Estado do Piauí. In: BRITO, Itamar. História da Educação no Piauí, Teresina, PI: UFPI, 1996.

PIAUI. **Leis e Decretos do Estado do Piauí do ano de 1974**. Lei nº3278 de 10 de julho de 1974. Cria o Estatuto do Magistério Público do Piauí. In: BRITO, Itamar. História da Educação no Piauí, Teresina, PI: UFPI, 1996.

PICOS. Prefeitura Municipal. **Relatório da situação do município de Picos apresentado ao Interventor Federal do Estado do Piauí pelo prefeito nomeado, Plínio Mozart de Moraes, 1931**. [Manuscrito].

PICOS. **Termo de compromisso da Prefeitura Municipal de 1936 a 1948**. [manuscrito].

PICOS. Conselho de Inspeção do Grupo Escolar Coelho Rodrigues. **Relatórios registrados no livro de termos de inspeção do referido grupo. 1932 a 1954**. [manuscrito].

SOCIEDADE BRASILEIRA DE INSTRUÇÃO. **A instrução Pública no Piauí**. Therezina: Papelaria Piauiense, 1922. (lei nº1027, de 03 de julho de 1922)

Páginas e documentos consultados via internet

ANDRÉ, Marli E.D.A.; CANDAU, Vera Maria. **O projeto Logos II e sua atuação aos professores leigos do Piauí**: um estudo avaliativo. Comunicação apresentada no II Seminário regional de Pesquisa em Educação. Belo Horizonte, MG, outubro de 1983. <Disponível em>: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/567.pdf>, Acesso em 08 de set.2009.

MULLER, Maria Lúcia Rodrigues. **As Construtoras da Nação**: Professoras primárias na Primeira República. In: CBHE, 1.2000, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos... Rio de Janeiro: SBHE, 2000. Disponível em <[HTTP://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/111-maria-lucia-r.pdf](http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/111-maria-lucia-r.pdf)>. Acesso em: 16 set.2005.

PIAUI. **Mapa do Piauí**, color., Escala1: 600:000. Disponível em: <<http://webcarta.net/carta/mapa.php?id=248&lg=pt.>>Acesso em 03 de setembro de 2008.

Entrevistas

ALENCAR, José Odon Maia. José Odon Maia Alencar: **Depoimento** [abr.2008]. Entrevistadora: Jane Bezerra de Sousa. Teresina-PI, 2008.2 cassetes sonoros. Entrevista concedida para elaboração da Tese da entrevistadora.

BARROS, Moisés dos Martírios Barros. Moisés dos Martírios Barros: **Depoimento** [fev.2009]. Entrevistadora: Jane Bezerra de Sousa. Teresina-PI, 2009.2 cassetes sonoros. Entrevista concedida para elaboração da Tese da entrevistadora.

BRITO Ana Rosa de Lima. Ana Rosa de Lima Brito: **Depoimento** [dez.2003]. Entrevistadora: Norma Patricya Lopes Soares. *Norma Patricya Lopes Soares*. Teresina-PI, 2003.2 cassetes sonoros. Entrevista concedida para elaboração da dissertação da entrevistadora.

CLERTON, Maria das Neves Santos. Maria das Neves Santos Clerton: **Depoimento** [jul.2009] Entrevistadora: Jane Bezerra de Sousa. *Jane Bezerra de Sousa*. Teresina, PI, 2009.2 cassetes sonoros. Entrevista concedida para elaboração da Tese da entrevistadora.

EULÁLIO, Maria Avani Portela Santos Neiva. Maria Avani Portela Santos Neiva Eulálio. **Depoimento** [jul.2009] Entrevistadora: Jane Bezerra de Sousa. *Jane Bezerra de Sousa*. Teresina, PI, 2009.2 cassetes sonoros. Entrevista concedida para elaboração da Tese da entrevistadora.

FERREIRA, Maria do Socorro Cardoso. Maria do Socorro Cardoso Ferreira: **Depoimento** [fev.2008]. Entrevistadora: Jane Bezerra de Sousa. Teresina-PI, 2008.2 cassetes sonoros. Entrevista concedida para elaboração da Tese da entrevistadora.

LIMA, Manoel Rodrigues Lima. Manoel Rodrigues Lima: **Depoimento** [fev.2009] Entrevistadora: Jane Bezerra de Sousa. Teresina-PI, 2009.2 cassetes sonoros. Entrevista concedida para elaboração da tese da entrevistadora.

MARTINS, José Eulálio. José Eulálio Martins: **Depoimento** [mar.2008] Entrevistadora: Jane Bezerra de Sousa. Teresina-PI, 2008.2 cassetes sonoros. Entrevista concedida para elaboração da Tese da entrevistadora.

MELO Isabel Cardoso. Isabel Cardoso de Melo: **Depoimento** [set.2008] Entrevistadora: Jane Bezerra de Sousa. Teresina-PI, 2008.2 cassetes sonoros. Entrevista concedida para elaboração da tese da entrevistadora.

SANTANA, Maria de Jesus da Silva. Maria de Jesus da Silva Santana. **Depoimento**. [11/09/2003] Entrevistadora: Norma Patrycia Lopes Soares. Teresina-PI, 2003.2 cassetes sonoros. Entrevista concedida para elaboração da dissertação da entrevistadora.

SILVA, Jovina. Jovina da Silva. **Depoimento** [25/11/2003] Entrevistadora: Norma Patrycia Lopes Soares. Teresina-PI, 2003.2 cassetes sonoros. Entrevista concedida para elaboração da dissertação da entrevistadora.

SANTOS, Luiz Ayrton Santos. Luiz Ayrton Santos: **Depoimento** [fev.2009] Entrevistadora: Jane Bezerra de Sousa. Teresina-PI, 2009.2 cassetes sonoros. Entrevista concedida para elaboração da tese da entrevistadora.

SANTOS JÚNIOR, Luiz Ayrton. Luiz Ayrton Santos Júnior: **Depoimento** [abr.2008] Entrevistadora: Jane Bezerra de Sousa. Teresina-PI, 2008.2 cassetes sonoros. Entrevista concedida para elaboração da tese da entrevistadora.

ANEXOS

ANEXO A – Fotografias



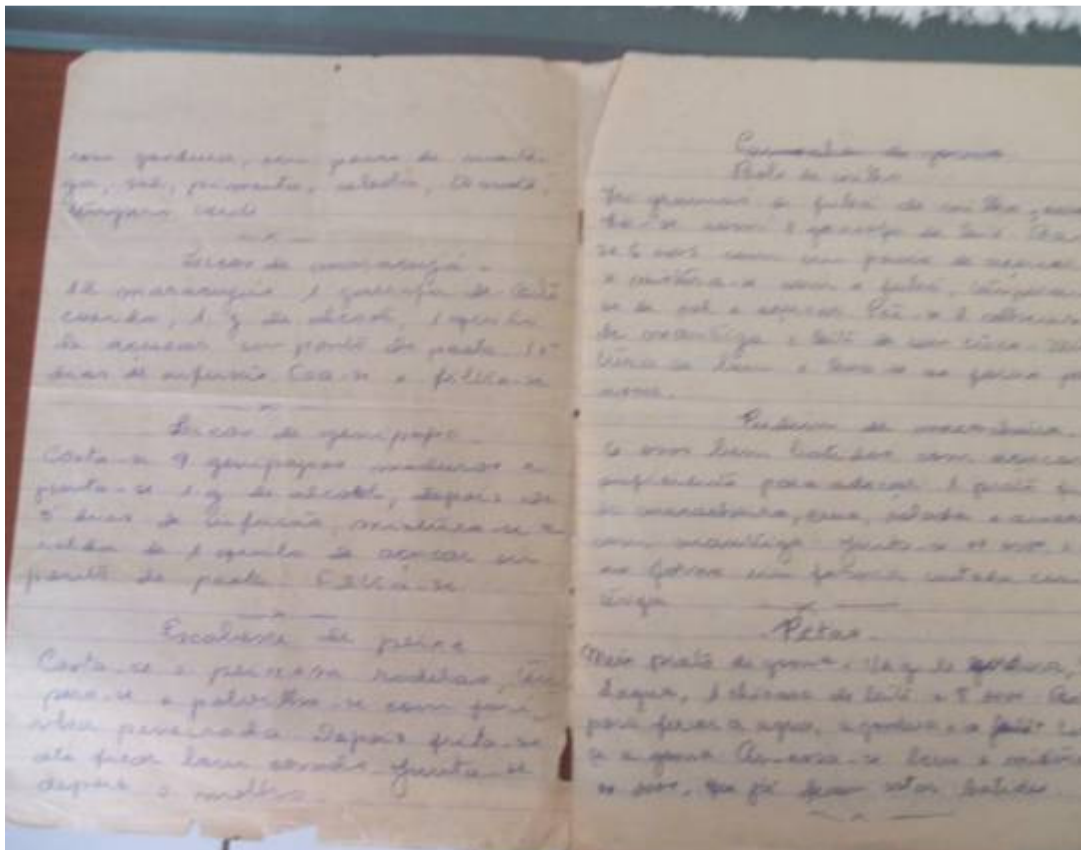
Aniversário de 80 anos da professora Nevinha Santos.



Professora Nevinha Santos com o filho Luiz Ayrton e a nora Maria Carvalho Santos



Agulhas de tricô de prata da professora Nevinha Santos



Cadernos de Receitas da Professora Nevinha Santos



Casaco de tricô da Professora Nevinha Santos



Óculos da Professora Nevinha Santos



Lina Rodrigues – Mãe da professora Nevinha Santos.

ANEXO B – Textos publicados no Jornal Meio Norte

nº 994 - Alter. notív. p. 3

ALTERNATIVO ■ Segunda-feira, 22 de setembro de 1997 ■ MEIO NORTE ■ 3

■ **A QUEDA** / Aos 88 anos, professora lembra período doloroso que marcou o declínio de Getúlio Vargas

A decadência do "Estado Novo"

NEVINHA SANTOS
ESPECIAL PARA O MEIO NORTE

Faz mais de cinquenta anos da "Queda" da era Getúlio Vargas.

E não sei por que, aos 88 anos de idade, resolvi lembrar um passado muito distante, mas que me doeu demais.

Foi o fim do "Estado Novo", e naquele dia muita gente da cidade de Picos que odiava o presidente Vargas, e odiava mais ainda as pessoas que estavam no "Poder" naquela comunidade e que galgaram posições políticas, cargos importantes e que detinham o mando em suas mãos.

Até hoje, depois de longos anos, ainda sentimos a inveja, o ódio, o despeito de alguns. Isso passou de pais para filhos e de filhos para netos.

Nunca perdoaram uma jovem professora, de outro lugar, se tornar a primeira dama de uma cidade importante, mesmo sendo ela piauiense preparada e educada.

Naquela cidade que morei e onde nasceram todos os meus filhos e que a adotei como minha por toda a vida, por diversas vezes assisti cenas deprimentes.

Quando o presidente Getúlio Vargas caiu, caiu também o prefeito de Picos, meu esposo. A notícia da "Queda" chegou de surpresa, inesperadamente, e a cidade ficou em polvorosa. Uma minoria de seus habitantes saiu para as ruas gritando horrores. Foi um triste espetáculo. Descontrolado o povo, junto aos chefes e chefetes, todos começaram a destruição de tudo que encontravam pela frente.

Aproveitaram a ausência do prefeito, pois eles o conheciam muito bem e sabiam perfeitamente que ele não admitiria passivamente aquela destruidora e audaciosa invasão. E na loucura de se locupletarem no poder começaram destruindo parte da mureta do prédio da Prefeitura Municipal, entraram para o jardim e arrancaram todas as plantas, jogando-as nas ruas: Enfurecidos, foram quebrando todos os móveis que iam encontrando pela frente. Retiraram das paredes todos os quadros,

quando os aviadores voavam, quase tocando os morros verdinhos da cidade e jogando ramalhetes de rosas e cartões, parabenizando o povo pelo grande acontecimento. À noite, a festa na residência do prefeito foi linda. E, para abrilhantar mais ainda o acontecimento, um dos aviadores se apaixonou por uma jovem filha da terra e o prefeito foi escolhido para pedi-la em casamento aos seus pais. O pedido foi aceito e, posteriormente, vieram a se casar e a residir no Rio de Janeiro, onde foram muito felizes. A moça escolhida foi Adalgisa Nunes de Barros, professora, bonita e minha amiga.

O prefeito, posteriormente, com a ajuda de seu pai, Coronel Francisco Santos, e de alguns amigos, saiu de sua terra, com boa votação, eleito deputado estadual. Apesar da grande obra prestada ao seu município, como prefeito e deputado estadual, os políticos da terra trabalharam para que ele fosse esquecido e ignorado por todos. Não existe naquela cidade nenhuma homenagem póstuma àquele que foi um dos melhores prefeitos da cidade modelo. Foi um administrador duro, enérgico e eficiente, amigo dos seus amigos, mas cruel com os adversários.

Ele morreu com uma grande mágoa e imensa tristeza de seus conterrâneos. Quando reconheceu que o seu estado de saúde era grave, chamou-me e disse: "Nevinha, quando eu morrer não leve meu corpo para Picos". Este pedido traduzia toda a dor, toda a mágoa que ele guardava. Os seus olhos se encheram de lágrimas e o meu coração doeu muito.

O Prefeito era meu marido; seu nome: ADALBERTO DE MOURA SANTOS.

Nevinha Santos

Das mais antigas professoras primárias do Piauí. Formada pela Escola Normal do Piauí, turma de 1928. Durante muito anos foi Diretora do Grupo Escolar "Coelho Rodrigues", de Picos. Atualmente com 88 anos de idade.



de presidentes da República, de governadores e prefeitos, de pintores famosos, e iam atirando-os pelo chão. Os estofados foram rasgados, os tapetes estragados, chifaras, copos e outros pequenos objetos foram atirados pelas janelas. Os foguetes escureciam as ruas da cidade e alguns deles caíam proposadamente no jardim da minha casa que ficava em frente à Prefeitura.

Vi, com tristeza, que naquela ridícula manifestação de ódio estavam alguns dos meus ex-alunos, que de mim receberam ensinamentos completamente diferentes daquele proselitismo.

O prédio da Prefeitura, recentemente construído e inaugurado, foi uma das grandes realizações do prefeito. A inauguração contou com a presença do Interventor do Estado, Dr. Leônidas de Castro Melo e de grande comitiva composta de políticos, desembargadores e suas famílias, secretários de Estado e pessoas da alta sociedade das cidades vizinhas.

O prefeito, de tradicional família da terra, foi reconhecidamente um grande administrador. Basta saber que àquela época não havia dinheiro fácil. Não existiam verbas, nem federais nem esta-

duais, tudo era feito com recursos próprios. Além de trazer a cidade limpinha e bem cuidada, o prefeito olhava para o interior do município, construindo escolas, estradas carroçáveis, açudes e muitos outros melhoramentos.

Na sede do município ele organizou uma garbosa "Banda de Música", somente com filhos da terra, que se achavam felizes e realizados. Fez calçamentos, esgotos, melhorou o sistema de iluminação, promoveu abertura de ruas e avenidas, paredes para segurança da maioria das casas que ficavam nas encostas dos morros. Construiu e inaugurou, com a presença do Interventor do Estado e de altas autoridades, a moderna Praça Félix Pacheco, que era linda e bem cuidada, mas que foi quase toda demolida pela ação dos vândalos, atualmente em decadência. Construiu, ainda, um belíssimo "Matadouro Modelo", cujo fim eu ignoro. Doou, de sua propriedade, um enorme terreno e nele construiu o "Campo de Aviação" e o inaugurou, trazendo de Teresina três aviões com autoridades, que voaram em céus picosenses pela primeira vez, num verdadeiro show de beleza, deixando o povo em delírio, correndo pelas ruas,

SANTOS, Nevinha. Decadência do Estado Novo, **Jornal Meio Norte**, Teresina, PI, 22 set. 1997a.p.3. (Caderno Alternativo).

ESPECIAL

"Adorei e me sentia muito feliz em ser professora"

NEVINHA SANTOS
ESPECIAL PARA O MEIO NORTE

Picos, 1929. As professoras, era como éramos chamadas pela população da cidade de Picos, onde fomos inaugurar o Grupo Escolar "Coelho Rodrigues", construído àquela época pelo Governo do Estado. Fomos três meninas-moças recém-diplomadas pela Escola Normal "Antonino Freire", Ricardina, Alda e Nevinha, que fomos assumir esta enorme responsabilidade.

Foi no dia 29 de janeiro de 1929, que acompanhadas pelo poderoso chefe político do município, coronel Francisco Santos, um senhor austero, educado, simpático, que nos veio buscar em Teresina e assumir com nossas famílias de nos levar e ter conosco certas responsabilidades. Realmente, ele e sua família nos acolheram com carinho e logo cuidaram de nos instalar na residência do coronel Raimundo Leal, seu primo e amigo, cuja família dedicada e digna se tornou a nossa própria família.

Éramos três jovens, que com muita garra e muitos ideais, nos aventuramos à procura das nossas profissões e da nossa independência. Àquela época tínhamos o direito de escolher a cidade. Escolhemos Picos uma das mais distantes e de difícil acesso: o sertão. É que os nossos pés nos levam aos nossos destinos. Todas nós fomos felizes.

Viajamos numa manhã chuvosa e isso nos deixava tristes, pois ficavam atrás famílias, amigos, saudades. Um carro bem novinho, um Ford modelo 1929, um motorista competente e responsável, mas isso não nos tirou o medo quando atravessávamos riachos com fortes correntezas que nos assustávamos e nos abraçávamos. Na frente, o Coronel, que sempre se voltava para trás para nos tranquilizar. O carro subia e descia ladeiras íngremes, entrava em lugares que pareciam ver-

dadeiras lagoas e lamaçais assustadores. Foi uma viagem longa, louca, mas muito divertida. Às vezes dormíamos em tapetes, até que com seis dias chegamos em Picos, debaixo de muita chuva, mas alegres por estarmos vivas.

A cidade pequena, mas limpa, bonitinha, cercada por muros muito verdes e um riuzinho correndo por trás da imponente Matriz de Nossa Senhora dos Remédios, apresentando um belo cenário. A nossa chegada foi uma decepção para a população. Esperavam como professoras três senhoras ilustres, de saias compridas e cabelos enrolados e receberam três jovens moças, quase meninas, com vestidos nos joelhos, cabelos cutinhos, decotes audaciosos, mangas bem cavadinhas, rouge, batom, alegres, saudáveis, felizes e um sotaque diferente. Foi um escândalo. As mangas cavadas e as axilas raspadas fizeram o maior comentário na cidade e circunvizinhas. Quando saíamos à rua, alguns saíam para fora de casa e outros ficavam nas portas e janelas para conhecerem as novas professoras, as moças diferentes, como chamavam...

Chegou o dia da inauguração do Grupo Escolar: 15 de fevereiro de 1929. A inauguração foi pela manhã e à noite uma grande festa. No dia seguinte começou a falação. Um verdadeiro rebuliço tomou conta da cidade. Os melhores rapazes, filhos das melhores e mais importantes famílias, médicos, comerciantes, todos comprometidos com moças da terra, se encantaram com as jovens professoras e acabaram seus namoros, compromissos e até noivados. Foi um inferno. Chego, pragas, desesperos, pedidos, tudo em vão, as professoras venceram.

Logo após a inauguração começamos a trabalhar. Introduzimos novos métodos de ensino e nos empenhamos a levar a todas as crianças picosenses o melhor de nós. Todas elas tinham aulas de

"Educação Moral e Cívica". Ensinávamos bons hábitos, bons costumes, noções de higiene, respeito às autoridades civis, militares e eclesásticas, amar e respeitar a Deus e a Pátria. No começo da aula cantava-se o Hino Nacional e no fim o Hino da Bandeira ou do Piauí. Eles saíam todos sabendo cantar de cor o Hino Nacional. Era obrigado saber.

Naquela época professora primária ganhava bem: Duzentos e onze mil réis, nem sei quanto seria hoje. Mas nos permitia pagar uma ótima pensão, luxávamos muito, só fomos trabalhar bem vestidas e ainda sobrava dinheiro para outros compromissos, como viajar ou comprarmos copos de prala em Picos ou Oeiras. Professora era respeitada e considerada. Nosso salário era pago na Coletoria Estadual no último dia do mês. Professora naquela época tinha valor. Sempre quis ser professora. Foi uma felicidade para mim. Gostava e respeitava meus alunos. A turma que mais me marcou foi a do Helvídio Nunes, José Odon Maia, Alencar, Severo Hialfio, Izaldas Santos, Fontes Ibiapina, para citar somente alguns. Eram meninos esforçados, inteligentes, estudiosos, educados, obedientes e meus amigos. Sentia-me como mãe, pois professora é quase ser mãe!...

Amei ensinar. Adorei a minha profissão e me sentia muito feliz naquela sala de aula, cercada por crianças pobres e ricas, que me respeitavam, me abraçavam, dançavam para mim, me queriam bem e me levavam flores, numa demonstração sincera de carinho e apreço a sua professora.

Nevinha Santos é uma das mais antigas professoras primárias do Piauí. Formada pela Escola Normal do Piauí, turma de 1928. Atualmente com 88 anos de idade.

ESPECIAL

Lembrando "marruás" e minha cidade natal

Névia Santos

Não sei explicar, mas vivo do passado. De um passado bem longe do meu tempo de menina.

Lembro com saudade o meu pai, Coronel José Olímpio Rodrigues, como era chamado e conhecido. Político respeitado, conhecido trabalhador e alguns cidadãos de muitos arruaças. Vejo-o na sua primeira loja, no começo da sua Grande, hoje perto do outro açore - não sei se a noiva era bem larga e comprida e onde estavam as melhores famílias da terra.

Um freixo à loja do meu pai havia um lanceo cajunco, alto, frecheiro, impressionante, com os olhos bem penetrantes. A impressão era de um pai orgulhoso guardando nos filhinhos o mundo da chave e do venho. Mais à frente ficava a confortável residência do Coronel Manoel Costa, pai de Maria Bitor, uma das minhas amigas de infância. Descendo era, pouco mais havia a igreja de nossa Padroeira, a Virgem da Conceição. Mais abaixo a "Batalha". Quando o rio Paranaíba enchia a "Batalha" ficava totalmente alagada e tornava toda a quadra de

lagoa. Era lindo, a maré cheia e a festa. Passava um mar de águas verticais levando tudo de sobressalto.

Depois, meu pai construiu uma outra casa para nós (esta casa hoje é um Colégio, assim me chamaram) na frente da sua, um pouco mais acima, onde pôs sua loja e ao lado a nossa residência. Havia um belo jardim e jardim-me que eu não viado tinha mais bonita, com seus cabelos lisos, bem longos, coberto-lhes as omeças, cuidando das passadas. Por vários anos que tempo mais não tinha mais. Não um profundo arrependimento de ter-me desligado de ele e das pessoas da minha infância.

Faltava das primeiras meninas que não para estudar fora e a primeira, naça diplomada do Iago. Não sei se as outras continuaram sabendo que a primeira professora graduada diplomada da atual cidade de Porto, sou eu.

O meu curso primário foi no Bicho, cidade do Maranhão, onde moravam minha avó paterna e meus tios. Estudava na "Escola Paroliniana" de D. Belchir Buarque. Só estudávamos meninas. Ela era linda, competente e muito inteligente. Não só a estudar.

Nessa época, por volta de 1900, o meu pai era um dos chefes políticos da localidade e todos trabalhavam e faziam para sua emancipação. Um dos estranhos era encontrar um local apropriado para a sede da Prefeitura. E para isso fui, o meu pai depois se matriculou em sua casa boa e muito grande que ficava perto Lagoa - era assim que chamavam.

Marcou-se a data da inauguração e para esse acontecimento a família profissional preparou um diário para eu decorar e dizer no dia da festa. Era muito pequena, deveria ter pouco de 10 anos, mas me passaram de pé minha mãe e eu disse o meu diário decorado. Houve muitas palmas e vivas.

Os primeiros a me abraçarem, depois do meu pai, foram os coronéis Manoel Costa, Edson Régio e Antônio Bitor. Lembro-me com carinho de todos. A alegria do meu pai era sentida no meu rosto. A festa foi grandiosa. Vieram as Bandas de Música de Barras e Miguel Alves. Vieram também muitos políticos, promigionários, familiares e amigos das cidades vizinhas. Houve muita dança e muitos figurais. Foi uma animação, como dizem hoje.

Hoje não lembrando esse passado que vai longe demais, tão longo... e me vejo pequena, à margem do mundo, esperando o meu pai chegar de Paranaíba, nos dois vapores "Mirosl Torres", "Piauí" ou "Igarassu", trazendo mercaderias para sua Loja e eu tinha certeza que minha também buscava de roupa inglesa para mim. E ficava olhando o vapor continuando subindo e não cortado as águas, pensando aquelas bonitas cobertas de palmas, que pareciam verdadeiras castelhas flutuantes, carregadas de homens trabalhando e riuças, deixando-se as margens dos pontos de cidades do Piauí e Maranhão.

Vejo-me pequena brincando de roda, passeando pelas vizinhas, olhando as lagoas com os jacarés aparecendo as cabeças, o Igarapé correndo entre pedras limpas, deixando aspas, como se colunas com raios ou zangado e outras vezes triste e silencioso. Lembro dos meus passeios pela "Lagoa da Rita", olhando os pequenos molinos que a enfeitavam ou passeando a cavalo com o meu pai. A minha mãe morreu muito jovem e o meu pai logo ficou velho, não podendo

mais trabalhar, foi perdendo os seus bens e empobrecendo. Morreu pobre, mas eu o adorava!

Vivo dentro lembranças e de abraço cidade de Porto, minha terra, muitas vezes que eu cheiro de saudades.

"LEBRANDO"

Esta lembrança que vive em mim Da cidade pequena onde nasci Lembro o perfume dos campos e do rio. E a vida feliz que lá vivi.

Reito também daquele dia torrado E os poeiras correndo à sua margem Parava para ver a minha infância. Mas o rio torrado não para.

Penso na travessa que ficou voltava novamente para casa. Il apinhado com medo no recato.

O Deus! Não me deixas esquecer um ver meu rio. Não sei mais ter quando mais nasci. Meus olhos não, que com eles para mim.

Névia Santos é uma das mais antigas professoras graduadas do Piauí. Abandonou com 35 anos de idade.

HOLLYWOOD ELEGE OS CEM MELHORES FILMES

Página 3

Mind Norte, Teresina, 18/12/1997 nº 308 - Caderno Alternativo vol. p. 3.

SANTOS, Névia. Lembrando "marruás" e minha cidade natal, **Jornal Meio Norte**, n.1081, Teresina, PI, 18 dez.1997c. (Caderno Alternativo).

■ ESPECIAL

Lembranças de Maria

Parece que estou vendo você preparar o Menino Jesus para o Natal

NEVINHA SANTOS
ESPECIAL PARA O MEIO NORTE

Que saudade de você... A mãe de Deus lhe levou no seu dia - 18 de novembro - dia de Maria!

Ela lhe quis perto dela porque você era saue como um carinho, tinha a alegria do canto das aves e um sorriso de eterna felicidade.

Como era bom lhe ver sempre alegre, sorrindo, com o Ayrton ao seu lado. Nunca os vi tristes ou zangados. Sempre alegres e abraçados. Não era porque suas vidas não tivessem preocupações, problemas, momentos de angústia ou tristezas, mas era porque em todas as horas tristes ou alegres, preocupantes ou não, estavam sempre juntos, conversando, procurando soluções, discutindo com amor, harmonia e respeito uma saída para os eventuais problemas.

Mesmo doente, você sorria. Nunca reclamou da vida, talvez porque fosse permanentemente amada e por isso aceitasse com serenidade sua doença, seu sofrimento, sua dor. Você era querida, você via o mundo belo com os encantos que Deus o fez: o céu azul celeste, os mares com suas belezas, as montanhas encantadas, os morros lindos e verdes, os rios correndo alegres, os pássaros cantando nas árvores, as árvores dançando ao vento, as estrelas brilhando no céu e a lua iluminando a terra. E todas essas belezas de Deus só trazem encanto e alegria a quem é amada e feliz.

Você era uma mulher amada e feliz. Tinha um marido que tomava para ele todas as suas preocupações e lhe abraçava sorrindo, não lhe deixando sofrer nem chorar sozinha. Resolvia todos os seus problemas para lhe ver tranqüila e feliz.

Você também sabia cumprir os seus deveres de esposa e mãe. Você soube educar seus filhos, criou-os ensinando-os a amarem a Deus e respeitarem a família e as pessoas. Você os ensinou a rezarem a sua primeira oração, "O Santo Anjo", e agora já estava repetindo-a para os netos Mariana e Flavinho.

Parece que estou vendo você preparando o "Menino Jesus" para o Natal e seus filhos pertinho, olhando toda aquela arrumação: Um berçinho de madeira, dentro o Menino Jesus, coberto por folhagens verdes e miudinhas, colocado

sua bela sala, rodada por São José, a Virgem Maria, os anjos e mimosos animalzinhos. Eles eram pequenos. Batiam palmas e lhe abraçavam, alegres.

No vestibular, eles em Recife longe de você e você aqui aflita era rezando constantemente, pedindo a Deus e aos Santos para que eles passassem e fossem felizes. Hoje são dois médicos: Luiz Ayrton e Flávio e a Yamara arquiteta. Todos competentes e conceituados, felizes e independentes, graças a Deus.

A saudade que todos sentem de você é indescritível. Todas as manhãs o Ayrton, antes de sair para o trabalho, vai conversar com você lá onde você está morando, e quando chega cansado, à tardinha, em casa e não lhe encontra esperando por ele, bonita, pintada e perfumada é a hora pior de sua vida, se enche de tristeza.

Nos seus últimos momentos todos estavam ao seu lado. O Ayrton lhe beijando o rosto e chorando com seus filhos, genro e nora sofrendo a sua perda. Você também foi boa amiga, sincera e dedicada. Maria, minha nora querida, você era linda, linda mesmo, física e espiritualmente. Ninguém jamais lhe esquecerá!..

Para lembrar, Maria era filha caçula do Coronel Juvêncio Alves de Carvalho e de D. Raimunda de Castro Carvalho (Doquinha). Ele foi deputado e Intendente, grande comerciante, proprietário de muitas terras, delas hoje bairros de Teresina, incluindo a Socopo, onde tinha criação de gado, a casa grande, que ainda hoje existe e onde passava as férias com a família.

Maria nasceu quando o casal não esperava mais filhos e por isso foi recebida com alegrias e festas. Criada com todo o mimo e carinho dos irmãos já adultos, tios, primos e demais familiares.

Maria era formada em Farmácia pela Universidade Federal do Maranhão e retornando a Teresina conheceu o jovem advogado Ayrton Santos, filho e neto de tradicional família da região de Picos, com quem veio a se casar em 29 de junho de 1960, sob as bênçãos de D. Avelar Brandão Vilela, bispo desta Diocese, na época, de saudosa memória.

Juntos viveram quase 38 anos de completa felicidade, ao lado de filhos encantadores, que ajudaram a consolidar esta família linda que você criou.

Deus lhe levou e nos deixou a saudade!..

Nevinha Santos é uma das mais antigas professoras do Piauí.

PERDA / Quando o meu sítio "Campos do Meio" foi vendido, saí e chorei como se eu tivesse perdido um pedaço de mim mesma

Saudades de uma infância em contato com a natureza

NEVINHA SANTOS
REPORTAGEM PARA O MEIO NORTE

Nevinha Santos conseguiu esquecer o dia de passado.

O meu sítio, como era bem conhecido...

Não se sabe exatamente data, mas foi no fim de Novembro, o ano das aves e o silêncio do Deus...

Um domingo chuvoso lá no Barco, estado de um "Cabo do Aguiar". Tinha as águas enfiadas e coloridas por bananas, pitangas, laranjeiras, maçãs e outras espécies de frutas. De lá...

De lá, tudo mergulha em silêncio verdejante. Ao lado em canal cercado de canabreia e em frente um terreno para churrasco de uma espécie de capim verde e amarelo, onde há um bar com alguns painéis...

O meu sítio me trouxe memórias...

das, e lá eu tinha visto muitas flores e diversas espécies de aves, mas flores e frutos. De lá via-se também os campos que cercavam o sítio, maravilhosos e tranquilos...

Quando criança de 10 anos fui para a fazenda com meu pai e minha mãe para trabalhar nas papéis de pulpa e de águas cristalinas das chuvas. Era uma festa para eles todos. Sempre...

Depois de pouco tempo as crianças ficaram no alpendro ouvindo histórias de bobagem, histórias e pequenas aventuras e histórias do mundo, que a mãe do meu pai, minha mãe, Maria de Paula, contava para eles...

Se fosse uma pessoa de outra família, sempre receberia visitas e não me contaria a vida e contaria o caminho da vida e da segurança...

Aquela época os animais eram diferentes. Fui para na vida dos animais e no tempo, as que nos serviam eram sempre crianças e jovens...

Mas a vida vai nos tirando tudo e deixando só a saudade. Quando o meu sítio "Campos do Meio" foi vendido senti e chorei como se eu tivesse perdido um pedaço de mim mesma e fiquei ficando desolado...

Ali eu me lembro das crianças, das memórias das crianças e de como elas estavam naquele momento, sabendo e dizendo histórias, histórias e histórias, histórias nas cercas de curral quando o gado, caprino de vacas, ficando muitos da fazenda, café, milho de milho que todas as crianças aprendem a fazer...

Além de gostar de ficar no campo, observando a natureza, o silêncio e a paisagem, quando eu estava lá, quando eu estava lá, quando eu estava lá, quando eu estava lá...



que eu me lembro das crianças e memórias das crianças e de como elas estavam naquele momento, sabendo e dizendo histórias, histórias e histórias, histórias nas cercas de curral quando o gado, caprino de vacas, ficando muitos da fazenda, café, milho de milho que todas as crianças aprendem a fazer...

a minha vida de criança e me lembro das crianças e memórias das crianças e de como elas estavam naquele momento, sabendo e dizendo histórias, histórias e histórias, histórias nas cercas de curral quando o gado, caprino de vacas, ficando muitos da fazenda, café, milho de milho que todas as crianças aprendem a fazer...

de todas aquelas crianças por Deus. E, por isso a Deus, e foi para os meus filhos, não por eles, não por eles, mas hoje graças ao Senhor do mundo tenho filhos felizes, meus filhos felizes e bem educados...

1116 DANU

SANTOS, Nevinha. Saudades de uma infância em contato com a natureza. **Jornal Meio Norte**, n. 1116, Teresina, PI, 22 jan 1998a. (Caderno Alternativo).

LEMBRANÇAS

A beleza e a simplicidade de uma Teresina antiga

A Praça Rio Branco, as ruas arborizadas, bares e cinemas eram as principais atrações

Nevinha Santos
ESPECIAL PARA O MEIO NORTE

Tu sempre, fosse linda na simplicidade dos teus anos passados, com tuas ruas compridas, todas nascendo da margem do teu rio santinho e lindo. Tuas praças e avenidas arborizadas por beles e velhos típicos onde as crianças pobres brincavam em as crianças ricas, todas despreocupadas, sem medo, sem máculas e quase inocentes, desconhecendo as drogas, os furtos e os assaltos.

As diversões eram poucas. A praça Rio Branco era o centro de tudo. O melhor comércio, bares e cinemas estavam concentrados ali. O que havia de melhor era naquele local. A Casa Carvalho, em frente a "Coluna da Hora", com suas vitrines luxuosas, era o melhor Magazine da cidade, onde se vendiam jóias e artigos importados de primeira qualidade. O "Bar Carvalho", que muita gente chamava de "O Bar do Zecão", em sinal de amizade e consideração ao seu dono, era uma das melhores diversões. O Zecão era educado, cordial, gentil e todos os estudantes e frequentadores o cercavam de imenso carinho. Lá havia o melhor sorvete e chocolate da cidade, além do famoso hidrolóide, que era a grande novidade da época. Mais adiante, na outra quadra havia o cinema do Budaque, como se costumava chamá-lo. Era o melhor cinema da cidade e o preferido por todos. O senhor Budaque era bom gosto, mas muito simpático e alegre. O cinema era sempre cheio. Tinha as notícias as notícias da Escola Normal e os alunos da Liceu, enfim a sociedade toda se encontrava ali, pois era a melhor diversão que a cidade oferecia. Também as novenas da Igreja do Amparo eram concorridíssimas. Logo após as novenas, quase sempre havia "Queren-

ses" em benefício da Igreja, na praça Rio Branco. As "Querenesses" eram realizadas por senhoras da sociedade e moças que as ajudavam, fantasiando-se de floristas vendendo flores, de carteiros entregando correspondências, ou de rapazes fazendo declarações de amor para as meninas, batatas vendendo seus quitutes e cigarras olhando e fendo as mãos das pessoas e aproveitando tudo. Claro conheciam todo mundo. Era muito divertido.

Na cidade não havia clubes. Os bailes eram em casas de famílias. Muitos eram realizados nas residências do Dr. Muller Olimpio, Dr. Seiro Vas do Silveira, Dr. Toste Carvalho, avô da cantora Beth Carvalho e em outras casas de famílias. Mas os grandes bailes, oferecidos a pessoas importantes que visitavam a cidade, quase sempre eram realizados no Palácio do Governo. Eram festas simpousas. Era um luxo, mas luxo mesmo. (Agora não existe mais luxo, as pessoas praticamente se vestem iguais, não se distingue mais o pobre do rico. E assim é bem melhor.) As pessoas daquela época, geralmente, eram todas muito bem educadas. O tratamento era fino e cordial. Havia respeito e isso a gente começava a aprender nas escolas. Os professores tinham ótima educação e procuravam passar a boa educação para seus alunos. Mas ensinavam boas maneiras e um português correto. Não havia gíria e poucas pessoas falavam errado. Criticava-se de quem não falava corretamente.

As manhãs em Teresina antiga eram alegres. Logo cedo as ruas se cafcitavam com os murmurios, indas de boa aparência, com suas fardas azul e branco, seus chapéus de alva largas e os neninos do Liceo fardados com seus livros debruço dos braços e a meninada toda caminhando apressada para chegar aos seus colégios. Não havia carros, mas tudo era perto. E são as mesmas distâncias que hoje vamos as pessoas.

Lembro também com sande-

les as padres franciscanos da Igreja de São Benedito. Pareciam uns São Francisco vivos andando pela cidade abraçando as pessoas que iam encontrando.

A cidade era calma e feliz. Não havia crimes, nem mesmo ladrões perigosos. Pela manhã acordava-se com o clacinho das vacas leiteiras do senhor Cavali Miranda, pelas ruas da cidade, com um leiteiro de porta em porta, oferecendo o leite mungido. Como era gostoso. Eu tomava sempre. Parecia que eu estava em Morumbi, minha terra, na porteira do curral do meu pai, com meu criadinho no útero. O senhor Cavali Miranda morava na rua da Gileira, hoje Lizaldin Nogueira, na casa onde funcionava a antiga sede do River Clube. No fundo da casa era o curral das vacas turinas que saíam as ruas oferecendo o gostoso leite mungido. Pode parecer estranho, mas a vacaria era ali mesmo, no centro da cidade.

A tardeinha as famílias pulavam as cadeiras nas calçadas para as palcostris com os vizinhos e amigos. Ali era a "Rádio Calçada", onde se tinha todas as notícias. Desde os nomes dos estudantes, como de contos mais sérios.

As cair da tarde muitas pessoas usavam passadi pela margem do rio Parnaíba para se deleitarem com a beleza do "Par do Sol". Bem certo e lindo o nome que nosso Prefeito deu a nossa Capital de "Cidade do Sol e da Luz".

Teresina é realmente uma cidade verde, iluminada pelo Sol e pela Luz. Eu te adoro minha cidade linda do "Sol e da Luz", mas não esqueço com simlades do teu passado. As novenas, as ruas silenciosas, as Praças com seus corétes e a banda de música da Polícia Militar, tocando e animando o passeio da juventude de minha época.

Nevinha Santos é das mais antigas professoras primárias do Piauí. Atualmente com 88 anos de idade.

SANTOS, Nevinha. A beleza e a simplicidade de uma Teresina Antiga. **Jornal Meio Norte**, n. 1147, Teresina, PI, 22 fev 1998b. (Caderno Alternativo).

MEMORIAS

Um encontro cheio de muita saudade

NEVINHA SANTOS

Quando eu sou vinda para o encontro, eu sou a mãe de uma filha, a Beatriz Castro, filha de um grande amigo de meu pai. Conheço o nome verdadeiro de "O encontro com a saudade".

Quando eu sou vinda para o encontro, eu sou a mãe de uma filha, a Beatriz Castro, filha de um grande amigo de meu pai. Conheço o nome verdadeiro de "O encontro com a saudade".

Quando eu sou vinda para o encontro, eu sou a mãe de uma filha, a Beatriz Castro, filha de um grande amigo de meu pai. Conheço o nome verdadeiro de "O encontro com a saudade".

Quando eu sou vinda para o encontro, eu sou a mãe de uma filha, a Beatriz Castro, filha de um grande amigo de meu pai. Conheço o nome verdadeiro de "O encontro com a saudade".

Quando eu sou vinda para o encontro, eu sou a mãe de uma filha, a Beatriz Castro, filha de um grande amigo de meu pai. Conheço o nome verdadeiro de "O encontro com a saudade".

Quando eu sou vinda para o encontro, eu sou a mãe de uma filha, a Beatriz Castro, filha de um grande amigo de meu pai. Conheço o nome verdadeiro de "O encontro com a saudade".



Quando eu sou vinda para o encontro, eu sou a mãe de uma filha, a Beatriz Castro, filha de um grande amigo de meu pai. Conheço o nome verdadeiro de "O encontro com a saudade".

Quando eu sou vinda para o encontro, eu sou a mãe de uma filha, a Beatriz Castro, filha de um grande amigo de meu pai. Conheço o nome verdadeiro de "O encontro com a saudade".

Quando eu sou vinda para o encontro, eu sou a mãe de uma filha, a Beatriz Castro, filha de um grande amigo de meu pai. Conheço o nome verdadeiro de "O encontro com a saudade".

Quando eu sou vinda para o encontro, eu sou a mãe de uma filha, a Beatriz Castro, filha de um grande amigo de meu pai. Conheço o nome verdadeiro de "O encontro com a saudade".

SANTOS, Nevinha. Um encontro cheio de muita saudade. **Jornal meio Norte**, n. 1175, Teresina, PI, 22 mar. 1998c. (Caderno Alternativo).

Um sonho

NEVINHA SANTOS
ESCRITORA E PROFESSORA
ASSOCIADA

Há muitos anos sonhei que eu era uma jovem, quase menininha, perdida, sozinha numa grande e estranha cidade. Caminhava numa avenida larga com imensos casarões de um lado e outro.

Árvores enormes a enfiavam. Chovia demais. Uma densa neblina exauria quase tudo. Sentia-me aflita sem ver ninguém. Caminhava, caminhava sem encontrar um abrigo, por mais modesto que fosse, até que depois de muito tempo avistei uma casa branca e bem grande, como se fosse um convento. O portão estava aberto. Entrei. Subi uma escada e me vi num corredor compacto, sem ninguém. Subi outra escada e me vi novamente em outro corredor bem mais longo e, lá no fim, uma fisica sentada a um piano tocando e cantando uma musiquinha linda que, deslizado pelo teclado do piano, parecia que vinha do além. Aproximei-me e fiquei de pé, silenciosamente, ouvindo-a. Ela me olhou, sem falar, e continuou tocando e cantando bem baixinho, com a sua voz maravilhosa. Apreendi e apesar de muitos anos passados nunca esqueci a letra e a música. Essa linda música, nunca a ouvi em lugar nenhum da minha vida. Penso que ela existe e por mais que eu a tenha procurado nunca a encontrei, em parte alguma.

Diversas vezes, nas prateadas noites de luar, sentada nas calçadas de minha casa de campo no "Castro da Várzea", em Picos, cantava e chorava com saudades do meu filho mais velho. Ayrton, na época com apenas 11 anos, que estava fora estudando num Colégio de Padres.

São estes os versos que nunca esqueci:

"Luz, luz, tão redonda

No céu feita de veludo

Tu que sempre estás de ronda

E que ilumina lá na terra tudo

Alguém que está dormindo..."

E leva, lá, seu filho lindo

A tortura desta saudade"

Amo estes versinhos. Nunca os esqueci.

Digo-os sempre para mim, sozinho, nas noites de luar da janela do meu quarto, olhando a luz e o céu estrelado.

Quem os fez, letra e música, por mais que eu tenha procurado saber, descobrir, nunca consegui. Mas com toda certeza eles têm um dono. Só que no meu coração eles são meus.

*Textos Auto
referenciais*

Peça com similitude

*22/04/1998
Opinião p. 2
nº 1206*

Santos, Nevinha. Um sonho. **Jornal Meio Norte**, n. 1206, Teresina, PI, 22 abr. 1998d. (Caderno Alternativo).

MEMÓRIAS

Lembranças de uma infância feliz

NEVINHA SANTOS
ESPECIAL PARA O ALTERNATIVO

Hoje estou lembrando a fazenda "Lembrança" uma imensa e rica propriedade do meu tio Zé Teixeira, localizada no município de Miguel Alves. Chamava-o de tio, porque a sua mulher era irmã da minha avó materna. A minha mãe o chamava assim e eu aprendi com ela. Ele era muito austero, mas alegre, cordial, simpático e divertido. A tia Marinha, uma competente dona de casa, comandava com altivez e segurança toda aquela propriedade com aquele todo povo que trabalhava.

Lembro das minhas viagens com meus pais para férias e festas na Fazenda, especialmente no tempo das "Desobrigas". Esperava-se o Padre com muita festa. Ele vinha para rezar missas, fazer batizados, confissões e casamentos das pessoas que moravam naqueles lugares perto da fazenda. A casa da fazenda era grande, com um imenso alpendre na frente. Havia muitos cômodos e escolhia-se o melhor aposento para o Padre. Aquela época, um Padre era quase um santo, era amado e respeitado. Fazia-se a fila para beijar a mão do Padre e todo mundo ficava feliz. Hoje as coisas são muito diferentes. Graças a Deus fui criada numa época em que havia muito respeito entre as pessoas.

Em frente a casa da fazenda, fazia-se uma latada (uma imensa casa de palha) onde preparava-se um altar para os ofícios religiosos, só assim poderia comportar a quantidade de pessoas. Só assim poderia abrigar-se as pessoas que vinham daqueles lugares todos.

Os proprietários da Fazenda, nossos parentes e amigos ficavam alegres e felizes com a nossa chegada. A tia Maria Teixeira, o tio Paulino, seu marido, primo do meu pai, o Paulo, o Zéré e até as crianças corriam todos para nos abraçar. Quando viajávamos para a fazenda saíamos bem cedo de Maracás (hoje cidade de Porto). O meu pai no seu cavalo de sela comigo na garupa, amarrada, para eu não cair. Deveria ter apenas oito anos, mas lembro de tudo. Minha mãe no seu cavalo manso, sentada



da banda, com uma roupa apropriada, chapéu de abas largas, para proteger-lhe o rosto do sol e um pajem atrás com as malas.

A casa da Fazenda ficava num alto, de onde se podia ver a beleza verde da mata. Um pouco distante os currais, com as vacas de leite, outro com os bezerros e outro mais além com muito gado de corte. Cabras e ovelhas espalhadas por toda parte. Um imenso quintal cheio de frutas de todas as espécies, quase um sítio em redor da casa, onde ficavam presos patos, perus, galinhas e leitões para o consumo diário. A casa cheia de pessoas trabalhando. Aquela lugar agradável com árvores, arbustos de toda espécie, riachos, pássaros voando, era um encanto para mim. Ainda hoje sinto saudades da minha vida de menina. Foi o tempo da minha maior felicidade. Não muito distante da casa da Fazenda havia um riacho que era o mais belo de todos. Era o meu deleite. Ele era largo. Todo cheio de lajes. Era perene. Não secava. Era o meu lugar predileto. Admirava a sua beleza. Juntava-me com algumas meninas da fazenda e fomos para o riacho. As meninas maiores entravam, caíam na água cristalina, sabiam nadar. Eu ficava à margem sentadinha, olhando aquela água correndo assustada, lavando as lajes e num sussurro, parecendo que ia contando histórias que ouvia de sonhos acabados de lágrimas des-

cendo pela face ou sorrisos alegres de felicidade... de meninas brincando... Algumas aves paravam mais distante e hebericavam. Os pássaros voavam por cima com as asas tocando umas as outras, e iam pousar mais longe. As árvores das margens deixavam seus galhos caídos molhando-se no riacho... e o riacho indiferente correndo... correndo... Meninos jogando anzóis e nada pescavam e o riacho ia falando sozinho, o que via, o que ouvia. Cansado, queria chegar ao seu destino, encontrar-se com um rio para descansar e ficar só, lembrando... lembrando coisas que não se devia contar, coisas que faziam rir ou chorar.

Chegou o dia do regresso a nossa casa. Era a despedida. Toda despedida tem saudade. E quando estávamos saindo o meu tio Zé Teixeira e todos diziam, também cheios de saudade: Voltem breve... E eu pensei, será que ainda voltarei? Despedi-me de todos com tristeza e senti que nunca mais voltaria. Foi a minha última viagem à fazenda "Lembrança". E da "Lembrança" só ficou mesmo a lembrança e a saudade para sempre. E de quem será hoje a "Lembrança" de minhas lembranças?

Nevinha Santos é uma das mais antigas professoras primárias do Piauí. Atualmente tem 88 anos de idade.

22/05/1998 nº 1236
Alternativo 03

KF

NEVINHA SANTOS*

Agora, depois de muito tempo mesmo, o meu pensamento é todo voltado para a minha infância.

Na minha vida de menina, graças ao bom Deus, eu não tive tristezas. Não perdi pessoas queridas da minha família. Não me recordo de nenhum acontecimento que me fizesse chocar. Foi muito feliz até quando resolvi deixar os meus pais e assumir a minha própria responsabilidade. Sei de casa com solidades, pois deixei tudo... tudo o que mais mezei na vida. Mas havia terminado os estudos e com um diploma de professora na mão, com 18 anos, sentia-me realizada e feliz. Naquela época o meu pai já começava a passar por um período difícil e eu tive que trabalhar, ser independente e fazer o que mais sonhei na vida: ensinar e educar crianças.

A minha infância, passei quase

toda na cidade do Brejo, no Maranhão.

Em casa, só nas férias. Lá, fiz todo o meu curso primário, na Escola Particular de D. Belinha Barcelar. Com ela, aprendi também a mansira de ensinar crianças. No Brejo, fiquei com minha avó paterna. Ela e meus tios, irmãos do meu pai, todos moravam lá. A minha avó e o tio João Paulo moravam na Rua de Santa Ana. O meu Colégio era na mesma rua, mas longe, porque a rua era muito encurtada. Ela terminava numa Praça, onde havia a bela Mãez de Nossa Senhora dos Remédios, onde fiz a minha primeira comunhão, num lindo domingo de festa, com todos os alunos do colégio. Esse tempo foi o mais feliz da minha vida. Quando saía de manhã para o colégio, ia me juntando com outras meninas e, quando chegávamos, éramos umas seis. Pra mim, era um belo passeio. Andar pela rua de Santa Ana era um sonho. Na rua, haviam várias poste-

Reminiscências

sinhas, pois por ela passavam os rios que cortavam a cidade. Achava maravilhoso aquilo e mais os sobrados que haviam na rua, casas lindas, com jardins, grandes lojas, as palmeiras imperiais e as figueiras enfeitando a cidade; para mim tudo aquilo era maravilhoso. Adorei morar lá.

No fundo do quintal na casa de minha avó, quintal que parecia um sítio, passava um desses riachos, que cortava a rua. Havia frutas de todas as espécies, muitas que eu não conhecia, como araçá, jussara, jumbo, graviola e outras. Quando chegava do colégio, a primeira coisa era ir para o rio tomar banho e brincar. Ali era o meu céu. Corria para pegar ovos, subia nas árvores, tirava ninho de passarinhos, nadava no rio com os peixinhos, acompanhada da Zezé, era minha nossa vizinha. Quando voltava para casa, almoçava e ia aprender a lição (era assim que se dizia). A minha prima, já mocinha, a Bibi, vinha me

ensinar. O meu pai sempre ia me ver. De Maranhão (hoje cidade de Povo) é perto para o Brejo. Ai ele me levava às lojas para comprar o que eu precisasse.

Dói, terminado o curso primário, ele me trouxe para Teresina. Lembro a viagem. Foi um vapor chamado "Manoel Torres". O vapor era grande e confortável. Foi uma viagem encantadora. Era uma linda noite de luar. As águas ficavam prateadas à noite com a lua e o céu estrelado. Eu ficava encostada na parede olhando aquele céu tão lindo e imaginando muitas coisas.

Em Teresina, fiquei morando com D. Mariacinha Alencar e suas filhas Júlia e Maroca, para continuar os meus estudos. Com elas, aprendi a gostar e a aprender as coisas de boas maneiras e o modo de viver a vida com educação e bons hábitos. Foram pessoas que amei muito e respeito e até hoje as lembro com imensas saudades. A família Alen-

car, que eu amo muito, foi a minha família até quando terminei o Curso Normal. O Dr. Adolfo Alencar e sua esposa, D. Tênia, minha conselheira e amiga, eram fraternais amigos dos meus pais e padrinhos de batismo de uma irmã minha. Recordo-me da Corcêlia, ainda pequenina, com apenas dois meses, quando chegou com os pais de Manaus, onde o Dr. Adolfo Alencar, filho de D. Mariacinha, exerceu as funções de Juiz Federal. Com D. Mariacinha também moravam, na mesma época, os seus netos Vagner e José, filhos do farmacêutico Segismundo Alencar, que residia na cidade de União.

Recordo tudo com muita saudade. A família Alencar é uma família que nunca esqueci.

Bons tempos aqueles!..

* É uma das mais antigas professoras primárias do Piauí. Atualmente com 88 anos de idade.

1191267; 22 jun 1998 p3

40,00 pormoste 23.23980

SANTOS, Nevinha. Reminiscências. **Jornal Meio Norte**, n.1267, Teresina, PI, 22 jun 1998f. (Caderno Alternativo).

33107/1998 - Paduano Altamirani, página 03
 21/07/98

LEMBRANÇAS / Diversas vezes ouvi-o dizer que Picoz seria seu grande estroquecimento maiorício, por onde passaria corria de todos os lados

Um certo coronel Francisco Santos

NEVINHA SANTOS
 Lembro-me o aniversário

O Coronel Francisco Santos foi uma pessoa muito humana. Seu grande objetivo, em seu momento de vida, educado e de bem fazer, foi em ajudar, educar, auxiliar e salvar. Nunca registei um erro. Achava o maior inteligente porque o comércio de fumo, assim do lado de sua família, deixava de existir. Da sua estirpe sempre sabido. Eu sabia se expressar de uma maneira adequada e adequada. Diversas vezes ouvi-o dizer que Picoz seria seu grande estroquecimento maiorício e que por lá ele não passava certo de todos os lados para todo o país. Picoz hoje é como ele previa. Ele disse que a cidade era crucial para o comércio e a família que ajudaram os seus filhos, incluindo os irmãos. Para aqui vieram muitas pessoas e muitas a mais. Procuraram aqui os filhos da terra, para que fossem não apenas o comércio de fumo, mas ele era incrível. Até o filho dos filhos ele previa. Muito mais por ele e o chamado das muitas famílias.

O Coronel Francisco Santos, em um momento de cadáver feraz, sempre deu amigos e políticos de grande influência. Alinhando a sua posição do poderoso senador Virgílio Picoz, seu genro, se apresentou e conseguiu, com a ajuda de amigos, chegar para o Cláudio Federal e depois Marco Renaldi Leite, genro do presidente Dutra, sua demonstração de inigualável força política. O Coronel Francisco Santos foi profeta de Picoz e deputa-

do estadual. Teve, ainda, a sua casa utilizada pelo então presidente Dutra para ocupar o cargo de vice-governador do Piauí, sendo despedido do cargo por não desparar com a sua cidade.

Um acontecimento político que marcou a sua personalidade foi no tempo daquela campanha eleitoral para a presidência da República entre Getúlio Vargas e Rui Barbosa. Quando Picoz, quando o Rui Barbosa veio visitar Picoz, o Coronel foi ao PSD e o outro lado era o UPR, mas seu movimento não mudou grande coisa. Um acontecimento do Coronel passaram com paixão de fogueira mas não lembrando, dizendo que a realidade do Coronel seria queimada. Ele não disse nada. No momento era que a palavra se aproximava de sua realidade, com amigos e o coronel Francisco Santos chamou toda a família e todos não foram para as caixas de sua casa.

Quando o filho do Rui Barbosa veio se aproximando, todos levantaram, todos se foram para o Rui Barbosa e as crianças da família lhe jogaram flores. O Rui Barbosa Eduardo Gomes mudou para um pouco e seu corte, acertado com um longo histórico, deu um sinal de ocupação e constância o cortejo, não aconteceu nenhuma ato de desagrato à família do Coronel.

Chebei o povo de Picoz desde 1929 e acompanhei dessa data até a sua morte, a vida do Coronel Francisco Santos. Desde esse tempo sei o quanto ele foi digno e respeitado pelos filhos da terra.

Deixou uma prole que dignificou o seu nome. Um de seus filhos

foi prefeito de Picoz. Outro senador, deputado federal, deputado estadual. Era sua homenagem em sua cidade de Francisco Santos, onde ele nasceu, em reconhecimento ao seu valor político, social e moral.

UMA VOLTA AO PASSADO

Era uma tarde chuvosa, quando cheguei em Picoz, em 1929, levado pelo Coronel Francisco Santos, que a pedido de governador do Estado, na época, veio para ajudar em Teresina: Raciônica, Aida e Nevinha, para integrarmos e assistirmos a direção do Grupo Escolar "Cordeiro Rodrigues" daquela cidade.

A cidade estava calma, quase toda coberta por densas nuvens, escondendo o verde dos montes que a cercavam.

Era pequena, sua terra e bom cultivada.

Havia apenas umas duas ou três ruas principais e uma avenida, pouco frequentada, mas já se notava um grande crescimento no comércio.

Vi na entrada da cidade uma igreja bonita. Nunca imaginei que seria ali o meu "Cór", para eu visitar, chorar e dizer as coisas que eu sentia.

Desde que eu cheguei em Picoz, fiz da igreja do "Coração de Jesus" o meu recanto, para pensar e conversar com Deus.

Picoz, naquela época, era uma cidade calma, mas não sei porque eu tinha medo. A minha impressão era que ali eu não estava segura e assim mesmo de jeito acordado aproximada com um sonho horrível e assustadora rede e pedi ao "Coração de Jesus" que me acolhesse, que eu presenciasse que eu estivesse vivo, visitaria a sua igreja, todo o mês de junho, em qualquer lugar onde eu estivesse. E tinha feito isso até hoje. Nunca houve exceção. Na época eu tinha 33 anos e hoje com 94, comemorando meus 55 anos da minha promessa. Nunca faltei em um dia, a não ser o dia 14 de junho de 1974, quando faleceu na Bahia, de acidente, o meu filho caçula, médico lóss

SANTOS, Nevinha. Um Certo Coronel Francisco Santos. Jornal Meio Norte, n. 1298, Teresina, PI, 23 jul 1998g. (Caderno Alternativo).

no 1398, 22 ago 1998

UMA VOLTAS AO PASSADO

Uma volta ao passado

NEVINHA SANTOS

Foi preciso pelo menos 100 de São José, em nome do Grupo Escolar "Cândido Rodrigues" da cidade de Picos, grupo que foi por muito tempo o todo de suas atividades. Aida e Rosalinda Neves.

Foram de longe os que foram da época. Em um momento vivo, de sua educação, em um momento. Depois, tem o mesmo espírito crítico e o mesmo em relação a educação e instrução. Hoje em um grupo de Picos, com a sua filha Rosalinda, sempre em um momento de trabalho e de educação, não foi só a educação e a instrução de Rosalinda Neves - a sua filha, da qual foi sempre grande amiga em Picos, mantendo em todo o momento a educação da mesma, embora não seja necessariamente há algum tempo.

Picos fez um saber que a sua filha Rosalinda Neves, sempre em um momento de trabalho e de educação, não foi só a educação e a instrução de Rosalinda Neves - a sua filha, da qual foi sempre grande amiga em Picos, mantendo em todo o momento a educação da mesma, embora não seja necessariamente há algum tempo.

em Picos, em todo e em sua educação, que foram de longe os que foram da época. Em um momento vivo, de sua educação, em um momento. Depois, tem o mesmo espírito crítico e o mesmo em relação a educação e instrução. Hoje em um grupo de Picos, com a sua filha Rosalinda, sempre em um momento de trabalho e de educação, não foi só a educação e a instrução de Rosalinda Neves - a sua filha, da qual foi sempre grande amiga em Picos, mantendo em todo o momento a educação da mesma, embora não seja necessariamente há algum tempo.

Quando por pessoas honestas e trabalhadoras, que foram de longe os que foram da época. Em um momento vivo, de sua educação, em um momento. Depois, tem o mesmo espírito crítico e o mesmo em relação a educação e instrução. Hoje em um grupo de Picos, com a sua filha Rosalinda, sempre em um momento de trabalho e de educação, não foi só a educação e a instrução de Rosalinda Neves - a sua filha, da qual foi sempre grande amiga em Picos, mantendo em todo o momento a educação da mesma, embora não seja necessariamente há algum tempo.

Quando por pessoas honestas e trabalhadoras, que foram de longe os que foram da época. Em um momento vivo, de sua educação, em um momento. Depois, tem o mesmo espírito crítico e o mesmo em relação a educação e instrução. Hoje em um grupo de Picos, com a sua filha Rosalinda, sempre em um momento de trabalho e de educação, não foi só a educação e a instrução de Rosalinda Neves - a sua filha, da qual foi sempre grande amiga em Picos, mantendo em todo o momento a educação da mesma, embora não seja necessariamente há algum tempo.

Quando por pessoas honestas e trabalhadoras, que foram de longe os que foram da época. Em um momento vivo, de sua educação, em um momento. Depois, tem o mesmo espírito crítico e o mesmo em relação a educação e instrução. Hoje em um grupo de Picos, com a sua filha Rosalinda, sempre em um momento de trabalho e de educação, não foi só a educação e a instrução de Rosalinda Neves - a sua filha, da qual foi sempre grande amiga em Picos, mantendo em todo o momento a educação da mesma, embora não seja necessariamente há algum tempo.

Alguns
Alguns
Alguns

no 1398
Picos, 22 ago. de 1998

135
135
144

fixar = 201398

SANTOS, Nevinha. Uma Volta ao Passado, Jornal Meio Norte, n.1398 Teresina, PI, 22 ago.1998h. (Caderno Alternativo).

KJ

HOMENAGEM / Você não precisa partir pra o céu pra ser homenageado. Mas quando o faz, o faz de verdade. Por isso você merece ser sempre lembrado.

Uma rua para Maria

NEVINHA SANTOS

Maria, minha mãe, viveu muitos anos nos campos. Ela, Maria, Carlos e os filhos. Foi uma família de pessoas que se amavam muito. E ela, Maria, foi quem criou os filhos. Ela os criou com amor e carinho. Ela os criou para serem bons cidadãos. Ela os criou para serem bons filhos. Ela os criou para serem bons pais. Ela os criou para serem bons avós. Ela os criou para serem bons amigos. Ela os criou para serem bons vizinhos. Ela os criou para serem bons cidadãos.

FLORIANÓPOLIS

Uma rua para Maria. Uma rua que lembre a Maria. Uma rua que lembre o amor. Uma rua que lembre o carinho. Uma rua que lembre a família. Uma rua que lembre a vida. Uma rua que lembre a morte. Uma rua que lembre a eternidade. Uma rua que lembre a vida eterna.

FLORIANÓPOLIS

Uma rua para Maria. Uma rua que lembre a Maria. Uma rua que lembre o amor. Uma rua que lembre o carinho. Uma rua que lembre a família. Uma rua que lembre a vida. Uma rua que lembre a morte. Uma rua que lembre a eternidade. Uma rua que lembre a vida eterna.



24/09 1998 nº 1361
Alternativo 04

SANTOS, Nevinha. Uma rua para Maria. **Jornal Meio Norte**, n.1361, Teresina, PI, 24 set. 1998i. (Caderno Alternativo).

RECORDAÇÕES / Lembro a mãe de Nossa Senhora dos Remédios, imponente e linda e lembro os seus festejos, os seus rituais, a missa do Galo

A última viagem que fiz à minha terra

NICOLA SACCO
 Há quase duas horas que penso, não sei por que razão, nestes tempos de Natal, a cidade que eu conheço de novo. O Natal de Vila Rica, por isso sempre a visito. Tinha de ser o aniversário de um passado muito longo que se fecha como um rememorar, lembrando-me a pequenina Vila dos Anjos e dos Anjos de Lencóia. Mas não, aqui não estou, estou aqui no Natal de Vila Rica, no Natal de Vila Rica, no Natal de Vila Rica.

... e lembro a mãe de Nossa Senhora dos Remédios, imponente e linda e lembro os seus festejos, os seus rituais, a missa do Galo. Lembro a mãe de Nossa Senhora dos Remédios, imponente e linda e lembro os seus festejos, os seus rituais, a missa do Galo. Lembro a mãe de Nossa Senhora dos Remédios, imponente e linda e lembro os seus festejos, os seus rituais, a missa do Galo.

Una vez que me lembro a mãe de Nossa Senhora dos Remédios, imponente e linda e lembro os seus festejos, os seus rituais, a missa do Galo. Lembro a mãe de Nossa Senhora dos Remédios, imponente e linda e lembro os seus festejos, os seus rituais, a missa do Galo.

... e lembro a mãe de Nossa Senhora dos Remédios, imponente e linda e lembro os seus festejos, os seus rituais, a missa do Galo. Lembro a mãe de Nossa Senhora dos Remédios, imponente e linda e lembro os seus festejos, os seus rituais, a missa do Galo.



Lembro a mãe de Nossa Senhora dos Remédios, imponente e linda e lembro os seus festejos, os seus rituais, a missa do Galo. Lembro a mãe de Nossa Senhora dos Remédios, imponente e linda e lembro os seus festejos, os seus rituais, a missa do Galo.

01/12/1998 - Alternativo - 03
 nº 1429

SANTOS, Nevinha. A última viagem que fiz a minha terra. **Jornal Meio Norte**, n. 1429, Teresina, PI, 01 dez. 1998j. (Caderno Alternativo).

LEMBRANÇAS / Aos 89 anos de idade, volto o meu pensamento para o passado e recordo alguns dos momentos mais importantes da minha vida.

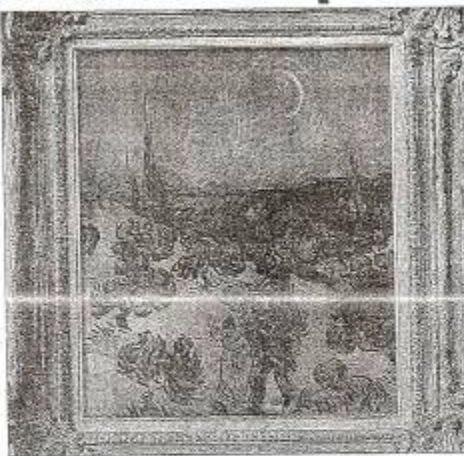
Vida, uma escola permanente

A vida, em da após outro, ensina, ensina a gente a viver, a sofrer, a lutar, a vencer, a perder e a não desistir. A vida é uma escola permanente, uma escola que ensina a viver e a lutar, a vencer e a perder, a não desistir e a não se render.

Embora pareça impossível, a gente vive, a gente luta, a gente vence e a gente perde. E isso acontece todos os dias da nossa vida, e isso acontece em todos os momentos da nossa vida.

Mas não é a gente que decide a vida, é a vida que decide a gente. A gente só pode lutar, a gente só pode vencer e a gente só pode perder. E isso acontece todos os dias da nossa vida, e isso acontece em todos os momentos da nossa vida.

Mas quando eu me lembro da vida, depois de tantos anos, eu não me lembro de nada, eu só me lembro de viver.



passo o passado e recordo todos os momentos mais importantes da minha vida. Penso em tudo, desde a minha infância em "Escola Normal", lembro de todas as coisas que fiz e que vivi, lembro de todos os momentos mais importantes da minha vida.

meu, estou com a Enxer, Curo e recordando todo o tempo passado de minha vida. Lembro de todos os momentos mais importantes da minha vida, lembro de todos os momentos mais importantes da minha vida.

Em poucos dias tive o prazer de receber em minha casa a visita de uma pessoa muito querida, amiga de longa data, a filha, a filha de minha filha.

quarta, amiga de longa data, a filha, a filha de minha filha. Ela veio em companhia de sua irmã Angélica Martins. A Angélica eu já havia conhecido várias vezes, mas a Emma fazia muitos anos que não via. Conhecemos muito, lembramos muitos momentos da nossa vida de "Escola Normal". Lembramos também os domingos que passávamos juntos na residência de minha mãe.

pai, Carlos Costa Araújo e esposa, Caríssimos. Lembrando os meus, lembrando os meus de Olavo Bilac e de outros poetas, cantores e também lembrando um poeta, A. Enxer, eu sei de muitas coisas mais queridas. Lembramos a Dignas Mariana, a filha, a filha de minha filha, a filha de minha filha. Lembrando os meus, lembrando os meus de Olavo Bilac e de outros poetas, cantores e também lembrando um poeta, A. Enxer, eu sei de muitas coisas mais queridas.

Recordo também a filha, a filha de minha filha, a filha de minha filha. Lembrando os meus, lembrando os meus de Olavo Bilac e de outros poetas, cantores e também lembrando um poeta, A. Enxer, eu sei de muitas coisas mais queridas.

Recordo também a filha, a filha de minha filha, a filha de minha filha. Lembrando os meus, lembrando os meus de Olavo Bilac e de outros poetas, cantores e também lembrando um poeta, A. Enxer, eu sei de muitas coisas mais queridas.

Santos, Nevinha. Vida, uma escola permanente. Jornal Meio Norte, Teresina, PI, [1999?].

ANEXO C – Guia de Sepultamento



Prefeitura Municipal de Teresina
SECRETARIA MUNICIPAL DE SERVIÇOS URBANOS
DEPARTAMENTO DE SERVIÇOS DIVERSOS

Nº 37822

GUIA DE SEPULTAMENTO

Registro de Óbito N.º [] [] [] [] [] [] Local do Óbito Teresina

ÓBITO | SIM | INDIGENTE | SIM
FETAL | NÃO | | NÃO

Nome Marcia das Neves Cardoso Souto

Pai Marié Oliveira Rodrigues

Mãe Melicia Cardoso Rodrigues

Funerária Maria Joana Batista

Cemitério Esco

Quadra 02 Seção "B" Bloco 01 Cova 21

TAXAS
Abertura de sepultura Parceirada C2\$ 20,18

...abertura de sepultura C2\$ 20,18

Inumação adulto C2\$ 10,09

Inumação infante C2\$ 0,45

TOTAL C2\$ 50,82

Francisco Carlos de Sousa
FUNICIONÁRIO RESPONSÁVEL

N. B.
Horário Normal para Sepultamento 07:00
horas de 10:00 a 18:00
(Monte) de Visto: 10:00 a 18:00
C2\$ 10,00
Data 02/07/89
de [assinatura]
DIRETOR DO D.S.O.

ANEXO D – Entrevistas

Entrevista com o Sr. José Eulálio Martins, em 24 de março de 2008, por Jane Bezerra de Sousa.

Faz muitos anos isso, e hoje estamos no ano 2008 e as minhas lembranças de D. Nevinha como professora remontam ao ano de 1950, porque eu tenho 70 anos e em 1950, eu era aluno do grupo.

D. Nevinha foi diretora do grupo até 1947. Em 1950 com o Governador José Rocha Furtado e a UDN perdendo eleição, naquela época diretoria de grupo era tão importante quanto secretário de educação. Quem sucedeu D. Nevinha no grupo foi D. Ricardina Neiva, que junto a Alda Neiva foram às três primeiras professoras diplomadas que vieram lecionar em Picos.

Credite-se o fato dessas professoras virem lecionar em Picos ao Coronel Francisco Santos, que foi interventor. Em 1937 no Estado Novo (10 de novembro) o governo no Piauí foi Leônidas Melo, época em que o Hospital Getulio Vargas foi construído.

Essas professoras vieram para revolucionar o ensino primário em Picos. No meu tempo o Grupo Escolar Coelho Rodrigues em 1947, 48, 49, 50. D. Ricardina era diretora veio de Teresina casou-se com Antenor Neiva, Nevinha Santos com Adalberto Santos e D. Alda Neiva com Albertino Neiva irmão de Antenor Neiva (filho do coronel Mundico Neiva).

Elas revolucionaram a educação em Picos, porque tinham métodos novos, eram professoras diplomadas, aqui em Picos não tinha professores diplomadas. Tinha antes Zezé Eulálio. A escola de Tia Zezé e o Grupo Escolar Coelho Rodrigues valia mais do que qualquer ginásio em Picos hoje. Naquela época depois do grupo tinha que fazer exame de admissão para entrar no ginásio. O exame de admissão era como um vestibular hoje para ingressar na universidade. Meu pai era funcionário público do estado e foi morar em Parnaíba.

Tive uma cunhada chamada D. Benvinda que foi diretora também do grupo e ela me dizia muito. “Olha não precisa você estudar. Pare cinco minutos que você aprende tudo”. Outra professora importante de Picos foi Dolores Monteiro, era neta do Coronel Joaquim Monteiro. Foi umas das mulheres mais bonitas daqui, o penteado dela causava furor. Com um trunfo na cabeça de dez centímetros de altura e sapato alto. Era linda. Trabalhou em Picos,

casou-se com um dentista de Piracuruca, chamado Cícero Cerqueira e foi embora para Piracuruca.

Minha tia Zezé Eulálio, tinha uma escola e ela me treinava para ser o melhor aluno no Coelho Rodrigues. Porque tinha as perguntas, aí a professora dizia a tabuada, sete vezes oito, aí o cara errava, pegava a palmatória e dava três bolos no cara. Se eu errasse no Grupo escolar eu levava uma surra tão grande em casa que ficava vermelho. Porque Tia Zezé me batia.

Muitas pessoas perguntam se eu estudei. Eu não estudei. Mas eu leio muito. Naquela época tinha a chamada dissertação. Uma das provas mais importantes era a dissertação. Escrevíamos poesia. Líamos Olavo Bilac.

Estudei também no Diocesano, na época estudava com Dr. José Antenor Neiva, Zé Raul, Pedro Freitas. Naquele tempo os padres tinham um livro que se chamava Breviário. O padre ficava caminhando pra cima e pra baixo com aquele livro. Ele me botava de joelho em cima dos caroços de milho para eu ler o Breviário. Mas eu sofria, não era brincadeira não. Mas, só cheguei onde estou na secretaria de cultura hoje, porque o grupo me ensinou três coisas, ler, falar e escrever. No grupo estudávamos tudo. Análise lógica, análise léxica. O grupo hoje se assemelha ao colégio Dom Barreto em Teresina.

Sai daqui de Picos, fiz o exame de admissão em Parnaíba no colégio São Luís Gonzaga, que tinha como diretor o Padre Antonio Sampaio, tirei em terceiro lugar. Sai daqui do Grupo e não estudei mais nada. Em Parnaíba estudei com dona Plautilha.

No grupo [Coelho Rodrigues] tinha uma zeladora D. Lurdinha. Era tudo asseado. Tudo limpo. Entrávamos na fila. A disciplina rigorosa. A direção da escola alternava conforme os partidos que estavam no poder. Naquele tempo tinha seis anos de grupo. Era intensa a carga escolar. Tinha o inspetor escolar. Lembro-me do Sr. Rabelo, pai do Senador Mão Santa, uma figura de 1,40m ou 1,50m, gordinho, ele vinha com guarda chuva. A prova oral era na frente do inspetor. Tio João Santos foi inspetor, tinha um cavalo branco e ficava sentado numa cadeira observando a vida escolar do grupo.

O ginásio era um terror, porque você não passava na prova. O inspetor era Alberto Nunes também inspetor do ginásio. Como ele era funcionário federal ficava com a função de inspecionar as escolas. A prova oral era seríssima. Sorteava o ponto na frente da professora e do inspetor. Nessa época já tinha o colégio das irmãs na Avenida Getúlio Vargas, onde hoje é o fórum, tinha missa na capela, todos os domingos às seis da manhã. As alunas de saia azul e blusa branca.

Eu não me formei, porque fui embora antes do ginásio ser fundado. Porque se estivesse ginásio aqui com a assistência do meu pai, minhas tias, minha mãe eu tinha terminado os estudos. Mas fui para fora, toda vida fui irrequeto, gostava de aventuras e vida mundana. Terminei o ginásio e não estudei mais.

Desfiles de sete de setembro, Tiradentes. A festa da árvore, nós saíamos plantando a árvore, que era zelada depois, era no dia 21 de setembro. Dia da bandeira. Tinha festa, hasteava e cantava o hino da bandeira [Cantou o hino da bandeira]. Hoje ninguém mais sabe o hino da bandeira. Naquela época sabíamos de todos. Hino da independência. No dia 10 de novembro tinha festa da ditadura com a comemoração do Estado novo. Comemorando o golpe de Getulio Vargas.

D. Nevinha foi uma excelente professora, imprimia ordem, disciplina, tinha um porte bonito, se vestia bem, embora ela fosse ligada ao grupo político que podia tudo na cidade ela ficava acima de todas essas querelas. Comportava-se como uma pessoa digna. Embora não andasse na casa dela devido a problemas políticos. Mas quando ela foi para Teresina, vários anos, frequentei a casa dela. Sou amigo dos filhos dela. Ia muito a casa dela em Teresina na Rua da Glória.

Lembro dela mais nos anos 1950 e também dela chegando na escola como Diretora.

Na hora que mudava o governo do estado, até a zeladora era mandada embora. Não ficava um funcionário. Naquele tempo a política fechava tudo. Quando o PSD mandava a diretora era D. Nilza, quando a UDN mandava era Tia Zezé. Tirava logo e mandava tudo embora.

Hoje falamos que ninguém quer ser mais professora, porque foi muito denegrado, vilipendiado, foi muito diminuído. Há trinta anos passados toda professora de Picos tinha um Wolks, hoje professora não pode comprar nenhuma bicicleta porque foi tudo violado com os governos. A educação está acabada. E sem educação não há desenvolvimento.

Então, além da revolução econômica deve haver também a revolução da educação. Porque aumentou as drogas, o abuso sexual, pedofilia de meninas na rua. O que é isso? Falta de educação. Não há mais estabilidade nos lares. Eu gosto muito da TV, mas ela invade a casa da gente, porque a gente liga, e, é só filme pornográfico. O cinema, se colocar filme pornográfico, eu só vou se eu quiser pagar. A TV, não, invade. E aí, prega o chifre, a vaidade. Eu sei que cada um leva a sua vida. Eu não sou puritano, cada um que faça o que é melhor. Agora o direito de um termina quando começa o do outro. Posso fazer o que quiser, mas não chegar à casa de outro e fazer o que eu quero.

A decadência do grupo Escolar Coelho Rodrigues, entrou em degradingolagem, quando passou a colocar pessoas incompetentes, o ensino sem valorizar as particularidades as regionalidades, porque cada lugar tem seus conceitos. Na hora que começou a universalização do ensino, os professores se modernizaram, mal pagos. Ninguém exerce função nenhuma mal remunerada.

O prédio do grupo foi tombado, se eu fosse autoridade, o prédio hoje era uma escola de primeiro mundo. Assisti o Cristovão Buarque enaltecendo o Dom Barreto. E porque o Dom Barreto é o melhor? Porque se premia as qualidades. Não podemos nivelar a educação por baixo. [...]

As aulas no Grupo Escolar eram de lógica, gramática léxica, redação (dissertação), poesia. Geografia, História. A professora dava aula e nós íamos escrevendo. A farda era short azul, blusa branca, meia e sapato preto. Meus amigos da época era Dalva enfermeira, João Mandu, Djalma irmão de dona Assunção, José Antenor [...]. No recreio a brincadeira da época era de jogar castanha e depois da aula banhávamos no poço dos homens.

A professora normalista mudou os conceitos e direitos. Em nossa sociedade até 1945, os pais diziam que os filhos tinham que ser padre, advogado e médico. As mulheres iam ser professoras. Mulheres não formavam, não saíam, não iam para festas sozinhas. Até para entrar na igreja entrava com o bolero geralmente de seda ou tule para cobrir os ombros. Senão, o padre expulsava da Igreja. Na época [1947] o padre Madeira, que depois saiu da igreja, mas foi um padre reverenciado e admirado por todos. As mulheres eram recatadas. Íamos para o Picoense Clube, que era lá na Praça Félix Pacheco para os matinais. O namoro, o homem pedia para acompanhar a mulher. Terminava a missa as mulheres desciam com os boleros nos ombros.

Depois de dizer 10 “posso lhe acompanhar” era que a mulher permitia e aí tinha o direito de pegar na mão ou colocar a mão no pescoço. Então quando chegaram as professoras, tudo ficou diferente, eram mulheres formadas, que ganhavam dinheiro e em Picos não tinha isso. È a mesma coisa de quando chega um doutor na cidade, o impacto que causa. Foi como o 3º BEC, quando chegaram aqui, todos com dinheiro e as mulheres sabendo namorar. O 3º BEC mudou todos os conceitos de Picos, quinze mil pessoas diferentes, tudo com dinheiro, a cidade mudou.

Então, a vinda das professoras foi como os primeiros médicos, Dr. Moura e Dr. Antenor. Ou quando chegaram Dr. Oscar e Dr. José Nunes sabendo operar as pessoas. Essas mulheres mudaram tudo. O que mudava com elas? Vestiam-se muito bem. Por que um

vestido novo para as mulheres de Picos era uma vez por ano. Ninguém estudava fora, o pessoal daqui só foi estudar fora de 1945 para lá, porque o grupo incentivou a procura de novos estudos. Saíam para estudar no colégio Marista em Fortaleza, Diocesano e Colégio das Freiras em Teresina.

Havia muito preconceito, as mulheres mais ricas viviam isoladas. A praça era dividida entre pobres (era o lado mais escuro) e ricos (era o lado mais iluminado). Mas no Grupo Escolar não tinha distinção todos estudavam lá, pobres e ricos, mas é lógico, que os ricos colocavam mais os filhos para estudar. Porque em minha opinião os pobres é que se marginalizam. Porque, se isolam em função da condição social deles. Vejo, que há alguns que participam e encontram um lugar social. Além do Grupo Escolar tinha o Landri Sales que era municipal, depois veio à escolinha de Dorinha Xavier.

Entrevista com Maria do Socorro Cardoso Ferreira – 11 de Fevereiro de 2008.

Autorizo a publicação da entrevista.

Meu pai (também pai de Nevinha) foi muito rico, depois ficou pobre e cego. Quando ele morreu, eu tinha onze anos. E minha mãe antes de morrer pediu para que me entregassem a Nevinha. Fui morar em Picos, em Novembro de 1932 e fiquei com Nevinha até os 16 anos quando me casei.

Nevinha foi estudar em Brejo no Maranhão, aos dez anos, porque lá era mais adiantado na educação. Minha avó morava lá e era rica. Quando eu nasci ela já tinha doze anos. Alguma coisa que lembro, foi ela que me contou, como, a paixão pelo Rio Parnaíba, pelos amigos e as viagens do meu pai, que trazia muitas coisas bonitas, para ela, como bonecas de louça. Ela só andava de chapéu e pulseira de ouro. Ela era louca por estudar. Com quatro anos já lia e escrevia e aprendeu tudo sozinha. Para Escola Normal, ela veio de Porto, estudar com 12 anos se formou e foi embora para Picos. Ela D. Ricardina e Dona Alda, foram as primeiras professoras de Picos. Lembro do vestido de formatura dela, de normalista, azul de seda e cheio de pontas também usava chapéu. Em 1927, meu pai veio embora para Teresina e todos passamos a morar juntos. Antes disso, ela morou na casa de Adolfo Alencar.

Fui aluna dela no Grupo Escolar do Coelho Rodrigues, na 4ª série. O grupo era bom, aprendia mesmo, eram todos na fila, só saíamos depois que cantávamos o hino. As professoras escreviam na lousa. Ela brigava muito, era muito zangada. Todo sábado declamávamos poesia, e tínhamos medo. Eu mesma chorava para não declamar. As poesias

eram de Olavo Bilac. Estudava no livro Coração de criança. Passava o Dever de casa. Estudei com Helvídio, Adãozinho, Severo, Otilia Santos. Colocava de joelhos, não tinha palmatória. Mandava estudar em casa. No dia da prova vinha duas autoridades assistir as provas, na minha época era Hélio Leitão e outra vez, Brocardo leitão. Eles mandavam escrever na lousa uns nomes pra ver se escrevíamos certo. Tínhamos farda era uma saia azul de pregas e uma blusinha branca com o nome do colégio. Na hora da saída era na fila, mas quando soltava era tudo impossível jogavam pedra uns nos outros. Dia sete de setembro tinha desfile organizado pelas professoras. Tinha ensaio todas às tardes pelas ruas. Tinha o dia da árvore que nós plantávamos. As poesia era Coração Materno, parece que de Olavo Bilac.

Quando ela tava lecionando, teve Vanda e ficou de resguardo, D. Mundica ficou no lugar dela e D. Mundica não agüentou a turma. Quando ela voltou colocou todos de castigo. Os meninos pulavam nas carteiras, jogavam pedras, Helvídio Nunes era desse tamanhinho, Zito Santos, eles eram danados. E ela colocou todos de castigo. Ela era muito respeitada. Quando diziam, lá vem D. Nevinha todos se aquietava.

Quando foi primeira-dama houve muitas festas na casa dela que foi visitada por Dr. Leônidas. Mesmo como primeira-dama continuou dando aulas no grupo.

Ela gostava muito de escrever, era muito saudosa, cheia de recordações. Quando o marido dela foi deputado ela veio embora para Teresina com todos os filhos.

Uma boa pessoa, caridosa, a casa dela era muito visitada por pessoas pobres. Gostava de escrever e ler jornais, revistas. Dava um monte de revistas para eu trazer.

Entrevista com Isabel Cardoso de Melo dia 15 de setembro de 2008.

Autorizo a publicar a entrevista.

A impressão que eu tive da professora Nevinha Santos, foi a seguinte: marquei para conversar com ela sobre o ofício de ser professora, aí ela tava me esperando numa tarde, nós passamos uma hora conversando, colhi as informações, e depois uma conversa informal.

Durante meu curso, fui professora e meu pai também foi um mestre daqueles que não tinha formação, sabia ler, escrever e contar. Ela me pareceu muito calma. Falamos de castigos no tempo do meu pai, de castigos de joelhos e de palmatória, ela falou que era calma, mas que tinha moral na sala de aula e que não usava castigos em suas aulas. Não conseguia vê-la como uma pessoa autoritária na sala de aula. Era muito meiga e muito calma.

Falamos muito das diferenças de ser professor entre as épocas. Para ela em sua época o professor tinha status, reconhecimento, respeitado. E em nossa época atual, os professores ganhavam apenas um salário mínimo ou só um pouquinho mais que isso. Sem cargos e salários. Naquela época em que conversamos estava terrível a condição salarial dos professores, salários atrasados. O governador debochava da condição salarial dos professores. Falava assim: – Se até a menstruação da minha mulher atrasa, porque o salário de professor não atrasa? Ela se indignava com todo esse descrédito a classe dos professores. Com o desprezo a classe. Falamos da importância do professor. Para ela, professor era importante porque era o formador. Se existe outras profissões é porque existe professor. Então ele deveria ser admirado, venerado, porque em outros países eram. [...]

No Japão professor é a única categoria que não presta continência ao imperador. O professor devia ser bem pago porque trabalha na escola e em casa.

Nós tomamos um suco. Conte para ela que eu tinha um aluno de reforço. E eu cobrava o preço que o colégio pagava. Eu era uma professora de reforço cara. [...]

Ela escrevia para manter a memória ativa como se não quisesse parar, porque ela era uma mulher muito ativa. Cuidava das plantas. Cuidava da casa dela. Eu percebi que ela não queria que sua mente parasse. Ela queria mostrar ser produtiva, que entendia, até para que futuramente ela não esquecesse o que tinha vivido.

Lia os jornais diários, escrevia os artigos dela. Ela acompanhava mais o jornal impresso do que a própria TV. Nós ficamos amigas depois. Ela telefonava. O filho dela trazia os artigos e entregava pra gente. A página 2 do jornal ela não é lida pelas pessoas em geral, ela tem um público selecionado. Nela publica o Carlos Said, o Sarney. É uma página que lê público de academia, pesquisadores, o pessoal do conselho estadual. É mais de formadores de opinião, também universitários e professores.

Eu sentia nela como se tivesse nascido para ser professora. Ela me falou dos alunos famosos. Como Helvídio Nunes. Ela disse que tinha uma relação de carinho e respeito pelos alunos. E que ela era vocacionada. [...]

Eu percebi que ela gostava de ser reconhecida pelos alunos. Meu aluno hoje é doutor, meu aluno hoje é senador [Nevinha falava]. E gostava de ver seus alunos bem.

Dona Nevinha, eu queria ter tido mais tempo de conversar com ela depois. Ela tinha uma experiência de quem formou gente. Gostava de falar de suas memórias.

Entrevista com Sr. José Odon Maia Alencar, em 11 de abril de 2008

De começo, congratulo-me com a gentil professora Jane Bezerra de Sousa pela oportuna iniciativa de homenagear as saudosas mestras que, em épocas já distantes, exerceram com proficiência e dignidade o magistério primário na cidade de Picos, do estado do Piauí. Entrevistado, ofereço como picoense e contemporâneo, o meu depoimento a respeito do assunto, numa revivescência que muito me honra e desvanece.

Após receber de minha mãe os rudimentos do saber, consistentes no aprendizado das primeiras letras e de haver frequentado, durante vários meses, a Escolinha da prima Luiza Amélia Maia Quintino, fui matriculado no grupo Escolar Coelho Rodrigues, construído pelo governo do Estado na cidade de Picos, oficialmente inaugurado no dia 15 de fevereiro de 1929. Guardo desse tempo de infância inapagáveis lembranças, pois além da realização do curso primário, no período de 1936 a 1939, muito influenciou no desenvolvimento de minha formação educacional, moral e cívica.

Com justificada admiração, rememoro as figuras das distintas e competentes professoras Ricardina Neiva, Maria das Neves Santos (Nevinha) e Raimunda Cardoso (Mundica), das mais antigas diplomadas pela conceitual Escola Normal Antonino Freire, sediada na capital Piauiense. Exemplos de dedicação ao magistério souberam plasmar o espírito ávido de centenas de alunos, ao longo dos anos, o amor pelo estudo e os sentimentos de sadio patriotismo e cidadania, merecendo por isso o respeito e reconhecimento de seus conterrâneos.

Reveste-se de singular particularidade o fato de haver a educadora Nevinha Santos publicado agradáveis crônicas na imprensa teresinense, apesar da idade avançada de 89 anos, bem vividos. Nelas expõe, com simplicidade e lucidez, passagens de suas atividades durante o exercício do professorado função da nobre carreira que abraçou, por escolha e vocação, bem como o orgulho pela valiosa contribuição oferecida na difusão do ensino de primeiro grau no seio das crianças e jovens picoenses, naquela venturosa quadra existencial.

Em um desses trabalhos, inserto no Jornal meio Norte, edição nº328, do dia 22 de agosto de 1998, faz singelas referências sobre ex-discípulos, como mostram os tópicos abaixo transcritos, *ipsis literis*:

“Sinto-me orgulhosa das turmas que ensinei. Quase todas se tornaram realizados na vida. Educados e corretos. Lembro-me de uma turma que mais me gratificou. Levei essa turma do 1º ao 4º ano. Nela estudaram para citar somente alguns: Severo Maria Eulálio,

grande político, foi prefeito de Picos, deputado estadual e federal. Fontes Ibiapina, juiz de direito, escritor e membro da Academia Piauiense de letras, ambos infelizmente falecidos. Helvídio Nunes foi sua primeira professora e durante todo o seu curso primário. Ele foi tudo no Estado do Piauí. Prefeito de Picos, deputado estadual, secretário de estado, governador e senador da república. Foi ele o autor do projeto de criação do município de Francisco Santos, em homenagem ao Coronel Francisco Santos, filho do lugar, mesmo sendo seu adversário político. José Odom Maia Alencar foi prefeito de Pio IX, deputado estadual e governou também o estado, hoje ministro do tribunal de contas. Isaías Santos, alto funcionário da fazenda estadual. Otilio Neiva Coelho, Desembargador do estado do Pernambuco, Irmã Dulce e Irmã Helena, freiras e mais alguns que se destacaram na vida que me foge da memória. Essa turma eu a denominei como a ‘Turma do brilhante’, porque todos brilharam e de acordo com suas condições econômicas, sociais e políticas”.

Entrevista com Nerina Castelo Branco. Em 15 de abril de 2008.

Autorizo a publicação da entrevista.

Como a senhora conheceu a professora Nevinha Santos?

D. Nevinha é uma longa história com a minha família. Ela foi muito amiga de minha mãe. Ela novinha e mocinha. Entendi-me, minha mãe falando dela e que prezava muito essa amizade. Eu também me afeiçoei a ela. Uma das filhas dela que é da minha idade foi minha colega de escola, a Vanda. Depois de muito tempo eles foram morar na rua Elizeu Martins, a história ficou ainda mais incrementada. Nevinha era uma pessoa cativante, era uma herança que minha mãe tinha me deixado.

Convivi com Nevinha em quase todas as fases da vida dela, menos quando era jovem e quando ela morou em Picos. Porque nunca fui a Picos, apenas de passagem. Mas quando ela voltou para Teresina. Eu comecei a frequentar a casa dela. E sempre me dizia que tinha muita vontade de escrever as histórias de Picos. Ela casou-se com o filho do coronel Francisco Santos, conhecido como Chico Fartura, o Adalberto de Moura Santos. Ela gostava muito do sogro dizia que era amigo dela, decente. Sempre fez as melhores referências ao sogro e a sogra, D. Balbina. Ela dizia que ia escrever sobre essas histórias.

D. Nevinha foi professora muito tempo e o magistério, faz com que a gente crie e tenha esse pendor para literatura e para escrever. Ela escrevia muito direitinho, era inteligente, de vivência. Tinha as experiências da vida e era muito consciente das coisas. Falava das

alegrias e as tristezas que a vida traz a cada um de nós. Eu adorava conversar com ela. Ela me chamava e dizia que eu era muito inteligente. Nós casamos com a vontade de escrever e o magistério.

Logo depois ela começou a escrever em jornais. A leitura dos textos muito gostosa. Falava dos Picos e ela escrevia com muita minudência. Ao escrever sobre sua casa eu me sentia adentrando por ela e sentindo o cheiro das flores e das coisas. E dizia “Dona Nevinha a senhora parece um ourives talhando a prata e o ouro”.

A vida dela e o pendor de escrever. Ela não fantasiou. Ela não escreveu um romance histórico. Eram crônicas da realidade do que ela viveu, do que gostou o amor que tinha as pessoas, o amor que tinha a Picos. Ela se adaptou muito a Picos e as pessoas. A gente notava quando ela falava.

Sobre o magistério ela era encantada. A gente sentia que ela havia nascido para ser professora. E para mim ela tinha a maior qualidade do ser professor. Porque tinha o amor. Alfabetizou crianças. Que para mim é o trabalho mais importante do magistério. È você burilar aquelas crianças que estão começando a fluir para a vida e para o conhecimento. Foi o artífice de desabrochar muitas crianças daquela cidade. Ela tinha um amor muito grande pela profissão. E sempre dizia, que se ela fosse resumir a vida dela não era como mãe, mas sim como professora, foi o grande encantamento da vida dela.

Ela falava das festas das escolas, as homenagens da escola. Contava a vivência da escola. Falava que antigamente tinha as festas cívicas. E criticava porque na atualidade não tinha. Não se cantava, mas o hino nacional, não fazia mais festas de Tiradentes, sete de setembro e dia do índio.

D. Nevinha é uma pessoa muito fácil de descrever, uma pessoa dócil, boa, uma amiga fiel. Ela sempre me demonstrou muito carinho. “Você é filha da Ester que era uma pessoa que eu queria muito bem”. Era tranqüila. Não era geniosa, não guardava rancor. Era sempre o mesmo tom. Eu dizia que ela era uma santa. Ela morreu do jeito que viveu tranqüila. Aconselhava-me com ela e gostava muito dela.

No lar encaminhou todos. Era um exemplo de moral de compostura de decência, de honradez. Uma mulher nos padrões antigos. Respeitava seu marido e seus filhos. O que ornou a personalidade dela foram essas virtudes de muita moral, decência e seriedade. Isso foi o patrimônio que ela legou para os filhos e para os amigos.

Nós estávamos preparando a festa dos 90 anos dela. E me pediu para que eu preparasse a missa de comemoração do aniversário dela. Íamos convidar um pároco. Eu

pensei que ela fosse chegar até lá. A doença dela foi muito rápida. E lamentavelmente não podemos comemorar.

Ela era engraçada. Ela mesma tratava dos negócios dela. Contratava um táxi e dizia não querer incomodar ninguém. Uma vez eu cheguei lá e ela estava lendo uma revista caras. E falou: “A gente abre a TV é só desgraça, morte. E essa revista é uma beleza, todo mundo rico e nas festas, nas ilhas passando bem, comendo bem”. Eu sorri muito disso.

Eu dizia: “D. Nevinha, um professor se dedica muito para ganhar tão pouco”. E ela dizia: “Minha filha o salário pode até fazer a gente esmorecer. Mas quando vemos aquelas crianças, que a gente pode transmitir alguma coisa, esquecemos tudo”.

Entrevista com Moisés dos Martírios Barros em 04 de Fevereiro de 2009.

Autorizo a publicação da entrevista.

Os artigos para o Jornal Meio Norte, são encaminhados via internet. Tem um funcionário que pega esses artigos e nos repassa para que façamos a ilustração. Logo após, eu leio e conforme o assunto que o artigo aborda, eu vou tendo a ideia de como tendenciar à ilustração.

Os dados que o artigo trás são imprescindíveis para a ilustração.

Eu fiz a ilustração de alguns artigos da professora Nevinha Santos. O artigo a *Decadência do Estado Novo*, ela falava de formas de administrar antigamente e de conjecturas políticas da época. Inclusive, informações que eu desconhecia. O artigo era de suma importância para ilustração. Os detalhes que ela trazia, eram sempre de um passado longínquo que traz conhecimento e agrega importância na hora de ilustrar o artigo. Falava da política da época, que se protestava de uma forma romântica, ingênua e toda uma forma de administrar bem. Os recursos eram bem menores, do que hoje em dia. A cidade tinha obras, em função da boa administração da época. Coloquei uma ponte na ilustração, como se fosse a do Rio Guaribas e também as imagens da igreja matriz e um rapaz pensativo, como se fossem estudantes da época que se preocupavam com sua parcela de responsabilidade com a cidade e com o estado. Ela também abordou no texto, uma conjuntura política que o marido dela viveu.

No artigo *A última viagem que eu fiz a minha terra*. Ela escreveu com nostalgia. Como se tivesse no final da vida, lembrando momentos em que ela era criança, seu casamento e seus filhos em Picos. Ela retornando a cidade para matar saudades de um tempo,

da juventude, toda a vida dela, apaixonada pela cidade. È um artigo saudosista de um ponto de vista positivo.

Para lembrar o coronel Francisco Santos, ela falava da linhagem do coronel e sua participação na política. E que pouca gente sabe, quem foi o coronel Francisco Santos, inclusive tem até uma cidade que leva o seu nome. A administração dele foi eficiente. E o quanto ela recorria à igreja do coração de Jesus. Abordava a questão da fé, ao chorar na igreja e confessar os seus sentimentos e a vida social que teve. Na ilustração, eu mostro como se ela tivesse pensativa, o coronel presente, mesmo que eu não colocasse a fisionomia dele e também retratei saudosismo que ela carregava.

Um encontro cheio de muitas saudades foi um encontro que ela teve com uma amiga, dois anos mais velha do que ela, ela retratava o momento que brincava com essa amiga. Brincavam de roda e de boneca e se emocionavam a contar suas histórias de infância e da juventude. Amigas inseparáveis.

Os textos dela mostram, sua idade madura e bem vivida, com muita lucidez, uma mulher que viveu intensamente, num ponto de vista ingênuo. Ela falava muito na questão da fé e de encontrar a felicidade em coisas simples. Viveu dentro de um contexto político e social. Era uma pessoa de vida intensa. E sempre se colocou diante da vida, com muita propriedade.

Entrevista com Luiz Ayrton Santos em 25 de Janeiro de 2009.

Autorizo a publicar a entrevista.

Ela foi uma das professoras diplomadas mais antigas do Piauí. O seu curso primário foi todo feito na cidade de Brejo, MA, sob a competente orientação da professora Belinha Bacelar, onde iniciou e concluiu o seu processo de alfabetização. Posteriormente, deslocou-se para Teresina, onde cursou e concluiu os seus estudos na Escola Normal Antonino Freire.

Os seus pais residiam no povoado Marruás, hoje cidade de Porto-PI, fronteira com a cidade de Brejo (MA), onde seu pai Coronel José Olímpio Rodrigues, havia nascido e onde residia a maior parte de sua família, além de ser, naquela época, uma cidade em franco desenvolvimento e onde já existiam boas escolas.

Gostava de ler principalmente as obras de Olavo Bilac, Machado de Assis e Castro Alves. Ainda no Curso primário, eu a tive como minha professora e habitualmente dela recebia livros infantis de presentes, como os de Monteiro Lobato, incentivando-me à leitura e

ao estudo. Ajudava os filhos nas tarefas escolares, quanto aos netos não foi possível porque sua idade já não permitia realizar essas tarefas.

O período em que foi professora e diretora do Grupo Escolar Coelho Rodrigues foi de muito progresso e inovações, sempre contou com o apoio do prefeito, seu esposo, Adalberto de Moura Santos. Como diretora do grupo, sempre foi prestigiada nos governos de Leônidas Melo, Coronel. Pedro de Almendra Freitas e General Gaioso e Almendra, além do apoio permanente do Coronel Francisco Santos, seu sogro, portanto, o grupo foi sempre bem cuidado e administrado mantendo-se sempre muito limpo e conservado.

A minha mãe sempre desempenhou a profissão de professora com seriedade e dedicação. Como esposa, foi sempre dedicada às tarefas do lar com muita responsabilidade. A partir de 1938, com a indicação de seu esposo para prefeito de Picos, aumentou ainda mais suas responsabilidades, junto à comunidade picoense, pois, a ela competia, como primeira-dama a organização de banquetes e festas para receber as mais altas autoridades do Piauí, quando em visita àquela próspera cidade.

Ela foi minha professora. Praticava suas atividades com muito amor à profissão e responsabilidade, não me diferenciando dos demais alunos.

Bem cedo minha mãe me levou para iniciar meus estudos no Grupo Escolar. Recordo-me que sempre me tratava com muito carinho e me dizia sentir-se orgulhosa da sua profissão e com a sua maneira de ensinar, educando. Realmente, ela foi, ao lado de Dona Alda Neiva e Dona Ricardina Neiva, as pioneiras na educação e instrução na cidade de Picos. Seus alunos tornaram-se mais tarde jovens educados e comunicativos, alcançando altas posições na história política do Piauí.

O Grupo Escolar era muito pequeno, constituído apenas de quatro salas de aula, uma sala para a diretoria, outra para secretaria, além da quadra de esporte. Pela porta principal do estabelecimento escolar era a entrada e saída dos alunos. O fardamento era modesto, com as cores azul e branco, mas os alunos se mantinham bem limpos por recomendação da diretora. Os alunos tinham interesse nas aulas das professoras que eram preparadas e competentes, obedecendo a um planejamento previamente elaborado por eles. Naquela época, os livros eram padronizados, passando de irmão para irmãos. Não me recordo das visitas dos inspetores, mas, creio que certamente devem ter sido realizados porque era uma norma do ensino da época. As datas cívicas eram sempre comemoradas, com paradas, hinos, jogos esportivos e muitas festas e todos nós participávamos com orgulho daquelas comemorações. Nas sabatinas, inicialmente, imperava o reino da palmatória, mas foram logo abolidas pelas

novas professoras. Das festas cívicas, tenho muitas saudades como também dos jogos esportivos porque eram bem concorridos e animados.

Tenho muitas lembranças daquela época que foi uma das mais progressistas da história de Picos. O prefeito era meu pai, Adalberto de Moura Santos, e recordo-me de sua visão administrativa e empreendedora de grande administrador. A cidade virou um canteiro de obras na administração, quase totalmente calçada e arborizada. Arisco-me em citar alguns empreendimentos executados pelo prefeito: A Praça Félix Pacheco, constituída de uma linda balaustrada, com canteiros gramados, que a embelezava; construção da primeira rede de esgotos sanitário da cidade, novo prédio da prefeitura municipal; matadouro público, posto de saúde, vários poços tubulares, estradas carroçais, parte da iluminação pública da cidade, mercado da carne, nova pintura do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, fundação do jornal, a Ordem, que me parece ter sido o primeiro jornal da cidade; e obteve, na época, junto às autoridades competentes a instalação de uma agência do banco do Brasil naquela cidade. O prefeito ainda doou ao município parte de uma de suas propriedades e ali construiu o aeroporto da cidade, que ainda permanece no mesmo local, desde sua construção, conseguindo para Picos uma linha aérea da Cruzeiro do sul, com a rota Picos/Teresina, escala em Floriano entre outras tantas obras ali realizadas. Com o povo de Picos sempre foi muito trabalhador, o comércio se desenvolveu, novas indústrias surgiram e aquela pequena cidade, com o avanço do seu progresso permanente, tornara-se uma das mais progressistas cidades do Piauí.

Ela se sentia honrada em ser professora normalista, principalmente por ter sido a primeira professora diplomada da cidade de Porto, PI, sua terra natal. Ela sempre dizia que educar o jovem era uma atividade prazerosa. Por incrível que pareça às normalistas eram bem remuneradas. E seu aperfeiçoamento foi todo através de bons livros.

Não sei informar que tipo de doença ela teve. O meu pai certa vez a trouxe para Teresina e ela foi operada pelo Dr. Rocha Furtado, jovem cirurgião, recém chegado em Teresina.

Ela foi à primeira professora diplomada de Porto, PI. Além dos afazeres domésticos, educava e orientava os filhos nas tarefas escolares e também participava da alfabetização dos poucos presos da cadeia pública de Picos.

Sempre participou das atividades políticas do seu esposo, pois era uma mulher idealista e progressista. Era fervorosamente adepta e praticante da religião católica. Não me recordo se rezava antes das aulas, mas sei que era cantado o hino nacional e do Piauí.

Durante a administração do seu marido, foi fundado a Escola Municipal Landri Sales e a edição e circulação do jornal A ordem, provavelmente o primeiro a jornal a circular da cidade.

Aproximadamente aos 50 anos se aposentou. Inicialmente permaneceu em Picos por mais alguns anos resolvendo alguns problemas relativos ao comércio do seu marido. No ano de 1951, veio morar em Teresina para acompanhar seu esposo, que havia sido nomeado delegado do IAPC, em Teresina, tendo inclusive inaugurado o prédio do instituto, localizado na Praça João Luiz ferreira, na sua gestão. Quando veio para Teresina, não desempenhou mais nenhuma função da área da educação.

Após escrever um artigo sobre a queda do Estado Novo, eu incentivei a publicá-lo. Procurei o jornalista Arimatéia Azevedo, no Jornal Meio Norte, que lendo o referido artigo, determinou a sua imediata publicação, e, ainda, escalou a jornalista Isabel Cardoso, que fosse residência de Dona Nevinha Santos, para entrevistá-la. Foi o começo de tudo.

Os seus últimos anos de vida foram escrevendo e recebendo o carinho dos filhos, genros, noras e netos. Nascida no dia 12 de março de 1910, na cidade de Porto, PI e veio a falecer no dia 02 de julho de 1999, aos 89 anos de idade em Teresina, capital do Piauí, cercada de seus descendentes, parentes e amigos.

A nenhuma pessoa ela fez prometer publicar suas memórias e nunca externou esse desejo. Como filho mais velho, prometi a mim mesmo publicar um livro sobre os seus escritos e principalmente, após ter conhecimento de que a professora Jane Bezerra, minha conterrânea, havia escolhido sua história e biografia como tese junto à Universidade Federal do Piauí.

Um dos momentos mais interessantes da sua própria vida, eu estava ao seu lado, quando ela disse que adorava e se sentia muito feliz em ser professora era quase uma mãe. E, continuou... Amei ensinar, adorei a minha profissão e me sentia muito feliz numa sala de aula, ao lado de crianças pobres e ricas, que a respeitavam, abraçavam-na, sorriam para ela, davam-lhe flores, numa demonstração de apreço e carinho à sua professora.

Tenho saudades da sua presença, dos seus conselhos, dos seus beijos, dos seus abraços e carinhos. Finalmente de tudo. Melhor mãe do mundo. Além de ser muito católica, era bonita, tolerante, inteligente, muito boa, resignada, amiga e, sobretudo muito digna. Para educação o legado de uma excelente professora e educadora e para a família, o caminho certo para espelhar-me na educação que ela me deu e que eu transmiti aos meus filhos: Luiz Ayrton, Flávio e Yamara.

Entrevista com Manoel Rodrigues de Lima em 05 de fevereiro de 2009.

Autorizo a publicação da entrevista

Atuo no magistério desde setembro de 1978. No final dos anos 1980, o movimento sindical enfrentava uma onda de salários atrasados, a escola numa situação precária e também a falta da democracia sem eleição para diretor e sem concurso público isso se estendeu até o final dos anos 1990. Dessa forma realizamos vários movimentos: caminhadas, greves, passeatas, para chamar atenção da sociedade no sentido de garantir as bandeiras de luta.

A era Mão Santa [1995-2001], foi terrível para os trabalhadores em educação, os salários atrasados, havia muitas pessoas sem concurso, o bilhete funcionou no serviço público. As escolas numa forma precária, e o professor se sentia desmotivado e desvalorizado. Houve uma revolta, da situação. E foi um ato histórico da categoria quando acampamos de frente ao tribunal de justiça. Porque ali estávamos denunciando os três poderes. Foi assim o momento marcante do movimento sindical.

Em 1978, quando ingressei no magistério as escolas eram poucas ainda tinha um respeito maior da população. A partir dos anos 1980, com o governo Alberto Silva no seu segundo mandato é que houve de fato uma desvalorização da escola publica motivada também por uma política nacional. Eu me lembro, chegavam dias que eu não tinha vontade de dar aulas. Por que eu me perguntava que profissão era essa que eu havia escolhido, que era tão importante, mas que eu me sentia acuado, sem condições de nada.

Três meses de salário atrasado. Como desempenhar uma função dessas? Escolas com o teto caído, falta de carteiras, um verdadeiro festival de desorganização e desvalorização. No final dos anos setenta [1970], o professor tinha certo status e no início dos anos oitenta [1980], a educação estava desvalorizada. Eu creio que até os anos setenta a escola pública ainda tinha a classe média, tanto alunos como professores e até mesmo ricos. Do Instituto da Educação muitos professores foram remanejados para Universidade Federal. A minha irmã estudava no instituto de educação e era ainda, uma briga para estudar naquela escola.

Quem dava aulas, nas escolas estaduais, eram médicos dentistas, ou seja, a classe média que trabalhava na escola. Eu mesmo estudei na minha escola do meu bairro e tive que me submeter a exame de admissão.

Até os anos setenta os trabalhadores da educação eram da classe média, dentistas, médicos, advogados e outros segmentos. E os alunos também da classe média. Com o

aumento do número de escolas e a exigência de ser professor quem tivesse a licenciatura. Esses profissionais de outras áreas saíram do magistério. O que favoreceu a saída da classe média da escola em virtude dos salários atrasados, sem carteira, escolas com goteiras. Por outro lado o estado desvalorizou a escola pública incentivando a expansão da escola particular. Quem ficou na escola pública foram os filhos dos trabalhadores humildes. O descaso foi marcante.

Em 1997, a classe média não tinha mais seus filhos na escola pública e ficavam como observadores da situação. Começamos a ter envolvimento na luta com auxílio dos pais de alunos das próprias escolas. Tinha o chavão “Escola pública é um direito do Estado”, mas na prática os prefeitos e governadores não respeitavam os direitos. Alguns segmentos da igreja também nos apoiaram na luta.

Do que eu pude vivenciar as décadas de oitenta [1980] e noventa [1990] foram terríveis para desvalorização do magistério e da escola pública e eu me sentia muito mal como trabalhador da educação. Muitas pessoas na época procuravam fugas, como trabalhar na prefeitura que tava surgindo oportunidades melhores, Banco do Brasil, Caixa Econômica e outras alocações. O professor passou a ser visto como aquele que não pagava as contas, a Cepisa, cortava a luz. Então muitas pessoas questionavam para que estudar tanto e ser professor? “Olha aí eles estudaram tanto e tem uma vida terrível”. Como um profissional pode ser respeitado numa situação difícil dessa? Mas, aí houve muita luta. A categoria saiu para o embate, puxamos outras categorias. E foi importante enxergar a busca dos direitos, os professores não se acomodaram. Eram três meses de salários atrasados. E lutando na rua. Em alguns municípios como Picos, em 1991 o ano letivo foi perdido.

No final do século XX e início do século XXI esse quadro foi se modificando com eleição para diretor, salários em dias até hoje, com tabelas mensais, funcionários concursados e uma revalorização do docente, mas de uma forma lenta. A expansão da UESPI, mesmo com qualidade questionável, formou muitos professores.

Considero ser professor, mesmo com todos os problemas, muito recompensável pelo respeito que os alunos, os pais e a população nos têm. Mesmo em tempos muito difíceis sempre tivemos o respeito deles. Mesmo em situações complicadas como greves e os alunos sem aulas, a maioria se manifestavam com carinho e respeito. Eu, particularmente mesmo no sindicato durante três mandatos, nunca deixei a sala de aula. E hoje muito dos meus alunos são professores. Eu adoro minha profissão. E se tivesse que escolher seria professor de novo. Só que eu teria estudado mais ainda. Agora que estou fazendo a minha especialização.

Entrevista com Dr. Luiz Ayrton Santos Júnior em 12 de abril de 2008.

Jane - Eu gostaria de perguntar se você autoriza essa entrevista?

LA- Sem problema nenhum pode publicar.

Jane - Qual a lembrança que você tem da sua avó, Professora Nevinha Santos?

Eu tenho uma imagem boa de austeridade, de uma mulher de fibra de lutar por seus desejos, não necessariamente que combinassem com os meus, mas que era uma mulher política, parecia que tinha política no sangue, mesmo ela já bem idosa se interessava por política, lia os jornais todos os dias, então tinha umas ideias boas. Mas, ao mesmo tempo era fria, não era de fazer muito carinho, porém gostava de um bom papo, de conversar. Do ponto de vista físico era uma mulher muito bonita, e sentava-se de forma elegante, muito reta, sempre muito reta. A melhor ideia que tenho dela era de ser muito rígida. Sua moral tinha que ser seguida.

Ela tinha um orgulho muito grande de ser professora quem tocasse nesse assunto com ela podia perceber isso. Tinha certa nostalgia do tempo que era professora, e revolta como a professora era vista nos tempos atuais. Ela achava que a professora no passado era mais respeitada, mais querida. Achava que hoje a professora já estava mais vulgar que o comportamento da professora mudou daquela época pros últimos anos que ela viveu. Achava que a professora é a pessoa mais importante dentro de uma sociedade, até porque, ela não se sentiu só professora, ela foi pra Picos, e se referiu várias vezes, que ela dava aula não só de ensino, mas também de bons costumes, como depilar as pernas, como sentar, cruzar as pernas, usar batom. Esse tipo de educação social, do tempo e da idade dela.

Ela falava muito das outras duas professoras. Da viagem, o deslocamento. Como Picos era naquela época. A viagem que era difícil ia dormindo em vários locais, a primeira noite já foi em Morrinhos (Demerval Lobão e Monsenhor Gil). Quase um dia só para chegar lá. Falava que não voltava atrás que a história de vida dela era muito legal e que foi desbravadora de um tempo. Foi para picos e foi muito bem tratada, falou também que o Coronel Francisco Santos tratava muito bem essas professoras. Eram recebidas como estrelas na cidade. Parecia que a sociedade sabia que elas iriam interferir na mudança social que ia ser demarcado com a chegada das professoras. Ela tinha consciência desse papel, dessa responsabilidade. Ela lutou com esse objetivo.

No papel de primeira-dama com compromisso social dentro de uma prefeitura, eu não tenho informações. Lembro da tristeza dela no final do governo que houve aquela quebra

dentro das coisas de casa, quebraram utensílios domésticos. A população ter invadido não sei o que de fato aconteceu para que isto tivesse ocorrido. Foi um processo. Acho que ela foi mais professora do que primeira-dama.

Ela caminhava muito, gostava de andar. Eu morava próximo ao HGV e ela morava no centro. Mas sempre vinha a pé. Não queria que ninguém fosse buscar ou deixar. Ia caminhando, no meio do caminho tinha uns parentes que ela sentava e conversava. Gostava de caminhar. Fico pensando o que a fez viver tanto tempo. Porque quando tinha 90 anos ela adoeceu para morrer, em dois meses, adoeceu e morreu. Não me lembro de tê-la visto doente antes disso. Ela faleceu de câncer de fígado, uns sintomas de hepatite. Descobriu um tumor. Ela chegou a ser operada devido o diagnóstico desse câncer. Passou 24h internada. Achei a alta dela muito rápida. E ao chegar a casa, dessa alta, teve uma morte suave, no leito, em casa. Como médico, acho que deve ter sido uma embolia pulmonar, algo desse tipo. Foi assim muito rápido injustificável para doença de base que era o câncer de fígado.

Já a acompanhei mais idosa dos 60 aos 90anos, num ponto ela tinha uma preocupação, já se retraía, típico dos idosos dessa época, não gostava de sair. Então ela ia pra missa, mas ia sozinha, tinha um motorista que ia buscá-la. Antes ela morava na Rua 24 de janeiro, depois no Jóquei, ia muito à igreja do padre Tony e também a Igreja de Nossa Senhora de Fátima. Com o motorista da Tia Vanda. Ou, ela ia de táxi que já a conhecia. Ou a pé mesmo, ela era muito decidida. Depois que ficou mais velha tinha medo de cachorro e de cair, mas do ponto de vista físico ela tinha os ossos bons, lia o jornal todo dia, fazia comentários atualizados sobre o que vinha acontecendo. Com quase 90 anos ela fazia de tudo, cuidava de plantas, o jardim era maravilhoso, passava boas manhãs cuidando do jardim, sempre muito verde, cuidava bem, adorava jardinagem.

Ela morava com as filhas solteiras a Wanda e a Teresinha de Jesus. A Glória que ela ajudou a criar e que foi embora para São Paulo. E nos anos 1970 ela criou uma neta que tinha o seu nome Maria das Neves que é conhecida como Tuca. Eram quatro mulheres em casa. Meu avô, marido dela, vinha várias vezes em sua casa. Ele morava em Altos. Tinha um quarto separado. Isso é curioso, mesmo separados, não tinha dúvida de que havia um amor para se resolver. Havia queixas dos dois sobre cada um. Mas havia um carinho. E ela nesse ponto tinha um pouco de antigamente. Achava que a mulher era submissa, o marido tinha direito de sair. Para mim um atraso. Em tudo que achei que minha avó era moderna, mas tinha no papel feminino perante o casamento a submissão. Ou pelo menos aceitar o marido da forma como ele era. Tenho certeza que se ela tomou essa atitude por amor, ou por que deveria ser. Eu não

sei. Mas com certeza ela estava disposta a aceitá-lo de volta. Como de fato ela aceitou várias vezes. Eu chamava meu avô de Tio Bertim, por um hábito, na infância eu o via pouco... Não tinha muito contato. Ele tinha outra esposa em Altos e morava em lá. Quando vinha em Teresina ele almoçava na casa dela. Passava um mês, dois meses. E nos últimos dez anos ele veio mesmo morar com ela. Ele morreu em 1988, no convívio dela. Sobre Picos ele se referia à ingratidão que a cidade teve com ele. Uma frase que me marcou muito foi que comentei com ele sobre os planos da minha vida E ele olhou-me sério e disse assim: “pena que eu não posso mais sonhar”. Para mim adolescente aquela frase me marcou muito. Ele tinha o hábito de colocar a cadeira na porta, pra ver o movimento na rua. Eles tinham um bom contato. Um amor a ser resolvido. Havia aquela desfeita entre os dois. Mas quando ele morreu, ela mesma chorou muito. Ela sofreu muito com a morte dele.

Eu achava que deveria publicar o que ela escrevia. Que nós da família, iríamos reunir isso e publicar. Incentivava muito, ela escrever. Nunca a vi escrevendo. Mas a sensação que tenho era que os textos saíam de uma vez. Escrevia como uma carta então estava pronto, o texto. Não fazia muita correção. Era o que vinha mesmo. Por isso que o texto dela é apaixonante. Nasce do jeito que foi escrito e depois publicado. Essa publicação partiu do contato com jornalistas que viram esses textos. Meu pai levava para o jornal. Ele começou a publicar no jornal. E o primeiro texto eu me apaixonei. Bem escrito, claro português fácil, tranqüila. E retratava uma época. Publicar seus textos não a envaidecia. Eu, às vezes, brincava dizendo:” você irá entrar na academia”. Ela era muito amiga da Nerina Castelo Branco. Nerina era da academia e vivia na casa de minha vó. Tenho certeza que ela adoraria ver um livro dela publicado. Não foi feito isso em vida.

Como mãe e avó ela não era de fazer carinho, de colocar no colo. Era uma contadora de histórias. Se você quisesse ficar perto dela. Ela gostava muito de contar histórias. Eu sempre gostei de história. E conversar com ela era prazeroso. Ela era real, de fatos reais.

Minha vó era muito de terra e não de céu. Uma vez disse: Nesse mundo vale pelo que tem e no outro mundo pelo que é. O que você tem dentro de você. Ela escreveu de forma natural. Além de ter uma letra perfeita, firme (não teve Parkinson) uma letra bonita. Inclusive escrevia muito claro. Elogiava os textos dela para que escrevesse mais. Esse texto mesmo sobre a menstruação que ela me relatou, senti- a no fato, não era ela em si, mas uma época, então ela sentia que tava ajudando a colaborar a você ter um retrato de uma época. Tudo aconteceu de forma natural. Ela escreveu todo mundo se empolgou um texto bem escrito. E

todos falavam “faça outro, faça outro”. – Ela respondia “Ah, não, só vou fazer semana que vem”.

Esse texto mesmo da menstruação ela ia escrever. Ela escreveu, é verdade, falando nesse fato. A filha não deixou publicar. A filha não deixou porque era um escândalo falar de menstruação. Que para ela não era. Por isso que escrevi esse fato. Que ela entendia isso como um retrato de época. Não era a menstruação dela. Mas a menstruação das mulheres da época dela. Então ela sabia que refletia assim e eu também escrevi sem dúvida não tive pena. Acho que ela acharia que era normal. O texto ela rasgou porque a filha pediu.

Ela escrevia pela manhã. Ela tinha muito frio e dormia de meia. Tinha muito medo de chuva. Se chovesse e alguém de casa tivesse ido para rua. Ela não dormia. Cobria os espelhos da casa com medo do raio. Começava a cruviana no fim da tarde e no período da chuva ela não dormia ficava rezando. Ela dormia bem. Tenho impressão que ela escrevia bem.

Tenho saudades de conversar, ela era boa de papo. Ela tinha interpretações curiosas como exemplo, nos últimos anos da vida dela coincidiu com o período que Lula era candidato. Ela dizia, que Lula não era um bom presidente. Tinha até uma brincadeira, quando lula aparecia na TV, candidato a presidente, ela colocava os dois dedos nos olhos dele, para ele não enxergar o caminho de Brasília. Ela fazia isso, nós ríamos e ela também sorria. Ela não queria Lula, porque achava que ele não seria um bom presidente. Acho que ela tinha noção do que era esquerda e do que era direita. Mas tinha algo do exercício político dela. Pertencia a um partido, tinha uma afinidade. Se era do mesmo partido já eram amigos. Na época da UDN e do PSD. Era Albertista. Achava que ele fez muita coisa pelo Piauí.

Ela não era vulgar. Não explorava o corpo. Eu brincava muito com ela. Vovó você devia fazer muito sucesso aos 18 anos. Ela dava muito liberdade. Ria não se incomodava, não censurava. Cenas de novela nunca me lembro dela ter censurado nada. Enquanto as filhas tinham certa censura de cenas mais picantes como beijo na boca. Lembro-me, pequeno, Regina Duarte e Francisco Cuoco deram um beijo na boca na TV brasileira. Minhas tias levantaram foram pra fora e eu fiquei com vergonha. E ela lá numa boa. A novela era a Legião dos Esquecidos. Lá para os anos 70, quando começou a TV no Piauí.

Arrumava-se de forma básica de uma senhora do tempo dela. Era um pouco nostálgica. O velho é nostálgico gosta de falar do passado. Ela achava que o passado tinha sido brilhante logo, ela conviveu com o cunhado Senador, o outro deputado federal. Tinham um patamar de vida muito bom. O que ela não vivenciou nos filhos. Com exceção de dois

sobrinhos. A política era fundamental na vida dela, ela discutia. E queria que todos votassem no sobrinho, a gente tem que votar na família. Ela queria dizer que isso tinha que ser mantido.

Ela estaria muito feliz se estivesse aqui para colaborar com sua pesquisa. Ela iria descrever o que não escreveu. Ficou um vazio muito grande. Quando ela começou a escrever nos jornais foi nos últimos dez anos da vida dela. Se ela tivesse começado antes teria sido melhor. Por isso que acredito que algumas cartas do Prof. Jonatas Nunes às vezes encontramos alguns dados. Ela não foi envolvida num meio intelectual que mostrasse que o que estava fazendo era muito importante. Ela reconheceu isso na convivência com os netos. Porque valorizávamos os textos. Até acho que a cultura de Picos não era tão grande e até a década de 70 não havia essa valorização. Uma cidade cheia de aventureiros. Isso colaborou até para mudar o perfil do picoense em si.

Quando se escreve se escreve para alguém, quando ela escrevia um texto e alguém lia e a identificava e tentava localizá-la. Então várias pessoas que ela não via há vários anos. Localizava-a através desses textos do jornal e ligavam para agradecer. Às vezes ela citava o nome alguém e a família toda ligava. Ex-alunos ligavam para parabenizar. Quando ela recebia ligação de alguém. Sentia que ao escrever levava o bem a algumas pessoas. Esse bem através de reconhecimento. Como é para qualquer autor que gosta de ser lido. Muitas histórias ficaram no ar.

Lembro-me que uma vez ela teve uma crise de vesícula e um avião foi buscá-la em Picos. Foi operada por Rocha Furtado. Parece que foi a única doença de verdade que ela teve.

Falava de Picos, povo de Picos não era muito culto, não era um povo educado as festas em Picos tinha muito dificuldade. As pessoas tiravam comidas levavam, sujavam muito. Pessoas preocupadas com a vida do outro. Casamento de ricos fazia aquela fila de pessoas. A população vinha pra Igreja e ali se colocavam para ver os ricos, como estavam vestidos e pra falar dos outros. O povo de Picos perdia muito tempo falando dos outros e pouco das ideias.

Falava que ninguém foi melhor prefeito de Picos que o marido dela. Não só pelas obras que acima de tudo era a limpeza da cidade. E que tinha ido recentemente, em Picos e que jamais na época de Bertim Santos a cidade estaria suja daquela forma. Era impecável. Ele fez os primeiros calçamentos. E a limpeza era fato consumado na administração dele.

Falava do apoio das cunhadas muito do lado dela, na separação, por isso que se mantiveram os vínculos. Mesmo ele tendo ir conviver com outra pessoa. Foi ela que manteve o vínculo. Eu a achava muito mais índia, morena. Tinha irmãs brancas.

Ela achava que ser professora era a profissão mais importante da sociedade. Só o fato de ela ter sido buscada aqui em Teresina para trabalhar e recebida com grande honra. Ela já deve ter criado essa ideia que professora era importante. Tinha consciência de que essas professoras interferiram na moral das pessoas daquela época. Queria deixá-la feliz, ela ver um candidato mostrar que valorizavam as professoras em campanha política. Aquilo era fundamental para torcer pelo candidato. Votou a vida toda. Votava com prazer e sem interferências. Discutia política. Queria saber de tudo. Não gostava do comunismo. Por isso que tinha dificuldade de imaginar o Lula presidente. Achava que ia tomar o poder e depois faria da mesma forma dos outros. Lembro que ela falava mesmo que o Lula assuma o poder dando a ideia que iria fazer um novo tipo de governo porque a formação cultural dele e da geração dele é de uma antiga forma. Então ele vai assumir e fazer da mesma forma dos outros que os antecederam. E às vezes constato no dia de hoje esses fatos.

Tinha medo das invasões das terras. Com isso poderia perder as terras delas. Ela achava que a propriedade era algo importante. Não gostava do MST. Ela tinha um lado político também com uma ideia socializante. Preocupava-se com os pobres. Era elitizada, mas uma elite responsável.

Falava que ensinou a Helvídio Nunes. A família Nunes era adversária do marido. Então, todos brincavam. Que foi só ela ensinar pra ele, ensinou as armas de chegar ao poder. Mas ela levava isso na brincadeira. E tinha um apreço. Ele andou fazendo umas homenagens a ela.

Escrevia cartas na cidade para quem tivesse mãe e filhos fora da cidade. E a pessoa mandava carta e lembro que ela falou que fez cartas para a mãe do prof. Jonatas Nunes.

Maria Avani Portela Santos Neiva Eulálio

03 de julho de 2009

Eu conheci Nevinha na minha infância logo com uns quatro anos, lembro que já estava morando em Picos, era muito amiga da minha mãe e o meu pai era primo do marido dela. Quando a conheci já era professora do Grupo Escolar Coelho Rodrigues.

O que me lembro do Grupo Escolar era que as professoras eram muito dedicadas. Eram excelentes professoras e possuíam muita competência, tinham responsabilidade. Estudei no Grupo até o segundo ano primário. Nós todos os dias cantávamos o hino nacional, todos bem fardados pobres e ricos. As professoras eram exigentes, gostavam de comemorar todas as

datas. Houve uma comemoração do aniversário da diretora que era a professora Nevinha. Durante o evento ela foi discursar e um dos alunos gritou. _ Ei, dona Nevinha quantos anos a senhora tem?- Ela sorriu demais e disse: Menino! Isso foi interessante porque todos sorriram.

Na época que ela foi primeira-dama houve muitas festas da Prefeitura. Tinha muitas inaugurações, como exemplo a praça Félix Pacheco. O governador era Leônidas Melo. Ela era muito atuante. Não era uma primeira-dama que ficava ao lado não, era presente.

Estudei no Grupo Escolar Coelho Rodrigues até o segundo ano primário quando foi fundado o Colégio das Irmãs, então fui transferida para lá, porque no início era uma escola só de meninas e os pais acharam melhor assim. Uma escola só de mulheres

Nevinha Santos sempre falava que o ideal dela era ensinar. Convivi muito com ela quando se aposentou e veio morar aqui em Teresina. Ela lia muito, era muito bem informada, principalmente das questões políticas em todos os âmbitos federal, estadual e municipal. Era uma mulher que tinha muito conhecimento, assistia programas de televisão, principalmente os telejornais. Gostava de conversar sobre política. Ia todos os dias para missa. Quando envelheceu mais, deixou de ir a missa em virtude do início da violência em Teresina. Gostava muito de visitar as amigas. Na minha casa mesmo ia quase todos os dias, quando eu morava no centro da cidade. Gostava muito de visitar meu filho. Ela não dependia de ninguém, pegava um táxi que já era certo e conhecido para levá-la e trazê-la de volta. Os netos a admiravam muito, ela era uma mulher culta.

Nos seus últimos dias de vida começou a sentir falta de apetite e uma coceira na pele, uma coceira interna. Levaram ao médico e foi diagnosticado um verme acumulado no fígado e fizeram uma cirurgia. Eu a visitei, mas ela não estava mais falando.

Ela costumava comemorar seus aniversários. Para mim foi os melhores jantares que já participei. Ela mesma preparava tudo junto com sua filha. O macarrão de ricota não faltava a mesa. Era uma alegria. Tratava todo muito bem. Para mim ela foi uma mulher excepcional em todos os aspectos por ser uma pessoa bondosa, nos orientava com palavras.

Ela falava: _ Minha filha se reformou sua casa, com a continuação vai aparecendo alguma coisa, se cair um pedacinho da parede chame imediatamente o pedreiro e vá consertando. Porque se aumentar vai gastar mais e assim vai gastar menos. Até como fazer economia ela nos ensinava.

Quando meu marido morreu, ela me deu a maior assistência [chorou nesse momento] ela não me deixou um instante, foi uma amiga, uma mãe, me trazia livros para ler, me

encorajava, me deu forças e me ensinou ter forças. Era uma mulher forte diante da vida, que ensinava como superar os sofrimentos.

Uma mulher bondosa, carinhosa, fiel, solidária, fora de série, uma grande educadora não só quando estava na atividade, mas também quando deixou o magistério ela continuou a ensinar. O maior prazer dela era ensinar as pessoas saberem ler, quem passava pela casa dela, incentivava aos estudos. Uma mulher batalhadora.

O que mais ela me deixou falta foram as conversas, era uma pessoa que eu queria ter conversado mais. Uma pessoa que sempre eu rezo, porque para mim ela foi uma grande pessoa amiga.

Sobre escrever nos jornais me comentava e eu li os artigos também. Escrever as memórias foi para fazer as pessoas conhecerem sua história. Meu filho gostava muito dela, porque sempre que se encontravam estavam rememorando o passado. Falava do impacto que causou quando as professoras chegaram a Picos e ela me dizia que fizeram vários passeios de barco em noites de luar cantando com o violão pelo Rio Guaribas, isso na década de 1940, quando o rio ainda tinha água. Foram as primeiras professoras formadas de Picos.

Depois que ela se aposentou e veio embora para Teresina foi duas vezes a Picos, na Festa de Nossa Senhora do Carmo que era zeladora, foi comigo à missa. Ela comentou que Picos, tinha crescido um pouco, mas que as obras ainda eram as mesmas que o marido tinha feito. Ficou muito chateada porque modificaram a praça. Até eu mesma fiquei chateada porque modificaram a praça e pedi ao prefeito para voltar ao que ela era. Se quiser uma praça diferente fizesse em outro local. Por isso que ela tinha mágoa porque o marido não foi lembrado. Em Picos tem várias pessoas que tem nome de rua que sequer possuem merecimento.

As pessoas que se dedicam a instrução deveriam se espelhar nela. Procurar Ler o que ela escreveu, porque como professora ela foi exemplo.

Entrevista com Maria das Neves Santos Clerton

08 de julho de 2009

Minha avó me criou desde os dois anos. Foi minha mãe em tudo. A partir do dia que meu pai me deu, para ela me criar. Ela falou que quem ia mandar na minha educação era ela, quem ia tomar de conta, ela era, isso no ano de 1968. Meu pai veio para cá (Teresina) e minha mãe era do interior. Como meu pai estava separado, solteiro e sozinho, minha avó achava

melhor me criar, ela seria minha mãe. Tanto que em meu convite de casamento o meu pai não deixou colocar o nome dele. Foi o nome dela e do meu avô, porque foram eles que me criaram. Ela foi minha mãe em tudo. Eu não tive muito contato com minha mãe biológica, porque ela fez essa exigência de ninguém se meter na criação que iria me dar. Ela foi minha mãe.

Ela me falava dos pais dela, que os pais gostavam dela, que o pai viajava e trazia muitas coisas de fora para ela e que suas irmãs ficavam com ciúmes, porque tudo de melhor era para ela. Que ela era muito feliz pelos pais que teve. E o que ela sofreu foi depois do casamento, porque meu avô ficou danado, teve outras famílias. Ele saía de casa e retornava e ela o recebia. Ficaram separados, mas ela nunca o deixou de receber e de respeitá-lo. Por ser o pai dos filhos dela. Mesmo quando ele faleceu, ela permitiu que os filhos da outra mulher viessem ao velório.

Ela era muito culta, gostava de ler e discutir política. Dedicava-se a casa, fazia muito crochê, no meu casamento fez meu enxoval. Fez as varandas das redes. Tesouras eu tinha várias porque ela dizia que eu precisava numa casa. Eu a acompanhava em médicos.

Ela sempre gostou muito de escrever poemas, mas não mostrava. Tinha um caderno que escrevia, mas ninguém sabia. Soubemos anos depois. Acho que não era um diário. Era um caderno de poemas e de recordações da sua infância, dos tempos de mocinha. Acredito que ela escreveu por que gostava de recordar um tempo que foi feliz.

Ela gostava do magistério, e nos contava que foi uma mulher muito importante, as primeiras professoras de Picos. Eu comecei a estudar com 06 anos, mas ao entrar na escola eu já sabia escrever e a tabuada porque ela havia me ensinado. Ela reclamava que na sua época para ser professora tinha que fazer cursos e que nos dias atuais (1997) qualquer um ia ser professor. Ela acreditava que professor deveria ensinar tudo. Desde as tarefas de casa a outros conhecimentos.

Morávamos, eu, minhas tias, ela e meu avô. Cuidava dos jardins, das louças dela e aos 89 anos sabia de quantos garfos e todas as peças do aparelho de jantar dela. Se sumisse uma colher ela sabia. Tinha uma memória incrível.

Ao ir ao médico. Ele falava “D. Nevinha a senhora está ótima, seu coração está melhor do que o meu. Nem precisa de remédio”. Quando saíamos do consultório ela olhava e falava para mim: “Quando chegar em casa é para dizer a todos que eu não posso ter preocupação, que não posso me zangar”. Ela só fazia o que queria. Era um pouco autoritária, mas sem perder a bondade e todo mundo gostava dela.

Gostava de ler jornais e o jardineiro ficava fazendo massagens em suas pernas. Ela ensinava a cozinhar, todas as empregadas da casa. Não pegava na comida, só emitia as ordens de como fazer. As comidas eram muito gostosas.

Gostava de comemorar os aniversários dela, principalmente promover almoços. Sempre foi muito ativa, ia para missa. Tudo que a convidasse ela ia.

Ela era tudo para mim. O que eu precisasse ela com era que eu contava. Sinto saudade de conversar. Não passava a mão na cabeça se eu estivesse errada ela reclamava, mas também se eu estivesse certa ela me defendia ninguém dizia nada.

Era uma pessoa correta, tudo eu contava com ela. Apesar da idade dela, eu contava tudo para ela. Ela era moderna. Vivia de acordo com o tempo, mas levando em conta os bons princípios.

Ensinou-me a ter educação com todos e que educação não faz mal a ninguém.

Sobre Picos eles deixaram de ir à cidade, mas eu não sei o porquê. Eu mesma passei em Picos uma vez quando fui para a Bahia. Sofreu muito com a morte do tio Everton. Eu era muito pequena e não me lembro muito. Lembro-me que ela falava que uma mãe não era nunca para viver e sentir a morte de um filho. Ela gostava muito do meu pai (Newton) e fazia questão de ajudá-lo e não gostava que ninguém reclamasse. Porque ela falava que o dinheiro era dela, portanto fazia o que queria.

Meu avô passava meses fora de casa, mas sempre teve o quarto dele na casa. Ela não queria que o ninguém desrespeitasse. Teve uma vez que eles tiveram um briga grande devido um primo meu. Já perto dele morrer. Antes de almoçar ele sempre gostava de tomar uma pinga, e reclamou do barulho que o menino fazia. Ai ele brigou com ela, chegando a levantar a mão para ela. Eu entrei no meio e falei para ele que não era louco de por a mão nela. Ele era muito alto. Ficou muito espantado com as coisas que eu disse. Ele nem acreditava na minha atitude, mas logo voltou novamente para casa.

Ele tinha tudo em casa, apesar de não contribuir com as despesas, mas quando ele adoecia, ela cuidava, eu e meu marido também cuidávamos. Ela gostava muito do meu marido Eduardo, tanto que o chamava de “meu namorado”. E tinha uma história que ela contava que o avô do meu marido, o José Camilo Silveira à tinha cortejado, mas que ela não aceitou porque o achava mais velho que ela. E dizia: “nós não casamos, mas os nossos netos casaram”.

Logo que eu casei teve uma reforma na minha casa e que durou muito tempo e assim moramos três anos com ela. E ela adorava isso, quando mudamos foi uma tristeza para ela, porque ela era louca por minha filha, Maria Clara.

Como mulher ela foi perfeita, nunca desrespeitou o marido, apesar dos sofrimentos e danções do meu avô, nunca deixou de recebê-lo, nunca falou em separação e nem nunca deixou os filhos o tratarem mal. Como cidadã uma pessoa correta e como mãe não tinha melhor. Eu demorava chegar do colégio ela estava na calçada de longe com um terço rezando e me esperando.

Ela gostava quando as pessoas parabenizavam dos seus textos. Não acredito que escreveu motivada pela solidão. Porque a casa sempre era cheia da família. Os almoços, os finais de ano, tudo era em volta dela e na casa dela.

Ela era tudo para mim.